UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A QUESTÃO DO GÊNERO NA LITERATURA EGÍPCIA DO IIº MILÊNIO a. C.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor.

Autora: Amanda B. Wiedemann

Orientador: Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso

Niterói – 2007

Ao Prof. Ciro, que nunca nos deixou distinguir o que nele é maior:
a inteligência brilhante ou o coração generoso.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa, aos funcionários do PPG, com quem sempre pude contar. Gostaria também de agradecer à Prof.ª Rachel Soihet pelo auxílio e pela disponibilização de materiais, ao falecido Prof. Emanuel Bouzon, à Prof.ª Sônia Rebel e ao Prof. Ciro Cardoso pelo que hoje eu sei de História Antiga.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo ampliar o conhecimento a respeito da construção dos gêneros na sociedade egípcia do IIº milênio a.C Para tanto, escolhemos analisar algumas das fontes literárias sapienciais, narrativas e líricas sobreviventes do período em questão. Os três gêneros literários apresentam uma coerência e são gerados em estreitos ambientes de escribas varões. Neles pudemos observar que, embora as mulheres egípcias ocupassem um lugar privilegiado, se comparado ao de outras mulheres de mesma época em formações econômico-sociais diferentes, sua posição era subalterna em relação aos homens. Tanto dos homens, quanto da mulheres, eram exigidos comportamentos rigorosos de acordo com as regras daquela sociedade, mas, as mulheres, apesar de, teoricamente, serem detentoras dos mesmos direitos que eles, eram excluídas, por exemplo das funções públicas, ou seja, das posições de poder.

RESUME

Cette recherche a pour but d'étendre la connaissance sur la construction des genres dans la société égyptienne du II^{ème} millénaire avant J. -C. Pour ce, nous avons choisi d'analyser quelques sources littéraires, oeuvres de « sagesse », contes et littérature lyrique qui ont survécu. Les trois genres littéraires examinés sont cohérents entre eux et ont été engendrés dans des cercles étroits d'écrivains masculins. Dans ces sources, nous avons pu observer que, bien que les femmes égyptiennes aient occupé une place privilégiée, si nous les comparons à celle d'autres femmes de la même époque dans des formations socio-économiques différentes, leur position était subalterne, par rapport aux hommes. Aussi bien aux hommes qu'aux femmes des attitudes rigoureuses étaient exigées selon les règles de la société égyptienne, mais les femmes, malgré leur condition théorique d'égalité, étaient exclues, par exemple, des fonctions publiques, c'est à dire, des positions de pouvoir.

SUMÁRIO

Agradecimentos 3
Resumo 4
Resumé 5
Sumário 6
Introdução.....9

Capítulo I: **Língua e Literatura no Egito Antigo**.....37

1 - A origem da língua.....37
1.1 - A história do idioma egípcio 40
1.2 - A escrita hieroglífica 42
2- A literatura no Egito antigo 46
2.1- O contexto sócio-cultural da literatura no Egito antigo.....59
2.2- O papel da literatura no Egito antigo 72
2.3- Literatura e contexto histórico no Egito antigo.....75

Capítulo II: A Questão do Gênero na Literatura do Egito Antigo 97

1- As atitudes dos antigos egípcios em relação às mulheres 97
1.1 - A posição legal e social dos gêneros 108
1.2 - As condições legais do casamento 120
2 - As mulheres de poder 125
3 - Mulheres e literatura 129
4 - Amor e casamento 132
4.1 - A vida doméstica 143
4.2 - O lugar das crianças.....147
4.3 - Os filhos 149
4.4 - As filhas.....151

4.5 - A casa 153
4.6 - A alimentação.....157
4.7 - A recreação 160
5 - A rainha, as mulheres da realeza e as mulheres faraós 163
6 - As mulheres no culto 169
6.1- As instrumentistas musicais 170
6.2 - As bandas de música 172
6.3 - A esposa do deus Amon 172
6.4 - A religião pessoal e a morte 175
Conclusão 176

Capítulo III: O Tipo Ideal Masculino 178

1-Ensinamentos 179
2- As fontes 183
2.1- Os Ensinamentos para o rei Merikare 183
2.2 - O camponês eloqüente 184
2.3 - Os Ensinamentos de Ptahhotep 185
2.4 - Os Ensinamentos de Amenemope 187
2.5 - Os Ensinamentos de Amenemhat 189
3- Leitura Isotópica dos Ensinamentos 190
3.1- Análise 205
3.2 - Quadrado semiótico 207
4 - As narrativas literárias 208
4.1- As aventuras de Sanehet 209
4.2 - Leitura isotópica do conto 211
4.3 - Análise 215
5 - O náufrago 216
5.1 - Leitura isotópica do conto 218
5.2 - Análise 219
5.3 - Quadrado semiótico 220

Capítulo IV: A Poesia de Amor 220

1- As fontes 227

2- Leitura isotópica das fontes 230

3 - Análise 237

Conclusão..... 239

Bibliografia 248

1-Fontes 248

1.2 - Bibliografia geral 248

1.3 - Teoria e metodologia 250

1.4 - Obra de referência 252

Anexos 253

1 - Ensinamentos..... 253

1.1 - Os Ensinamentos para o rei Merikare 253

1.2 - O camponês eloqüente 261

1.3 - Os Ensinamentos de Ptahhotep..... 278

1.4 - Os Ensinamentos de Amenemope 291

1.5 - Os Ensinamentos de Amenemhat 310

2- As narrativas 313

2.1- As aventuras de Sanehet 313

2.2 - O náufrago 325

3 - Os poemas de amor 331

3.1- Papiro Chester Beatty I 331

3.2 - Papiro Harris 500 340

3.3 - Papiro Turim 1996 349

3.4 - Óstraco do Cairo 353

Introdução:

Este estudo busca recuperar a maneira como se deu a construção do masculino e do feminino presentes na literatura egípcia de ficção produzida durante o período que esta civilização legou documentação mais numerosa.

É sempre difícil estabelecer um conceito que defina literatura, pois esta tarefa entrou em crise a partir dos anos sessenta quando o consenso que se tinha a respeito no mundo ocidental foi colocado em questão. Tal consenso se formou a partir da conexão estabelecida por Platão e outros antigos entre a forma escrita e o conteúdo interno (alegórico ou espiritual) a ser buscado no texto, estendeu-se pela Idade Média e foi reforçado com o aparecimento dos Estados modernos e da idéia de nação e cultura nacional. Sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, as instituições formais de ensino de literatura, "canonizaram" certos escritos como sendo literários e dignos de estudos, enquanto outros escritos foram considerados não literários ou pseudoliterários.

O termo literatura vem do latim *littera*, que designa uma letra do alfabeto. Na Antigüidade, o que se aproximava mais ou menos do que hoje chamamos de literatura fazia parte do campo da retórica ou da poética. Na Idade Média, o termo era mais usado para designar a capacidade de ler e escrever e para medir a erudição das pessoas, mas ele também estava ligado, é claro, à questão da classe social, e portanto, tinha menos a ver com a produção de textos propriamente dita. Diga-se, aliás, que essa idéia foi reforçada com a invenção da imprensa e o aparecimento da noção de livro impresso.

Com o tempo, foi-se passando da idéia de que literatura é o conjunto de livros impressos para a idéia de que literatura é o conjunto de livros impressos de boa qualidade. No final dos Tempos Modernos, o que se priorizava nos livros era o "gosto" e a "sensibilidade", e não o "conhecimento" que o livro pudesse oferecer.

As tentativas de definição do texto literário e do texto não-literário estão sempre ligadas ao valor estético e artístico presentes nos textos literários. Esta ligação remete, por sua vez, a um outro problema que é o da definição de arte, e ainda a um outro: quem julgaria um objeto no seu valor artístico? O crítico. Ocorre, porém, que não

existem critérios consensuais para a crítica do valor artístico, ou seja, do aspecto literário de um escrito.

A divisão entre texto literário e texto funcional - o texto científico e técnico - remonta ao século XVIII, embora se tenha usado em várias línguas, e ainda se usa em inglês, a palavra literatura para designar o que hoje se chama bibliografia, o conjunto de textos que se referem a um assunto.

Desde Kant, se tem a tendência a considerar o juízo estético como pertencente à categoria dos juízos que não estão ligados à natureza do objeto, mas sim à sua percepção. Desse modo, o juízo estético é subjetivo e escapa a qualquer análise racional e intersubjetiva. Essa tendência foi um entrave para o desenvolvimento de uma teoria da literatura além de ter se contraposto à construção de uma análise semiótica de bases objetivas.

O sentido que se tinha de literatura a partir de século XVIII era frouxo, muito subjetivo, extremamente ligado à questão do bom gosto e da sensibilidade e era sentido individualmente. Esta visão entra em crise junto com a crise da ideologia burguesa, nos moldes herdados do século XVIII. A crítica que ditava o valor literário das obras estava encastelada nas universidades. Até o começo do século XX, tanto a literatura como a crítica literária eram atividades ligadas às universidades que ditavam as regras do que podia ou não ser abordado.

No séc. XIX, com o aparecimento do movimento literário, do romantismo, surgido de grupos pequeno-burgueses, a questão da literatura mesma foi modificada e perdeu a exclusividade nos centros acadêmicos. O gosto e a sensibilidade estéticos, que pertenciam a uma elite, passam então a ser procurados na obra em si, assim como aparece uma preocupação com o autor e com a geração do texto literário. Desse modo, o romantismo mudou os cânones normativos do que seria a obra literária. A literatura deixa de ser a ratificadora da sociedade estabelecida e passa a ter um caráter criativo, inspirado nas condições miseráveis da vida. Tal mudança ocorreu em nome da estética. A partir da metade deste mesmo século, quem trabalhava com literatura - críticos e autores - passa a encontrar espaço na academia; daí em diante, surge de maneira mais definida a distinção entre cultura superior, cujo valor era

medido pelas universidades, e “cultura popular” ou de “massa”, tida como não-literária, menor ou ruim.

Tendo em vista a forma pela qual o conceito de literatura tem sido pensado nestes últimos séculos, temos de convir que a diferença existente entre o que hoje chamamos de literatura, com toda a sua dificuldade de definição e o que faziam os antigos está na mesma proporção de suas diferenças históricas. A diferença é tanto maior quanto mais antiga é a sociedade estudada. A literatura produzida no mundo clássico, por exemplo, representa algo muito mais próximo, sob vários pontos de vista, daquela que era produzida pelos egípcios e os povos de seu tempo.

Assim sendo, concordo com Ciro Flamarion Cardoso que a forma mais útil de se trabalhar com o conceito de literatura é primeiramente a de abandonar o conceito de literariedade (que seria aquilo que confere à obra escrita o seu valor literário) que sempre se remete ao esteticismo e à subjetividade de leitor e crítico. Mas também é necessário estabelecer a distinção entre discursos etnoliterários e discursos socioliterários. O discurso etnoliterário é o dos povos que não vêem a arte e a literatura como um setor específico. O socioliterário é o discurso das sociedades nas quais a arte ocupa um lugar específico e onde existe a noção de autor, de público leitor e de gênero literário, mesmo que essas noções possam variar de uma sociedade para outra. Hoje, a maioria dos especialistas considera a literatura do Egito como socioliteratura na mais ampla extensão do termo.

Como não é possível chegar a uma definição de literatura, o procedimento do historiador deve ser o de estudar, caso a caso, o conjunto dos textos literários de uma sociedade na época em que se está analisando, sem a pretensão de extrair desse estudo conceitos definitivos que possam servir para qualquer outra sociedade[1]. “A literatura é e só pode ser uma noção historicamente definida”[2].

[1] CARDOSO, Ciro. “Tinham os antigos uma literatura”. *In: Phonîx.* Rio de Janeiro: Sete Letras, 1999, p. 99-118.

[2] Ibid., p. 103.

A abordagem do tema da sexualidade é uma questão que intrigou escritores de sociedades antigas e contemporâneas. O célebre sexólogo Havelock Ellis via o sexo como o "Problema central da vida". Muitos pensadores como Freud, Lacan, Mead, Foucault, Stoller, Sedgwick, Weeks e Butler, lutaram com esta questão e adotaram discursos, radicalmente, diferentes. O antropólogo Clifford Geertz (1966) fez uma famosa descrição da sexualidade, comparando-a a uma cebola. Na sexualidade, assim como na cultura, descascamos cada camada (econômica, política, familiar) e imaginamos estarmos chegando ao miolo, mas logo fica claro que o inteiro é única "essência" que existe. A sexualidade não pode ser abstraída das camadas sociais que a cercam.[3]

Como disseram Geertz, Ross e Rapp (1997: 155) a incrustação social da sexualidade também incorporou sistemas de parentesco, regulamentos sexuais, definições de comunidades, sistemas nacionais e mundiais. Estes são os fatores que formam os comportamentos individuais e de grupo. Como contexto social, eles espelham e são experimentados pelas divisões hegemônicas de uma dada sociedade, tais como classe, raça, sexo e a prevalência heterossexual. Existem, é claro, algumas contradições, como por exemplo, nas vilas irlandesas tradicionais, os homens eram tidos como "garotos", não importando sua idade cronológica. Em francês, a idade e o estado civil entram em conflito – "vieille fille/ vieux garçon" (Ross e Rapp, 1997: 158). De fato, a sexualidade entra no contrato social entre o indivíduo e a sociedade, nunca funcionando isoladamente. Economia, educação, mídia, políticas estatais, intervenções religiosas e éticas, todas se tornam forças sociais junto com a escolha pessoal e o desejo.

De acordo com Foucault, Jeffrey Weeks (1997: 15) afirma que a sexualidade é uma unidade fictícia, uma invenção humana que não existia antes e que, no futuro pode não existir novamente. O que definimos como sexualidade não passa de uma "construção histórica que acumula uma quantidade de possibilidades diferentes, biológicas e mentais, tais como identidade do gênero, diferenças corporais, capacidades reprodutivas, necessidades, desejos e fantasias que não têm necessidade de se unir, como acontece em outras sociedades" (Weeks, 1997: 15). A

[3] MESKELL, Lynn. *Archeologies of social* life. Oxford: Blackwell, 1999, p.87.

ênfase deve recair sobre a variedade e não sobre a uniformidade. Para recuperar essas construções históricas, Weeks sugere que devemos indagar como a sexualidade foi formada pela economia, forças políticas e sociais, qual era o relacionamento entre o sexo e o poder e outras variações como a divisão de classes e o racismo. Sexualidade, assim como a sociedade, é uma intricada rede de instituições, credos, hábitos, ideologias e práticas sociais cujos entrelaçamentos têm de ser desembaraçados (Weeks,1997: 57). A sexualidade não é algo distante, uma coisa que as outras pessoas possuem, que certas pessoas fetichizam, é parte de nossa própria experiência vivida e individual – e, assim, inescapável.

É possível investigar, contextualmente, a construção da sexualidade em sociedades antigas, e provavelmente ela se revelará muito diferente da nossa construção e experiências elaboradas. Pode-se considerar que, embora a sexualidade fosse uma força caracterizadora dominante, não era reconhecida como tal no mundo antigo. As preferências sexuais eram conhecidas, mas só como se pode reconhecer o gosto na comida, sem caracterizar a pessoa como um membro dos sub-grupos da humanidade (Parkinson, 1995: 59). Sexualidade, em contextos como o Egito antigo, era mais uma prática do que um discurso, ou um rótulo com que se designam as pessoas. Do mesmo modo, no princípio do período cristão, relações de pessoas do mesmo sexo eram vistas mais como um tipo particular de “comportamento” do que um tipo particular de pessoa (Greenberg 1997: 182). Pode-se observar a aceitação dessas práticas na cristandade medieval e nos princípios da Europa moderna. Ainda assim, a análise da sexualidade não pode se restringir a práticas não normativas, mas também deve se ocupar da criação social da heterossexualidade, senão ela vai permanecer não teorizada, não problematizada e vai continuar sendo vista como uma norma gratuita.

Independente das numerosas críticas de historiadores concernentes ao seu conhecimento histórico, a obra de Michel Foucault, que também encontrou severa desaprovação dos grupos feministas, na minha opinião, no cômputo geral, trouxe alguns esclarecimentos. Um dos mais importantes é a observação de que a construção da sexualidade é um desenvolvimento relativamente recente, é quando a ideologia constrói e dá forma à sexualidade. Ele impactou, irreversivelmente, os

estudos do mundo antigo, focalizando o controle do corpo e o conhecimento das práticas corporais, do paganismo até os tempos cristãos. É a história da maneira pela qual o ego foi constituído em sua própria relação com o objeto do desejo, em vez da história dos códigos morais.[4]

Trabalhos importantes também foram desenvolvidos por intelectuais mais jovens como Zainab Bahrani[5] que em seus estudos sobre estátuas e estatuetas antigas, coloca em evidência dois níveis fundamentais de diferença: a sexualidade da antiga Mesopotâmia e a da Grécia Helenística. Nesse trabalho, ela demonstra que tanto o olhar do observador antigo quanto o do contemporâneo é sexualizado, mas que cada observador tem as especificidades de sua cultura. Não podemos admitir *a priori* a idéia de que o erótico tenha um referente estável e inerente. Também não podemos assumir que os olhares estejam sempre numa matriz heterossexual.

Muitos autores estão de acordo que uma nova noção de sexualidade surgiu no século XIX. Nela, atos e desejos sexuais se tornaram marcas de identidade. A homossexualidade como condição e portanto identidade de corpos específicos estava, inextrincavelmente, ligada àquele particular momento histórico (Somerville, 1997: 37). Assim, termos e categorizações como gay, lésbica, homossexual ou esquisitos são produtos modernos com designações e desenvolvimentos contextualmente específicos, de modo que não podem, simplesmente, ser projetados pelo espaço e tempo para outras culturas. Como nos lembra Foucault, o "homossexual" é criação da sociedade burguesa do século dezenove, indissociável do crescimento do capitalismo, da propriedade privada e da santificação do núcleo familiar.[6]

Judith Butler (BUTLER 1990 a: 140) advoga a idéia de que o gênero não deve ser construído como entidade estável ou *locus* de representação ao qual vários atos seguem. Isso sugere que um decreto criou as categorias do gênero e que elas são contingências e não, necessariamente, enraizadas em particularidades físicas, interligadas a outras dimensões sociais. Desse modo, as identidades do gênero não

[4] Ibid p. 90
[5] BAHRANI, Z. The Hellenization of Ishtar: nudity, fetishism, and the production of cultural differentiation in ancient art. In: *The Oxford Journal* 19 (2), 1996, p. 3-16, apud, ibid, p.90.
[6] FOUCAULT, Michel. *The history of Sexuality: the Use of Pleasure.* London: Penguin, 1985 apud, ibid, p. 92.

podem ser separada das de outros poderes diferenciais, como raça, classe, status, sexo.

Em muitas sociedades, como nas norte-americanas nativas, que têm sido objeto de muitas pesquisas nos últimos anos, várias categorias do gênero foram institucionalizadas de forma muito diferente das nossas e até opostas às construções ocidentais. Entre esses povos, por exemplo, os chumash, os yokuts, os tubatulabal, havia um conceito sobre o terceiro gênero, conhecido como “dois espíritos”, que eram pesssoas responsáveis pelos funerais e outros rituais a elas associados. Acreditava-se que esses indivíduos tinham poderes sobrenaturais e que podiam operar entre os mundos terreno e divino. Adornavam-se com enfeites femininos, se conduziam de acordo com o comportamento das mulheres e gozavam de um elevado *status* entre seus companheiros. Sandra Hollimon, em 1997, percebeu que entre os chukchi da Sibéria há sete gêneros. É interessante notar que não há nenhuma categoria registrada como “dois espíritos” feminina. Em várias sociedades, e em diferentes épocas, a questão do gênero se apresentou de maneira muito distante da visão bipolar ocidental. Por isso, quando se entra em contato com elas, as nossas próprias idéias se desestabilizam. Assim, a preocupação com o gênero tem de se direcionar para como ele é vivido em instituições sociais. Ele está muito mais ligado a corpos imaginários do que a um corpo natural ou pré-social.[7]

Se levantarmos problemas sobre as mulheres e deixarmos os homens como um grupo não teorizado, a posição masculina fica, indiretamente, privilegiada e os estudos do gênero vão fazer parte do domínio das mulheres.

A idéia de que as mulheres estão sempre associadas à casa e à cozinha é uma suposição cultural. Pode ser válida em contextos específicos, mas trabalhos feministas recentes nos instigam a questionar essas generalizações. Muitas vezes, o papel das mulheres foi limitado a cozinhar, tecer, cuidar das plantas e das crianças, embora haja casos de mulheres que caçavam (Brumbach e Jarvenpa, 1997), cuidavam de fazendas e lutavam (Guyer, 1991; Prezzano,1997), enquanto homens cozinhavam (Koehler, 1997) e teciam. Hoje, as diferenças inatas do gênero, no que se refere a personalidade e a caráter, são filosoficamente indefensáveis. (Alcoff, 1997:

[7] MESKELL, Lynn. *Op.cit.*, p. 78-80.

335). Existe uma série de diferentes maneiras pelas quais as diferenças do gênero são operacionalizadas em sociedades diferentes. As últimas pesquisas procuram incluir todos os fatores sociais no lugar de privilegiar a questão sexual e buscam explorar a hierarquia da diferença. Trata-se de uma posição que não privilegia o estudo das mulheres em detrimento dos homens ou outros grupos.[8]

Por outro lado, há uma crise, por exemplo, na arqueologia do gênero, como pode ser encontrada no recente volume de Sarah Nelson (1997). Embora intitulado *Gênero na Arqueologia*, o gênero não aparece de forma alguma – trata-se de um inflexível estudo das mulheres. Nesta perspectiva, mulheres têm gênero, enquanto que os homens, não. Gênero e feminismo, dessa maneira, se apresentam fundidos, resultando numa situação em que só as mulheres se engajam na análise. O texto despreza importantes opiniões simplesmente porque partem de homens, mesmo quando, às vezes, eles demonstram simpatias feministas. Nesse tipo de trabalho, a erudição está, claramente, sendo sacrificada em nomes de políticas mal colocadas. A questão que se impõe é: porque é apropriado para a mulher erudita discutir o poder no passado, mas seus pares masculinos, não, mesmo quando eles estão apontando a desigualdade feminina?

No caso dos nativos norte-americanos, que chamavam de “dois espíritos” os homens que se vestiam de mulher e se ocupavam de afazeres femininos e dos relacionados à morte, esses homens podiam manter relações sexuais tanto com homens quanto com mulheres, mas não entre si por causa da maneira como as categorias de homens e não-homens foram construídas. E elas se constituem a partir dos atos de penetração e recepção – quem penetra é homem e quem é penetrado não é. Dessa forma, as categorias de heterossexual, homossexual e bissexual são, claramente, inaplicáveis nesses contextos e as relações entre indivíduos do mesmo sexo biológico não implicam, necessariamente, que esses indivíduos pertençam ao mesmo gênero, e assim, nossos rótulos não têm sentido. (Sandra Hollimon,1998)

Estudos antropológicos (kulick, 1997) demonstraram que os homens que têm relações com indivíduos do mesmo sexo, nos contextos latino americanos, por exemplo, não se consideram homossexuais. Além do mais, sua masculinidade não é

[8] Ibid., p. 80-85.

questionada como um resultado de práticas com o mesmo sexo. Aqui então as nossas categoriais são novamente inaplicáveis em nosso próprio tempo, e são ainda mais nessas culturas do passado. Kulick diz que a situação na América Latina é mais complexa: os que penetram são do gênero masculino e os penetrados são do gênero feminino, o que problematiza o sistema sexo/gênero e a classificação heterossexual/homossexual. Ele argumenta que o gênero é baseado na sexualidade (1997: 575) e que neste contexto específico, as categorias são construídas em torno de homens e não-homens, o que inclui mulheres e todos os que são penetrados. O seu trabalho sobre os travestis do Brasil, sugere que este sistema oferece uma estrutura para as pessoas entenderem e organizarem seus próprios desejos, seus corpos, relacionamentos e papéis sociais.[9]

Preocupada com essas questões, a História das Mulheres apareceu nas últimas duas décadas e embora ainda não muito prestigiada nas academias, ela já é bem praticada em muitas partes do mundo, e, neste ponto, os EUA têm destaque.

Lucien Febvre disse uma vez que o conhecimento histórico deve ter como referência os homens, e não o Homem. Acontece o mesmo com as mulheres. São tão diversas as condições sociais, raças, etnias, religiões, que não é possível falar de uma história da mulher, e sim, das mulheres.[10]

Joan Scott, uma das mais ativas e polêmicas autoras de obras sobre o tema, chama a história das mulheres de “movimento” porque quer dar um cunho político à expressão e quer também diferenciar os recentes estudos dos anteriores.[11] Segundo Mary Nash, em seu artigo Invisibilidad y Presencia de la Mujer em História [1985], o debate acerca da opressão da mulher e seu papel na história iniciou-se na década de 1940 com o trabalho sobre a marginalização das mulheres nos estudos históricos de Mary Beard. Ela atribui este fato à enorme preponderância de homens historiadores. O historiador J.M. Hexter reage a este trabalho, argumentando que as mulheres, na verdade, não tinham participação nos grandes acontecimentos políticos e sociais. Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, concorda com Hexter porque

[9] Ibid., p. 86-93.
[10] SOIHET,Rachel, História das Mulheres. In: CARDOSO, C. e VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, p.275.
[11] SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História.* São Paulo:UNESP,1991,p.64.

acredita que a mulher é submissa, vive em função do outro e atua a serviço do patriarcado, sujeitando-se ao homem, verdadeiro protagonista da história.[12]

A política feminista é o ponto de partida dos estudos sobre a mulher desde a década de 1960. Louise Tilly lembra que toda história é herdeira de um contexto político, mas poucas têm uma ligação tão forte com um programa de transformação e de ação como a História das Mulheres. Quer as historiadoras tenham sido participantes das organizações feministas, quer elas tenham se definido, ou não, como feministas, seus trabalhos estão marcados pelos movimentos feministas de 70 a 80.[13] Quase toda História das Mulheres está vinculada ao movimento feminista, pelo menos quanto a suas raízes. De fato, é impossível estabelecer critérios adequados para distinguir intelectual e politicamente o que é feminista do que não é. Pode parecer que isto represente um entrave na legitimização deste tipo de história, mas tal dificuldade não impediu sua institucionalização e reconhecimento. Esses movimentos reivindicavam uma história da mulher, sua participação nos acontecimentos, uma explicação para a opressão e uma fonte de inspiração para a ação: “Foi dito que as feministas acadêmicas responderam ao chamado de ‘sua’ história, e dirigiram sua erudição para uma atividade política mais ampla; no início houve conexão direta entre política e intelectualidade”.[14]

Na década de 70, a História das Mulheres afastou-se da política. Houve uma grande produção de trabalhos acadêmicos, o surgimento de especialistas, o estabelecimento de um novo campo de estudo completamente desvinculado da luta política. Na década de 80, surgiu a história do gênero, visto aqui como a divisão natural dos sexos, e significou o rompimento definitivo com a política, já que o gênero é aparentemente um termo neutro, a princípio desprovido de propósito ideológico. Joan Scott acredita que a história deste campo tem de levar em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da História. Acha também que a História das Mulheres está certamente associada à emergência do feminismo, que não desapareceu, apenas mudou de

[12] SOIHET, Rachel. Op. cit., p.275-278.
[13] (TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. *In: Cadernos Pagú.* Campinas: UNICAMP (Núcleo de Estudos de gênero), 1994, p.31
[14] SCOTT, J. *Op. cit.* p.64.

aspecto. Deste modo, embora esteja aumentando a distância entre o trabalho acadêmico e o político, a narrativa da História das Mulheres é sempre uma narrativa política.[15]

O movimento feminista, ressurgido nos anos 60, foi estimulado em parte pelo movimento dos Direitos Civis e, por outro lado, para atender a necessidades de expansão econômica. Isto se deu nos EUA, e em todos os países, com diferenças de grau. O discurso legitimador desse processo era o da inclusão e o da igualdade. Assim, as mulheres passaram a ser um grupo identificável nos cenários políticos. Já tinham feito a sua primeira aparição no movimento sufragista da virada do século.[16] Este impulso do movimento feminista contribuiu ainda mais para o surgimento da História das Mulheres, desencadeando uma grande polêmica e uma demanda pelos estudantes de informações acerca do que estava sendo discutido. A partir de 1973, o campo institucionalizou-se na França, nos EUA e na Inglaterra. Tais estudos têm se expandido desde então pelo resto do mundo inclusive no Brasil, embora não se possa afirmar que as relações entre os sexos sejam consideradas questões fundamentais da História. É como diz Joan Scott, embora a História das Mulheres tenha obtido uma legitimidade como saber histórico, tenha afirmado a identidade e experiência separadas das mulheres, consolidando a sua identidade coletiva, ela não se inclui entre as preocupações mais importantes da disciplina.[17]

Ainda nos anos 60, as universidades também deram incentivo às mulheres para que ingressassem nos cursos superiores. Afirmavam que o preconceito contra a intelectualização das mulheres não iria mais existir se elas se dedicassem à sua formação de nível superior. Isto queria dizer que as mulheres estavam sendo convocadas a participar de meios que anteriormente as havia excluído ou subutilizado. Na academia, as mulheres não só eram qualificadas e capacitadas como os homens, como também denunciavam o preconceito contra mulheres dentro das próprias universidades onde trabalhavam e se organizavam para exigir os direitos que as suas qualificações presumivelmente lhes conferia. Essas exigências incluíam mais

[15] SOTT, J. *Op. cit.* p. 67.

[16] SOTT, J. *Op. cit.* pp. 67-68.
[17] SOTT, J. *Op. cit.* p. 85.

representação nas associações e nas reuniões de intelectuais, a atenção para as diferenças salariais entre homens e mulheres, o fim da discriminação nos contratos, nos títulos e nas promoções.[18]

Esta situação criou uma identidade feminina que, entre os historiadores, foi considerada uma especificidade das historiadoras. Tratava-se de necessidades delas, que não podiam ser subordinadas à categoria geral dos historiadores. Esta maneira de pensar sugere que as historiadoras são diferentes dos historiadores. O fato é que as historiadoras feministas insistiram na idéia de que não há oposição entre "profissionalismo" e "política". Como disciplina, a História das Mulheres tanto acompanhou o movimento feminista para a melhoria das condições profissionais, como ampliou os limites do campo da ciência histórica.

> Mas esta não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando. Em vez disso, há uma incômoda ambigüidade inerente ao projeto da história das mulheres, pois ela é ao mesmo tempo um suplemento inócuo à história estabelecida e um deslocamento radical dessa história.[19]

A maior parte dos autores de História das Mulheres sempre buscou incluir as mulheres como objeto de estudo e sujeito da história. Procuram não fugir da idéia de que o ser humano universal devia incluir as mulheres e suas ações no passado. Mas, reivindicar a importância das mulheres na História significou ir contra o estabelecido, acarretou um desconforto e uma resistência por parte dos historiadores "tradicionais", e um desejo de resolução por parte dos historiadores das mulheres. A solução não é fácil nem simples, e exige atenção aos contextos e significados que emergem deste campo.

Tal história tem se confrontado com o problema da universalização do sujeito. Procura tomar como axioma a idéia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres, suas ações e experiências do passado. Entretanto, a moderna historiografia ocidental, como muita freqüência, toma o homem branco como sujeito universal, e o "universal" implica uma comparação com o particular, o específico. Então, temos o

[18] SOTT, J. *Op. cit.* p.69.

[19] SCOTT, J. *Op. cit.*75.

homem branco em comparação com o que não são brancos e com os que não são homens, com as mulheres. Mas, essas comparações não são feitas em termos relacionais; são comumente compreendidas e estabelecidas como categorias naturais, entidades separadas.

> Por isso, reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como "verdadeiros"... E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais.[20]

Para Joan Scott, a História das Mulheres traz em seu bojo a investigação do termo "histórico", como seu significado foi estabelecido. Acredita que tal história expõe as hierarquias implícitas nas narrativas históricas, quer dizer, busca descobrir através de que processo as ações dos homens tornaram-se uma norma, representativa da ação humana no geral, em detrimento do valor das ações das mulheres. A História das Mulheres também procura saber que perspectivas estabelecem os homens, como atores históricos primários, e qual o efeito, sobre as práticas estabelecidas da história, de se olhar os acontecimentos e as ações pelo lado de outros sujeitos, as mulheres, por exemplo. Michel de Certeau, em *History: Science and Fiction* [1986], alertou uma vez para a questão de não se tratar apenas de mulheres escrevendo sobre história das mulheres, mas toca questões de domínio e de objetividade sobre as quais são edificadas as normas da disciplina histórica.

A proposta apresentada por Virgínia Woolf, no seu livro *A Room of One's Own* [1929], de reescrever a história, criando-lhe um suplemento dedicado às mulheres, de qualquer forma, também deixa patente uma falta, uma incompletude da disciplina histórica, e deixa claro que o domínio que os historiadores têm do passado é necessariamente parcial.[21]

Outras questões teóricas que emergem desta discussão são apontadas por Joan Scott, como por exemplo, o fato de os historiadores tradicionais consideram-se os guardiões da disciplina histórica, resultado da investigação imparcial, livre de

[20] SCOTT, J. *Op. cit.* pp.77-78.
[21] SCOTT, J. *Op. cit.* p.75.

ideologias que, a serviço de interesses, distorcem o verdadeiro conhecimento. Desse modo, o rótulo de "ideológico" desqualifica o trabalho, e transmite a idéia de que as opiniões predominantes são verdades indiscutíveis. No entanto, "o sucesso ideológico é alcançado quando apenas as opiniões dissidentes são consideradas como ideologias; a opinião predominante é a verdade".[22] Assim, na maioria das vezes que as feministas expunham tendências machistas e ideologias masculinas na escrita da história, viam seus trabalhos taxados de "ideológicos". Em função disso, muitas historiadoras abandonaram o desafio aos pressupostos metodológicos da disciplina e ficaram reproduzindo a idéia de mulher como sujeito adicional da história.

A emergência da História Social e a sua abertura para a identidade de vários grupos sociais representou um importante veículo para a História das Mulheres, aumentando-lhe a legitimidade, e dando-lhe maiores possibilidades de integração à História considerada padrão.

Uma parte das historiadoras enfatiza a similaridade do homem e da mulher, outra parte busca demonstrar a diferença. Mas, até um certo momento, nenhuma das partes tinha percebido que o próprio termo "mulher" sofria variações históricas do significado, e que não é, portanto, uma categoria homogênea; não possui uma definição intrínseca, mas apenas uma definição contextual, e que só pode ser elaborada em contraste com a categoria "homem".

> As mulheres são mais do que uma categoria biológica, elas existem socialmente, e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, situações familiares, pertencentes a diversas classes sociais, nações: são moldadas por diferentes meios sociais, culturais, diferentes regras, costumes, religiões e opiniões decorrentes de estruturas de poder.[23]

A História das Mulheres buscou, a partir de então, a distinção de uma "cultura das mulheres", criando uma tradição histórica que propiciou o movimento feminista da década de 70. Passou a haver uma maior conscientização, uma maior definição da identidade feminina, e a conquista da individualidade, autonomia e emancipação, caracterizando assim a realidade da categoria "mulheres" e a sua existência anterior a

[22] Martha Minow. *In:* SCOTT, J. *Op. cit.* p. 79, nota 26.

[23] TILLY,L. *Op.cit., p.31.*

qualquer movimento feminista. A emergência da História das Mulheres ficou então entrelaçada com a emergência da categoria das mulheres. Mas, as autoras prestavam mais atenção à questão da opressão feminina e reafirmaram mais a oposição homem/mulher do que buscaram a origem da diferença, a origem do patriarcado e como a diferença sexual tornou-se cultural. O foco da diferença explicitou a ambigüidade anteriormente implícita da História das Mulheres, fazendo com que as pessoas pensassem nos significados inerentes à categoria de gênero. Mostrou também as relações existentes entre poder e conhecimento, demonstrando as interconexões entre a teoria e a política.

Apesar de estabelecerem a identidade separada das mulheres, essas autoras objetivavam a integração das mulheres à História. Nas décadas de 70 e 80, deu-se um grande impulso a esta integração, que não somente permitia a inclusão das mulheres na História, como requeria delas que a corrigissem. Como elas haviam levantado uma enorme quantidade de dados sobre as mulheres no passado, contestavam as periodizações aceitas, afirmavam que as mulheres influenciaram os acontecimentos e que o âmbito privado atinge o público, deixaram explícito o fato da História anteriormente considerar um sujeito que não é universal.

No entanto, a integração mostrou-se difícil. Havia resistência dos historiadores, e as historiadoras das mulheres não sabiam como proceder à integração, e ainda não tinham ferramentas teóricas suficientes para reescrever a história. Era necessário definir relações entre os indivíduos e os grupos sociais dentro da construção de um modo de pensar a diferença. Gênero foi o termo escolhido para teorizar a questão da diferença sexual, e é usado para definir as conotações sociais em contraste com as conotações físicas de sexo. Esta escolha implica também o caráter relacional do termo, quer dizer: só é possível conceber mulheres definidas em relação aos homens, e homens quando forem diferenciados das mulheres, isto é nenhuma compreensão dos dois pode existir se se tomar um deles em separado. E mais ainda, o gênero, definido em relação ao contexto social e cultural, permitiu pensar vários sistemas diferentes desta categoria e nas suas relações com outras tais como raça e classe, e também levar em conta a mudança. O termo gênero foi usado a princípio, a partir da década de 70, pelas feministas americanas que procuravam marcar o caráter social da

distinção entre os sexos, rejeitando assim qualquer determinismo biológico que os termos sexo e diferença sexual possuam implicitamente. Este determinismo tem marcado muito o movimento feminista.

> Sexo é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas... "Gênero", pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em masculino e feminino... Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto se deve admitir a variabilidade do gênero.[24]

Além do impulso dado nos anos 70, com a explosão do feminismo, estes estudos foram estimulados pelo desenvolvimento da Antropologia e da História das Mentalidades, também incorporando as novas contribuições da História Social. A experiência política de identidade dos anos 80, que colocou em xeque o sentido unitário da categoria "mulheres", exigia a fragmentação e deixava claro que o termo mulher dificilmente poderia ser usado sem outras especificidades. Algumas das que mais foram utilizadas são: mulheres de cor, judias, lésbicas, trabalhadoras pobres, mães solteiras. Todas desafiavam o padrão hegemônico heterossexual da classe média branca. A fragmentação da idéia universal de "mulheres", em raças, classes e sexualidade, representava diferenças políticas importantes dentro do próprio movimento das mulheres "sobre questões que variavam desde a Palestina até à pornografia".[25] Esta situação serviu para deixar claro que os interesses das mulheres não são auto-evidentes, que se fazia necessária discussão, e que a categoria universal das mulheres também estava sendo suplantada.

A questão da diferença dentro da diferença levantou um debate sobre a articulação do gênero como uma categoria de análise. Ampliou-se o foco da História das Mulheres que, desde então, ocupa-se do relacionamento macho/fêmea, da questão como gênero é percebido, como se processa o estabelecimento das instituições, e no que influenciaram em tal História, diferenças do tipo raça, classe social, etnia e sexualidade. Se por um lado, a abordagem da ciência social ao gênero fez proliferar obras brilhantes de histórias e identidades coletivas, por outro lado, mostrou claramente a dificuldade de se estabelecer um campo comum de atuação

[24] OAKLEY, Ann [1972] apud TILLY, L. *Op. cit.* p. 42.
[25] SCOTT, J. *Op. cit.* p. 88.

política feminista, e um elo conceitual que permita uma única História das Mulheres. "Os dois problemas estão ligados, será que há uma identidade comum para as mulheres, e será que há uma história delas que possamos escrever?"[26] Também não podemos determinar como a experiência das mulheres é, ou foi no passado, nem podemos determinar o quanto diferenças como as de classe e etnia afetam tal experiência sem algum caminho que possibilite se pensar teoricamente sobre a experiência delas, e sobre o relacionamento da História das Mulheres com a História.

Algumas abordagens de cunho pós-estruturalistas tentaram buscar soluções para essas questões. "Este tipo de análise assume a significação como o seu objeto, encaminhando as práticas e os contextos dentro dos quais os significados da diferença sexual são produzidos".[27] Não dão ênfase à oposição binária macho x fêmea, mas investigam o processo de sua construção, e buscam estabelecer um significado inerente para as categorias como homens e mulheres. A masculinidade e a feminilidade são vistas como posições de sujeito, não necessariamente restritas a machos ou fêmeas biológicos. A frase "gênero como performance" que pode ser atribuída a Judith Butler foi se tornando cada vez mais popular na Arqueologia.[28] Assim, "o gênero como é vivido em instituições sociais está mais preocupado com corpos imaginários do que com um corpo natural ou pré-social".[29] Esses autores acreditam que o poder deve ser compreendido em termos dos processos discursivos que produzem a diferença, mas relativizam a identidade, não considerando como suas bases uma experiência essencializada.

> Problematizando os conceitos de identidade e experiência, as feministas que utilizavam a análise pós-estruturalista apresentaram interpretações dinâmicas do gênero que enfatizam a luta, a contradição ideológica e as complexidades das relações de poder em mutação.[30]

Se por um lado, esses trabalhos insistem em uma maior variabilidade histórica e especificidade contextual para os termos do próprio gênero, por outro lado,

[26] SCOTT, J. *Op. cit.* p.89.
[27] SCOTT, J. *Op. cit.* p.89.
[28] MESKELL, L. *Op.cit.,* p. 77.
[29] GATENS, Moira, 1996: 82, apud SCOTT, J. *Op. cit.*, p 90.
[30] SCOTT, J. *Op. cit.,* p.91.

esbarram em problemas, os mesmos da História Social, como a questão de organizar uma política com categorias estáveis. Este debate levanta a questão da "teoria" e da "política" na História das Mulheres. Só que tudo que é teórico a respeito do feminismo é rebatizado de política, criando uma confusão e dificultando as abordagens a este tema. Joan Scott não acredita na oposição entre "teoria" e "política", e a denomina falsa. Diz que quem acredita nesta dicotomia quer silenciar os debates que buscam uma teoria aceitável como "política".[31]Ela não concorda que o pós-estruturalismo não possa lidar com a realidade, ou com que sua ênfase no texto exclui as estruturas sociais, como criticam algumas historiadoras feministas, mas acredita que ele não fornece soluções prontas para alguns problemas que levanta como:

> Invocar a "experiência" sem implicitamente sancionar conceitos essencializados, identidades a-históricas; como descrever a atuação humana, enquanto reconhece suas determinações lingüísticas; como incorporar a fantasia e o inconsciente em estudos de comportamento social; como reconhecer diferenças e elaborar processos de diferenciação do foco da análise política, sem terminar com relatos múltiplos e desconectados ou com categorias protegidas como classe ou "o oprimido"; como reconhecer a parcialidade da história de vida de alguém (na verdade todas as histórias de vida) e ainda contá-la com autoridade e convicção? Estes são os problemas não resolvidos, pondo-se de lado a "teoria" ou declarando-a uma antítese à "política", pois no fim, eles são os problemas de todos aqueles que escrevem a história das mulheres, seja qual for a sua abordagem.[31]

Joan Scott acredita que a História das Mulheres, ao produzir um novo conhecimento, colocou em questão o conteúdo da História que se vinha fazendo, suas bases conceituais e premissas epistemológicas. Nas questões levantadas de causalidade e explicação, atuação e determinação, as feministas continuam em posição suplementar: "ao mesmo tempo, um exemplo particular de um fenômeno geral e um comentário radical da (in)suficiência de seus termos e práticas".[32] As historiadoras das mulheres freqüentemente se deparam com comentários que pretendem relegar seus trabalhos a estranhas posições, sendo tão diferentes a ponto de não poderem ser considerados de História, e é por isso que o campo é necessariamente político.

[31] SCOTT, J. *Op. cit.*,p.94.
[32] SCOTT, J. *Op. cit.,* p. 95.

> No final, não há jeito de evitar a política – as relações de poder, os sistemas de convicção e prática – do conhecimento e dos processos que o produzem; por esta razão, a história da mulher é um campo inevitavelmente político.[33]

É preciso não esquecer que predominou, até o momento em que estas questões feministas ressurgiram, na década de 60, a idéia de que as mulheres estariam excluídas da vida política. Entretanto, se, por um lado, é fácil identificar o poder político pela sua função específica: determinar as regras que devem reger a vida coletiva, por outro lado, é difícil determinar de que modo, como instância de estruturação, de regulação, de coordenação e de controle da sociedade, o político define e interliga aquilo que, historicamente emana do público e do privado. Basta constatar que os homens foram destinados ao público e as mulheres ao privado, de modo que o importante é perguntar antes como a definição e a repartição dos poderes foram tributárias das transformações da esfera política. Neste sentido, não se deve opor social e político, que também engloba público e privado.[34]

No século XIX, Michelet desenvolveu trabalhos com mulheres como objeto da História. Segundo o pensamento corrente em sua época, seu trabalho preconiza a idéia de mulher irremediavelmente identificada à esfera privada. Toda pretensão feminina ao âmbito público, à política, era inspirada pelo mal, era diabólica e potencialmente portadora de infelicidade e desestruturação social. Michelet vê a relação entre homens e mulheres como uma das molas propulsoras das sociedades, porém se devidamente respeitada a identificação de mulher com natureza e homem com cultura. A História que se fazia até 1930 tinha uma preocupação exclusiva com o âmbito público. Com a fundação dos Annales, por Marc Bloch e Lucien Febvre, a preocupação dos historiadores se voltou para objetos mais concretos e particularizados. Esta tendência favoreceu os estudos das mulheres, embora ainda tenha passado um certo tempo até que elas fossem consideradas como objetos

---

[33] SCOTT, J *Op. cit.,* p. 95.
[34] DAUPHIN, Cécile, FARGE, Arlette *et alii*. A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaios de Historiografia. In*:* Gênero – Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero. Niterói, 2001, p. 24 e 25

históricos pelos Annales. O marxismo não considera a questão porque a julga secundária, acreditando que todas as contradições se resolverão automaticamente quando forem superadas as diferenças de classe.

Também surgiu na década de 60 um desenvolvimento geral do movimento crítico dos conceitos teóricos e dos métodos anteriormente utilizados na disciplina da História. Esse movimento desdobrou-se em várias correntes desde o revisionismo neomarxista até a teoria do discurso da desconstrução atribuído a Jacques Derrida. O conhecimento histórico começa a abarcar grupos sociais até então excluídos do interesse da História.[35] Ampliaram-se os objetos da investigação, e os historiadores passaram a se entregar a novas preocupações. Este processo abriu espaço para a História das Mulheres.

Surgiu então a necessidade de enfoques que visassem superar todas as questões inclusive a dicotomia entre vitimização e sucessos da mulher; não confundindo mais portanto o desenvolvimento do campo de estudo da História das Mulheres com a melhoria da condição feminina. O novo saber a ser construído deve evitar o binômio dominação/subordinação como terreno único do confronto porque "apesar da dominação masculina, a atuação feminina não deixa de se fazer sentir, através de complexos contrapoderes: poder maternal, poder social, poder sobre as outras mulheres e 'compensações' no jogo da sedução e do reinado feminino".[36] Além disso, Roger Chartier chama atenção para o fato de que a dominação supõe a adesão dos dominados às categorias de dominação. Por isso, ele considera o maior objeto da História das Mulheres o estudo do discurso e das práticas que garantem o consentimento feminino às representações dominantes da diferença entre os sexos. Afirma ainda que tal introjeção da dominação não exclui, por parte dos dominados, manipulações e estratégias que burlem os cânones vigentes. A aceitação pelas mulheres desses cânones não significa que elas tenham se entregado a uma submissão alienante, elas procuram desenvolver recursos para subverter a relação de

[35] SOIHET, Rachel. "História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate". In*:* AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências Humanas – desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p. 4.
[36] SOIHET, R. *Op. cit.* p. 5.

poder. Para este fim, foi muito importante a ampliação do conceito de poder trazida por Foucault.

A maneira como o gênero deve se constituir como categoria de análise tem gerado muita polêmica. Alguns autores acreditam na desconstrução do tipo de Derrida, ou seja, "reverter e deslocar"[37] a construção hierárquica aceita como óbvia ou como fazendo parte da natureza das coisas. Mas, como alerta Georg Iggers, a desconstrução tomada como estratégia política constante, para quem escreve História das Mulheres, cai em determinados erros. Este método é incoerente na sua aplicação porque, com muita freqüência, refere-se à cultura ocidental como um todo, seus valores e seus saberes patriarcais, e também o é quando considera a unidade, sem discussão, de outras sociedades ou "subculturas", tanto do passado quanto do presente. O exemplo que Ciro Flamarion Cardoso cita deste autor, no seu trabalho sobre gênero e literatura ficcional, tem muita pertinência:

> Georg Iggers, por exemplo, expôs, a meu ver em forma válida, as armadilhas metodológicas contidas em atitudes assim, ao indagar, relativamente a conhecido livro de Natalie Zemon Davis, se, nele, a autora não estaria tanto pressupondo uma 'cultura camponesa' (cuja unidade e coerência não demonstra) na qualidade de pano de fundo necessário quanto projetando, na forma de pensar de uma mulher do século XVI, desejos feministas do século XX - ambas as coisas levando a que a historiadora superasse consideravelmente os limites de suas fontes.[38]

Joan Scott apresenta uma proposta teórica de explicação do conceito de gênero e de como as relações entre os sexos se estruturaram ao longo da História. Nesta proposta, o gênero tem duas acepções, por um lado, é o elemento constitutivo de relações sociais e é baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; por outro, é uma forma primeira de significar as relações de poder.

> A História das mulheres não é mais, assim, a narrativa das proezas realizadas pelas mulheres, mas a exposição do freqüentemente silencioso e oculto funcionamento do gênero constituinte, apesar das forças que estão

[37] (SOIHET, R. História das Mulheres. In*:* CARDOSO, C. e VAIFAS, R. (org.) *Domínios da História*. Rio de janeiro: Campus, p. 279)

[38] CARDOSO, C. Gênero e Literatura Ficional: o caso do antigo Egito no IIº milênio a.C.. In: FUNARI, Pedro Paulo A. *et alii. Amor, poder e desejo na Antigüidade.*Campinas:UNICAMPO, 2003, p.1.

> presentes na maior parte das sociedades e que contribuem para definir sua organização". [39]

Na primeira parte de sua proposta, a autora busca esclarecer a necessidade de pensar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais. Na segunda parte, propriamente teórica, discute as relações de poder. Desse modo, propõe a política como domínio de utilização do gênero para a análise histórica. Toma a palavra "política" no seu sentido tradicional, quer dizer, no que se refere ao governo e ao Estado-nação. Justifica esta posição argumentando que o gênero nunca foi considerado neste aspecto, pelo contrário, a esfera política permanece inexplorada sob a ótica do gênero. A história política foi a "trincheira de resistência" à inclusão destas questões de mulheres e de gênero. Joan Scott acredita que o desenvolvimento da análise dos diversos usos do gênero, para a explicação das posições de poder, revolucionará a História. Não acredita em categorias generalizadoras que organizem o todo social, e pretende que o gênero é tanto uma boa maneira para se pensar sobre a História, sobre os modos que hierarquias e diferenças – inclusões e exclusões – foram constituídas, quanto de elaborar uma teoria (feminista) política. [40]

Os estudos que abordam novos objetos, utilizam novos métodos, devem mostrar a relação de seus trabalhos com a História, ou seja, mostrar em que pontos os seus resultados dizem respeito também a outros historiadores. Louise Tilly diz que apressadas pela necessidade urgente de descobrir a vida e o papel das mulheres, estas historiadoras pensaram que esse era o trabalho em si. Esqueceram-se de que a atenção dada a um objeto nos faz negligenciar outro: "uma maneira de ver é também uma maneira de não ver". [41] No passado, foram criadas narrativas reduzidas que minimizavam a diversidade e que falharam no registro da diferença, eliminando os homens como homens e construindo uma tela universal, assexuada e atemporal (FENSTER, 1994: IX-X) que obscurecia as desigualdades sociais e a experiência individual. [42] Este é um fenômeno familiar na História; deveria ser particularmente evidente para os historiadores das mulheres: a atenção dada a certos domínios da

[39] SCOTT, J. Prefácio a *Gender and Politics of History*. In: TILLY, L. *Op. cit*. p. 48.
[40] SOIHET, R. História das Mulheres. In*:* CARDOSO, C. e VAINFAS, R. *Op. cit.,* p. 278.
[41] BURKE, Kenneth. "Attitudes toward History". [1935] apud TILLY, L. *Op.cit.* p. 41.
[42] MESKELL, L. *Op. cit.,* p. 84.

atividade humana, o fato de privilegiar certos problemas tem negado às mulheres um lugar como atores históricos. A partir do momento em que os fatos da vida das mulheres tornaram-se “fatos da História”, passou a ser importante analisá-los e discutir explicitamente aquilo que eles permitem modificar nos outros domínios da disciplina.

J. Scott considera gênero como um potente instrumento metodológico e teórico e politicamente útil às feministas, no sentido de ultrapassar a simples descrição. Ela acusa a História Social de “reduzir as ações humanas a uma simples função das forças econômicas, e faz do gênero um dos seus numerosos subprodutos [...] A História Social pressupõe que seu próprio quadro de explicação [econômico] permite explicar a diferença entre os gêneros; o gênero não é um objeto que se deva estudar por si”. [43] Louise Tilly contesta esta idéia e argumenta que são numerosas as historiadoras das mulheres que, tendo adotado os métodos da História Social, contribuíram no sentido de ampliar as abordagens ao utilizar as fontes, tanto documentos pessoais quanto arquivos públicos que revelaram experiências individuais e coletivas.

Quanto à proposta da Joan Scott de desconstrução como método para contestar os paradigmas da História, Loiuse Tilly considera que este apelo foi importante, por um lado, porque chamou a atenção para as relações de poder inscritas na linguagem, no comportamento e nos dispositivos institucionais, mas por outro, subestima ou rejeita os métodos e as questões decisivas que modificaram profundamente a prática histórica e a História. Esta proposta de fazer da desconstrução um método universal subtrai toda a importância das condições nas quais transformaram-se as relações de poder, e corre o risco de cair numa concepção funcionalista e tautológica da causalidade. Louise Tilly argumenta ainda, que a “desconstrução é um método que permite explicações de significações ocultadas; não permite construir novas”. A desconstrução e seu emprego não ultrapassam a descrição e não explicam as relações de poder. É preciso refletir em que medida negar a possibilidade de explicação implica o abandono da posição crítica. Para a compreensão do poder, faz-se necessária uma análise das suas formas, em termos

[43] SCOTT, J. [1988] apud TILLY, L. *Op.cit.* p. 47.

de causas e conseqüências, que busque identificar as condições que tornam a desigualdade mais ou menos pronunciada, buscando que fatores interferem nesta variação. Esse tipo de história analítica dos gêneros já existe, e há vários exemplos citados por L. Tilly , sendo que a maioria quase absoluta é de origem anglo-americana.[44]

Eleni Varikas, professora da área na Universidade de Paris VII, em seu artigo "Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott", informa que a situação na França não permite comparação e que há somente dois cargos de docência explicitamente previstos para a História das Mulheres.[45] Ela diz que cada vez mais as docentes introduzem de fato problemáticas de gênero e relações sociais de sexo, mas está muito longe de se poder considerar este um objeto de ensino legítimo e integrado ao currículo. Houve realmente um aumento de publicações sobre este assunto, mas normalmente aparecem como suplementos nos números especiais das revistas. A obra de Georges Duby e Michelle Perrot, *A História das Mulheres*, por exemplo também representa um interesse pelo tema nas discussões teóricas. Porém, no campo institucional, as pesquisas em História das Mulheres são ainda consideradas secundárias.

Uma outra coisa importante é que a história das mulheres expandiu a nossa compreensão sobre novos fatos do passado, introduzindo maior interesse pelas pessoas comuns do passado. As historiadoras também souberam usar, talvez melhor que seus colegas da História Social, os arquivos individuais e os testemunhos orais. Por outro lado, Joan Scott lamenta, com razão, que a maior parte das historiadoras das mulheres polemiza o uso dos conceitos dominantes da disciplina, encontrando dificuldade em passar da descrição e interpretação para a análise e explicação. O fato é que, em maior ou em menor grau, mais em alguns países do que em outros, a História das Mulheres e questões de gênero estão se impondo. Esses trabalhos têm outros méritos: a vontade política de fazer as mulheres alcançarem o estatuto de sujeito e objeto da história contribui para o encontro das historiadoras feministas com

[44] TILLY, L. *Op. cit.,* p. 52
[45] VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. In*: Cadernos Pagú.* Campinas: UNICAMP, 1991, p.63.

as experiências históricas da mulher. Esses trabalhos também chamaram a atenção para o caráter histórico e mutante dos conteúdos do masculino e do feminino, "mas, se algumas vezes, elas sublinharam demasiadamente a onipotência dessas construções ideológicas, mostraram igualmente a polissemia, reconstruindo as múltiplas maneiras pelas quais as mulheres puderam re-interpretar e re-elaborar suas significações".[46] Serviram também para refinar métodos e técnicas, ampliando assim os horizontes da História.

Também é muito interessante o fato das historiadoras das mulheres já estarem alertando sobre a importância das representações e dos sistemas simbólicos antes do pós-estruturalismo fazer sua aparição. Deste ponto de vista, elas foram pioneiras nas manifestações daquilo que foi chamado de "giro lingüístico" da História. Por outro lado, muitas também são suas críticas. Eleni Varikas, por exemplo, argumenta que a irrupção do paradigma lingüístico não foi um processo homogêneo e não derrubou teorias anteriores, mas deslocou-as. A centralidade da linguagem na abordagem histórica "não deveria obscurecer a diversidade de suas origens, dos seus pressupostos implícitos, dos seus posicionamentos teóricos (incluindo aí as teorias da linguagem que elas mobilizam) ".[47] O fato de abordar a construção das identidades apenas no âmbito da formação discursiva e do modelo cultural, pode privar a investigação de aspectos importantes da dinâmica das relações de gênero, das relações de força nas quais estes discursos são estabelecidos, e sobre as relações extradiscursivas que podem transformá-las.

Essas observações não pretendem diminuir a importância do trabalho de Joan Scott que foi muito original e de muita sensibilidade, que demonstrou, por exemplo no caso da classe operária, o lugar central do gênero na construção de sua identidade. Mas, elas procuram mostrar os limites de um questionamento "que privilegia a textualidade e a dinâmica interna do discurso, considerando toda referência às experiências dos atores (seja ela feita pelas historiadoras ou pelos próprios atores) como um álibi positivista ou ideológico".[48]

[46] *Ibid.*, p.70.
[47] *Ibid., p.71.*
[48] *Ibid., p. 81.*

A minha opinião é de que o ponto mais importante da polêmica teórico-metodológica entre Joan Scott e Louise Tilly é a História Social. A principal censura que J. Scott faz a História Social é a de presumir uma relação fatal e imediata entre as relações de produção e a identidade coletiva, entre a experiência e a consciência. Louise Tilly acredita que os "interesses não são inerentes aos atores ou às suas posições estruturais, **eles são produzidos discursivamente**".[49] Se por um lado, J. Scott afirma que a História Social não leva em conta o sujeito, considera o sujeito um epifenômeno das relações de produção.

> Mas, por outro lado, a impessoalidade das forças discursivas que, segundo ela, constroem o sentido (mesmo múltiplo e instável) de uma cultura, assemelha-se de maneira inquietante à impessoalidade das forças produtivas que por muito tempo determinaram o curso da história na historiografia. Com efeito, se no centro da sua teoria da produção do sentido e da formação do gênero se encontram relações conflitantes em confronto permanente, os atores deste conflito são "as forças de significação", "oposições fixas", "duplas oposicionais" ou "procedimentos de diferenciação" que – como no tempo em que os preços dos cereais faziam a história – fazem desaparecer do nosso horizonte as pessoas implicadas nesses jogos de poder e de saber que constituem a identidade e a experiência.[50]

Louise Tilly tem razão quando aponta um paradoxo nesta crítica do determinismo da História Social, e diz que, na verdade, ela subestima a ação humana. Eleni Varikas, no seu artigo já citado, assim como Louise Tilly, nos lembram de trabalhos notáveis sobre gênero realizados sob a influência dos métodos e questionamentos dos melhores momentos da tradição thompsoniana. Essas análises contribuíram para ampliar a História Social, introduzindo as experiências diferenciadas de homens e de mulheres como uma dimensão constitutiva dos seus conceitos de classe e de consciência de classe.

Joan Scott também comenta sobre a falta de base teórica nos trabalhos sobre as mulheres na década de 60 e 70, pois desconfia, provavelmente com razão, de usos positivistas que postulam de antemão características e necessidades inerentes às mulheres. Por outro lado, hoje quase todo mundo está de acordo que não se pode alcançar os fatos brutos do passado por várias questões. Uns acreditam que é porque

[49] SCOTT, J. *Gender and the Politics of History. Columbia: University Press.* 1988, p.5.
[50] VARIKAS, E. *Op. cit.,* p. 77-78.

estes fatos não existem, outros porque acreditam que o nosso olhar que os "descobre" também lhes concede automaticamente um sentido e uma pertinência informados pelas nossas interrogações, nossas simpatias, nossos posicionamentos; e ainda porque eles nos são legados por documentos que já construíram seu sentido e sua pertinência. Acredito que por mais que não possamos recuperar por inteiro estes fatos do passado, eles não podem ser considerados como se fossem mera ficção, pois o caráter interpretado da experiência dos atores não anula a conexão privilegiada – ainda que não imediata e automática – entre os acontecimentos vividos e as interpretações dos historiadores. Não é porque não se pode reconstituir, enquanto tais, os fatos brutos da escravidão, da caça às bruxas ou da eliminação das populações indígenas que estes fatos teriam o mesmo estatuto de fatos relatados numa novela ou num romance de ficção científica. Concordo com Eleni Varikas que tal posição é insustentável no âmbito de uma prática histórica (como a História das Mulheres ou a do Gênero) que reivindica um ponto de partida e um objetivo político de liberação. A História das Mulheres sempre foi crítica das categorias de análise existentes, por isso mesmo, ela também deve ser crítica com seus pressupostos.

As conclusões mais importante que cheguei da leitura dos textos, comentários, posições e referências dessas historiadoras das mulheres e acredito que foi o que também quis dizer Michel de Certeau, é que elas têm, na verdade, os mesmos problemas teóricos dos outros historiadores, ou seja, a consciência de estar realizando um trabalho que está sempre impregnado de tensões decorrentes do seu caráter de trabalho inacabado, sempre aberto a novos esclarecimentos,

> com seus efeitos de causalidade implícita, e os vazios na explicação; a continuidade da descrição e a descontinuidade dos dados e dos índices; os "fatos descobertos" e a sua reconstituição criativa; a tentativa de explicação racional e a parcela do acaso na história; o cuidado de expor seus posicionamentos e a aspiração a uma honestidade científica. [51]

Uma opção pela história dos vencidos também anima hoje grande parte dos trabalhos da História como disciplina, assim como os trabalhos de História das Mulheres. E, por último, penso que Roger Chartier também tem muita razão quando

[51] *Ibid.,* p. 84.

afirma que um dos maiores objetos da História das Mulheres é o estudo das práticas e dos discursos onde está contido o consentimento da dominação masculina e buscar identificar os recursos que elas utilizam para subverter as relações de poder.

CAPÍTULO I: Língua e Literatura no Egito Antigo:

1- A origem da língua:

Este capítulo é de contextualização histórica e procura estabelecer a origem da escrita, os processos que marcaram a sua trajetória que, conjuntamente com a desconcentração social ocorrida após a V dinastia, propiciaram o aparecimento de uma verdadeira literatura no Reino Médio em cerca de 2000 a.C. Vai também analisar o papel desempenhado pela literatura, seus objetivos e finalidade durante o segundo milênio a.C.

Entre o IIIº e o II milênio a.C., apareceram em muitos lugares do Oriente Próximo objetos de barro em forma de esferas, discos, cones, tetraedros e cilindros, cuidadosamente fabricados, e que foram chamados de *abnati*, uma palavra acadiana. Também apareceram no Egito e na Núbia, embora com menor variação de forma, apenas esferas e discos. Tais objetos levavam marcas para distinguir o que deveria se registrado e contado, e continham pequenos pedaços de argila que serviam para registrar o número que existia daquilo designado pela marca respectiva.[52] A princípio se restringiam ao uso doméstico, e, com o tempo, serviram para a contabilidade dos palácios e templos. Essas marcas são os primeiros pictogramas, que quando se aperfeiçoaram, a escrita já se havia estabelecido, e os objetos de cerâmica deixaram de ser necessários. Assim, um sistema de escrita apareceu no Egito há uns cinco milênios. Anteriormente, se pensava que a escrita havia surgido bem antes na Mesopotâmia, mas hoje em dia, a tendência é considerar que a invenção da escrita no Egito também se deu bem cedo, por vota de 3.200 a.C., e as últimas inscrições hieroglíficas datam de 392 d.C. [53]

O egípcio antigo representa um ramo autônomo do filo de linguagem chamado afro-asiático nos EUA e na moderna terminologia lingüística proposta por M.

[52] CARDOSO, Ciro Flamarion. “Escrita, Sistema Canônico e Literatura no Antigo Egito”. In: BAKOS, Margaret M. e POZZER, Kátia Maria P. (org.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUCRS,1998, p.95.
[53] Ibid., p.96.

Greenberg [54]; hamito-semítico na Europa Ocidental e em lingüísticas comparativas; e semito-hamítica principalmente na Europa Oriental. O afro-asiático é uma das línguas mais difundidas do mundo. Sua área geográfica compreende, desde a Antigüidade até hoje, o Mediterrâneo Oriental, norte da África e Ásia Ocidental. As línguas mais importantes do antigo Oriente Próximo – com as notáveis exceções de sumérios e hititas – pertencem a esta família que se caracterizam pelos seguintes aspectos lingüísticos: 1- a preferência pelo tipo flexional, 2- a presença de duas ou três raízes consonantais léxicas capazes de várias modulações, 3- um sistema consonantal que dispõe de uma série de fonemas faringalizados ou glotolizados (chamados enfáticos) ao lado das séries faladas e silenciosas, 4- um sistema vocálico originalmente limitado às três vogais – a,i,u, 5- um sufixo nominal feminino *at*, 6- um método mais ou menos rudimentar de ensino que consistia na análise, em aula, de casos jurídicos, constando de não mais de dois ou três casos, 7- um prefixo nominal *m*, 8- um sufixo adjetivo *i*(i com ¯) (chamado *nisba*, a palavra árabe para "relação"), 9- uma oposição entre o prefixo de união (dinâmico) e o sufixo de conjugação (estático) no sistema verbal, 10- O seguinte modelo de conjugação: na primeira pessoa do singular *'a*, segunda pessoa *ta*, terceira pessoa do masculino *ya*, do feminino *ta*, primeira pessoa do plural *na*, com sufixos adicionais para as outras pessoas.[55]

Os ramos individuais da família afro-asiática são:

1- O egípcio antigo, ao qual me dedico com mais detalhes adiante.

2- O semítico: a maior família do filo afro-asiático. O termo deriva do antropônimo Sem, filho de Noé[56] e tem sido aplicado, desde A.L. Schlözer (1781), às línguas faladas nos tempos antigos na maior parte da Ásia Ocidental (Mesopotâmia, Palestina, Síria, Arábia), e, nos tempos modernos, como conseqüência de invasões na Península Arábica no Iº milênio d.C., no norte da África e na Etiópia. O grupo tradicional das línguas semitas é dividido em três subgrupos:

[54] Apud CARDOSO, C. *O Egito antigo.* São Paulo: Brasiliense, 1992 (9ª ed.), p.93.
[55] LOPRIENO, Antonio. *Ancient Egyptian: a linguistic introduction*. Cambridge: University Press, 1996, p 1.
[56] *Gêneses* 10,21-31; 11,10-26.

a) O semítico oriental, na Mesopotâmia, representado pelo acadiano que também é posteriormente subdividido.

b) O semítico do Noroeste, na Síria e na Palestina, que também se subdivide. Neste grupo se incluem o cananeu, o hebreu, o fenício e o púnico, o aramaico, o moabita.

c) A línguas semita do noroeste da Península Arábica: 1-o árabe, a mais difundida língua semita, falada hoje por cerca de cento e cinqüenta milhões de pessoas do Marrocos ao Iraque. O árabe contemporâneo escrito (que agrega uma quantidade de diferenciados dialetos falados) representa a continuação direta da linguagem do *Qur'an*(o a com -) e da literatura clássica. Inscrições da Arábia Central e do Norte numa forma mais antiga de linguagem (chamada árabe setentrional pré-clássico) são conhecidas do século IV a.C. até o século IV d. C., 2- árabe do Sul, contemporâneo do árabe do Norte pré-clássico também encontrado em inscrições que evoluiu para os modernos dialetos árabes do Sul, 3- o etíope, resultado da emigração das populações árabes do sul para o leste da África que se subdivide no etíope clássico até o IV d. C., a linguagem litúrgica da Igreja da Etiópia e as modernas línguas semitas da Etiópia, como o tigre, tigrina, amharic, harari, gurage.

d) O berbere: um grupo de línguas e dialetos falados por pelo menos cinco milhões de pessoas no Norte da África, da costa do Atlântico até o Oásis de Siwa e do Mediterrâneo até Mali e Nigéria. Embora documentação escrita só exista a partir do século XIX, alguns estudiosos tomam o berbere para representar o resultado histórico da antiga língua de mais de mil inscrições "líbias" escritas em alfabeto autóctone ou latino e datadas do século II a.C. Os tuaregues haviam preservado um antigo sistema autóctone de escrita, recentemente relacionado ao alfabeto das velhas inscrições líbias.

e) O cuchita: uma família de idiomas falada por pelo menos quinze milhões de pessoas a leste da África, da fronteira do Egito no Sudão Setentrional até a Etiópia, o Djibouti, a Somália, o Quênia e a Tanzânia Setentrional. A existência dos idiomas cuchitas é conhecida desde o século XVII. O meroítico, ainda mal compreendido,

falado e escrito nos reinos de Napata e Maroé, entre a terceira e a sexta cataratas do Nilo, do século III a.C. até o século IV d.C., era um idioma nilo-saariano. Uma de suas línguas, o beja (costa do Sudão) mostra fortes laços etimológicos e tipológicos com o egípcio antigo. Na língua cuchita, há dois gêneros: o masculino, muitas vezes cobrindo as áreas de grandeza e importância e o feminino, usado no campo semântico da "pequenez".

f) O tchádico: uma família de mais de cento e quarenta idiomas e dialetos falados por mais de trinta milhões de pessoas na África sub-saariana ao redor do Lago Tchad (Nigéria, Camarões, Tchad e Niger).

g) O omótico: família de línguas falada por aproximadamente um milhão de pessoas ao longo das duas praias do Rio Omo e norte do Lago Turkana no sudoeste da Etiópia. A princípio, supôs-se que representasse o ramo ocidental do cuchita. Ainda é matéria de debate se o omótico realmente pertence à família das línguas afroasiáticas. No omótico, há uma perda quase total das oposições de gênero.[57]

1.1- A história do idioma egípcio

O Egito antigo apresenta próximas relações com o beja, língua cuchita, o semítico, o berbere, e relações menos próximas das outras línguas cuchitas e do tchadiano. A história do egípcio pode ser dividida em duas fases principais caracterizadas por uma maior mudança dos padrões sintéticos para analíticos na sintaxe nominal e no sistema verbal. Cada uma dessas fases do idioma pode ser subdividida em três estágios diferentes:

1-O egípcio antigo, o idioma de todos os textos escritos de 3000 a 1300 a.C. e de textos formais religiosos até o século III d. C. Suas fases principais são: a)- o egípcio arcaico, a língua do Reino Antigo e do Primeiro Período Intermediário (3000 – 2040 a.C.). Os principais documentos deste estágio do idioma são o *corpus* dos Textos das Pirâmides e um considerável número de autobiografias, que são narrativas de

[57] LOPRIENO, A. Op. cit., p.1-5.

realizações individuais inscritas nas paredes externas nos túmulos esculpidos nas rochas da elite administrativa.

2- O egípcio médio, também chamado de egípcio clássico foi a língua que predominou no restante do Primeiro Período Intermediário, no Reino Médio e também durante parte da XVIII dinastia no início do Reino Novo. Note-se que, em muitos textos, continuou-se a usar o egípcio médio até a Época Tardia.[58] Do ponto de vista gramatical, o egípcio médio mantém as mesmas estruturas da língua clássica, mas o número de sinais aumentou muito.[59] O egípcio médio foi muito rico em narrativas, ensinamentos, hinos e textos funerários.[60]

3-O neo-egípcio ou egípcio tardio, documentado a partir da XVIII dinastia até o Terceiro Período Intermediário. É a língua dos documentos escritos da Segunda parte do Reino Novo. É transportada para o egípcio tardio toda a rica literatura escrita anteriormente e alguns novos gêneros que apareceram naquele momento como os contos mitológicos e os poemas de amor. O egípcio tardio era também o veículo da burocracia raméssida (XIX e XX dinastias), dos documentos dos arquivos da necrópole tebana ou dos textos escolares chamados “miscelâneas”. Não é, na realidade, uma língua homogênea, ao contrário demonstra grande grau de interferência do médio egípcio clássico e de textos mais antigos e formais.

4-O demótico (do século VII a.C. ao século V d.C.), o idioma da administração e literatura durante a Época Tardia. Embora gramaticalmente muito parecido como o egípcio tardio, difere deste radicalmente no sistema gráfico. Textos importantes redigidos em demóticos são as narrativa cíclicas de Setne-Khaemwase e Petubastis e os Ensinamentos do Papiro Insinger e de Onkhsheshonk.

5- O copta (do século IV ao XIV d.C.) é o idioma do Egito cristão escrito em uma variação do alfabeto grego com a adição de seis ou sete sinais demóticos para indicar fonemas egípcios ausentes no grego. O copta, como língua falada e escrita foi sendo

[58] ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade, a literatura no Egito faraônico.* Brasília: UNB, 2000, p.23.
[59] LOPRIENO, A. Op.cit. p. 6.
[60] ARAÚJO, E. Op. cit., p. 23.

suplantado gradualmente pelo árabe do século IX em diante, mas sobrevive até hoje como o idioma litúrgico da Igreja Cristã do Egito que também é chamada de Igreja Copta.[61]

O estudo gramatical do egípcio foi tratado por quatro abordagens principais: 1- a de Erman, também chamada de a da escola de Berlin, deve importantes contribuições ao estudo do Egito antigo como um *Dicionário da Língua Egípcia* (1926-53) e a identificação do inventário morfosintático de todos os estágios do idioma; 2- A.H. Gardiner e B. Gunn contribuíram com estudos da língua sob uma ótica "europocêntrica" (a de Erman era mais "semitocêntrica") que examinava as diferenças entre o egípcio e a "mente" ocidental. O seu propósito maior era a tradução correta dos textos egípcios; 3- a "teoria *standard*" de Polotsky que consistia na aplicação sistemática de regras substitutas para questões nodais e foi resultado do problema de adequação de uma gramática egípcia baseada no padrão das categorias teóricas de línguas européias. 4- a contribuição de novos egiptólogos que puderam perceber os limites da teoria de Polotsky e aplicar os recentes desenvolvimentos metodológicos do campo da lingüística.

O que se pode afirmar com segurança é que houve modificações sensíveis na língua durante a sua longa existência. A língua a princípio não registrava o artigo definido e empregava a ordem verbo-sujeito-objeto na formação verbal. A partir do egípcio tardio, pode-se observar uma nítida evolução fonológica o que resultou numa gramática analítica, apareceu o artigo definido que abrangia também o demonstrativo 'este' e o artigo indefinido 'um'. Alterou-se também a ordem sintática da estrutura verbal para sujeito-verbo-objeto, sem no entanto sobrepor-se drasticamente ao uso anterior.[62]

1.2 - A escrita hieroglífica

No concernente à escrita, manteve-se por toda história egípcia o padrão figurativo, e no caso da forma dita monumental, quase sempre realístico. Associa três

[61] Ibid., p. 23.
[62] LOPRIENO, A. Op. cit. p. 7-10.

tipos de signos: 1- fonogramas de uma, duas ou três consoantes; 2- logogramas (nota: Emprega-se também a palavra *ideograma* para designar este tipo de signo, mas ultimamente, tem-se preferido *logograma* (do grego *logos*, 'palavra', e *grápho*, 'escrever', 'gravar', desenhar) porque este caso inclui o emprego de sons e não apenas de idéias figuradas[63] signos que designam uma palavra completa; 3- determinativos, que não têm expressão fonética, mas que categorizam as palavras. São utilizados quando há desenhos que expressem mais de um significado. Durante o período faraônico, os três milênios antes de Cristo até a conquista de Alexandre em 332 a.C., foram usados um pouco mais de mil desses signos, sendo mais usuais cerca de setecentos.[64]

Era uma escrita monumental cuja forma cursiva foi utilizada para uso em papiro, onde a rapidez do desenho facilitava documentos corriqueiros como cartas, relatórios, documentos da contabilidade, etc.[65] As representações iconográficas estão ligadas à manutenção da ordem cósmica, atributo exclusivo do faraó, a quem competia regenerar o mundo, repetir o que o deus criador havia feito no começo do tempo, atualizar incessantemente a criação e aumentá-la sempre, incorporando em si o passado, realizando novos feitos e gerando exposições idealizadas do que o mundo **deve ser**. Texto e imagem, nessa medida tinha um caráter performático.[66]

> "Os egípcios professavam uma crença no *poder criador das palavras* e, por extensão, das imagens, dos gestos e dos símbolos em geral, que se articulava com a possibilidade de coagir os deuses e o cosmos; ou seja, com a *magia*. Ptah, deus de Mênfis, numa das versões do mito da criação do mundo, gerou deuses simplesmente pronunciando os respectivos nomes O raciocínio mítico muitas vezes funcionava através de trocadilhos, pois ao ter a palavra poder criador, as coisas designadas por termos homófonos ou de pronúncia semelhante se equivalem – já que o nome **é** a coisa. Por exemplo, dizia-se que Ra, chorando (*rem*), criou os homens (*romé*) e os peixes (*ramu*). A extensão de tal princípio a outros sistemas de signos abria

[63] GELB, 1965, p. 249-250 e no índice s.v. *'Logography'* apud ARAÚJO, A. p.25.
[64] CARDOSO, Ciro Flamarion. "Escrita, Sistema Canônico e Literatura no Antigo Egito". In: BAKOS, Margaret M. e POZZER, Kátia Maria P. (org.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUCRS,1998, p.96.
[65] ARAÚJO, E. Op. cit., p.22.
[66] O termo 'performático' é explicado por Vernus (1996, p. 557, nota 2): "Performático tem as seguintes acepções: a) Em sentido estrito, aplica-se a certos enunciados particulares que têm, em virtude de sua estrutura gramatical e léxica, mas também em razão do contexto, a propriedade de realizar uma ação pelo simples fato de enunciá-la (performático explícito); b) Em sentido amplo: designa a força 'ilocutória' dos enunciados, o fato de que podem conduzir a uma ação". In: ARAÚJO, E. op. cit, p.43.

> o caminho a formas variadas de ações mágicas. Se a palavra, o gesto, a escrita, a imagem etc. geram a realidade, podia-se agir sobre esta através de fórmulas verbais, gesticulação ritual, textos, desenhos... A representação do rei, nos relevos dos templos, dominando os inimigos do Egito, garantiria a segurança do país através da constante vitória sobre tais inimigos. Se um dado rito exigia o sacrifício de um hipopótamo – ação bastante incômoda e complicada -, quebrar uma estatueta de hipopótamo magicamente consagrada surtiria o mesmo efeito. Se os encarregados do culto funerário se descuidassem do oferecimento de vitualhas ao morto, a representação pictórica de pães e outros alimentos nas paredes da tumba teria efeito equivalente. E assim por diante."[67]

Desse modo, a escrita hieroglífica, que nunca foi substituída em monumentos, se estabeleceu como um conjunto de figuras e, ao mesmo tempo, sofreu desde muito cedo um controle oficial rígido de suas regras. Estes dois fatores fizeram com que existisse, no Egito, uma unidade originária radical entre imagem e escrita. Por exemplo, numa estela comemorativa do templo egípcio de Amada, na Núbia de cerca de 1424 a.C., aparece o rei de pé, fazendo uma oferenda de vinho aos deuses Amon e Ra-Harakhty entronizados. As três figuras estão num barco sagrado, e embaixo de cada uma delas, há legendas hieroglíficas. No texto que corresponde ao deus Amon, em que este se dirige ao rei, não há os pronomes 'eu' e 'meu' porque a imagem do deus pode ser *lida* como 'eu' e 'meu' sempre que fosse gramaticalmente necessário.

Um outro exemplo é uma estatueta, do século XIII a.C., de Ramsés II, da XIX dinastia, de quando ele era criança. O rei é representado com as pernas meio flexionadas e com uma das mãos na boca, posição típica do hieróglifo que se lê *ms* (*mes*). Na cabeça, traz o disco solar r^{c} (*Ra*) e na outra mão, uma espécie de caniço, *sw* (*su*). Assim, esta estatueta podia ser lida hieroglificamente como a palavra composta *Ra-mes-su*, que era, na época, a grafia da palavra Ramsés. Do mesmo modo, a posição do corpo, braços e pernas de figuras divinas e humanas devem ser levadas em conta para que se possa apreender o sentido mais cabal das representações do Egito antigo.

> "Esta 'unidade da escrita e da arte' no antigo Egito, na expressão de Fischer (1986, p. 24-26) não é típica **do** sistema egípcio de códigos

[67] CARDOSO, C. *O Egito antigo.* São Paulo: Brasiliense, 1992 (9ª ed.), p.86.

> semioticamente integrados; mas sim, de **um** sistema egípcio específico, conhecido como **canônico** (Davis, 1989). Ele é assim chamado precisamente por se caracterizar por um rígido padrão normativo que estabelecia regras estritas – que variavam relativamente pouco ao longo de mais de três milênios – para a realização, nos monumentos, tanto das figuras quanto das inscrições".[68]

Este sistema de escrita só era conhecido por uma minoria culta. Existe uma grande polêmica acerca do número possível dessa minoria.[69] Não se pode efetivamente estimar o número de pessoas que sabiam ler e escrever, mas não há dúvida que este conhecimento circulava preferencialmente entre a elite da corte e também dos centros provinciais, uma minoria de letrados que nos deixou as únicas fontes disponíveis para o estudo das opiniões e idéias do antigo Egito.

Os cinzeladores responsáveis pela gravação de textos em tumbas, templos, estelas eram escribas, não necessariamente integrantes da elite, mas não sabemos seu contingente para nenhum período. É provável que também jamais saberemos quanta gente se beneficiava da leitura em voz alta, presumindo-se que tal prática podia ocorrer em determinados locais, ou sobre os contadores de histórias em ambientes públicos, se é que eles existiram. Tampouco saberemos o quanto era grande e diversificado o público espectador de encenações dramáticas de qualquer natureza: dramas rituais públicos ou limitados ao sacerdócio nos templos, ou mesmo dramas profanos sem caráter ritual. A recepção então, no antigo Egito, pode não ter se restringido às elites. Não sabemos o quanto essas elites absorveram elementos de uma presumível literatura oral presentes nos textos que E. Araújo classifica de literatura fantástica e em outros tipos de texto, nem as formas de transmissão dessa oralidade. Contudo, sua fixação por escrito constitui um sinal claro de recepção, assim como a cópia de textos ao longo de séculos sobre variados suportes, e com certeza

---

[68] CARDOSO, Ciro Flamarion. Escrita, Sistema Canônico e Literatura no Antigo Egito. In: BAKOS, Margaret M. e POZZER, Kátia Maria P. (org.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUCRS,1998, p.98.

[69] A polêmica envolve Leonard Lesko que critica autores como John Baines e C. J. Eyre de desprestigiar a civilização egípcia, tomando tão por baixo (cerca de 4% da população) o número de pessoas letradas: LESKO, Leonard H. Some comments on ancient Egyptian literacy and literati. In: GROLL, Sarah Israelit (Org.) *Studies in Egyptology presented to Miriam Lichtheim.* Jerusalem: The Magnes Press, 1990. 2v. v.II. p. 656-667 apud CARDOSO, C. op. cit., p. 98.

destinados não só ao treinamento de escribas, como para o consumo fora de círculos escolares.[70]

2- A literatura no Egito antigo:

Para os formalistas russos, cujas contribuições teóricas são inegáveis, o que define uma obra literária como tal não é o seu conteúdo, mas a expressão alcançada pela forma. Assim, por exemplo, nessa perspectiva, o conteúdo do conto *Aventuras de Sanehet* seria, de fato, não a história do personagem Sanehet, mas apenas um artifício que permitiu a seu autor reunir e exibir diferentes técnicas narrativas. É claro que os aspectos formais são importantes no exame da obra literária, mas há outros a se levar em conta. A questão não é negar a linguagem literária como objeto específico, mas ampliar a abordagem, tendo em vista, entre outros fatores, o da recepção, pois o que significa 'fato literário' para determinada época, pode não ultrapassar o 'fato lingüístico' em outra, e vice-versa. Conseqüentemente desenvolveram-se teorias de orientação contextual que avançam em relação à descrição formalista, pois, como disse Pozuelo (1983:71): elas levam ao "aparecimento de noções como a de aceitabilidade social e histórica ou a noção de que o processo de semiotização literária abre um duplo código em que juntamente com as estruturas lingüísticas devem intervir as normas extralingüísticas que atualizam um processo psicossocial que atribui ao texto uma 'validez', uma sanção cultural a partir de um sistema de valores".[71]. A linguagem literária, como resultado de um ato discursivo, privilegia antes de tudo a recepção como seu próprio agente de reconhecimento.

A tarefa de isolar as obras que apresentam características comuns, e em princípio inconfundíveis com outras, vale dizer estabelecer os gêneros literários, é complexa. O próprio conceito de gênero é problemático, já que é irredutível a abordagem unívoca. O esquema anteriormente utilizado na divisão dos gêneros em lírico, épico e dramático está ultrapassado. Atualmente entende-se que os gêneros

[70] ARAÚJO, E. op. cit., p41.

[71] Ohmann Richard apud ARAÚJO, E. op.cit., p.36.

não só são historicamente localizados, e conseqüentemente com características formais variáveis devido a essa condição, como se expressam por intermédio de *modos do discurso*. Assim temos, por exemplo, gêneros literários do modo lírico, como o hino, o ditirambo, a ode, o madrigal etc.; do modo narrativo, como a epopéia, o romance, a novela, o conto etc.; e do modo dramático, como a tragédia, a farsa, o auto, a comédia etc. Além do mais e também muito importante, é o fato de nenhuma obra ser capaz de mostrar-se exemplarmente "pura", ou seja, representar por excelência um gênero ou modo.

Há um ponto que parece ser consensual o de que não se pode considerar a literatura egípcia antiga exclusivamente de acordo com os mesmos parâmetros da literatura ocidental moderna, mesmo quando, no aspecto lingüístico, empregamos recursos oriundos da retórica clássica na tentativa de nos aproximar de seu universo. O fato é que para formular algo que nos indique a literatura egípcia em sai especificidade, só nos resta como alternativa aplicar critérios de interpretação que são usados pela teoria literária. Loprieno (1988 e 1996) assim procedeu quando propôs uma teoria do discurso literário que poderia surgir da análise de três dimensões textuais: ficcionalidade, intertextualidade e recepção.

Por *ficcionalidade* entende-se:

> "uma categoria textual pela qual um mútuo acordo implícito é criado entre autor e leitor para que o mundo apresentado no texto não precise coincidir com o mundo real e para que não se apliquem sanções em caso de discrepância. Essa concordância tácita entre autor e leitor é gerada por critérios formais e estilísticos, por uma 'estrutura' e uma 'textura'.[72]

O caráter ficcional aqui não se restringe apenas a 'imaginação' ou 'invenção', mas compreende também o uso de um grande número de figuras retóricas que transforma a linguagem empregada distante da usada no cotidiano. A ficcionalidade pode estar, por exemplo, no papel desempenhado por traços de caráter metalingüístico, como no emprego ou omissão do nome do herói de uma narrativa. No caso do *Relatório de Unamon* , Un-Amon quer dizer 'Que Amon viva', e se refere à ação do protagonista, guardião da imagem do deus Amon no estrangeiro. Nas *Aventuras de um náufrago*, a ausência do nome do herói confere à história um valor

simbólico, deixando livre a imaginação. Em outras situações, o emprego de certas figuras de linguagem como ironia e ambigüidade, pode ser sinal de ficcionalidade. Por último, textos predominantemente baseados em *tópoi* de que os ensinamentos constituem o ponto alto, ou a literatura narrativa, veículo privilegiado da *mímesis*[73] constituem forte indício de linguagem literária.[74]

Um segundo critério para a definição do texto literário é a *intertextualidade* que aparece em qualquer texto que apresente uma metalinguagem específica, incluindo os campos da ciência, da teologia, do direito etc. O princípio da intertextualidade é o de que "todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é o resultado de absorções e transformações de outro texto".[75] No que se refere à identificação literária, algumas composições assumem uma forma específica de um determinado discurso não literário com o intuito ficcional evidente, como as *Aventuras de Sanehet* na forma de autobiografia funerária, a *Tomada de Jafa* na forma de texto histórico e o *Relatório de Unamon* na forma de relatório. Outro indício de intertextualidade reside na utilização de diferentes tipos de discurso (não necessariamente literários) num contexto literário, como nas *Aventuras de Sanehet* onde se agregam à narração cartas, autobiografias funerárias, panegíricos, hinos etc.[76] Também representa um sinal de intertextualidade. Também representa um sinal de intertextualidade no texto o recurso à pseudepigrafia, atribuindo a obra a um autor ou personagem ilustre do passado (c.f. WALLE, 1948:35-36) tal como acontece com *Proezas de magos* , *Profecias de Neferti* e *Ensinamentos de Ptahhotep*.

Finalmente, o último critério hermenêutico para balizar a teoria do discurso literário egípcio é o da recepção, que como foi visto, implica a existência de textos e leitores (v. Eagleton [197:102-121]). No entanto, ainda há uma questão ligada à recepção que é se, do ponto de vista dos egípcios, textos de caráter "histórico" e os autobiográficos podem ser considerados literatura. É preciso deixar claro que os egípcios antigos sequer tinham uma palavra para designar literatura, embora soubessem muito bem o que era o prazer proporcionado por *medut nefert*, belas

[72] LOPRIENO, A. 1996: 43 In: ARAÚJO, E. p.39
[73] Cf. OHMANN,1971:14 apud ARAÚJO,E.p.40.
[74] Ver LOPRIENO, 1988: 1-21 apud ARAÚJO, E. op, cit., p.40.
[75] KRISTEVA, 1969 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.40.
[76] BAINES 1982:34-35 e CARDOSO 1994:149-150 apud ARAÚJO, E. p.40.

palavras.[77] Assim sendo, é corrente tratar essas obras como se literárias fossem por uma escolha nossa, baseada em critérios de recepção estabelecidos modernamente. Essa duas categorias de textos apresentam fortes componentes literários, tanto quanto os textos funerários encontrados nos grandes *corpora* tradicionais (*Textos das Pirâmides*, *Textos dos Sarcófagos*, *Livro dos Mortos*), os rituais fixados nas paredes dos templos ou os textos mágicos encontrados em estelas e papiros. Contudo, como a religião permeava todos os níveis da cultura, estava presente em textos literários (v. BAINES[1996] e Derchain [1996]), ou ao contrário, formas literárias aparecem em contextos não literários, como são exemplos certas passagens do *Texto dos Sarcófagos* adaptadas e resumidas de composições dramáticas e usadas portanto num contexto funerário.

No que se refere ao textos históricos, existem neles construções que utilizam recursos nitidamente literários e fórmulas que declaram o objetivo de serem "ouvidas" ou "lidas" para uma audiência contemporânea ou para a posteridade. Entretanto, apesar do alto grau de intertextualidade e uma presumida pretensão à circulação, esses textos eram colocadas em lugares inacessíveis a qualquer pessoa. Isso se explica pela própria visão de mundo dos antigos egípcios, como explica Hornung num estudo intitulado 'História como celebração':

> "as inscrições e imagens históricas do Egito antigo não narram eventos reais. Em vez disso, proporcionam o ingresso em um mundo solene e ritualístico que não contém elementos de sorte ou acaso. Os egípcios não possuíam historiografia como a conhecemos, nenhuma narrativa objetiva do passado. Em sua visão o passado só interessava na medida em que era também o presente e poderia ser o futuro."[78]

Desse modo, não havia nenhuma dificuldade para um faraó como Tutankhamon, que morreu adolescente, de se vangloriar de ter derrotado asiáticos e núbios sem tê-lo feito. Nem para Ramssés III retratar-se vencendo os hititas numa batalha onde quem realmente foi o vencedor foi seu antecessor Ramssés II. Essas representações estão ligadas à manutenção da ordem cósmica e à reprodução

[77] ARAÚJO, E. op. cit., p.45.
[78] HORNUNG, 1992: 147-164 apud ARAÚJO, E. p. 42.

constante do universo, atributo exclusivo do faraó. Essas imagens, na verdade, não tinham o objetivo de serem lidas ou vistas, mas tinham um caráter performático e auto-suficiente . Dessa forma, pode-se excluir a possibilidade de esses textos constituírem uma espécie de propaganda política porque se este fosse o caso, redundaria em ampla recepção. Tal não acontece com as narrativas que eram feitas de modo a se tornarem veículo de recepção literária, e por isso, eram escritas em papiros o que lhes garantia a circulação.

Nas autobiografias, aparecem claramente traços de *topoi* e de *mímeses* construídos por intermédio de diferentes recursos, como intercalar prosa e poesia ou seções narrativas e éticas, o que expressa a tensão entre o interesse individual e a expectativa social o que constitui uma característica da ficcionalidade. No entanto, essas composições eram estreitamente vinculadas aos túmulos e não se destinavam à recepção humana, mas divina, embora haja referências a uma leitura na posteridade. Não podemos subestimar a crença dos egípcios em seus deuses: com freqüência os textos asseguram que a sociedade é formada pelos deuses, os mortos, o rei e a humanidade.[79] Podemos então considerar que as autobiografias inscritas em túmulos tinham a mesma função que os *Textos das pirâmides*, os *Textos dos sarcófagos*, o *Livro dos mortos* e outros textos funerários. O dono da tumba podia ser incapaz de ler as fórmulas que teoricamente devia recitar em seu percurso na vida após a morte que lhe garantiria a vida eterna. Tampouco se esperava que os deuses a lessem. O conjunto de textos e cenas mortuárias era altamente idealizado em que o morto aparecia no seu melhor aspecto. Mas como os textos históricos possuíam uma função performática, e, no caso da comunicação com os deuses, os quais tomavam conhecimento por esse meio de que o morto cumprira com suas obrigações em vida e no momento da morte, textos e imagens bastavam por si mesmos. O próprio fato de se registrar a vida do dono da tumba no seu melhor desempenho no mundo dos vivos era a garantia da perenidade de sua imagem e de seu nome[80]: “o nome é um acumulador de forças internas, um reservatório de energias latentes que pode

[79] C.f. ASSMANN 1970: 59 apud ARAÚJO, E. p.44.

[80] Para os egípcios, as palavras possuíam uma espécie de potência em si. O nome era elemento inseparável do indivíduo como algo que definia o ser, como explica GARNOT 1954:98 apud ARAÚJO, E., p.407.

descarregar-se, por assim dizer, muito facilmente, e cuja liberação não se faz sem perigo. Por isso, a revelação de um nome próprio dá ao operador todo o poder sobre o ser que ele interpela ao chamá-lo por seu nome". Saber o nome de alguém confere uma espécie de domínio sobre o objeto enunciado. É por isso que nas inscrições funerárias, o morto profere o nome de monstros e deuses no seu percurso para o além ("eu te conheço", "sei teu nome", "teu nome é... ").Além disso, Erman&Ranke [1952:220] observam que nome se identifica com a pessoa, e o que acontece ao nome acontece também ao homem que o porta, daí o desejo expresso freqüentemente de perpetuar o nome, o que se expressa sinteticamente, por exemplo, numa recitação funerária como "que teu nome viva sobre a terra", "que teu nome dure sobre a terra, (e assim) nunca perecerás nem serás destruído por toda a eternidade *djet*".[81] A autobiografia, assim, tinha uma outra função que a privava da recepção para entretenimento , e mesmo para a educação. Isso não acontecia de forma alguma com uma história como as *Aventuras de Sanehet*, esta sim composta na forma de autobiografia, mas claramente destinada a recepção literária, aos homens, e não aos deuses.

Como se vê, é possível delimitar a autonomia literária no Egito antigo, mas muitas são as dificuldades a enfrentar quando tratamos da sua produção nesse campo. Afora outros problemas, nos deparamos com uma produção de tr6es milênios que, ao contrário do que pode aparecer a primeira vista, nada tinha de 'imutável', nem de 'fechada em si mesma', apesar da manutenção genérica (mas não uniforme no tempo) de valores ideológicos, instrumentos de coesão social traduzidos na estrutura

[81] Eternidade-*djet* e eternidade-*neheh* são designações de tempo geralmente traduzidas por "eternidade". Ao que explica HORNUNG, 1992: 64-65, "embora os dois termos não signifiquem eternidade num sentido absoluto, podem chegar tão próximo como possível do sentido 'eternidade' sem realmente ser sinônimo desta, visto que representam a síntese de todas as unidades de tempo. Contudo, assim como as noções de uma enchente primeva e de trevas, *neheh* e *djet* jamais dizem respeito a regiões fora da criação. Essa 'eternidade' egípcia tem tanto um começo quanto um fim e consiste de anos e dias..." Contrastando as duas noções, *djet* aparece num sentido ligado as idéias de constância invariável, espaço, tempo linear, enquanto *neheh*, na mesma seqüência de oposições, corresponderia a vida presente, repetição eterna, tempo, tempo cíclico. Os próprios egípcios, como assinala Traunecker, 1995:53, associavam os dois termos a outras noções dualistas: *djet* a Osíris, Sol poente, tarde e fim, e *neheh* respectivamente a Ra, Sol nascente, manhã e começo. Nesse sentido, *djet* seria um tempo estático e *neheh* dinâmico, o que parece confirmado por sua etimologia, pois o primeiro tem a conotação de duração e o segundo de fluxo. IN: ARAÚJO, E. op. cit., p.390.

administrativa, política, econômica etc., tampouco imunes a transformações ao decorrer da história.

No plano literário, como demonstrou Loprieno [1996: 515-516], sempre ocorreu o fenômeno da "diglossia", que pode ser definida *grosso modo* como uma pluralidade de códigos lingüísticos dentro de uma comunidade que se expressa no mesmo idioma. Sobretudo a partir do Reino Novo, as situações de diglossia se tornaram mais claras na literatura egípcia nos momentos em que surge a contraposição entre 'literatura clássica' e 'literatura popular', cada uma expressando diferentes níveis de linguagem[82] Acrescente-se a isso o digrafismo do registro literário que consistia em diferentes sistemas de escrita (hieróglifo monumental, hierático e demótico) sobre vários suportes conforme o sistema gráfico (parede, papiro, tábula, óstraco, couro, tecido).

A literatura egípcia surpreende porque talvez se pudesse esperar encontrar, em sua maior parte, mitos e lendas narrados em poemas majestosos, obras de origem sacerdotal. Deparamo-nos de fato, com um corpo literário desprovido de inspiração épica e independente de culto. A arte egípcia esteve sempre a serviço da religião e se desenvolveu simbolicamente com ela, mas a literatura foi essencialmente secular na sua *raison d'être.* Tinha uma existência independente e foi cultivada por ela mesma, pelo simples prazer que proporcionava, e para o benefício da sociedade e da humanidade. Como é natural, o antigo Egito também possuía uma vasta literatura religiosa, e entre a ampla variedade de textos que esta inclui, há hinos aos deuses e faraós que apresentam qualidades poéticas indubitáveis. Os próprios egípcios reconheciam o seu valor e os encaravam como obra de arte. Alguns estão incorporados em escritos seculares e muitos aparecem em cópias colegiais. O gênero lírico também foi amplamente cultivado e encontrou sua principal fonte de inspiração na fé religiosa.

> "Mas a religião não invadiu a literatura e a inundou. Até onde podemos saber, a mitologia não inspirou os poetas, nem conhecemos qualquer texto épico que exalte os feitos e as proezas dos deuses que gozasse de qualquer popularidade entre os homens de letras. Deixando de lado um ou dois casos duvidosos, os mitos apenas entraram na literatura

[82] Ver BAINES, 1996, LOPRIENO, *Linguistic variety and Egyptian literature. AEL*, 1996, P.515-529 e VERNUS, 1996.

> despidos de sua glória e reduzidos ao nível de contos, em que o interesse da história tem precedência sobre o conteúdo teológico. Além disso, mesmo nos próprios textos mitológicos, são extremamente raros os relatos sistemáticos de mitologia."[83]

Quanto ao gênero épico, ele não está realmente atestado a não ser em inscrições oficiais que relatam feitos e realizações de reis, sendo o exemplo mais famoso o poema que descreve a batalha de Qadesh travada por Ramsés II contra a confederação hitita. Esse gênero só ocupou lugar de destaque na literatura com o "Ciclo de Petubastis", uma longa e enfadonha crônica do tempo em que o país não era mais governado por faraós egípcios.[84] Os gêneros literários, que foram empregados em todos os períodos e que conferiram à literatura egípcia antiga o seu caráter próprio, são os contos e os textos sapienciais, os dois campos nos quais o Egito deu a sua maior contribuição à literatura mundial, e é por isso que as fontes escolhidas para esta pesquisa fazem parte desses dois gêneros além dos poemas de amor.

A despeito da precariedade do nosso conhecimento, pelos fragmentos que possuímos, fica evidente que os contos populares do país eram extremamente ricos. Ainda que todo povo tenha seu tesouro de contos populares, o que distingue os egípcios é que eles deixaram tais contos seguirem livres o seu curso dentro da literatura escrita, sem que isso tenha impedido a arte da narração. O *Náufrago*, por exemplo, que parece ser o mais antigo papiro literário conhecido, possui uma arrumação que não é a de um simples caso falado. Note-se que os escribas contribuíram bastante para o desenvolvimento da narrativa, e que eles foram os responsáveis pelo seu progresso muito além do nível do folclore. *As aventuras de Sanehet* e o *Relatório de Unamon* são talvez as maiores testemunhas disso.

Os egípcios tinham o hábito de contar histórias, e suas histórias tinham muito freqüentemente um cunho moralizante. Desse modo, o gênero sapiencial apareceu no Egito quando a escrita ainda não tinha sido adaptada inteiramente à expressão do pensamento, permanecendo em voga por três mil anos. Ao que parece, foi o povo que mais produziu textos sapienciais, e a forma do Ensinamento favoreceu esta

[83]POSENER, Georges. Literatura no Egito In: HARRIS *O Legado do Antigo Egito*
[84] Ibid., p 262.

multiplicação.[85] Sua flexibilidade permitia falar de vários assuntos, desde que estes tivessem um sentido edificante. Além do mais, sob esse título de Ensinamento, também estão incluídas a sátira, o testamento político, a propaganda da realeza e sua corte, a biografia, os panegíricos aos grandes autores, as meditações e até mesmo a profecia, pois todos eram vistos, pelos antigos egípcios, como fazendo parte do mesmo gênero. Pode-se dizer então que o termo 'sabedoria' foi amplamente interpretado. Contudo, nesse vasto conjunto, as análises de texto revelam diferenças notáveis e também possibilitam distinguir as linhas de desenvolvimento e toda a rede complexa de inter-relações que dá unidade a esse corpo literário, embora, visto de fora, possa parecer monolítico e impressionante.

Se os contos e a literatura sapiencial são os gêneros mais apreciados pelos egípcios, na arte da composição, os elementos particularmente característicos de sua literatura são a narrativa introdutória e o cenário. Estes aspectos são os que fornecem o pretexto para contar uma ou várias histórias e amarrá-las, como acontece com *O náufrago* e com o Papiro Westcar. A ênfase no cenário e na ambientação tem suas origens no desejo universal pelas introduções e prefácios, mas seu desenvolvimento resultou da inclinação egípcia por narrativas. Essa ênfase foi devidamente transposta para a literatura sapiencial, de modo a dar ensejo à ascensão do gênero misto que representa a síntese – tanto na forma quanto no conteúdo – de uma inclinação específica da literatura egípcia.[86]

A literatura egípcia nos parece inclinada demais ao maravilhoso. Desde as suas primeiras produções, os egípcios mesclavam em seus relatos, magias e feitos extraordinários. Nas últimas obras, a despeito de seu interesse, aparecem demasiados fantasmas, mágicos e íncubos. Mas esta roupagem pode, à primeira vista, esconder conteúdo muito mais humano. Há um conto, os *Dois irmãos,* (que está no Papiro Orbiney, no Museu Britânico, escrito em *codex unicus*, em boa caligrafia da XIX dinastia) em que as personagens principais, Bata e Anup, são originalmente deuses, mas a primeira parte da história mostra sentimentos muito humanos é de uma psicologia excelente, traduzindo admiravelmente bem os sentimentos e manobras da mulher que ronda o adultério, do jovem irmão respeitoso e do marido tomado por um

[85] Ibid., p.264.

acesso de ciúmes. François Daumas considera falhas da história fatos como, por exemplo, o das vacas falarem. Mas acredita também que essas falhas são "compensadas por muitas qualidades sólidas e fundamentais".[87] Eu penso que esses episódios nos parecem estranhos e muito fora da realidade, mas que podem na verdade representar uma forma de lidar com os animais e com a natureza que certamente devia ser muito diferente da nossa. Não se pode esquecer que provavelmente o que consideramos "magia" e "feitos extraordinários", para os egípcios antigos, eram elementos que se incluíam diferentemente no pensamento deles, na sua maneira de ver o mundo, na sua organização do social, nas suas representações artísticas.

Segundo François Daumas, embora o Egito antigo não tivesse manejado uma lógica comparável a dos gregos, alcançou um nível espiritual mais alto do que o de todas as sociedades suas contemporâneas: "a elevação espiritual dos antigos sábios abria caminho para o pensamento cristão".[88] Creio que de fato os egípcios se preocupavam e colocavam em prática formas e métodos de educação e formação moral muito eficientes dado a inexistência de leis escritas que regulamentassem as questões de comportamento social. Sua literatura se propõe a dar ao homem o sentido da medida e a lhe ensinar a conduta correta, a generosidade, a bondade, o convívio harmonioso, o respeito. Mas a produção cultural egípcia não tem relação com o cristianismo em nada além do que talvez se possa encontrar em todas as tradições da humanidade, ou até elementos que não possam mais ser recuperados em nenhuma delas, mas que anteriormente encontravam-se em todas.

A literatura escrita que foi claramente composta com o objetivo de disseminar a forma escrita deve ter coexistido com a poesia oral, mas não se pode determinar qual era a relação entre as duas. A maioria das composições sobrevivente de qualquer modo, era de poesias da corte, embora também circulassem longe do palácio.[89] Esses autores estavam direta ou indiretamente comprometidos com o

---

[86] Ibid., p.264.
[87] DAUMAS, François. *La civilización del Egipto faraónico.*Barceloba: Juventud, 1972, p.437.

[88] Ibid., p.437
[89] PARKINSON, R.B. *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems 1940-1640 B.C.* Oxford, University Press, 1997, p.6.

Estado faraônico, escribas, sacerdote, pessoas abastadas também dos centros provinciais. Acreditavam que, no princípio da história, os deuses haviam reinado pessoalmente neste mundo, sendo o rei-deus o seu legítimo herdeiro e sucessor: A ordem cósmica e político-social, encarnada na deusa Maat (justiça-verdade ou norma justa do mundo) tinha, pois uma base sagrada, tal como o respeito pelas opiniões dos antepassados.[90] Aliás, essa população ilustrada deve ter variado a cada período. Pode ser também que a produção literária não fosse apenas compartilhada entre as elites, mas que incluísse mais tipos de gente, por exemplo, em representações públicas de dramas sagrados, dos quais há traços nos textos funerários.[91] É provável que no início, as composições tenham sido recitadas em grupo, como uma *soirée*. Pelo quadro que eles descreviam em seu próprio cenário, pode-se acreditar que os poemas tinham sempre uma audiência.[92] De qualquer modo, não sabemos e talvez jamais venhamos a saber se essas práticas eram freqüentes e quantos poderiam ser seus integrantes. Os nomes dos poetas não foram registrados, mas os textos sapienciais, que contavam com a confiança de uma autoridade pessoal, eram comumente atribuídos a fatos históricos, ou pseudo-históricos. Em um contexto semi-oral, sem nenhuma proeminência do autor, havia pouca preocupação com os textos "autorizados", e diferentes cópias contemporâneas de um poema mostram algumas variações.

Como o cânone da arte egípcia era um monopólio de uma minoria dominante, era também uma forma de controle social. O fato do cânone não ser acessível às pessoas comuns fazia com que estas permanecessem subalternas e inferiores na hierarquia social, como foi bem observado por Piotr Michalowski [1990, p. 53-69, ed. espanhola. p 65]. É possível mesmo que textos e imagens não tenham sido feitos para ser lidos, já que eram inscritos nos templos, onde normalmente as pessoas não entravam, e colocados em lugares tão altos que não seria de qualquer modo possível lê-los. Este monopólio dos códigos artísticos, por pertencer a uma elite que dispunha

[90] CARDOSO, C. *O Egito antigo*. São Paulo, Brasiliense, 1992 (9ª ed.), p.84.
[91] CARDOSO, Ciro Flamarion. Escrita, Sistema Canônico e Literatura no Antigo Egito. In: BAKOS, Margaret M. e POZZER, Kátia Maria P. (org.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUCRS,1998, p.99.

[92] PARKINSON, R.B. *op. cit.,* p.7.

de riqueza para representar a sua arte em materiais duráveis, foi quem legou a imensa maioria de representações textuais e iconográficas. No entanto podemos ver, através de poucas fontes sobreviventes que este não era o único exemplo de arte egípcia. Alguns escribas do Reino Novo (segunda metade do IIº milênio a.C.), que não faziam parte da classe dominante, mas tinham acesso aos materiais duráveis, deixaram uma arte que, hoje, é irreconhecível como produto desse povo para um especialista em arte egípcia, de tão afastada do cânone ela é. Essas representações são muito pouco numerosas e muito pouco difundidas. Assim, a produção conservada é quase toda a expressão da arte canônica das elites egípcias, já que a outra produção (em madeira, barro, cortiça) não sobreviveu.

Na reforma religiosa de Amarna, no século XIV a.C., sob Akhenaton, as regras artísticas mudaram consideravelmente. Neste período, utilizou-se, por exemplo, a perspectiva nos relevos e pinturas, o que demonstra que o cânone artístico não era o único possível e que era resultado de uma **escolha**, era uma decisão social, o que quer dizer, uma **instituição social**. Não se tratava de um estilo cultural ou uma forma de percepção da realidade. Esta escolha foi feita e mantida por uma classe que governava o Egito, de modo que sua produção artística (textos e imagens da corte e dos templos), baseada na forte ideologia da monarquia divina, representava "atos concretos e repetidos de poder".[93]

Dois processos principais marcaram a história da língua e dos textos no Egito ao longo do IIIº milênio a.C. e no início do milênio seguinte: 1- o desenvolvimento da escrita; 2- a concentração e desconcentração do poder, e conseqüentemente, da escrita. Até a IV dinastia, a escrita só era capaz de registrar legendas de figuras e textos curtos. No final da V dinastia, por volta do século XXIV a.C., ela desenvolveu a produção de textos narrativos mais sofisticados e longos. É quando se estabelece por escrito a literatura funerária monárquica dos *Textos das pirâmides*. Note-se que a escrita no Egito, assim como na Mesopotâmia, tratava-se de uma invenção. As duas sociedades foram as pioneiras da escrita. É claro que esta percorreu um longo

[93] CARDOSO, C. ibid., p.100.

caminho até o seu grande desenvolvimento em textos relativamente longos, de técnicas narrativas, com uma linguagem gramaticalmente sofisticada.[94]

Foi John Baines quem mostrou que a trajetória da língua também está marcada pelo movimento de concentração e desconcentração. Ele observou que, no Reino Antigo, sob as dinastias III a VIII, não há documentação escrita que não tenha origem na corte. No auge da IV dinastia, a restrição socialmente estratificada da escrita e da decoração fazia parte do controle central das classes dirigentes. Baines chega à conclusão que esta restrição era repressiva porque, no Reino Antigo, a elite captava toda a riqueza e o trabalho, de modo que suas obras eram as mais monumentais, enquanto que as províncias empobreciam. Na V dinastia, as coisas mudaram, apareceram ricas tumbas privadas na corte e nas províncias, além de pequenos enterros organizados (que não foram encontrados para a IV dinastia). O uso da escrita se ampliou para pessoas importantes exteriores à corte. Os monumentos reais eram imponentes, mas não como na dinastia anterior. No sistema de administração, são dados cargos provinciais a parentes do rei, e ao mesmo tempo, se forma uma verdadeira burocracia estatal. O Primeiro Período Intermediário foi o ponto culminante de um movimento descentralizador que começara havia tempo. Segundo Baines, um dos aspectos da descontração foi a progressiva extensão da escrita para grupos, ainda que da elite, mas muito ampliados, tanto na corte quanto na província. Este autor acha que esta descentralização proporcionou uma capacidade de redigir textos mais extensos e fez com que a escrita adquirisse "um potencial adicional que não poderia ser tão eficazmente controlado, do mesmo modo que os exageros contemporâneos de centralização não poderiam ser mantidos".[95]

O surgimento da literatura egípcia foi marcado também pela necessidade de apoiar os esforços no sentido da reestruturação do Estado no início do Reino Médio. Por isso, as obras que surgiram nesse momento tinham um propósito de propaganda monárquica, serviram para legitimar a usurpação do trono pelo primeiro rei da XII dinastia, e serviram também como meio de persuasão com relação às profundas reformas no Estado e na administração efetivadas por Senuosret III.

[94] Ibid., p.101
[95] BAINES, 1988, p.192-214 apud CARDOSO, C. ibid., p.103.

Assim sendo, a emergência de uma verdadeira literatura, que aconteceu no século XX a.C., sob a XII dinastia, se deveu aos dois processo mencionados - a própria evolução da escrita egípcia e a desconcentração social da escrita e dos textos. Acredito que a grande maioria de especialista considera que a literatura egípcia, embora erudita, tem origem na tradição oral não erudita e que reflete uma ideologia monárquica sagrada e dos escribas em geral com clara intenção didática. Também penso ser opinião geral a idéia de que a religião egípcia nos é mal conhecida e que "o que hoje chamaríamos de religião constituía o núcleo da civilização, da visão de mundo, do modo como os antigos reconstruíam no imaginário e ideologicamente (ou seja, num sentido de legitimização do regime social e político estabelecido), a realidade que lhes cabia viver e agir".[96] As religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia num enfoque comparativo.) Por outro lado, busco confirmar o fato de a literatura egípcia antiga ter sido composta por homens e para homens, e que, no decorrer do IIº milênio, as figuras estereotipadas de homens e mulheres, bons ou maus, aparecem de forma mais individualizada.

2.1 - O Contexto sócio-cultural da literatura do Egito antigo:

A produção literária do Egito antigo, que aparece desde aproximadamente 2000 a.C., certamente produzida em círculos cortesãos ou próximos da corte, não esquecendo a possibilidade de ter havido a leitura em voz alta (mas como já foi dito, não sabemos se foi habitual) certamente tem origem na oralidade popular dos contadores de histórias. Especialistas do século passado acreditaram que os antigos contos, ou poesias amorosas só poderiam ser alegorias religiosas. Isso é um reducionismo que já foi bem criticado. Atualmente, a maioria dos especialistas está de acordo que essa produção é de fato uma socioliteratura e que sua função principal era ensinar e dar prazer.

Por vários aspectos, podemos sugerir que a literatura é uma instituição que é criada e definida por sua cultura. Neste particular, para determinar se um texto é parte

[96] CARDOSO, C. *Deuses, múmias e ziggurats. Uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*.Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.13.

da instituição ou não é, utiliza-se o critério formal, ou seja, o dos gêneros. A abordagem lingüística também é valiosa na identificação dos aspectos que são característicos da literatura. Os textos literários egípcios possuem várias formas distintas: eles misturam o particular e o geral, eles são preocupados com a sua própria definição e expressão. Eles não estão presos a nenhum contexto ou situação, as considerações estéticas são o valor central. A relação entre o orador e o ouvinte é dramatizada com ardis. E, talvez o mais importante, elas são ficcionais. Este último aspecto as distingue dos textos comemorativos, que tinham o propósito de serem precisos, embora idealizados, e dos textos religiosos que deveriam ser reflexões autênticas do universo. A ficção, no entanto, permite à sua audiência a visão de uma realidade diferente e a experiência de possibilidades alternativas. Este aspecto se reflete na mobilidade física porque ela era copiada em papiros e não em estelas ou em paredes de túmulos e templos. Num conjunto restrito, os papiros literários são resultado de escolhas individuais em cópias também individuais.[97](Parkinson p.3)

Muito embora não haja uma única obra completa de alguns tipos de texto, e que possamos imaginar que muitos manuscritos se perderam, a coerência dos textos remanescente indica que talvez as obras não fossem tantas assim. A cronologia das composições ainda permanece incerta. De qualquer modo, as escavações continuam, e as coleções dos museus são estudadas ao mínimo detalhe. Novos textos aparecerão que estarão destinados a modificar as análises correntes.

Os papiros contemporâneos não são as únicas fontes. Alguns trabalhos do Reino Médio se tornaram clássicos estabelecidos no Reino Novo e muitos só sobreviveram em papiros tardios. Muitas vezes, o trabalho de decifração desses textos se torna muito difícil porque os jovens escribas cometiam erros na cópia da linguagem poética, que era, naquela ocasião, muito distante da linguagem diária, e também, porque, muitas vezes, não tinham acesso a uma tradição textual coerente ou compreensível. Um exemplo disso são os *Ensinamentos de Khety*, cujos trechos que exaltam a profissão de escriba foram os mais copiados, mas muita coisa desta obra se perdeu. É tentador imaginar que os textos dos quais muitas cópias são conhecidas,

[97]PARKINSON R.B. *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems 1940-1640 B.C.* Oxford: University Press, 1997, p.3.

como *As aventuras de Sanehet*, fossem especialmente apreciados. Seria um consolo supor que as cópias sobreviventes representassem os maiores clássicos antigos, mas uma miscelânea de textos sapienciais do Reino Médio deixou claro que um dos trabalhos mais famoso não sobreviveu, e o fato de um poema ter sobrevivido em um único manuscrito não quer dizer que ele não tenha sido muito apreciado.

Muitos dos motivos literários dos egípcios antigos vão parecer familiares ao leitor moderno, mas os significados desses motivos são muito diferentes da sua expectativa, suas preocupações intelectuais são diferentes, assim como os gêneros. O cânone literário abrange um grupo de textos de ficção pertencentes a três gêneros principais: a narrativa que mostra maior variedade formal, e dois tipos de textos sapienciais. Os contos são os mais fáceis de ser apreciados e demonstram um gosto pela narrativa hábil e eventos fantásticos que são relativamente atemporais. Os textos sapienciais são, no entanto, uma forma desconhecida do leitor moderno. Dos dois tipos de literatura sapiencial, o Ensinamento (*sebayet*) é o mais formalmente unificado. Nele um pai sábio fala para seu filho, passando a ele o fruto de sua experiência em didáticas elocuções reflexivas. Há dois sub-gêneros: o ensinamento particular cujo professor é um alto funcionário e o real, cujo professor é um rei no fim de seu reinado. Este último tipo se torna o espelho do rei no qual a experiência real abrange um âmbito universal, e por isso constitui um verdadeiro “testamento político”. O outro tipo de texto sapiencial é mais reflexivo e toma muitas formas incluindo o Discurso e o Diálogo. São todos, até certo ponto, pessimistas e formam “queixas” e elegias lamentosas sobre as vicissitudes da vida.

O cânone inclui uma combinação de gêneros e uma flexibilidade que permite a criação de gêneros híbridos. Os títulos usados para fazer referências a muitos poemas são invenções modernas. Só se dava título invariavelmente aos Ensinamentos que começavam pela sentença: “Começo do Ensinamento...” Alguns Discursos têm títulos, mas muitas vezes iniciam com prólogos narrativos. Os contos caracteristicamente não apresentam título.

Os diversos gêneros que apareceram obedeciam a regras que foram chamadas de *decoro* aplicado às representações. O *decoro* limitava o que se podia escrever ou retratar pictoricamente em cada categoria de monumento, público ou privado. Quanto

à autoria, era especificada, ou não, de acordo com algumas regras. Por exemplo, quando o escrito procede de velhos relatos orais tradicionais, o autor não é mencionado, pois para um egípcio, esses textos não tinham "autoria" efetiva. No entanto, as obras escritas nos círculos dos escribas, ao contrário, costumavam ser assinadas principalmente os Ensinamentos que parece terem sempre um autor. Também transparece nos textos uma exaltação aos escribas, e há pelo menos um texto conhecido, do século XIII ou XII a.C., *Canto de um harpista*, em que a função de escriba aparece como um meio de alcançar a eternidade mais efetivo que a construção de um grande monumento, o que se contrapunha às crenças funerárias usuais.

> O homem decai, seu corpo é pó;
> Todo o seu parentesco pereceu –
> Mas um livro faz com que ele seja lembrado
> Através da boca de quem o recita.
> Um livro é bem melhor do que uma casa bem-construída,
> Do que uma capela funerária na necrópole;
> Melhor do que uma sólida mansão,
> Do que uma estela num templo![98]

Quanto ao legado da civilização egípcia, ao questioná-lo surge um grande problema, que, aliás, sempre surge ao se lidar com qualquer aspecto de um legado, é a distinção entre coincidência e continuidade. A dificuldade é ainda maior numa sociedade tão antiga, embora seja razoável supor um certo grau de influência egípcia em determinados campos, em particular na medicina e nas instituições sociolegais, mas é sempre muito difícil confirmar uma relação concreta. A ausência de qualquer prova real na disseminação da literatura popular "é especialmente aflitiva"[99]
já que é provável que muitos temas bastante conhecidos tenham, se originado no Egito, influenciado o Oriente Médio, a Bíblia, até a cultura helenística, através da

[98] Papiro Chester-Beatty IV, verso 2,5 – 3,11: citado segundo a tradução contida em LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature*, Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1974-1976. 3v. v.II. p.175-178 apud CARDOSO, C. Escrita, Sistema Canônico e Literatura no Antigo Egito. IN: BAKOS, Margaret M. e POZZER, Kátia Maria P. (org.) *III Jornada de Estudos do Oriente Antigo*. Porto Alegre: EDIPUCRS,1998, p.104-105.

Jônia. A mesma incerteza existe no que se refere à crença popular, embora haja certos resquícios sobreviventes no Egito e na África. Mais problemático é determinar a origem de vários elementos ligados à magia disseminados, como o significado esotérico dos números (o sete em particular), a mística da interpretação dos sonhos, as convenções de imagens mágicas ou o reconhecimento de alguma cor satânica/setiana em algum indivíduo.

O único legado substancial é o dos elementos artísticos e arquitetônicos que foram copiados e espalhados pelo Mediterrâneo e para o território continental da Grécia. Características egípcias foram amplamente imitadas como, na arquitetura, a moldura de tora e a cornija caveto (muitas vezes com o disco solar alado). A idéia de salões colunados e corredores margeados de estátuas pode ter sido copiada. Figuras e temas decorativos egípcios foram bastante usados nas jóias, na cerâmica, em tigelas de metal. Os *kouroi* arcaicos gregos parecem repetir o cânon egípcio. Os caixões antropóides fenícios dos séculos V ao IV a.C. baseiam-se nos sarcófagos saítas em forma de múmia. No entanto, de forma geral, é apenas a semelhança externa da arte egípcia que se imita, sem que ocorra aparentemente qualquer reconhecimento de seus princípios.[100]

A atitude do mundo greco-romano em relação às coisas egípcias teve uma influência decisiva na tradição subseqüente. As três principais fontes de informação de viajantes contemporâneos gregos e romanos no Egito são as fornecidas por Heródoto, Diodoro Sículo e Estrabão. Heródoto visitou o Egito em cerca de 450 a.C., entre agosto e novembro. Ele não falava egípcio e teve de confiar em intérpretes de competência duvidosa e em conterrâneos, comerciantes e mercenários estabelecidos no Egito. Ele nunca entrou em contato com os altos círculos administrativos e sequer tinha consciência de que a língua administrativa do país, naquela época, era o aramaico. Tem-se também a impressão que Heródoto, embora sendo um inquisitivo e diligente pesquisador que procurava registrar fidedignamente o que via e ouvia, não anotava logo de imediato o que lhe diziam. Estrabão esteve no Egito em 28 a.C. Dos dezessete livros de sua grande obra, um foi dedicado ao Egito. Diodoro Sículo,

[99] POSENER, G. Literatura In: HARRIS, J.R. (org.) *O legado do Egito.* Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.16.
[100] Ibid., p. 17.

historiador célebre, contemporâneo de César e Augusto, viajou muito pela Europa e pela Ásia para escrever a sua *História*, tão completa e exata como lhe foi possível. A parte referente ao Egito contém não apenas registros históricos, mas também informações sobre arte, medicina, língua, literatura e mumificação.[101]

Outro tipo de legado é a influência que a literatura egípcia possa ter exercido sobre as outras literaturas que lhe foram contemporâneas. Não são muitos os textos em que podemos definir os empréstimos e influências, e na sua maioria são de literatura sapiencial. A dúvida permanece com muita freqüência. Primeiramente, temas, idéias e imagens que são comuns aos textos egípcios e à Bíblia podem ter tido origens diferentes. O Salmo 104 à glória de Deus tem semelhanças com o hino de Akhenaton ao Sol, porém qualquer ligação é discutível. Também acredito que seja discutível o paralelo que freqüentemente se pensa existir entre a história da mulher de Anup e o cunhado Bata no conto dos *Dois irmãos* e a mulher de Putifar e José na Bíblia[102] (Gênese, 39), já que relatos de mulheres, que ao serem repudiadas no seu assédio, invertem os fatos e se vingam daqueles que as repudiou, existem em quase toda literatura. Posener nos lembra o exemplo de Fedra e Hipólito[103] e também é observável no nosso cotidiano.

Além disso, o Egito pode não ter sido o pioneiro na história da literatura. A Mesopotâmia também pode reivindicar este papel. Entretanto, o importante não é tentar estabelecer qual é exatamente a contribuição egípcia, mas concentrar-se, de preferência, nos elementos que têm paralelo em gêneros explorados mais tarde, também nos temas tratados em outras partes e em formas literárias empregadas até hoje. “Qualquer que seja a idéia que possamos formar da herança faraônica, é, no fundo, a formação e os interesses particulares de qualquer leitor que determinarão o que, na literatura egípcia, representa para ele um legado real”.[104]

Para que nasça uma literatura digna desse nome, requer-se um certo número de condições. Faz-se necessária a existência de círculos ou grupos em que a vocação literária tenha sido despertada. Pelo menos, um corpo de algumas pessoas do Estado

[101] WATTERSON, Barbara. *Women in ancient* Egypt. Nova York: St. Martin’s Press, 1991, p. xi-xii.
[102] *Gênese*, 39.
[103] POSENER, G. op.cit., p.250.
[104] Ibid., p.233.

deve encontrar interesse, gosto e tempo suficientes para conhecer as obras e estimular a produção literária. O Egito antigo, que possuía esses fatores, criou, de fato, uma literatura verdadeiramente merecedora deste nome. De fato, não caberia chamar assim os intentos rudimentares de alguns povos que ainda não conheciam a escrita e tinham cantos improvisados ou composições religiosas de transmissão oral. Se o Egito antigo não tivesse conhecido mais que as cantinelas entoadas pelos trabalhadores, no campo ou nas obras, e os contos narrados por alguém que sabia expressar-se bem para um grupo de pessoas simples, possuiria, talvez, um rico folclore, mas careceria de vida literária.[105]

No entanto, o êxito da literatura surgida no Egito por volta de 2000 a.C. e nos séculos que se seguiram foi grande. Isso se deveu provavelmente à tradição de ensino durável baseada nas obras dos escribas "fundadores" que por sua vez apoiavam-se em nomes mais antigos ainda. Tais textos foram copiados e recopiados nas escolas de escribas ao longo dos séculos, e duas obras, *As Aventuras de Sanehet* e os *Ensinamentos de Ptahhotep*, ambas atribuídas ao terceiro milênio, mas certamente, pela linguagem e outras características, firmemente assentadas no início do Reino Médio, talvez sejam as que gozem de maior prestígio.[106]

Desse modo, desde a mais remota Antigüidade, houve escolas de escribas. Desde as dinastias tinitas, consciente do papel capital que podia e devia desempenhar a escrita na administração, o poder criou centros onde podiam formar-se escribas. No Reino Médio, muito orgulhosos de sua profissão, os escribas desprezavam todas as demais, e em sua obras, tratavam de inspirar o mesmo sentimento em seus discípulos. Mas, desde a V dinastia, os moralistas condenavam a vaidade dos escritores, alertando-lhes para o fato de que não possuíam o privilégio do pensamento justo.[107]

Por outro lado, a profissão tinha levado os escritores a não se contentar em apenas expressar seu pensamento. Paulatinamente, eles foram concebendo o cultivo da boa forma de dizer e isso levou a uma verdadeira emulação. Esta se dá em todo o Reino Novo, quando a organização do ensino está bem estabelecida. Compõem-se

[105] DAUMAS, F. p.389.
[106] CARDOSO, C. ibid., p.106.
[107] DAUMAS, F. ibid., p.389.

obras inteiras baseadas em desafios que lançam, uns aos outros, sábios confrades. Um dos testemunhos mais divertidos a esse respeito está numa inscrição feita à tinta na capela da Residência do Sul, perto da pirâmide de Djeser em Saqqara. Um primeiro visitante, lírico, tinha começado escrevendo:

> "O escriba Ahmosis, filho de Iptah, veio para ver o templo de Djeser. Encontrou-o como se o céu estivesse nele, como se Ra se levantasse nele. Logo disse: 'que caiam do céu, pães, bois, aves de criação e todas as coisas boas e puras para o *ka* de Djeser, o de voz justa. Que o céu chova olíbano fresco. Que goteje resina de terebinto.' Pelo o mestre da escola Sethemheb e pelo escriba (...) Ahmosis."[108]

Mas, bem ao lado, um colega achou tal literatura insípida, empolada e trivial. Devia ter uma boa opinião sobre si mesmo, pois se qualifica como "escriba de habilidade sem par entre todas as pessoas de Mênfis", e acrescenta: "Explica-me estas palavras. Dá-me asco quando vejo a obra de suas mãos (...). Dir-se-ia obra de uma mulher sem inteligência. Por que não foram denunciados antes que entrassem para ver o templo. Vi um escândalo. Esses não são escribas inspirados por Tot".[109]

Não há dúvida de que tais escolas constituíam meios favoráveis à vocação literária. Por menos que os amantes do bem falar tivessem para expressar, fariam-no melhor do que se não houvesse esses meios. Não cabe a menor dúvida de que os egípcios buscaram efeitos artísticos e que tiveram consciência do trabalho que deve desenvolver um artista. Ao ler o bonito texto do harpista, o que enaltece a profissão de escriba, pode-se perceber o quanto os egípcios apreciaram a produção literária e o seu valor e o quanto o autor tinha certeza de alcançar a imortalidade bem-aventurada por intermédio de sua arte. Conhecemos apenas dois dos muitos escritores célebres que este texto menciona, Ptahotep e Khakheperreseneb. Isso nos dá uma idéia do montante de obras desaparecidas.[110]

Essa literatura pessoal, cujas obras levam o nome de seu autor, requeria um público, de outra forma, não teria se desenvolvido jamais. Assim sendo, a classe de funcionários, que antes de entrar para a administração, tinha de passar pela escola,

[108] Ibid., p.390.
[109] Ibid., p.390.
[110] Ibid., p.392.

constituía, para os escritores, um auditório seleto, exigente e ao mesmo tempo, pedante. A índole desse grupo social explica, em parte, o caráter das obras. Seu aspecto escolar e técnico se deve a essa origem. Tratar temas antigos, quase sem modificá-los, era sinal de competência. A literatura tradicional acaba por ser uma literatura erudita e uma ostentação do que o escriba sabe ou pretende saber. Essa literatura utilizava a retórica da época, em particular, jogos verbais com base na mesma raiz, como, por exemplo, fez Ptahotep, nos seus *Ensinamentos*, com os verbos “escutar” e “obedecer”. Na Época Tardia, essa tendência se verifica, sobretudo na literatura religiosa, na qual as idéias são expressas em cenas simbólicas, o que acaba por complicar sobremaneira a escrita, enquanto que a língua e o pensamento continuam simples.

Um outro público tornou possível uma literatura mais espontânea. Era o público pertencente a corte de outras capitais. Podemos bem imaginar o público da Residência do Reino Médio, e também nos são bem conhecidas algumas produções da corte de Tebas no Reino Novo. Essa gente mais frívola gostava que se cantasse os sentimentos experimentados por ela. Nas reuniões das mulheres elegantes de Tebas, jovens servidoras, nuas ou quase nuas, distribuíam aos convidados flores, perfumes, cones de cera perfumados para por na cabeça e refrescos. Uma orquestra, composta por harpa, alaúdes e flautas, acompanhava um canto cuja letra convidava a gozar a vida tão breve. Nas festas de casamento, rapazes e moças, em solo ou em coro, entoavam cantos de amor. Desse modo, foi se desenvolvendo uma poesia lírica em que os temas eram a morte, o amor e a natureza.

O culto impunha a composição de hinos religiosos que se cantavam nas celebrações. Alguns deles tinham estribilho, o que implicava a existência de coros. Certas personagens extraordinárias, como Akhenaton IV, sentiram necessidade de desabafar seu sentimento religioso em estrofes maravilhosas. Alguns sábios ou santos tentaram traduzir, numa estela, ou em seus túmulos, uma vivência religiosa. A mímica que acompanhava certas liturgias, algumas das quais eram verdadeiros dramas, como o mistério do nascimento divino, foi induzindo, aos poucos, à representação, diante da

multidão, nos átrios dos templos. Eram uma espécie de mistérios mitológicos que vão dar origem aos primeiros testemunhos de composição dramática.[111]

Este público palacial era ávido, desde o Reino Antigo, de assistir, ao lado do rei, todas as magias destinadas a distrair o soberano, e gostavam de ouvir contar os feitos mais extraordinários, os que não podiam ver. Não há a menor dúvida que os contos eram primeiramente narrados por contista da corte e talvez em certos círculos de ouvintes menos proeminentes.[112] O estilo de alguns deles é mais coloquial, empregando sempre as mesmas formas gramaticais e frases feitas destinadas, ao mesmo tempo, a prender a atenção do ouvinte e a facilitar a memória do narrador. No antigo Egito, a princípio, a literatura era mais erudita e às vezes mais pedante, com o tempo ela assume uma expressão mais espontânea e mais direta dos sentimentos pessoais, como pretendo demonstrar.

Não é fácil retraçar a história da literatura faraônica porque das cerca de setenta obras registradas até hoje, apenas quinze se conservam mais ou menos completas. Várias delas estão num só manuscrito, enquanto as melhores cópias de algumas delas estão parcialmente defeituosas. Tirando essas quinze obras, vinte e cinco sobreviveram em estado tão fragmentário que é impossível reconstruir seus enredos. De outras, sobrou apenas o título.

As brechas em nosso conhecimento se devem também a natureza frágil do papiro que não resiste à umidade. Sendo assim, os maiores achados se deram em regiões áridas onde eram os cemitérios e, por isso, sobreviveram numerosos textos funerários. Foram encontrados ali alguns textos literários, mas não eram normalmente depositados em túmulos, a não ser por um motivo particular. Na cidade real de Tebas, onde devem ter sido produzidas muitas obras literárias, não houve nenhum achado, já que se localizava perto do rio. O mesmo é verdade para Mênfis, a antiga capital. As escavações no planalto de Saqqara trouxeram à luz uma boa quantidade de papiros literários. Sendo assim, só podemos concluir que a grande maioria da produção literária se perdeu. De qualquer modo, a cada descoberta aparecem textos

[111] Ibid., p.393.

[112] Ibid., p.394.

desconhecidos anteriormente o que significa que o nosso conhecimento da literatura está longe de se completar.[113]

As más condições de conservação nos obrigam a levar em consideração as lacunas e para melhor fazê-lo, é preciso tentar ver como estão distribuídas. A primeira questão que se coloca é quais obras foram copiadas com mais freqüência e por isso tiveram maior possibilidade de chegar até nós. Desse ponto de vista, a escola de escribas, que usava esses textos para fins de exercício em sala de aula, ocupava um lugar preponderante. Há textos dos quais sobreviveram muitas cópias, freqüentemente parciais. O texto mais copiado de todos é um manual chamado *Kemyt* escrito por volta do ano 2000 a.C., do qual nos restaram quatrocentas cópias parciais. Outras obras importantes da literatura também deixaram duplicatas, como por exemplo, *As aventuras de Sanehet*, *Os Ensinamentos de Amenemhat I* e a *Profecia de Neferti*.

As obras que não eram usadas na escola e que sobreviveram não são muito numerosas, mas são de melhor qualidade porque foram produzidas para agradar às pessoas cultas e esclarecidas. É o que acontece, por exemplo, com os *Ensinamentos de Ptahhotep*. Quanto menor e menos duradoura a popularidade de uma obra, mais incertas são, inevitavelmente, as possibilidades de preservação. Mas, às vezes acontece de se encontrar uma obra obscura como o *Diálogo entre um camponês e sua alma* que se preservou em boa parte, enquanto que dos *Ensinamentos de Hardjedef*, obra das mais admiradas da literatura, só nos chegou alguns fragmentos. O campo das histórias populares, comumente transmitidas pela tradição oral, não nos é muito conhecido, já que tais histórias só aparecem em escritos literários de maneira acidental, numa forma certamente embelezada. Tudo indica que uma grande parte do folclore se perdeu para sempre.[114]

Quanto a textos que se adaptam às expectativas da poesia moderna lírica só entram no cânone da literatura escrita no Reino Novo. Seu “charme imediato”[115] pode ser exemplificado num fragmento de uma canção de amor que foi escrita no avesso de um papiro de um aprendiz em cerca de 1220 a.C.:

[113] POSENER, G. op. cit., p.234.
[114] Ibid., p.236.
[115] PARKINSON, R.B. op. cit., p.8.

"Se o vento vier, é para o Sicômoro.
Se você vier é para mim".[116]

Os poemas geralmente não são românticos no pleno sentido da palavra, mas não são nem impessoais, nem abstratos. Eles têm uma maneira íntima de lidar com os temas pessoais e são preocupados com o coração humano. A vida ética do homem é a sua preocupação central e não o cultivo da subjetividade ou de emoções pessoais como o amor romântico.

Já as narrativas parecem um tipo mais familiar de literatura, apresentam convenções de estilo que nos parecem estranhas. Elas são organizadas a partir de alguma descrição de detalhes supérfluos e são narradas de forma objetiva mesmo quando estão na primeira pessoa. A reação da audiência é guiada mais pela forma literária do que pelo comentário explícito do autor. A linguagem da literatura era arcaica e completamente distante da linguagem diária com uma elocução muito formal e uma gramática que só ocasionalmente expunha aspectos coloquiais. Isso não quer dizer que a poesia fosse necessariamente inacessível ao povo, só que sua linguagem era diferente da linguagem comum. A forma de expressão é rebuscada, mas não é sensual, exótica ou erótica. Possue uma elegância sóbria e um gosto pelos trocadilhos. Os trocadilhos são muitas vezes formas da mesma palavra, mas alusões a palavras homônimas e homófonas podem acrescentar sentido. Embora não seja possível reconstituir a pronúncia da língua egípcia, pode-se imaginar que a sua ressonância acrescentava qualidades aos poemas.

A tendência para a elocução epigramática ou proverbial é particularmente forte nos poemas didáticos e reflexivos que apresentam fórmulas gerais de sabedoria. Esses textos sapienciais são prescritivos, explicitamente moralistas e retóricos. Muitos aspectos dos encantos do trabalho original, incluindo a virtuosidade retórica, habilidade métrica e sua sonoridade, não podem mais ser apreciados por uma audiência moderna. A natureza do verso egípcio tem sido muito discutida. Gerhard Fecht[117] analisou os poemas e afirmou que tal verso era baseado na contagem de

[116] Ibid., p.9.
[117] Apud PARKINSON, R. B. op. cit., p.10.

unidades importantes, mais do que na alternativa entre sílabas longas ou curtas. A diferença entre o poema e a prosa é de grau mais do que de classe.

O uso de muitas formas verbais, que poderíamos considerar um exagero, era uma virtude no Egito antigo, assim como em muitas sociedades semi-orais. Não obstante, a forma primorosa ainda pode ser apreciada na simetria interna de composições fortemente estruturadas tais como *As aventuras de Sanehet*. Essa estrutura e, em escala menor, o uso da repetição, deu ao trabalho uma grande ressonância e profundidade. A repetição de frases pode dar um efeito de integridade e autoridade, apresentando o mesmo tema numa variedade de modos complementares, mas que também pode produzir um entrelaçamento polifônico de imagens e motivos que incorporam a riqueza e complexidade do tema da obra. Nos textos sapienciais, esse entrelaçamento cria a impressão de uma rápida corrente de pensamentos, explorando e desenvolvendo a compreensão, proliferando imagens e formulações.

A forma, o tom moral e a linguagem clássica da maior parte dos exemplos sobreviventes do Reino Médio sugerem que eles englobam uma alta tradição culturalmente centrada. Mas, a literatura, como já foi dito, não foi rigidamente restrita a esses gêneros palacianos. Alguns trabalhos, especialmente os contos, apresentam estruturas mais soltas, linguagem mais coloquial e são menos sérios, sugerem a existência de tradições mais periféricas, onde quem saía perdendo era o *decoro*. O conto *Proezas de magos* é a melhor evidência disso. É um exemplo típico do gênero, porém é mais difuso e picaresco, menos rígido e está numa linguagem menos formal. Seus temas são menos elevados, embora, muitas vezes, sejam paródias de assuntos mais sérios. Seu anedotário de maravilhas é mais frívolo e sensual do que qualquer obra da alta tradição.

Aspectos menos elevados foram amplamente adotados nas composições escritas no fim do Reino Novo quando o mais coloquial egípcio tardio era usado como linguagem escrita em documentos. A composição característica desse período não era mais o texto sapiencial, mas narrativas episódicas e coleções de vários tipos de composição, formando uma antologia didática. Os limites da literatura parecem ter alcançado um *decoro* mais amplo, e os textos do Reino Médio ficaram esvaziados de sentido por sua idade e linguagem e foram transformados em clássicos para

aprendizes escribas e continuaram assim a ser transmitidos ao lado de novos e mais variados gêneros.[118]

2.2 - O papel da literatura no Egito antigo:

As obras da alta tradição do Reino Médio foram concebidas como “monumentos ao eterno intelecto”, e muitos mostram a influência de inscrições funerárias e textos oficiais. Eles meditam, ensinam e relatam sobre a “natureza da humanidade” e a “natureza da eternidade”. A literatura era perene como a durabilidade física dos monumentos.[119]

Principalmente os textos sapienciais demonstram o que os egípcios queriam expressar com o nome “Maat” – a verdade, a ordem, a retidão e a justiça -, tomadas conjuntamente. Esta era a forma da organização social, e por extensão, a do cosmo: “A recompensa do homem que faz é o que é feito por ele: no coração de deus, isto é - Maat”.[120] A questão da verdade é tratada nos Ensinamentos como muitas injunções de ‘fazer’ e ‘dizer’ a verdade em públicos e privados contextos. Maat é uma expressão da solidariedade da sociedade que reflete a solidariedade do cosmo no tempo e no espaço, um princípio que opera através das leis de reciprocidade e retribuição. A verdade também é descrita de uma maneira geral, num nível cósmico e com exemplos de situações específicas.

Como a arte representativa e toda a produção cultural, a literatura estava subjugada às regras inerentes ao *decoro*. A ideologia egípcia, como formulada em documentos oficiais e inscrições, apresenta uma visão da vida ordenada e coerente, uma construção paradigmática da realidade, que esqueceu os eventos inconvenientes e escondeu as contradições. Seus temas são, na sua maior parte, temas estatais, assim como a linguagem é usualmente formal e palaciana. Os Ensinamentos, por exemplo, são quase sempre dirigidos a um membro da elite e se referiam ao seu comportamento ético. Uma exceção é o texto *Sátira das profissões*, onde vinhetas

[118] Ibid., p.10-12.
[119] Ibid., p.13.
[120] Inscrição na estela do rei Neferhotep I apud PARKINSON, R. B. op. cit., p.13.

satíricas da vida das pessoas muito pobres serviam para mostrar que o trabalho de escriba era melhor e que a escrita era duradoura.

Bárbara Lesko aponta os historiadores que desde o século dezenove acreditavam que a arte egípcia era um artesanato unido às exigências da religião (Aldred), que o Egito não conhecia a arte pela arte (Gaballa, 1976), e que a arte era funcional (Simpson, 1970 e Shäfer !1974)). Shäfer admitiu a possibilidade de uma arte representativa que seria secular em seu propósito e não só em seu conteúdo. Gaballa dizia que a arte egípcia era um instrumento a serviço do rei. Ela também cita Michalowski (1978) e William Hayers (1959) que reconheceram o conteúdo social da arte egípcia, percebendo nela os gêneros secular, "refinado" e "popular", assim como o religioso e funerário.[121] Georges Posener também considerou esses escritos como propagandas, mas estudos recentes chegaram a conclusão que o termo "propaganda" restringia o âmbito desses trabalhos. Eles têm uma forte tendência a afirmar valores da realeza, mas eles não afirmam valores "culturais" numa simples maneira propagandística. Eles formulam e examinam princípios básicos do ponto de vista egípcio e preocupações políticas centrais, como a relação entre poder e cultura, mais do que eventos políticos. A literatura parece estar mais preocupada com os indivíduos que a compunham, transmitiam sua sabedoria e experiência individual do que com representantes "aristocratas" do Estado. Ela pertencia mais à vida privada e não tanto ao "incessante mundo universal de religiosas e monumentais conquistas".[122]

A literatura crítica é característica do Reino Médio e não tem sucessores nos períodos subseqüentes. São obras dirigidas a membros específicos da elite ou a uma audiência indefinida e muitas vezes para as classes baixas. Elas expressam um lamento sobre a imperfeição das pessoas, da sociedade e do próprio cosmo. Contra a verdade, elas apontam a falsidade, o erro, a desordem e o caos. Levantam questões sobre a existência da imperfeição e do sofrimento e deixam transparecer a crença egípcia em uma cosmologia negativa, pela qual o universo tem uma tendência. Esses temas exploram os problemas e questionam a justiça dos deuses. Eles expressam questões teódicas mais fortemente do que quaisquer textos religiosos que falam sobre

[121]LESKO, Barbara. True Art in Ancient Egypt. In: LESKO, Leonard H. *Egyptological Studies in Honor of Richard A. Parker*. Hanover/London: Brown University Press, 1986 p. 85-87)
[122] PARKINSON, R. B. op. cit., p.14.

o assunto. Esses textos críticos, apesar do sofrimento que expressam, tinham a intenção de ser uma fonte de prazer estético, presumivelmente de maneira semelhante aos sofrimentos representados na tragédia ocidental. As obras da grande tradição refletem as preocupações com essas questões na forma e no motivo, mas as narrativas são mais específicas em seu tratamento desses assuntos e elas permitem que grandes temas se misturem com aspectos diários da vida como o humor: a imperfeição da humanidade pode ser uma fonte de risos tanto quanto de desespero. Esse tom rebelde permeia essa literatura e é uma das suas características mais nítidas.[123]

O desejo homossexual não tinha lugar na sociedade egípcia idealizada na literatura e todos os seus sinais são ausentes nos textos comemorativos, religiosos e mortuários, mas aparece em várias narrativas. As contradições entre o ideal exaltado pela ideologia e a imperfeita atualidade da vida presente não estão articuladas em textos oficiais, enquanto que as narrativas falam das contradições numa mediação entre o ideal e o atual.

Não há nenhum traço de rebelião intelectual ou discordância, qualquer personagem periférico é julgado pelos padrões e valores da elite e não existe voz alternativa falando independentemente. A discordância potencial parece ter sido articulada quase que para ser acomodada e contida pela literatura dentro do *status quo* da corte. Os rebeldes poderiam aparecer nos manuscritos de maneira programada, como confirmações das severas medidas impostas pelo Estado para reforçar seu ideal, mas a apresentação literária não é feita de modo a armar uma cilada contra os rebeldes. Ao contrário, a literatura revela e cria uma simpatia pelo rebelde, o individualista, o vulgar.[124]

Através de seu conhecimento das anomalias, casualidades e complexidades, a literatura permitiu à sua audiência privilegiada explorar ou desempenhar possíveis realidades complementares, como ensinavam os autores, meditando ou narrando suas interpretações da humanidade e do divino. À medida que a audiência ouvia histórias de príncipes e camponeses imaginários, ela, alegremente, expandia as suas próprias experiências e vivia as experiências de diferentes indivíduos de diferentes mundos.

[123] Ibid., p.15.

Inscrições comemorativas monumentais trazem um discurso de perfeição permanente para a eternidade, mas a narrativa procura a eternidade através da humanidade e cria um espaço para o entretenimento como para a sabedoria.

> Nas mãos dos escritores egípcios, as intricadas dificuldades e escolhas da vida se transformavam em uma espécie de encantamento, e os pesadelos de experiências conturbadas se tornaram, para sua audiência, um sonho divertido, ou uma revelação da graça, sem perder sua rebeldia e qualidades mobilizadoras. A literatura transforma um mundo imperfeito em um "discurso perfeito".[125]

Assim, a literatura egípcia antiga revela que os problemas da vida foram tratados com complexa sensibilidade. Ela foi um poderoso meio de definição cultural destinado a ser um memorial eterno, como disse Ptahotep, ela foi composta para falar ao futuro. Esses manuscritos são fontes da poesia cultural desse povo e devem ser estudados com objetividade e isenção do espírito moderno, respeitando as convenções de seu mundo diferente sem, no entanto, deixar de ver vida neles.

2.3 - Literatura e contexto histórico no Egito antigo:

A literatura cria seu próprio mundo, mas também é o produto de uma cultura particular. A cultura egípcia era tão diferente da nossa, que é preciso um *background* histórico para compreendê-la. Do Reino Antigo, só conhecemos três gêneros literários: a poesia religiosa, os Ensinamentos e a biografia. Nenhum manuscrito literário do Reino Antigo foi encontrado, embora saibamos, por documentação posterior e pela tradição, que a literatura já florescia nesse período. No gênero Ensinamentos, o autor mais antigo conhecido é Imhotep que era conselheiro do rei Djeser da III dinastia (cerca de 2650 a.C.). A sua fama perdurou, pelo menos, meio milênio depois de sua morte, e foi deificado na Época Tardia. Nada restou de seus textos sapienciais, mas é provável que suas máximas tenham sido reproduzidas e comentadas por escritores que vieram mais tarde, ou citadas em biografias, mas não podem ser identificadas. Os egípcios antigos não identificavam as suas fontes, nem recorriam a aspas para indicar

[124] Ibid., p.16.
[125] Ibid., p.17.

citações. Dos Ensinamentos do príncipe Hardjedef, filho de Khufu (Queóps) da V dinastia (cerca de 2600), sobreviveram alguns fragmentos de cópias escolares posteriores mil e quinhentos anos de seu tempo. Nesses poucos fragmentos, pode-se perceber uma grande preocupação com a morte e com os preparativos para outra vida, além de conselhos para que um homem de recursos estabeleça um lar, construa uma casa para seu filho e estabeleça uma boa propriedade rural. Foi nesse período que foi construída a grande pirâmide de Guiza.

Sobreviveram, do Reino Antigo, as duas últimas páginas dos Ensinamentos de um homem menos ilustre que Imhotep e Hardjedef. Não se tem certeza de seu nome, mas sabemos que era vizir e que seu filho se chamava Kagemni. Quanto à data, o próprio texto atribui à obra ao fim da V dinastia (por volta de 2350 a.C.), mas os egiptólogos acreditam tratar-se de um produto da XII dinastia remetido ao Reino Antigo (como no caso dos *Ensinamentos de Pathhotep)*. No fragmento que restou deste texto, encontram-se, em particular, regras de comportamento à mesa. É um convite à frugalidade, à moderação e à modéstia, qualidades que representam o ideal dos moralistas egípcios. O homem sábio é chamado de “o homem silencioso”.

Os *Textos das pirâmides* são partes de um ritual funerário colocados nas câmaras subterrâneas da pirâmide de Unas (2375- 2345 a.C.), prática seguida pelos reis da VI dinastia. Uma boa parte deles, estritamente litúrgica, tem uma longínqua relação com a literatura, algumas páginas, hinos e dedicatórias ao morto são de uma beleza e uma força impressionantes. Certo lirismo um tanto violento inspira, às vezes, poemas bem construídos nos quais já aparece o paralelismo que constitui uma das leis mais gerais da poesia de todo o antigo Oriente Próximo: a crença profundamente enraizada nas mentes de que a palavra pronunciada cria a realidade. Isso se expressa em ordens grandiosas ou afirmações peremptórias destinadas a garantir a sobrevivência e o poder do rei morto. Foi desse modo que as mais antigas composições humanas de certa importância chegaram até nós. Oferecem dados históricos inestimáveis, mas também proporcionam ao leitor moderno a possibilidade de observar uma vivência religiosa radicalmente distinta da nossa, num mundo que também já não é mais o da cultura refinada que se desenvolveu sob a V dinastia.

Em algumas ocasiões, a própria estranheza das concepções e imagens, que desconcertam o leitor moderno, talvez já surpreendesse o leitor egípcio do Reino Antigo. O objetivo dessa literatura era o de conferir ao rei morto o máximo de poder e força. Para tanto, fizeram-no absorver os poderes divinos, incorporá-los. Numa forma, às vezes brutal, os versos põem os deuses a serviço de Unas, alguns dos quais degolam e cozinham seus congêneres para dar de comer ao rei. É uma composição que recebeu o nome de "hino canibal". Mas, é muito difícil de dizer o que significava exatamente este escrito na mente do egípcio culto do Reino Antigo. De qualquer modo, o texto faz referência a deuses pegados a laço, como touros selvagens, então deve se pensar que só pode tratar-se de metáforas. Talvez fosse melhor que seu título fosse 'hino de caça aos deuses', mas sua beleza selvagem é indiscutível. Eis aqui uma parte dele:

> Um escriba acrescentou duas frases ao texto:
> "Como seu pai Atum que o engendrou
> - o engendrou, mas é mais forte que ele –
> . . .
> Unas é o touro do céu
> Que vive na essência de cada deus,
> Que comeu suas vísceras quando vieram
> - com o ventre cheio de força mágica –"[126]

O objetivo da obra é claramente o de enaltecer o rei defunto, e os comentários do escriba enfatizam ainda mais esta idéia. Mais tarde, esses comentários foram incorporados ao texto, procedimento que se tornará corriqueiro.

Outro gênero literário, a biografia, aparece por último no Reino Antigo e floresce por toda a história do Egito antigo. Esses relatos se apresentam sob duas formas. Por um lado são a confissão de fé do defunto, uma declaração dos princípios que ele observou para ter acesso à vida após a morte. O autor dá mais ênfase aos ideais morais que alcançou neste mundo do que aos fatos reais que se produziram durante a sua existência. É claro que, formados na escola de grandes vizires do reino, funcionários de esforçavam para aplicar, durante a sua vida, as regras que lhes haviam inculcado desde de quando ainda eram rapazes.

[126] Apud DAUMAS, F. op. cit., p.397.

Mas, desde esses tempos, outros personagens quiseram transmitir à posteridade o relato de sua carreira no seu aspecto histórico. O mais belo exemplo que nos chegou é a vida de Uni, que, começando num posto subalterno, fez uma bonita carreira no reinado de Pepi I e, em seguida, sob Merenra. Em um relato claro, preciso e sóbrio, o protagonista conta, na primeira pessoa, as suas aventuras. O autor soube introduzir, entre uma prosa sagaz e quase um pouco seca em certos momentos, uma espécie de poema lírico cujo estribilho entoa uma vitória importante contra os asiáticos. Tudo parece indicar que a composição foi executada por dois coros na volta desta batalha vitoriosa.

Na medida em que é possível julgá-la, a produção literária do Reino Antigo refletia uma espécie de segurança, uma fé inquebrantável no poderio e na duração de um reino que criou a primeira grande civilização conhecida. Os transtornos sócio-políticos, que ocorreram no fim do período, abalaram as estruturas sociais e religiosas. Ficou difícil entender como que o deus criador e seu filho, o rei, puderam deixar o país à deriva a ponto da criação, de certo modo, ficar ameaçada de aniquilamento. O declínio do Estado menfita e a insegurança decorrente influenciaram a literatura. No Reino Antigo, as pessoas que escreviam eram as que estavam próximas ao faraó, eram os notáveis, e suas obras eram na maioria do gênero sapiencial.

No Primeiro Período Intermediário, altera-se o quadro, o equilíbrio social é substituído por conflitos e sublevações que se refletiram na literatura, os reis se tornaram figuras menos inacessíveis e começaram a aparecer nos textos falando, assim como começaram a aparecer falas de camponeses. Multiplicaram-se os gêneros literários. É quando surge a diatribe política e social; a discussão filosófica em forma de diálogo, um tipo de discurso que é ao mesmo tempo uma lamentação e uma crítica; o testamento monárquico; a profecia. Dessa produção, assim como da do Reino Antigo, apenas possuímos os poucos escritos preservados e recopiados por sucessivas gerações.

Quando a IX e a X dinastias heracleopolitanas restabeleceram, em parte, a unidade do Delta ocidental e no Médio Egito, dois de seus reis conceberam a idéia de escrever ensinamentos para seus filhos, como haviam feito os vizires para seus descendentes, ou para os futuros funcionários. Com isso, criaram o gênero

ensinamentos reais. Uma dessas obras se tornou muito célebre e foi copiada várias vezes. Não sabemos com certeza quem era de fato o pai de Marikare, o autor da obra. Beckerath (1966:20) sugere que se tratava de Neb-kau Ra. É uma composição meio moral, meio política, que conserva dos Ensinamentos clássicos toda uma série de parágrafos referentes ao silêncio, à justiça, ao respeito à lei, ao temor a Deus e ao destino individual. O texto apresenta também um conjunto de conselhos de ordem política: a forma como se deve tratar as pessoas da oposição, a clemência que se deve demonstrar, a necessidade de se mostrar firme em certas ocasiões. Evidentemente, estas palavras só podem ser dirigidas a um rei. Também se encontra na obra uma exposição da situação política do Egito na vigília de um ataque tebano contra Heracleópolis, assim como algumas considerações sobre o que seria conveniente mudar ou conservar na tal situação. Trata-se do testamento de um faraó para seu filho, feito para instruí-lo na arte de governar, sem prejudicar a reputação, nem a salvação eterna. Assim, o conteúdo dessa composição é sumamente rico, mas o seu tom literário não é menos notável. O autor quis imitar a densidade dos modelos antigos. Foi chamado de obscuro por Heráclito. Mais tarde, fizeram anotações nas margens do texto destinadas a facilitar a sua leitura. Depois, esses comentários foram incorporados ao texto e François Daumas é de opinião que devemos retirá-los se quisermos compreendê-lo devidamente. [127]

O pensamento do velho rei foi muito influenciado pelos obstáculos que teve de enfrentar, tanto ao tentar estabelecer solidamente sua autoridade na parte do país que governava, como ao lutar contra os estrangeiros que dominavam o Delta oriental ou contra os poderosos nomarcas tebanos do sul, conseqüentemente insiste na posição pessoal que deve tomar o rei no governo. Ele sabe que o rei é deus e que se distingue de milhões de homens desde as entranhas da mãe (embora só se torne um deus ao ser entronizado). Mas, esta idéia passa para o segundo plano em época de crise, de modo, que o que se espera é o trabalho do rei. Nada pode dispensar-lhe de exercer a inteligência absolutamente necessária à sua função. A lucidez deve vir acompanhada de um domínio perfeito de si mesmo e dele se desprender a bondade. O estilo, às vezes é grandiloqüente, tal como os escribas antigos gostavam de fazer: “Grande é o

[127] Ibid., p.397-402.

grande homem cujos grandes homens são grandes".[128] Mas, no mais das vezes, a imagem aparece apenas para dar mais relevo à idéia.

Os *Ensinamentos para o rei Merikara* chegou a ser um clássico no melhor sentido do conceito.[129] Chegou-se a discutir a autoria da obra, se foi o próprio rei que escreveu, ou se ele havia contratado um escritor profissional. Ambas as hipóteses são plausíveis, mas o texto transmite os sentimentos de um rei e, por isso, ele pôde terminar dizendo: "Eis que te disse o melhor de meus pensamentos, age de acordo com o que está assentado diante de ti".[130]

O outro exemplo sobrevivente de conselhos régios ao sucessor são os *Ensinamentos do rei Amenemhat I*. Neste caso, o rei se dirige a seu filho, Senuosret I, com o qual parece ter dividido o poder em co-regência durante dez anos. O fato é que Amenemhat, vizir de Montuhotep IV, último rei da XI dinastia heracleopolitana, usurpou o trono e fundou a XII dinastia. O novo soberano, após um longo período de disputas provinciais, para assegurar a unidade do país, empreendeu uma nova organização político-administrativa, e tratou de consolidar militarmente as fronteiras. Para se legitimar como faraó, encomendou a confecção de textos de "propaganda", como *As profecias de Neferti* e a *Sátira das profissões*. No primeiro, ele é "profeticamente" anunciado como o rei salvador do país, e no segundo, dedica-se à valorização do escriba, elemento importante no esforço de reestruturação do Estado. A maioria dos egiptólogos acredita que o texto de ensinamentos que ostenta o nome de Amenemhat como autor foi escrito na verdade no reinado de seu filho e sucessor. Senuosret I teria encomendado a obra a um escriba famoso de nome Kheti, o mesmo autor das duas obras de "propaganda" citadas acima. Mas, nem por isso devemos negar a paternidade da composição de Amenemhat. Um rei pode não ter tempo, nem

[128] Apud ARAÚJO, E. op. cit., p.284.

[129] A propósito da literatura, tomo a palavra clássico para designar as obras que se consideram caracterizadas por uma unidade de forma e de conteúdo capazes de constituir exemplo e matéria de ensino. São obras dotadas de um prestígio duradouro e que podem funcionar como critério de medida. Como são utilizadas no ensino, estão relacionadas à transmissão do poder. O conceito está ligado aqui à idéia de maturidade, sabedoria, serenidade, compostura e reserva. Essas qualidades estão, por sua vez, ligadas à virtude do controle sobre si mesmo, o domínio sobre as paixões e sobre a desordem. Representa um controle da individualidade e constitui-se como obstáculo às tendências desagregadoras. *Enciclopédia Einaudi*, vol 17, verbete 'clássico', p. 295-305.

[130] Apud ARAÚJO, E. op. cit., p.292.

domínio suficiente da arte para escrever a suas memórias. Ao mesmo tempo, ele pode confiar a obra a um escriba e impor todo o conteúdo de seu pensamento, como fez Luis XIV confiando a Pellison a tarefa de redigir uma parte de suas *Memórias*. Isso não impediu que estas expressassem o pensamento e a experiência política deste rei. Apesar do lamentável estado em que nos chegou a obra, ela conserva muito de sua força.[131]

Depois de Amenemhat I não houve mais Ensinamentos reais, porém o tom desiludido do velho rei havia impressionado as imaginações. A solução política para a instabilidade do poder foi a co-regência, que, na XII dinastia, chegou a ser verdadeira norma. À medida que a dinastia ia se consolidando, e iam desaparecendo as crises sucessórias, esse pessimismo invade a literatura, e, em menos de cinqüenta anos, penetrou nas artes plásticas. Sempre se verifica este atraso da pintura e da escultura em relação ao pensamento.[132]

A literatura egípcia apareceu no começo da XII dinastia, e o Reino Médio é considerado o seu período clássico. Não foi resultado direto dos distúrbios do Primeiro Período Intermediário, mas suas origens podem ser encontradas nas mudanças sociais, na elevação de uma classe de plebeus livres, com riquezas e respeito pela "excelência". Os funerais do período mostram um crescente acesso aos escritos religiosos, o que atesta uma mudança no decoro cultural e um sinal de desenvolvimento da instrução. No começo do Reino Médio, autobiografias escritas em túmulos não eram mais prerrogativas das elites e devem ter servido de modelo para a expansão das formas escritas em geral.

Neste período, os gêneros literários antigos, que haviam sido modificados e elaborados pelos escritores das dinastias heracleopolitanas, tornaram-se mais sóbrios. Sua variedade e abundância revelam o profundo refinamento de uma sociedade cujo gosto estético se manifesta tanto pelo amor ao bem falar, como pelo amor à arte. É também quando aparece um gênero novo: o teatro. O reconhecimento da existência de textos dramáticos no Egito faraônico é recente. Etienne Drioton[133] estabeleceu

[131] DAUMAS, F. op. cit., p.409.

[132] Ibid., p.405.

[133] Le théâtre égyptien. In: *Pages d'égyptologie.* Cairo: *La Revue du Caire*, 1957, p. 217-372. apud ARAÚJO, E. op. cit., p.54.

certos critérios de identificação desse tipo de literatura. Uma característica desse tipo de texto reside no argumento, que na maior parte das vezes se concentra no ciclo de Osíris, amplamente propício à ação teatral. Outra especificidade dos textos dramáticos hoje disponíveis é que foram retirados de seus contextos e adaptados em outros, principalmente o mágico e o funerário. Desse modo, possuímos apenas uma espécie de resumo de suas formas originais. Apenas uma obra pode ser considerada como peça teatral, *A Contenda entre Hórus e Set,* a partir dos critérios estabelecidos por Drioton, tais como: anúncio de personagens, indicações cênicas e o caráter das réplicas.

Quando o Estado começa a se fortalecer, no Reino Médio, com dificuldade, depois de um longo período de confusão, aparecem textos destinados a formar funcionários, pela necessidade urgente de proceder à reestruturação do poder. Eram manuais didáticos dos quais só possuímos cópias posteriores. O primeiro deles se chama *kemyt*, palavra que parece significar "o todo". Posener[134] acredita que seja possível que a palavra "química" derive de "*kemyt".* Contrariamente à tradição tardia, *Kemyt* nada continha de misterioso, a não ser para nós que não o compreendemos muito bem. Nele encontramos um impressionante apanhado de fórmulas epistolares e de conselhos sobre a prática do autocontrole e a aplicação árdua aos estudos para que o leitor se tornasse um alto funcionário da corte.

O segundo desses manuais didáticos é a *Sátira das profissões*. Seu autor não é nenhum vizir e sua obra se dirigia a seu filho que ia ingressar na escola de escribas. O texto começa com uma citação, comentada e desenvolvida do *Kemyt*. A idéia principal é a de enaltecer a carreira de burocrata, mostrando as desvantagens das profissões que não requerem estudos. Tem um cunho satírico que foi grandemente explorado, mais tarde, no Reino Novo, mas, mesmo assim, trata-se de uma composição sapiencial. O motivo da sátira também é encontrado na Bíblia, no livro do *Eclesiastes* 38: 24-30, por exemplo.

Remonta também ao início do Reino Médio o texto apócrifo *As profecias de Neferti* cujo objetivo era legitimar o faraó usurpador Amenemhat I, o fundador da XII dinastia. O rei Senéfru, entediado, pediu a alguém que o distraísse com "algumas

[134] POSENER, G. op. cit., p.241.

belas palavras". O sacerdote-leitor Neferti foi chamado. Quando chegou, perguntou ao rei se ele queria ouvir sobre o passado ou sobre o futuro. O rei preferiu a segunda opção. Neferti então começa a descrever tempos conturbados de caos social, uma revolução que transtornará o Egito. Mas tudo acaba bem com a profecia do aparecimento de um rei Amenemhat I:

> Eis então que um rei chegará do sul, Ameny, o justo de voz, é seu nome, filho de uma mulher da Núbia, nascido no Alto Egito... regozijai-vos, ó gente de sua época, o filho de um homem importante fará renome pela eternidade *djet* e pela eternidade *neheh*. Os que caíram no mal e tramaram a rebelião refrearão a boca com medo dele... Maat voltará a seu lugar, enquanto o mal será expulso. Regozije-se quem verá isso e quem servirá ao rei![136]

A narrativa situa as profecias nos tempos áureos do Reino Antigo, no governo de Khufu. Por intermédio desse artifício, o autor faz de conta que profetiza a vinda de um faraó que iria salvar o Egito de suas agruras e que ele seria Amenemhat. Tudo leva a crer que o gênero profético surgiu no Primeiro Período Intermediário, quando as pessoas necessitavam de esperança no futuro. Existem referências a textos proféticos muito mais tardios, escritos em demótico e versões gregas. Mas a literatura com um certo cunho político, que apareceu nesse período, toma o aspecto de panfleto de propaganda.

Há ainda dois Ensinamentos em que a tendência ao enaltecimento do rei é mais constante. O primeiro, cujo autor era um alto dignitário, ensina que o êxito e a felicidade consistem na veneração do faraó que possuía um poder ilimitado. Depois de um panegírico ao faraó, o texto recomenda que se pense na felicidade do povo sem o qual a classe proprietária não seria nada. O segundo, que se chama "Ensinamentos de um homem para seu filho", é dirigido ao público mais numeroso e popular, mas tem o mesmo objetivo que o primeiro, ou seja, o de enaltecer o faraó. Afora esses ensinamentos, hinos e outros textos de menor importância demonstram a extensão do movimento de enaltecimento do rei, que sem dúvida, não era inteiramente espontâneo.

[136] In: ARAÚJO, E. op. cit., p.199-200.

A XII dinastia produziu tanta literatura sapiencial que por volta de sua metade, atingiu um certo grau de saturação, tanto da forma de expressão, quanto do assunto. Um sacerdote de Heliópolis, na sua obra *Coleção de ditos*, da qual apenas restaram umas vinte linhas, queixa-se da dificuldade de encontrar algo novo a dizer.

"Os Ensinamentos de Ptahhotep", acima referidos, é uma obra culta e afetada que procura transmitir a longa tradição, citando máximas de seus antecessores, as quais interpreta e desenvolve. Suas frases são muito concisas e a leitura também parece ter sido difícil para os antigos egípcios, já que mais tarde tiveram a necessidade de elaborar uma versão mais desenvolvida e mais clara para evitar que um clássico se perdesse. François Daumas considera a densidade da obra insubstituível e, por isso, recomenda que se tente, na medida do possível, traduzir o origina.[137] Ensina boas maneiras e a arte da eloqüência que consistia também em saber calar. O "homem silencioso" é o sábio que sabe escutar e assim tem condições de sair-se bem tanto no cumprimento das instruções quanto na vida. Preocupa-se também com defeitos mais difíceis de eliminar, como a avidez e a avareza. Enfim, na vida pessoal, convém controlar as paixões.

> Se desejas conservar a amizade numa casa em que entres como senhor, irmão ou amigo, em qualquer lugar onde entres, evita aproximar-te das mulheres! Não é bom o lugar onde isso acontece, nem é perspicaz quem se insinua a elas. Mil homens podem enlouquecer por seu (próprio) impulso: um breve momento, parecido a um sonho, a morte chega por havê-las conhecido.

E, sobre o casamento, ele dá os seguintes conselhos:

> Quando prosperares e construíres teu lar, ama tua esposa com ardor, enche seu estômago, veste suas costas, o ungüento é um tônico para seu corpo. Alegra seu coração enquanto viveres, ela é um campo fértil para seu senhor. Não a julgues,mas afasta-a de uma posição de poder. Reprime-a, pois seu olho é um vento de tempestade quando ela encara. Abranda seu coração com o que acumulaste], assim ela permanecerá em tua casa. Se a repelires, virão lágrimas. Uma vagina é o que ela oferece por sua condição, e tudo o que indaga é quem lhe fará um canal.[139]

[137] DAUMAS, F. op, cit., p.398.
[139] Lhe fará um canal quer dizer: lhe dará alimento e vestuário, apud ARAÚJO, E. op.cit., p.252.

Essas obras eram destinadas aos filhos dos mais altos postos da hierarquia egípcia, daí a sua preocupação com as regras de etiqueta e comportamento, obediência e fidelidade a superiores, assim como, com a forma de tratar os inferiores e de julgar. Tais obras se preocupavam também com questões privadas como a mulher, os filhos e os amigos. Nelas, o papel que a religião representa é pequeno. Quando o autor fala de deus, está se referindo ao faraó. Há um certo oportunismo que não é inconsistente com o sentido moral; são obras edificantes.

A biografia foi cultivada, nesse período, como no Reino Antigo. Umas contam parte da vida dos protagonistas, como na estela de Ikhernofré, conservada em Berlim, na qual está a história de como este personagem organizou os grandes mistérios de Osíris em Abidos. Outras narram com mais amplitude a vida de seus protagonistas, para quem foram escritas. Empregavam sempre o mesmo estilo narrativo, simples e claro, mas, cada vez mais, os escritores se propunham à perfeição forma.

As *Aventuras de Sanehet* não é uma obra de propaganda como as anteriores, embora enalteça a figura de Senuosret I. Apresenta um tom reverente por se tratar de uma autobiografia funerária. A elegante simplicidade do estilo faz desta peça egípcia uma obra de primeira linha. A seleção das formas verbais tem sido estudada com apuro. Enquanto outros contos, como os do Papiro Westcar, são cheios de repetições, como normalmente faz o povo ao contar suas histórias, pontuando o relato com “então ele disse”, ou “então ele fez”, “no conto de Sanehet, as histórias se sucedem com uma variedade e uma propriedade impecáveis.”[140]

Os outros contos do Reino Médio, se não chegam a alcançar a perfeição do de Sanehet, também têm interesse. Alguns oferecem protótipos de histórias que se encontram em todos os países. Ou constituem o relato de um feito maravilhoso e único como *As aventuras de um náufrago* em que o protagonista chega a uma ilha habitada por um dragão. Ou consistem numa espécie de conto à maneira de *As mil e uma noites*: um rei se entedia e faz vir a ele magos com a missão de realizar prodígios para distraí-lo, ou alguém que lhe contasse feitos maravilhosos.

---

[140] DAUMAS, F. op. cit., p.407.

Essas narrativas são sóbrias e até mesmo um tanto secas se não fosse por passagens enriquecidas por alguns detalhes que são sempre úteis para a compreensão das coisas. Um exemplo é a descrição do pavilhão do lago em cuja borda, a mulher de Ubainer se encontrava com o amante, no Papiro Westcar. Outro é o dragão da ilha do *Náufrago,* que era incrustado de ouro e pedras semipreciosas, o que deixa perceber tratar-se de uma divindade. Os egípcios eram contistas natos, e já sabiam empregar o fator surpresa. O dragão, a princípio parece ameaçador, e o leitor teme a morte do náufrago, no entanto, ele vai se mostrar cheio de compaixão e de bondade. Essa literatura narrativa contém uma descrição muito viva da sociedade egípcia. A corte evidentemente ocupava o primeiro plano. Era um ambiente faustoso onde a etiqueta era complicada, mas a imagem do rei era afável. O soberano culto apreciava as obras literárias e gostava da eloqüência. Mas, não estava menos ávido do que seus cortesãos por encantamentos e magias. É esse também o ambiente onde se move Moisés nos relatos do *Êxodo* em que os magos do faraó se rivalizam em prodígios.[141]

Os antigos egípcios utilizavam o artifício literário de colocar aventuras separadas numa mesma narrativa que servia para ligá-las, e fornecia um motivo para que fossem contadas, como no caso das *Mil e uma noites*. O Papiro Westcar, que se encontra hoje sem o começo e a parte final também é um caso desses. O texto que dispomos vem do período hicso e está incompleto, tendo sobrevivido cinco histórias e delas, três relatos completos. A história se passa na corte de Khufu, que para se distrair, pede a seus filhos que lhe contem histórias sobre feitos de mágicos. Os filhos contam então histórias breves e simples. Sua linguagem demonstra que o texto que reproduz não é muito mais velho, embora as histórias que contêm remontem ao Reino Antigo. Apesar da longa distância no tempo, o Papiro Westcar tem um grande valor histórico porque seu texto traz a memória da devoção ao culto de Ra na V dinastia e todos os reis e príncipes citados existiram de fato.

Ainda do período clássico, ou seja, do Reino Médio, possuímos a *História de Neferkare e do general Sisene*, da qual apenas dois episódios são conhecidos. Num deles, alguns músicos e cantores tocam e cantam alto para impedir que um litigante se

[141] Ibid., p.408

fizesse ouvir pela corte numa audiência. No outro episódio, Neferkare faz visitas noturnas a um general, e é seguido por um homem que tenta descobrir o que estava acontecendo. O fim do texto não se conservou de modo que não podemos saber se o final da história é cômico, trágico ou edificante. A ação do conto se situa na época do rei Neferkare, provavelmente Pepi II da VI dinastia (cerca de 2200 a.C.) Esse gênero picante de literatura também foi mencionado por Heródoto e parece que podemos apontar o Egito como possuidor de uma grande força criadora no campo do folclore.[142]

Apesar dos reinados de Amenemhat II e Senuosret III terem sido prósperos, uma certa inspiração pessimista na literatura persistiu desde o período anterior. Uma dessas obras é as *Lamentações de* Khakheperrasen que é a única obra que se conservou em que o autor está preocupado com a originalidade de idéias e do estilo literário, embora se conforme com o estilo tradicionalmente estabelecido em que, aliás, compõe o texto.

Do mesmo período, ou seja, da segunda metade da XII dinastia, e de mesma inspiração, possuímos também as *Reflexões de um desesperado*. Como na composição anterior, um homem desenvolve um diálogo íntimo, na primeira pessoa, tendo como interlocutor o coração e nesta, o seu *ba*.[143] Trata-se de um dos textos mais refinados da literatura do Egito antigo, onde "o autor investiga os limites existenciais da salvação *post mortem* – o *ba.*"[144] Mas, o *ba*, aconselha-o a se contentar com a vida presente e lhe garante uma boa morada no mundo dos mortos.

O *Canto de um harpista*, composição típica do Reino Médio,[145] mostra uma certa falta de fé e incita a aproveitar a vida, já que a existência após a morte é incerta. Este tom cético é incomum na literatura egípcia.

Alguns poucos contos muito fragmentados e algumas composições de natureza moral e filosófica, mas essas últimas em péssimo estado de conservação,

---

[142] POSENER, G. op. cit., p.247.

[143] Fonograma representado sob a forma de jaburu, ou de um pássaro com cabeça humana diante de um vaso com incenso. Normalmente é traduzido como 'alma', tratando-se da parte espiritual do indivíduo que sobrevive à morte deste e é capaz de encontrar sua individualidade e vaguear à vontade. Nos papiros religiosos e nos túmulos privados do Reino Novo, figura-se o *ba* como um pássaro de cabeça humana, ora voando em torno do túmulo, ora empoleirado numa árvore, ora ao longe em lugares onde o morto repousava ou se divertia. In: ARAÚJO, E. op. cit., p.381.

[144] LOPRIENO, A. Loyalistic instructions. *Ancient Egyptian Literature: history and forms (AEL)* 196, p.405 apud ARAÚJO, E op. cit., p.207.

[145] ARAÚJO, E. op. cit. p.,372.

foram encontrados também deste período. Um dos menos deteriorados conta a história de um escriba chamado Sisobek. É um texto muito pessimista que pondera sobre as ações humanas, e, como é próprio da literatura egípcia, sobre a importância da cautela. Nenhuma de suas linhas permaneceu intacta. Também permaneceram outros fragmentos dos quais não se pode saber a procedência, se são fragmentos de obras desconhecidas, ou se são partes perdidas de textos que existem. No entanto, o alargamento do reino, sua solidez, a segurança e a ordem interna restabelecidos modificaram a literatura que deixou de ser pessimista. Um dos mais importantes exemplos é a *Profecia de Neferti*.

Nessas narrativas do Reino Médio, aparecem também as classes mais modestas, como os marinheiros que acostumados a navegar para longe são falastrões. Ao redor dos senhores, trabalha todo um mundo de servidores. Uns são fiéis, outros não. As mulheres raramente desempenhavam um bom papel. São desavergonhadas, caprichosas e exigentes e se aproveitam de sua beleza para obter o que querem.[146]

O Terceiro Período Intermediário, diferentemente do Primeiro, não se distinguiu por sua literatura. No Reino Novo, os gêneros que já existiam anteriormente, a biografia, o conto, o lirismo religioso continuaram seguindo seu curso sem se desviarem muito da direção que haviam tomado, às vezes, desde o Reino Antigo. A língua evoluiu muito, principalmente depois da crise amarniana que havia desbaratado, ao menos em parte, os quadros antigos. Ela fica mais analítica. O verbo, além das noções primitivas de ação realizada e ação por realizar, começa a significar o tempo. Aparecem substantivos abstratos. Ao mesmo tempo em que a língua se torna mais flexível e passa a expressar melhor os matizes, aflora uma sobriedade, uma quase severidade de estilo em comparação com os estilos anteriores. As narrativas se enriquecem de circunstâncias e os contos insistem mais nos pormenores da vida. Os hinos a Amon ou a Atum não são mais como os do Reino Médio, meras ladainhas de epítetos acompanhados de louvores ou de relatos de feitos e façanhas. Agora, expressam idéias mais sutis da teologia. Entre Hatshepsut e Akhenaton, as artes plásticas se impregnaram de espiritualidade, especialmente a escultura. O Reino

[146] POSENER, G. op. cit., p.245-249.

Novo também foi o período romântico do Egito, ao menos depois do estilo severo, seguiu-se uma época de estilo florido.[147]

O Reino Novo inventou um gênero - o poema de amor. Os textos que sobreviveram são posteriores à XIX dinastia. É uma forma desenvolvida de poesia, com suas convenções, jogos de palavras, seus temas e conjunto de imagens próprios. Os banquetes, que estavam em moda nesse período, proporcionavam uma oportunidade para que fossem executadas canções de amor, talvez com mímica e um acompanhamento musical. Se tal foi sua gênese e propósito original, eles rapidamente adquiriram o *status* de literatura escrita. Eram lidos por prazer como eram lidos os contos. A duas principais coletâneas acham-se em papiros que contêm igualmente obras de ficção.

Havia duas tradições distintas de poemas românticos cultivadas no Reino Novo – a popular, composições femininas e as mais espirituais e refinadas, cortesãs, as masculinas. Aproximadamente setenta e cinco por cento dos poemas sobreviventes do período são apresentados como palavras femininas. Essas composições, que parece terem sido escritas por mulheres, cobrem uma variedade de situações da vida real. O seu pano de fundo é a casa, os lugares de trabalho, campos lavrados, canais de irrigação, ou seja, têm inspiração popular. A maior parte desses poemas se encontra no Papiro Harris 500 e parecem ser genuinamente femininos, mas podem não ser. Referem-se a sentimentos tão íntimos e são tão voltados para si mesmos que se pode perceber que não fazem parte do ritual hathórico destinado a rejuvenescer um falecido dono de tumba, ou a qualquer outro propósito mágico. A maior parte desses poemas é cheia de imaginação e de truques literários que não são características de composições com fraseologia mais elegante. Isso parece indicar que eles foram escritos por profissionais imitando as canções da tradição popular. Parecem destinados a dar vazão às paixões humanas, assim como dar prazer ao ato de viver e isso era certamente a arte pela arte.[148]

Algumas produções do Reino Novo são para nós originais, ou porque não conhecemos exemplos anteriores porque estes não nos chegaram, ou porque elas de

[147] DAUMAS, F. op. cit., p.416.
[148] LESKO, Barbara. “True Art in Ancient Egypt”. *In:* LESKO, Leonard (org.). *Egyptological Studies in Honor of Richard A. Parker.* Hanover-London: Brown University, p.90-97.

fato só apareceram a partir da XVIII dinastia. Os Anais reais existiram desde tempos imemoriais, porém o papiro que os continha se perdeu. Mas, Tutmosis III teve a idéia de gravar o relato de suas façanhas nos muros de arenito que rodeavam a parte norte do santuário da barca de Karnac. Hoje, não são mais que uns extratos dos Anais, os quais eram, na época, relatados dia a dia. No entanto, os relatos de batalhas são muito curtos e, infelizmente, não fazem referência aos acontecimentos internos do reino.[150]

A biografia conserva seu duplo aspecto: uma profissão de fé do defunto e um relato de sua carreira. No Reino Novo, transformou-se em verdadeiras epopéias fundamentadas em feitos reais e contemporâneos de seus autores. Um exemplo disso é a composição conhecida como *Poema de Pentaur* que imortaliza uma grande vitória de Ramsés II sobre Qadesh. Encontra-se por inteiro, e, na opinião de François Daumas "é uma obra de arte cuja técnica se situa a meio caminho entre Homero e a canção de gesta das literaturas românticas."[151]

Apesar das obras que podem ser atribuídas, por sua linguagem ou assunto ao Reino Novo, não possuírem a mesma qualidade de composição que apresentam as obras do período clássico, também são interessantes. A história dos *Dois irmãos*, que sobreviveu intacta, é peculiar porque combina, num só relato, duas narrativas de origens bem diversas. A primeira parte é marcada por aquele episódio conhecido por seu paralelo bíblico com a história de José e a mulher de Putifar. A segunda parte adapta um princípio básico da teologia egípcia, o do demiurgo que se cria a si mesmo. A história segue com as sucessivas mortes, renascimentos e transformações do herói até o seu triunfo final. A primeira parte é um drama humano fixado entre os camponeses, cujas vidas e hábitos são descritos realisticamente, só desempenhando o reino do maravilhoso um papel insignificante. A segunda parte, por outro lado, é impregnada do estranho e do sobrenatural. A conexão formal entre essas narrativas muito diferentes é estabelecida através da pessoa da personagem principal e de seu irmão, que aparecem em toda a história, mas isso não seria suficiente para fazer com que as duas histórias concordassem se não existisse nas duas o mesmo tema – a

[150] DAUMAS, F. op. cit., p.416.

[151] Ibid., p.417.

perseguição de um homem justo por uma mulher má, ou, numa versão mais restrita, a maldade e malícia das rainhas da XVIII dinastia, como interpretou Leonard Lesko[152] A história se dirige claramente a um público masculino e apresenta a mulher de maneira nada lisonjeira, como, aliás, acontece em outras narrativas. Apesar disso, é interessante observar que o texto não faz comentários a respeito do comportamento das personagens. É cânone da literatura egípcia que as histórias tenham um tom objetivo e nunca emitam opiniões sobre comportamentos mesmo os das personagens mais antipáticas. O próprio desenrolar das narrativas demonstra o bom e o mau comportamento.

A Contenda entre Hórus e Seth também é uma obra que se encontra praticamente intacta, em *codex unicus* no Papiro Chester Beatty I (coleção privada, Londres). O texto é datado do reinado de Ramsés V, da XX dinastia. Gardiner [1931:12] e Spiegel [1937:115][153] julgam que constitui uma adaptação na língua neo-egípcia de um original do Reino Médio. A composição apresenta uma tendência antes esporádica à apropriação literária de elementos da cultura popular, processo relacionado a mudanças na origem da dinastia egípcia, que se torna plebéia, e na mudança do perfil da sociedade, agora repleta de estrangeiros.[154] Nessa obra, os deuses não são apresentados no seu aspecto de majestosa serenidade, mas dentro de uma mediocridade comum. O texto não se afasta do sentido moral porque quem é correto ganha a causa, no caso, Hórus, que era filho legítimo de Osíris, triunfa sobre Seth, o irmão fratricida de Osíris, e ganha o poder.

A questão do que é justo e injusto aparece também na história que tem como título *Verdade e Mentira* preservada no Papiro Chester Beatty II (Museu Britânico 10682). Nesta história, as personagens possuem nomes alegóricos, personificando os conceitos de justiça e iniqüidade e nos remetem à história de Osíris, Seth e Hórus.

O Príncipe predestinado, também do Reino Novo, que se encontra no Papiro Harris 500 (Museu Britânico 10060), tem como tema o homem e seu destino. No nascimento de um príncipe, determinadas deusas predizem que ele perecerá pelo

[152] LESKO, Leonard H. Three Late Egyptian stories reconsidered. In: LESKO, Leonard H. (org.). *Egyptological studies in honor of Richard A. Parker.* Hanover-London: University Press of New England,1986, p.99.
[153] ARAÚJO, E. op. cit., p.153.
[154] CARDOSO, C. O pensamento egípcio na ëpoca Raméssida.

crocodilo, pela serpente, ou pelo cão. Quando adulto, o príncipe parte para a Síria onde oculta a sua identidade. Vitorioso numa prova, ganha a mão de uma princesa, como acontece em muitos romances populares. Sua mulher salva-o da serpente, mas o manuscrito se interrompe de modo a não se poder saber o que aconteceu com as outras ameaças. O mais provável é que o príncipe tenha escapado do fim que lhe tinha sido predito. Pode-se imaginar que ele tenha vencido as predições a partir de um paralelo de uma lenda preservada por Diodoro que apresenta um final feliz, e pela própria tendência otimista da mentalidade do povo egípcio que demonstra sua literatura. Como se trata de um conto popular, o rei, o pai do príncipe, tem um nome fictício.

A Querela entre Apopi e Seqenenre, cujo preâmbulo é a única coisa que restou, nos remete ao período hicso. O rei de Avaris enviou uma mensagem embaraçosa ao rei tebano que não soube como responder. O conflito, que envolvia alguns hipopótamos, era provavelmente de origem religiosa. A múmia de Seqenenre foi encontrada cheia de feridas sem dúvida porque morreu em combate contra os hicsos. De qualquer forma, sabemos que o governo tebano levou vantagem no fim.

A tomada de Jafa é uma história relacionada às grandes campanhas militares do faraó Tutmosis III (Djehutmes III), e dispomos de um relato posterior em 150 anos ao fatos narrados que se encontra em *codex unicus* no verso do Papiro Harris 500. O general Tot, herói da história, é uma personagem histórica, o resto do conto pertence à lenda.

Ainda do Reino Novo, possuímos histórias mais fragmentadas que as anteriores. *A lenda de Astarte* conta o conflito entre os deuses e o mar insaciável que cobrava tributo, que queria Astarte e ameaçava tudo inundar. Parece que no fim, é vencido por Seth. A luta contra o elemento aquático é comum a outras literaturas. A *História de fantasma* pertence à supertição popular, e se encontra copiado em vários óstracos, todos do Reino Novo, falta-nos o começo e o fim da história. Os principais óstracos estão Turim, Viena, Florença e no Louvre . Seus protagonistas são um sumo-sacerdote de Amon e um homem morto que viveu no tempo da XI dinastia. O túmulo deste último estava em ruínas e o sacerdote tratava de sua restauração. O conto é claramente tebano e deve ter tido origem entre os habitantes da necrópole. Há

também uns fragmentos de uma outra história de assombração em que o rei conjura um fantasma que flutua no ar. Não restou quase nada desse tipo de conto, que devia ser muito comum num povo que se preocupava tanto com os mortos e com a vida após a morte. O *Relatório de Unamon*, que data de cerca de 1075 a.C., parece ser a elaboração literária de um relatório oficial de uma missão comercial a Biblos que foi feita a partir de uma inscrição tumular autobiográfica. A história de Unamon está num só manuscrito no Papiro Moscou 120.

A importância que os egípcios davam à correspondência, já é perceptível no Reino Antigo, mas é no Reino Novo que se desenvolve a idéia de empregar a carta para outros fins que não o seu propósito original. Isso acontece nos meios escolares para servir às necessidades do ensino. Cartas eram escritas por professores para servir de modelo para os alunos. Com o tempo, o trabalho com cartas se desenvolveu nos Ensinamentos epistolares, aos quais, além de cartas tomadas de empréstimo a arquivos ou inventadas, são acrescentadas composições de todo tipo, hinos, preces, protocolos reais, reprimendas e encorajamentos dirigidos aos estudantes, que tinham por finalidade chamar a atenção ou estimular o entusiasmo deles. Aparecem nessa coleção, às vezes, louvores e fragmentos de rituais muito belos, o que demonstra que, pelo menos no começo, funcionários e sacerdotes recebiam a mesma formação.

Também faz parte dessa coleção um texto híbrido de preceitos morais e de enaltecimento da carreira burocrática ou das desvantagens da profissão militar. Tal Ensinamento, do qual estão perdidos uma parte do começo e outra do fim, foi composto talvez por um certo escriba Amenakhte. O principal interesse da obra reside num longo elogio em honra dos grandes moralistas de tempos anteriores. Este trecho, até então singular na literatura egípcia, prova um gosto pela história da literatura e revela um sólido conhecimento. O tema consiste na idéia de que a fama de um escritor garante a sua imortalidade melhor do que os grandes monumentos de pedra.

A originalidade literária, apresentada no Reino Novo, aparece também na literatura sapiencial. Duas obras sobreviveram quase completas, uma do começo e outra do fim do período. Os *Ensinamentos do escriba Ani*, que remonta provavelmente à XVIII dinastia, é uma obra tradicional no que se refere ao gênero sapiencial. Salvo a primeira parte que não se conservou, o manuscrito está numa versão de pouca

qualidade, em que a língua foi modernizada. Está escrito em forma de diálogo e traz um conteúdo moral como todos os Ensinamentos. Ensina a cultivar o jardim, tanto literal como metaforicamente, como lidar com a família e o trabalho, a importância de ser um "homem silencioso", prudente e reservado, ideal tão caro aos moralistas egípcios. Uma das passagens do texto de maior sucesso é aquela em que ele elogia a piedade filial e relembra tudo que uma mãe faz para seu filho:

> Duplica os pães que deves dar a tua mãe.
> Trata-a como ela te tratou.
> Ela te carregou muitas vezes consigo,
> e não te deixou no chão.
> Desde que te deu à luz depois de meses,
> tem oferecido o peito à tua boca durante três anos,
> Com paciência (...)[155]

Ani também recomenda a renúncia às cortesãs estrangeiras que abundavam nas capitais do país nesse período:

> Guarda-te da mulher estrangeira que ninguém conhece em sua cidade.
> Não olhes para ela quando ela segue seu companheiro.
> Não te unas a ela.
> É água profunda cujas margens não conheces.
> Uma mulher longe de seu marido,
> que te diz todos os dias: 'Eu sou bonita', sem testemunhas,
> é que está a espreita e pega no laço.
> É crime punível com a morte quando descoberto.[156]

Com relação à religião, o autor é tão supersticioso quanto é piedoso, e devota todo um parágrafo, único de sua espécie, ao dano que pode ser causado à casa e aos campos por um espírito que não se deixa aplacar. A forma de diálogo, que já encontramos nas *Reflexões de um desesperado*, parece ter sido amplamente usada no Reino Novo, embora os *Ensinamentos de Ani* seja o melhor exemplo. Sua obra funda o desejo de ser bom e caridoso na observação, rara no Egito, do fluxo universal das coisas.

[155] DAUMAS, F. op. cit., p. 422.
[156] Ibid., p.422

O segundo texto sapiencial, os *Ensinamentos de Amenemope*, conservado completo numa boa cópia e em alguns fragmentos, mostra impressionantes paralelos com o livro dos Provérbios da Bíblia (principalmente 22:17-23:11) As analogias são muitas e a questão é saber quem forneceu empréstimo, mas tudo leva a crer que a prioridade é egípcia. As passagens comuns a ambos os textos têm precedentes, algumas vezes muito antigos na tradição de sabedoria do Egito, e há mesmo indicações bíblicas específicas que apontam para a obra de Amenemope, como a menção aos "trinta capítulos" (Provérbios 22:20), que corresponde ao número de seções de seus Ensinamentos. Seus temas, na sua maioria, são os mesmos dos antigos Ensinamentos, como a reserva, a prudência, a frugalidade, a obediência aos superiores, o respeito pelos mais velhos e a necessidade de inspirar afeição no povo. O texto encontra-se completo no Papiro 10474 no Museu Britânico e remonta ao século XI ou X, quando o Egito, em decadência, perdera o seu otimismo e autoconfiança. Distingue-se por sua profunda religiosidade, e a idéia de que deus é que é o dono do destino dos homens permeia toda a obra.

Apesar dos últimos estremecimentos do Reino Novo agonizante, a literatura, assim como as idéias religiosas e as outras realizações artísticas, continuaram se desenvolvendo até a morte da cultura autóctone em fins do século III d.C. A tradição religiosa continuou a se expressar nessa produção com a força que esta podia ter no Egito antigo. As obras líricas de fundo religioso da Época tardia eram eruditas, acessíveis a uma minoria, assim como acontece com as escritas em latim eclesiástico. As prosas e os hinos, compostos em latim, para os novos santos do calendário, se parecem aos hinos que os hierogramatistas elaboraram para completar o antigo culto, e também às reparações no texto exigidas por certas modificações teológicas ou rituais. A língua que empregavam já era morta e só continuavam usando-a a custo de muito trabalho. Mas essa não era a literatura viva. O tradicionalismo era coisa do clero e dos pequenos grupos de eruditos. As outras pessoas só compreendiam a língua falada e escrita em seu tempo, numa forma muito esquematizada do hierático: o demótico. A língua que transmite essa escrita difere tanto do egípcio antigo quanto as línguas latinas diferem do latim.[157]

[157] DAUMAS, F. op. cit., p.426.

Na literatura demótica, pode-se perceber que os velhos temas ainda agradavam e que a imaginação e o pensamento egípcio continuavam vivos, mesmo quando perderam sua independência para os persas e romanos. Os velhos gêneros ainda tinham seu valor, tendo à frente, como é natural, a literatura sapiencial.

CAPíTULO II – A Questão do gênero na Literatura do Egito Antigo

1- As atitudes dos antigos egípcios em relação às mulheres:

No Egito antigo, as mulheres tinham teoricamente os mesmos direitos que os homens, não eram vistas como seres que somente servem à reprodução da espécie e nem como meras mulas de carga. Era-lhes permitido exercer um grau de liberdade, com uma influência que não se restringia ao próprio lar, embora suas preocupações principais fossem o casamento, a casa e a criação dos filhos. Os homens viviam fora da esfera doméstica e representavam um papel importante no serviço público. Sempre tiveram a posição de convencer a sociedade de que eles deveriam ter um *status* superior ao da mulher, eles se projetavam sob esta lógica. Mas, as mulheres afetavam a visão dos homens. Quando, Sanehet descreve a excitação do povo no momento em que ele vai lutar com o homem forte do Retenu, ele diz que as mulheres e os homens falavam alto e se consumiam por ele. Numa inscrição em pedra num templo está escrito: “Tão vazio quanto as palavras da mulher”.[158]

No Egito antigo, todo objeto produzido tinha uma função doméstica ou funerária. Estátuas eram colocadas nas tumbas para substituir seus donos nas tarefas do além-túmulo. Os relevos e a pintura serviam para permitir que tais donos pudessem continuar suas atividades depois da morte. Acreditavam que estátuas e relevos eram imbuídos de vida após passarem por um ritual mágico que era conhecido como “abertura da boca”. Dentro dessa produção, as representações femininas aparecem em grande número.

A forma como as mulheres eram representadas não era livre. Os proprietários das tumbas eram homens, e as mulheres eram enterradas com seu homem mais próximo. Eles eram sempre representados como fortes, bonitos, altos, mesmo que não o fossem na realidade. Conhecemos uma exceção que é o anão Senebe (por volta de 2530 a.C.), encontrado em Guiza, hoje no Museu do Cairo, e que é representado como anão ao lado de sua bonita mulher. Não podemos saber se ele pediu, ou não, ao escultor que o representasse como anão. A esposa do proprietário da tumba também

[158] WATTERSON, Barbara. *Women in ancient Egypt.* New York: St. Martin’s Press, 1991, p.2.

é representada de maneira idealizada. No caso das mulheres, a arte não só obedece aos cânones, mas também demonstra a percepção que os homens tinham delas, já que a arte, de um modo geral, era feita por homens e para homens. Existia a convenção que, nas estátuas e relevos, a pele das mulheres deveria ser cor de creme, e a dos homens, um marrom avermelhado. A cor clara da pele feminina deve ser a indicação de que elas pegavam menos sol porque se dedicavam a trabalhos no interior da casa, e não por preferência dos homens. Mesmo assim, a preferência por uma pele macia, e não por uma crestada pelo sol, não deve ser desprezada.

As pessoas mais importantes do relevo deveriam aparecer maiores, as mulheres eram representadas em escala menor. As mulheres da realeza constituíam exceção porque representavam o mesmo poder que seus maridos. Em muitos grupos de estátuas, os homens são representados ao lado das esposas e dos filhos e, em algumas vezes, ao lado de sua mãe. A esposa é representada literalmente como a “pequena mulher”. Existe maneira menos óbvia de indicar a inferioridade da mulher, como, por exemplo, colocá-la do lado esquerdo de seu marido porque o lado esquerdo é menos prestigioso que o direito. As estátuas de mulheres são mais raras principalmente no começo da história egípcia. Um exemplo de exceção é a estátua de uma senhora chamada Sennui, datada de cerca de 1950 a.C., em tamanho natural, encontrada no Sudão e que hoje está no museu de Boston. Ela está sentada sobre um bloco de pedra, com uma expressão serena no rosto. Esta é uma posição caracteristicamente masculina o que leva a supor que ela deveria ter um prestígio fora do comum.

A idade, que supostamente representava um acúmulo de experiência, era uma qualidade desejável nos homens, mas não nas mulheres. Os homens de mais idade eram representados gordos, com uma aparência adquirida por uma boa vida. Às vezes eram representados carecas. As mulheres eram representadas magras e jovens, e as mães pareciam ter a mesma idade que os filhos adultos. Nos relevos das tumbas, as esposas e, às vezes, as mães eram retratadas de maneira formal, nunca em posições incovenientes, os homens também não. Somente os criados, os trabalhadores e os estrangeiros eram representados informalmente nas suas tarefas diárias. As mulheres eram retratadas fiando, tecendo, fazendo pão, cerveja e tarefas

corriqueiras. As mulheres abastadas aparecem nos seus vestidos elegantes, sentadas em bancos ou cadeiras, nunca trabalhando. Elas eram retratadas observando os seus homens exercendo as suas tarefas. Sempre que uma mulher é mostrada ao lado do marido com o braço em volta da cintura dele, ou por sobre seus ombros, é para representar o seu papel de apoio e encorajamento.

Estátuas de mulheres e relevos, às vezes, eram colocadas nos templos. Os templos egípcios antigos eram de dois tipos: os dedicados ao culto mortuário de alguns monarcas e os dedicados a um ou mais deuses que eram os templos de culto. Em ambos os tipos, o rei aparece oferecendo presentes aos deuses. As estátuas de reis eram eretas e tinham o objetivo de associar mais de perto a figura do rei aos deuses. Em alguns templos, existem estátuas de rainhas que também estão de pé, fazendo oferendas, mas sempre num papel secundário. Um dos exemplos mais antigos é a estátua de alabastro da mãe de Pepi II (de cerca de 2260 a.C.), provavelmente oriunda do templo mortuário de seu filho em Saqqara, em tamanho natural com o menino-rei no colo, hoje no Museu Brooklyn. Mais tarde, estátuas de outras rainhas apareceram nos templos de culto. As rainhas de Ramsés II e as filhas eram representadas abraçando a perna do rei. Existem exemplos de pessoas comuns que dedicavam estátuas a si mesmos nos templos de culto, inclusive de mulheres. Há um exemplo da XII^{a} dinastia, no Museu do Brooklyn.

Deve ter havido provas artísticas de que a mulher era vista como objeto sexual. Os egípcios eram discretos com relação ao tema da sexualidade, mas algumas representações eróticas sobreviveram. Só existe um exemplo obsceno de um papiro que retrata homens carecas, gordos de pênis eretos numa sucessão de atos sexuais com uma ou mais mulheres. Atos sexuais também são tema de um óstraco encontrado nas oficinas de Deir-el Medina. Com certeza, deve ter havido outros que não nos chegaram.

Em muitos relevos, as mulheres aparecem com seus maridos numa posição inócua, sentadas escutando música, às vezes com um macaco, outras com um ganso, debaixo da cadeira. Nas mãos, ostentam uma flor de lótus, e na cabeça, uma pesada peruca. Outras vezes, são representadas no pântano, dentro de um barco, com um pato pendurado do lado de fora. Esses relevos, entretanto, contém referências eróticas

codificadas. A peruca tem uma associação erótica, assim como o macaco, o pato e o ganso, que alguns pensam estar relacionados à sexualidade feminina. A lótus representava o que hoje representa a rosa vermelha. Mesmo os instrumentos musicais podiam ter conotação erótica. O uso de motivos eróticos tornou-se comum no Reino Novo, e um relevo famoso da XVIII dinastia, hoje no Museu Britânico, ilustra bem o gênero. O relevo vem do túmulo de um nobre tebano chamado Nebanum que nasceu entre 1412-1402 a.C. Ele está representado no pântano, caçando com sua esposa e filha. A mulher, menor que o marido, se posiciona atrás dele, vestindo uma roupa elaborada, plissada e diáfana e uma longa e pesada peruca, roupa nada adaptada para a ocasião. Na mão, ela traz um sistro e um colar *menit*, ambos associados à deusa Háthor. Na frente do barco, está pendurado um pato talvez para ser interpretado como resultado da caça, ou um símbolo de sexualidade. O objetivo era fazer um trabalho erótico para o proprietário da tumba.

A representação da sexualidade não era só para agradar aos homens, mas estava associada também à reprodução e à fertilidade. Nas tumbas, adquiria um aspecto religioso porque se identificava com a criação e o renascimento após a morte. Mas o importante é que uma mulher tem de ser bonita para os homens e não o contrário, um reflexo talvez do fato de que, na maioria das sociedades, os homens achavam que as mulheres só serviam para o deleite deles.

A literatura que sobreviveu também pode ajudar-nos a retratar as percepções masculinas em relação às mulheres. Realçar as qualidades físicas da mulher era um tema favorito da poesia egípcia antiga, como tem sido com a poesia de todos os outros lugares. O ideal de beleza feminina é o representado na pintura e na escultura. A mulher devia ser magra, com a cintura fina e seios pequenos e firmes, um pescoço longo, uma pele pálida e o cabelo negro azulado, como lápis-lazúli.

A maioria dos egípcios antigos era iletrada, e a poesia de amor, que parece tão pessoal, na verdade era produzida por escribas oficiais, e esses poemas eram uma parte formal da literatura deles. A poesia de amor apresenta os enamorados como irmão e irmã, como termos de afeição, não para serem tomados literalmente: “eu entro na água contigo e saio com um peixe vermelho para você em minhas mãos.

Oh! Meu homem, meu irmão, venha e veja-me".[159] O poema demonstra ser o autor uma mulher, mas poderia também ser um homem. O imaginário de expressões amorosas deste poema podia partir tanto de um homem quanto de uma mulher, já que era aceito falar de erotismo tanto para ele quanto para ela. Por outro lado, dentro do contexto, é difícil imaginá-las se exprimindo dessa forma.

Se a poesia apresenta a mulher sob uma luz rosada ideal, outras formas de literatura oferecem outros estereótipos nada lisonjeiros. Estas abordagens aparecem geralmente nos Ensinamentos, que também não podem ser considerados fontes que expressem as atitudes reais em relação à mulher. Alguns homens assumiram claramente uma posição de alguma forma cínica e falaciosa do sexo oposto. Um desses é o sacerdote de Ra, Ankhsheshonk, em Heliópolis, que se acredita ter vivido por volta de 350 a.C. Nos conselhos a seu filho, ele debocha das capacidades intelectuais, morais e do próprio valor da mulher:

> Deixa sua esposa conhecer a tua fortuna, mas não confie nela.
> Nunca incumbas uma mulher de fazer nada para ti – ela fará por ela.
> Nunca confies em tua esposa – o que tu disseres a ela, vai direto para a rua.
> Instruir uma mulher é como possuir um saco de areia rasgado do lado.
> Não elogies a beleza de tua mulher – o coração dela pertence ao seu amante.
> O que ela faz com seu marido, fará com outro amanhã.[160]

Pelo escrito acima, se conclui que o sacerdote Ankhsheshonk considerava as mulheres não confiáveis, não dignas de crédito, incapazes de aprender e de guardar segredos. Embora, algumas frases do sacerdote tenham um certo alo familiar, o que nos faria, na nossa linguagem, chamá-lo de porco chauvinista, seria um erro considerar o tom pouco lisonjeiro com as mulheres uma atitude típica dos egípcios da época. Geralmente as mulheres, esposas e mães são tratadas em termos mais

[159] Estrofe de um poema que está em ARAÚJO, E. op. cit., p.325.

[160] LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian literature*, vol III, Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1980, p.159-184. In: WATTERSON, B. op. cit., p.13.

respeitosos, como no caso de Ptahotep e no de Ani. Os conselhos de Ani para o marido são: “Não mande em sua mulher quando você sabe que ela é eficiente. Não continue a perguntar ‘onde está? Traga para mim’ quando as coisas estão em seu lugar”. Esta é uma clara indicação de Ani de que os homens também têm defeitos. Mesmos Ankhsheshonk, em outras passagens, assume uma atitude menos negativa: “Uma boa mulher de caráter nobre (ele admite que elas existem), é alimento que chega em época de fome”.[161]

Muitos Ensinamentos dão conselhos sobre como os homens devem agir com relação às mulheres. Todos parecem assumir que há três espécies de mulheres: a mãe, a esposa e a prostituta. As mães estão acima de qualquer suspeita. As esposas, por outro lado, classificam-se em duas categorias: as boas e fiéis e as fofoqueiras, que não só são interesseiras e venais, mas também infiéis. Quanto às prostitutas, para um homem é difícil ignorá-las, mas são aconselhados a tomar cuidado.

Um grupo de máximas referentes às relações entre os sexos, e composto provavelmente no último século antes de Cristo, aparece num papiro demótico, Papiro Insinger, hoje, no Museu de Leiden. Muitas das máximas se referem às relações entre os sexos:

> Não te consorcies com uma mulher que se consorcia com seu superior. Se ela é bonita, afasta-te dela.
> Alguns homens não gostam da cópula, mas entretanto gastam uma fortuna com mulheres.
> Mesmo um homem sábio pode se machucar pelo amor de uma mulher.
> O imbecil que olha para uma mulher é igual a uma mosca no sangue.
> Se uma mulher é bonita, tu deves mostrar a ua superioridade sobre ela.
> É o trabalho de Mut e de Háthor que age entre as mulheres.[162]

Mut e Háthor são deusas ligadas ao amor, e a inferência aqui é que as mulheres não controlam suas emoções.

Podemos pensar que a posição negativa desses autores sobre as mulheres, que as classificam como irracionais, perigosas e necessitando de ser dominadas, não

[161] WATTERSON, B. op. cit., p.13.
[162] Sobre o Papiro Insiger ver LICHTHEIM, M. op. cit., p.184-217 apud WATTERSON, B. op. cit., p.14.

reflita as atitudes masculinas em geral. De qualquer forma, apesar do Papiro Insinger confirmar essa impressão, sua inscrição final diz: “É na mulher que tanto a boa como a má fortuna existem na terra.”[163]

Narrativas seculares lançam mais luz nos estereótipos encontrados na literatura dos Ensinamentos e em outras. Nesses contos existem homens que são heróis, os iniciadores da ação. As mulheres representam papéis secundários, aparecendo na maior parte como criaturas teimosas e irracionais, provocando problemas por seu comportamento vingativo e mau. Podemos citar numerosos exemplos. O Papiro Westcar é um deles, pois narra a história de uma jovem mulher que interrompe a diversão do rei por causa de um pingente que ela se nega a dar por perdido. O mesmo papiro traz o conto de uma esposa adúltera que é condenada a morrer queimada. Este realmente é um destino pior do que a morte, uma vez que seu corpo não estaria disponível para um funeral adequado e, dessa forma, lhe seria negado o benefício de uma vida após a morte.

Mulheres más, intrigantes ou ambiciosas aparecem em outras histórias e são as causas dos problemas dos heróis. No conto *Os dois irmãos*, a tentadora, a quem não é dado um nome, é a esposa do irmão mais velho, Anup. O herói de outra história também é submetido ao sofrimento pelas maquinações de uma mulher má, embora, nesse caso ele seja parcialmente culpado por sua conduta. Ele é Khamwese, filho de Ramsés II e Alto Sacerdote de Ptah em Mêmphis. Trata-se de um conto do primeiro milênio a.C. A história relata um pesadelo com uma mulher chamada Tabubu. Ela, em troca de seus favores sexuais, pede ao príncipe toda a sua fortuna e que ele mande matar os filhos para que eles não viessem a disputar a herança do pai com os filhos dela. Uma das morais dessa história é que mesmo um homem sábio como Khamwese pode ser aprisionado pelo charme de uma bela mulher, ou que o medo disso acontecer se expressa em forma de sonho ruim. Este é um tema que não é exclusivo da antiga literatura egípcia.

Um raro exemplo de uma história secular onde uma mulher assume um papel mais ativo e positivo é o do *Príncipe Condenado*. A princesa, sua pretendente, diz ao pai, que era contra o casamento, que se ela não se casasse com o príncipe

[163] Ibid. p.14.

condenado, ela iria parar de comer e morreria. O rei casou-os então. Mais tarde, ela mata uma cobra para salvar a vida de seu marido. A esposa do *Príncipe Condenado* é uma extraordinária mulher de ação, um tipo raramente encontrado nas narrativas egípcias antigas.

Se nas histórias seculares, as mulheres representam somente papéis secundários - ou como mães devotadas ou esposas fiéis, ou, ao contrário, esposas pérfidas e tentadoras maldosas – na mitologia religiosa essas imagens estereotipadas de mulheres são de certa forma menos rígidas. Em certos aspectos, entretanto, os papéis representados pelas deusas egípcias correspondem muito proximamente com as funções das mulheres na sociedade. As mulheres eram esposas e mães, envolvidas com o bem estar de suas famílias. As deusas eram consortes de deuses e protetoras da humanidade.

Na antiga religião egípcia havia uma grande quantidade de deuses, tanto masculinos como femininos. Toda cidade, toda aldeia, originalmente toda tribo no Egito tinha seus deuses e deusas próprios. Nos tempos dinásticos, os reis e sacerdotes tentaram desenvolver um conceito unificador; assim cada governante promovia seu próprio deus local ou divindade particular em deus estatal, que era considerado como sendo a divindade primitiva, ancestral de todos os outros deuses. Sua promoção a deus estatal significava que aqueles que certa vez foram divindades locais, tornaram-se deuses universais com centros de culto por todo o Egito. Assim, no Reino Antigo, Ra em Heliópolis foi um deus estatal. A partir do Reino Novo, foi a vez de Amon de Tebas. Atum de Heliópolis, Ptah de Mêmphis e Hórus de Edfa também foram veneradas como divindades universais. Mas o Egito nunca teve deusas estatais embora Ísis e Háthor fossem veneradas universalmente. Os grandes deuses criadores foram Atum, Ptah e Ra; e somente uma deusa, Neit, teve sua própria lenda de criação. Os maiores juízes dos mortos e deuses da vida após a morte eram Ra, Anúbis e Osíris e eles não tinham nenhuma parceira feminina. Havia deuses da guerra, Montu e Amon, mas nenhuma deusa, embora várias divindades femininas, notadamente Sekhmet, Neit, Anat e Bastet, incluíssem qualidades beligerantes em suas naturezas.

Em muitas culturas a Mãe-Terra representa um papel proeminente e é considerada como sendo a mais poderosa divindade. No Egito, não havia deusas da terra, somente um deus da terra, Geb. Havia, entretanto, deusas mães como a deusa do céu, Nut, por exemplo, ou a esposa de Amon, Mut, e acima de todas, Ísis, a esposa de Osíris. As divindades principais ligadas à fertilidade eram masculinas, e Min, Osíris e Sobek eram as mais importantes. Uma divindade menor, Renenutet, era somente uma deusa para representar este conceito. Entretanto, as deusas eram as maiores representantes de amor e alegria. Não havia nenhuma deusa, ou deus, do amor, mas várias deusas, notadamente Háthor e Bastet, incluíam o amor entre seus aspectos.

Um dos principais papéis para a divindade feminina era o de protetora. A deusa cobra, Edjo, era a deusa tutelar do Baixo Egito, e seu opositor no Alto Egito era a deusa abutre Nekhbet. Isis, Néftis, Neit e Serker tinham um papel funerário, protegendo os vasos canopos, contendo o fígado, pulmões, estômago e intestinos dos mortos ou guardando os aposentos de relicários e sarcófagos. As deusas Háthor e Ísis, principalmente, estavam particularmente ligadas às mulheres, de quem eram as protetoras. Mas as duas deusas não estavam exclusivamente ligadas aos convenientes “objetivos femininos”, estavam também associadas a conceitos mais intelectuais. Maat era a deusa da Justiça, da Verdade, da ordem social; Seshat era a deusa das letras (da escrita) e guardiã dos anais reais. O papel de Maat é, talvez, indicativo do fato de que as mulheres eram consideradas como forças para a estabilidade. Bárbara Watterson diz que há uma certa ironia no papel de Seshat, já que a maioria das mulheres egípcias era analfabeta.[164] Não acredito que se trate de ironia, mas antes uma maneira de pensar que parece não relacionar tão diretamente deuses, deusas e suas características às situações concretas das sociedades que produzem essas mitologias.

As deusas podiam ter vários aspetos aparentemente conflitantes. Serket, por exemplo, guardava os mortos, mas ela também castigava os transgressores. Sekhmet tinha um aspecto feroz e beligerante, mas ela era também a protetora dos doutores que usavam as armas delas para expulsar os demônios que seriam responsáveis pelas doenças. A deusa Háthor, que era a única rival real de Ísis na devoção dos

[164] WATTERSON, B. op. cit., p.18.

egípcios, também tinha dois aspectos conflitantes. Ela, na forma da feroz deusa - leoa, Sekhmet, foi, certa vez, encarregada por um Ra decepcionado de destruir a humanidade. Quando Ra mudou de opinião, ela foi somente impedida de desempenhar sua missão sendo induzida enganosamente a embebedar-se com cerveja de cevada tingida de vermelho ocre para fazê-la pensar que estava bebendo sangue. Por outro lado, Háthor era também a amada esposa de Hórus, guiando-o depois que seus olhos foram arrancados por Seth, tratando dele e dando-lhe um filho. Ela tinha um grande interesse nas mulheres, arranjando maridos para as jovens e protegendo as mulheres no parto. Foi ela que certa vez encantou o deus sol, Ra, seu pai, levantando seu vestido, deixando que ele visse sua vulva.

A mitologia fornece muitos exemplos do estereótipo da mulher fiel, mas em algumas histórias mitológicas, a deusa é a protagonista, desempenhando um papel ativo. Como vimos acima, Háthor é uma heroína assim. Uma outra é Ísis, que desempenha uma parte importante na história mitológica de Osíris, e servia de modelo para esposas e mães. Ísis era a irmã e esposa de Osíris, o rei divino do Egito, que reinou de forma benéfica por muitos anos até que foi assassinado por seu irmão Seth. Seth encerrou o corpo de Osíris dentro de um caixão de madeira e atirou-o no Nilo, onde foi carregado até o mar, finalmente dando na praia em Biblos (no Líbano). Lá, um grande tamarineiro cresceu ao redor do caixão, e o rei de Biblos, ignorando o que o tamarineiro representava, mandou cortá-lo para transformá-lo na coluna central no grande *hall* de seu palácio. A pesarosa Ísis, não sabendo o que havia acontecido com seu marido, partiu para procurá-lo e finalmente localizou seu corpo e engravidou dele. Osíris foi ressuscitado e tornado rei do mundo dos mortos, e Ísis, tendo provado ser uma esposa devotada, foi deixada nos pântanos para se esconder e proteger a criança em seu ventre contra Seth até que pudesse dá-la à luz com segurança. Acabou sendo capturada por Seth, que a violentou (ou quis violentá-la) mas escapou e refugiou-se nos alagadiços do Delta até que seu filho, Hórus, nascesse. Quando o menino tinha quinze anos de idade, ela o trouxe diante do Tribunal dos Deuses para reclamar sua herança. Ela o amparou durante os oitenta anos que levaram os deuses para decidir sobre a sua vitória sobre o tio rival, Seth, e para que Hórus conquistasse o trono do Egito.

Ísis era a deusa mais popular no Egito, e era geralmente representada, tanto como uma companheira fiel e protetora de Osíris, como a mãe de Hórus, sentada com seu filho em seu colo, amamentando-o. Mas Ísis tinha outro aspecto: o da esperta e ardilosa mulher que usava suas habilidades como um mágico para conquistar seus objetivos. Ela usou sua magia na luta contra Seth para satisfazer o que ambicionava para seu filho, Hórus. Também utilizou sua magia contra o grande deus sol, Ra, ele próprio, para descobrir seu nome secreto para igualar-se a ele como mágico.

Háthor era uma divindade muito antiga cujo culto remetia aos tempos pré-dinásticos. Algumas das colunas em seu grande templo de culto em Dendera tinham capitéis em forma de uma cabeça feminina com orelhas de vaca, era para lembrar de que ela foi originariamente adorada como uma vaca sagrada, nos tempos em que os egípcios reverenciavam os animais. As origens de Ísis, por outro lado, eram desconhecidas. Acha-se que, a princípio, ela era venerada no Delta, e poderá ter sido a personificação do trono do Egito, seu nome significa “assento” ou “trono”. No Reino Novo, seu culto espalhou-se por todo país e fora dele, embora seja curioso que ela não tivesse nenhum centro de culto no Egito propriamente, mas ocupava um espaço dentro ou perto de templos de outras divindades. Um de seus templos mais famosos está na ilha de Philae, ao sul da Primeira Catarata, na Núbia.

O papel de Ísis como esposa sempre fiel e mãe devotada granjeou-lhe muitos adeptos entre as mulheres, e sua reputação de grande mágica sensibilizou os egípcios adeptos da magia de ambos os sexos. A maioria dos seguidores de Ísis não a venerava nos templos. Os templos no Egito antigo não eram um local de adoração como o são as igrejas, mesquitas e sinagogas atuais. O templo era um lugar que retinha as forças do caos, que os egípcios pensavam ser uma ameaça perene para o Egito. Eram como fortalezas guardadas pelos sacerdotes. Pessoas comuns nunca entravam ali, e o único contato direto que tinham com os deuses era quando as estátuas das divindades eram carregadas em procissão para fora dos templos em grandes e festivas ocasiões.

Apesar disso, Ísis era popular entre aqueles que jamais sonhariam em entrar no seu templo. Durante o Reino Novo, ela se tornou uma deusa universal, assemelhando-se a divindades como Háthor, Bastet, Nut, Sothis, Astarté e Renenuted, e, primeiro

sob o domínio ptolomaico e depois sob o dos romanos, seu culto espalhou-se além do Egito, finalmente chegando à Bretanha. Ela foi a divindade mais popular no Império Romano, sendo Mithras sua única rival. No século II d.C., Apuleio descreveu-a no "Asno de ouro", quando Ísis dirigiu-se a ele com as seguintes palavras:

> Eu sou a Natureza, a Mãe universal, dona de todos os elementos, filha primordial do tempo, soberana de todas as coisas espirituais, rainha dos mortos, rainha também dos imortais, a única manifestação de todos os deuses e deusas que existem... Embora eu seja venerada sob vários aspectos, conhecida por incontáveis nomes, e propiciada com diferentes rituais, sou venerada em toda a terra... e os egípcios... que se excedem em ensinamentos antigos e me veneram com cerimoniais típicos da minha cabeça endeusada, chamam-me por meu nome verdadeiro, Rainha Ísis.[165]

Pelas fontes artísticas e literárias, pareceria que as mulheres do Egito antigo não eram valorizadas por seu intelecto, embora os homens admitissem, pelo menos, que elas tinham uma capacidade de discernimento. Os diversos estereótipos abrangem desde deusas a prostitutas, sendo a imagem favorita a de esposa devotada e mãe extremada. Os homens aparecem no seu lado positivo: ele é sábio, forte, um grande guerreiro que realiza grandes proeza, mas que também é amado pelo seu censo de justiça e generosidade. Essas são as qualidades que normalmente aparecem nos heróis que são de certa forma identificados ao faraó. O masculino negativamente considerado é o covarde, mas não consta da ficção produzida no IIº milênio antes de Cristo que nos tenha chegado.[166]

1.2- A posição legal e social dos gêneros:

O direito egípcio, tanto no que concerne ao âmbito público quanto ao privado, nunca foi codificado. Não existiu, portanto, nenhum texto de leis que regulasse as questões familiares. Para conhecê-las é preciso confrontar e interrogar vários tipos de

[165] Apuleio, *The golden ass,* Harmondsworth, 1950, p. 271. apud WATTERSON, B. op.cit., p.21.
[166] CARDOSO, Ciro. Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no IIº milênio a.C. In: FUNARI, Pedro Paulo A. *et alii. Amor, desejo e poder na Antigüidade.* Campinas: UNICAMPO, 2003, p.24.

fontes heterogêneas, as escritas em papiros e óstracos, as esculturas, as pinturas e baixos-relevos com legendas.[167]

No Egito faraônico, as mulheres possuíam um *status* social relativamente alto. A posição que ocupavam era privilegiada, não somente em relação às sociedades antigas, mas até em contextos bem menos longínquos no tempo. Pode-se dizer, a partir de trabalhos mais recentes e especializados, que a mulher, no Egito antigo, tinha a mesma capacidade jurídica que os homens, mas a possibilidade de exercê-la era bem mais limitada. Como em qualquer país, em qualquer época, mães de famílias exerciam um grau de autoridade na casa e comandavam um lugar especial na sociedade, mas, as mulheres não detinham qualquer cargo público importante, fora as rainhas e certas sacerdotisas que detinham muito poder político. Apesar disso, as mulheres no Egito antigo, em geral, estavam aptas a exercer uma certa influência fora da esfera doméstica. Ao contrário do que se afirmou algumas vezes, a filiação era basicamente patrilinear.[168]

A independência econômica que os direitos de propriedade davam às mulheres do Egito faraônico, juntamente com seu *status* legal de serem iguais aos homens perante a lei, lhes assegurava gozar de uma boa porção de liberdade social. Elas caminhavam livremente, com suas faces descobertas, diferentemente das mulheres da Grécia antiga que não só eram obrigadas a cobrir suas cabeças decentemente, mas que, pelas leis de Sólon, não podiam sair à noite sem uma tocha acesa diante delas, ou deixar a casa ostentando mais de três ornamentos; e que eram mantidas dentro de casa por governantas, e algumas vezes por eunucos ou velhos. Dentro das casas, não havia cortinas para isolar as mulheres egípcias, embora nas casas maiores, alguns cômodos eram designados “quartéis das mulheres” (*ipt*), mas não se esperava que elas permanecessem neles. Isso contrastava violentamente com as mulheres da Grécia antiga que eram confinadas aos apartamentos das mulheres (*gineceu*) de suas casas. Estes quartos estavam o mais afastados possível do *hall* de entrada, e se localizavam normalmente nos andares superiores da construção; e uma

[167] MENU, Bernadette. La condition de la femme dans l’Egypte pharaonique. In: *Revue Historique de Droit Français et Etranger 67.* Janv.-mars. Paris: Librairie Sirey, 1989, p. 1.

[168] Theodorides, 1977, p.44-63; Theodorides, 1976, p.5-55; Harari, 1983, p.41-54 apud CARDOSO,Ciro, Algumas visões da mulher na literatura do Egito faraônico (IIº milênio) In: *História*. São Paulo: UNESP, nº 12, p.105.

mulher geralmente era proibida de passar de sua parte da casa para outra sem permissão.[169]

Apesar do prestígio social de suas mulheres, se comparadas com outras de mesma época, o Egito antigo não era, de forma alguma, um matriarcado. O poder de fato repousava nas mãos dos homens, que detinham os grandes cargos públicos e estabeleciam a burocracia que governava a terra. A posição social do homem determinava a natureza do funeral que ele já planejava para garantir seu sucesso na vida após a morte. Um camponês era enterrado numa cova rasa na areia do deserto, um nobre merecia uma tumba substancial. A natureza do enterro de uma mulher dependia da condição social de seu marido ou pai, porque uma mulher no Egito antigo, pertencente à classe proprietária de tumbas, compartilhava da tumba de seu marido, ou, se fosse solteira, era enterrada na tumba familiar que pertencia a seu pai. Normalmente, somente as rainhas poderiam esperar um funeral independente.[170]

Este contraste entre as mulheres do Egito a as de seu próprio país, chocou Heródoto violentamente. Como grego, ele deveria estar acostumado às mulheres que levavam uma vida muito mais reclusa, tanto legalmente como socialmente, do que a vida gozada pelas mulheres egípcias que ele observou durante a visita que fez ao Egito por volta de 450 a.C. Na Atenas antiga, por exemplo, as mulheres eram cidadãs somente com fins matrimoniais e de procriação, além disso, não tinham nenhum outro *status*. Estavam sob a proteção e controle de um guardião (*kyrios*), usualmente o chefe masculino da família, pelo resto de suas vidas. Dentro da família, se esperava que as mulheres gregas desempenhassem tarefas domésticas, permanecessem em casa e fossem silenciosas. Na desvirtuada opinião de Heródoto, “os egípcios com suas maneiras e costumes, parecem haver revertido as práticas ordinárias da humanidade. Por exemplo, as mulheres vão ao mercado e ocupam-se do comércio, enquanto os homens ficam em casa fiando”.[171] Barbara Lesko lembra que Heródoto se apavorou com a liberdade das mulheres egípcias porque ele era grego e machista, mas as atitudes patriarcais gregas não eram as únicas na Antigüidade. O domínio dos homens sobre as mulheres é familiar desde a sociedade de Israel antigo, se exerceu

[169] WATTERSON, B. op. cit., p.25.
[170] Ibid., p.24.
[171] HERODOTUS, *The Histories,* II, 35, Penguin Classics, 1965 apud WATTERSON, B. op.cit., p.25.

por intermédio das leis e histórias da Bíblia hebraica e caracterizou outras culturas do Oriente Próximo tais como as da Babilônia e da Assíria.[172]

Sob a legislação grega, a mulher necessitava do consentimento de seu *kyrios* para transações financeiras de valores maiores do que o comum (isto é uma quantia maior do que o preço de um *medimnos* de bebida. Um *medimnos* poderia sustentar uma família normal por seis dias.) No período ptolomaico, era concedida à mulher a opção de agir sob a lei egípcia ao invés da lei grega, e nesse caso ela não seria forçada a ter *kyrios*. As mulheres gregas observando as mulheres egípcias agindo sem seus *kyrioi* devem ter realizado que todas as mulheres seriam capazes de fazê-lo.[173]

A evolução do *status* jurídico da mulher no Egito antigo seguiu a evolução do contexto econômico e social, de modo que a condição feminina também sofreu um processo não linear. Tudo parece indicar, como propôs B. Menu ao falar da variação de "dentes de serra"[174], isto é, com altos e baixos, que a um regime político estável, concentrado numa autoridade única, correspondia uma maior igualdade entre os sexos Enquanto que, ao contrário, um contexto de decomposição do poder, ou um simples enfraquecimento do poder real, favorecia a dominação de um sexo sobre o outro. As relações privadas e principalmente o direito de família se exerciam e se desenvolviam mais livremente numa monarquia forte, enquanto que relações econômicas e administrativas eram estreitamente controladas e dirigidas pelo Estado. Numa monarquia fraca, ao contrário, o direito privado e as relações familiares eram regidas por grupos sociais mais restritos que procediam de um poder local, da cidade, aldeia ou templo. Mas isso ainda não é mais que uma hipótese.[175]

No Reino Antigo, encontramos mulheres que sustentavam títulos administrativos. De uma maneira geral, se constata uma grande liberdade da mulher, mesmo se sua posição, como observa Fischer, fosse secundária à do homem. Parece que a situação se degrada a partir de crises que se abateram no fim do Reino Antigo.

---

[172] LESKO, Barbara. *The Remarkables Women of Ancient Egypt.* Scribe Publications, Providence, 1987, p.14.
[173] WATTERSON, B. op. cit., p.26.
[174] MENU, B. op. cit., p.4.
[175] CARDOSO, C. Algumas visões da mulher na literatura do Egito faraônico (IIº milênio). In: *História*. São Paulo: UNESP, nº 12, 1993, p.103.

Crises que eram ao mesmo tempo econômicas e políticas, relegando a monarquia a uma situação não mais de transcendência, mas disputada, contestada, rival dos poderes locais exercidos pelos nomarcas. As representações femininas em desenhos e relevos do período conturbado que se seguiu ao Reino Antigo, e que chamamos de Primeiro Período Intermediário, refletiram uma possível regressão da condição feminina. O senhor local aparece como todo-poderoso, cercado de pessoas como se fosse um pequeno rei. Sua esposa, de tamanho às vezes proporcionalmente menor é colocada atrás do marido. Ela parece se apagar diante do senhor que toma para si incumbências reais e exerce as prerrogativas de rei nos limites do território que ele administra, um nomo ou uma confederação de nomos. Além do mais, este período tão duro deve ter visto nascer alguns tiranos domésticos que um certo sacerdote, Hekanakhte, nos oferece um retrato por intermédio de sua correspondência.[176] No entanto, a opinião comumente admitida de que a mulher, durante o Primeiro Período Intermediário, se tornou uma menor tutelada pelo marido ou pelo filho, e que foi emancipada de novo sob os Amenemhats, não conta com demonstrações irrefutáveis. Pode-se, de fato ver, em relevos, mulheres executando atividades normalmente da competência de seus maridos, como, por exemplo, o recebimento da carga de um navio ou a supervisão da colheita. É que a mulher possui uma plena capacidade jurídica, mas ela exerce seus direitos de maneira subsidiária com relação ao homem. Principalmente em tempos de guerra, ela substitui o marido impossibilitado de se ocupar da administração de suas propriedades. Ela chegou inclusive a pegar em armas para expulsar o inimigo. Fischer menciona uma cena, numa tumba em Deshasha, em que aparecem mulheres armadas, sitiadas em suas cidades, prontas a combater ao lado de seus maridos.[177]

A reconquista da realeza, obra dos Montuhoteps e principalmente dos faraós da XII dinastia, permitiu, sem dúvida, uma atenuação dos costumes e do direito, assim como uma melhora do *status* jurídico da mulher. William Ward cita três casos de mulheres escribas, e isso pode denotar uma evolução favorável na educação das meninas. No entanto, ao contrário do que acontecia no Reino Antigo, elas não

[176] CARDOSO, C. Uma casa e uma família no antigo Egito. In: *Phoînix* Rio de Janeiro.

[177] FISCHER, H. G. *WER [Women's Earliest Records]* apud MENU, Bernadette. Op. cit., p.6.

representaram mais nenhum papel na administração, e parece que a autoridade, em todos os níveis, ficou sendo uma prerrogativa dos homens. Durante o Reino Médio, as principais ocupações femininas continuaram sendo as da vida doméstica, sob seu aspecto econômico, confecção de pão, de cerveja, de tecidos, e no âmbito das artes, a música (a harpa) e a dança. Note-se que os mestres de música e dança não são mais mulheres como no período precedente. Esculturas de madeira mostram mulheres ocupadas em atividades da casa como moagem de grãos ou nos cultos funerários privados, como portadoras de oferendas. Um certo número de sacerdotisas foi encontrado, mas de posição inferior no meio sacerdotal, os grandes escalões estão ocupados por homens. O Papiro Brooklyn 351446 registra mão de obra estrangeira nos serviços domésticos. Trata-se, sem dúvida, de trabalhadoras, tecelãs na maior parte, vindas por vontade própria para o Egito a partir de centros canaanitas.[178]

O Segundo Período Intermediário, marcado por invasões estrangeiras e por perturbações políticas, econômicas e sociais, é ainda mais obscuro que o Primeiro. Parece que elementos constantes dominam as duas épocas: a proeminência masculina nos negócios, a colaboração da mulher que, quando o marido está ausente em combate, dirige de fato o domínio ou o reino. Assim, a rainha Iahhotep dirigiu o país quando seu filho, Amosis, fundador da XVIII dinastia e do Reino Novo, guerreava para libertar o Egito do jugo hicso.

A condição feminina atinge seu pleno desenvolvimento sob o Reino Novo. A documentação que este período legou é muito mais abundante, de modo que se pode perceber melhor a situação jurídica da mulher. O inventário de fontes fez aparecer, além das inscrições e representações das tumbas e textos literários, já presentes em épocas anteriores, documentos em papiros e óstracos com fins especificamente jurídicos. Esta documentação contém o esboço de um direito privado que se confirmará em épocas posteriores. Assim podemos saber sobre o direito matrimonial e sucessório e as relações contratuais em que mulheres estão implicadas. As fontes do Reino Novo mostram que a mulher tinha a capacidade de intentar ação de justiça e de testemunhar.[179]

[178] WARD, W. *WER* apud MENU, B. op. cit. p.167.

[179] MENU, B. op.cit., p.8.

Negócios e documentos legais, testamentos e cartas geralmente demonstram o grau de liberdade social que as mulheres gozavam no Egito antigo. A vida social, como ilustrada nas paredes das tumbas, era a vida levada pelas classes superiores. A maioria dos egípcios era camponesa, e uma antiga mulher camponesa egípcia, como a grande maioria de camponesas de todos os tempos, levava uma dura vida de trabalho braçal que era interrompido, mas apenas brevemente, a intervalos regulares para a incessante geração de filhos. Elas envelheciam muito rapidamente e morriam cedo. Somente se seu filho "trabalhasse bem" (e isso era possível no Egito onde um homem talentoso poderia elevar-se de suas origens humildes) e usasse sua fortuna recente para tornar sua família mais confortável, poderia ela gozar uma vida mais fácil. As mulheres camponesas cuidavam de seus filhos, limpavam suas casas, cozinhavam para suas famílias e lavavam roupas. Muitas dessas tarefas domésticas eram feitas fora da casa. Cozinhar era uma delas. As roupas eram lavadas comunitariamente nas margens de canais ou do Nilo. A água para o uso doméstico tinha que ser apanhada no rio ou em canais ou poços – cenas de atividade doméstica feminina que ainda podem ser vistas no Egito rural hoje em dia. Não há registros de mulheres camponesas trabalhando no campo, mas pode-se imaginar que elas ajudassem seus maridos em determinados momentos do ciclo agrícola. Geralmente debulhar o grão era uma tarefa feminina, e as jovens meninas poderiam ser usadas para juntar os grãos. As mulheres, não os homens, iam ao mercado, e muito da produção da fazenda era carregada por elas em cestas em suas cabeças, como podemos ver nas representações ou, como no caso de pássaros, em suas mãos.

As mulheres de classes superiores gozavam de uma vida mais fácil. Em seus lares, empregados, que geralmente eram homens, eram contratados. Em tempos mais antigos, a lavagem de roupas, fiação e tecelagem eram efetuadas pelas mulheres, mas, no Reino Novo, os homens tornaram-se lavadeiros e tecelões. Cozinhar, num lar de classe superior, era atividade geralmente efetuada por homens, embora a pior tarefa de todas, que era a obrigação diária que "quebrava as costas" de moer o grão numa mó de pedra manual, era desempenhada por empregadas mulheres.

O fato de que, ao contrário das mulheres da maioria das civilizações antigas e também de alguns países modernos, as mulheres do Egito antigo gozarem dos mesmos direitos dos homens perante a lei, tem um longo percurso na explicação de sua posição social relativamente alta. As palavras escritas em louvor a Ísis e transcritas em um papiro do segundo século d.C.: “Vocês concederam às mulheres um poder igual ao dos homens”, talvez tenham sido escritas com este propósito; e essa é uma questão polêmica. Os direitos de uma mulher no antigo Egito dependia de sua classe na sociedade e não de seu sexo. O Rei do Egito era o principal aplicador e detentor da lei, e, teoricamente, todo mundo no Egito, tanto homens como mulheres, nobres ou camponeses, eram iguais perante a lei e tinham o direito de acesso ao rei (mais comumente a um vizir) para obterem justiça. Na prática, como era de se esperar, alguns, notadamente os ricos e poderosos, eram mais iguais do que outros.

Uma mulher egípcia era legalmente capaz e gozava pleno direito perante a lei. Ela era dona de si mesma, se fosse casada ou não. Poderia agir por sua conta sem ser obrigada a ter uma licença especial para isso. Ela podia mover uma ação de justiça, podia agir como testemunha para documentos legais e como uma executora de testamentos, podia adotar crianças em seu próprio nome e podia ser uma parceira em contratos legais, como, por exemplo, assinar seu próprio contrato de casamento. Uma mulher podia comprar e vender e se possuísse uma propriedade, podia dispor dela como desejasse, mesmo se fossem terras ou possessões. Num papiro, uma certa Sebtitis cede para sua filha a metade de uma aroura (0.34 acres) de um campo de cereal. Em outro papiro, várias mulheres, agindo juntas, descrevem a venda de uma terra. Fica claro a partir de vários papiros, que algumas vezes uma mulher preferisse usar um agente em tais transações.

Papiros comprovam que, mesmo durante o período ptolomaico, quando o Egito era governado pelos gregos, as mulheres agiam legalmente de acordo com os costumes egípcios e não gregos. Em muitos desses papiros, as mulheres, cujos nomes indicam que elas eram egípcias, aparecem concluindo barganhas, fazendo contabilidade, redigindo petições, emprestando dinheiro, e mesmo vendendo terras.

Mas alguns papiros registram que mesmo as mulheres de origem grega poderiam, ocasionalmente, desempenhar tais transações por conta própria.[180]

Como uma mulher casada no Egito antigo tinha os mesmos direitos para possuir, herdar e dispor da propriedade como uma mulher solteira, sua propriedade não passava automaticamente para as mãos de seu marido pelo casamento, uma disposição que não cabia na Inglaterra moderna até o Ato da Propriedade da Mulher Casada de 1882. Uma mulher casada tinha o direito de proteger sua própria propriedade, e quando envolvida numa questão judicial, ela era considerada como uma personalidade legal completamente independente, como no trecho transcrito abaixo de um papiro que data de cerca de 1786 a.C., no qual é a mulher casada que aparece como querelante, não o seu marido:

> Meu pai cometeu uma irregularidade. Ele possuía certos objetos que me pertenciam, que meu marido me havia dado. Mas ele (meu pai) passou-os à sua segunda mulher, Senebtisi. Assim, eu poderei obter a restituição.[181]

Os direitos de uma mulher casada em sua propriedade concedia-lhe a possibilidade de fazer um empréstimo a seu próprio marido, como, por exemplo, no caso da mulher chamada Tay-hetem que, em 249 a.C., emprestou a seu marido 3 *deben* de prata (273 gramas) com juros de trinta por cento, para serem pagos em três anos, como era costume.

Havia muitas maneiras pelas quais uma mulher poderia adquirir uma propriedade. Uma, naturalmente, era pela compra; outra, como pagamento por um trabalho executado; a terceira pela herança de parentes, irmãos e, no caso de mulheres casadas, dos maridos. Condições legais normais decretavam que uma mulher tinha direito a um terço da propriedade de seu marido depois da morte dele, os outros dois terços eram divididos entre os filhos de seu marido (os que ele tivesse tido com ela e os de um casamento anterior) e seus irmãos e irmãs, uma disposição semelhante à situação entre os muçulmanos no Egito de hoje. Normalmente, em

[180] WATTERSON, B. op. cit., 28-30.
[181] HAYES, W.C. *A papyrus of the late Middle Kingdom in the Brooklyn Museum*. Brooklyn, 1955, p. 114 foll. apud WATTERSON, B. op. cit., p. 31.

decorrência da herança das propriedades de seu marido, no Egito antigo, a mulher era obrigada a tomar conta de sua tumba. Foram encontrados contratos nos quais está estipulado que a esposa é obrigada a enterrar seu marido e conservar sua tumba.

Um marido podia desejar que sua mulher herdasse mais do que um terço de sua propriedade – o que lhe era legalmente assegurado. Era-lhe possível tomar providências antes de sua morte para que isso acontecesse. Por exemplo, num testamento do Reino Médio (Papito Brooklyn 351446), um marido deixou para sua esposa quinze escravos, que representavam um terço do total, como era o costume. Outros sessenta escravos eram mencionados pelo testamento. Estes escravos, entretanto, foram doados à sua esposa durante a vida de seu marido, tornando-se assim propriedade dela, e dessa forma não estavam disponíveis no testamento dele. Um outro dispositivo de burlar a lei de herança era a adoção da esposa como filha, como atesta um famoso processo da XX dinastia: “Nebnefer, meu marido, redigiu um documento para mim, a cantora de Seth, Nenefer, fazendo-me uma filha sua e fazendo doação a mim de tudo que possuía, não tendo nem filho nem filha além de mim”. O objetivo da adoção, que Nebnefer fez de sua própria esposa, foi impedir seus irmãos e irmãs de requererem a parte deles no seu espólio. O documento de adoção foi testemunhado por pessoas, incluindo muitas mulheres – Adjedaa, a esposa de uma das testemunhas masculinas, a cantora de Seth, Taiuhery e a cantora de Anty, Tanetnephthys.[182]

A lei comum de herança onde dois terços da propriedade eram herdados pelos filhos, irmãos e irmãs, aplicava-se somente aos testamentos dos homens. Uma mulher sendo livre, pela lei, podia dispor de suas propriedades como quisesse, estava perfeitamente capacitada, inclusive para deserdar seus filhos se assim o desejasse. Isto foi o que fez Naunakhte no Reino Novo, declarando perante um tribunal: “Mas veja, eu envelheci. E veja, eles (os filhos) não estão tomando conta de mim. Qualquer outra pessoa que tenha me ajudado, a ela eu legarei minha propriedade”. Depois, ela listou seus oito filhos pelo nome, declarando os que herdariam.[183]

[182] GARDINER, A.H. A Dynasty XX deed of adoption. *JEA*, 26, 1960, p.23 foll.; E. Cuz-Uribe, A new look at the Adoption Papyrus. *JEA*, 74, 1988, p. 220-223 apud WATTERSON, B. op. cit., p.32.
[183] CERNY, J. The will of Naunakhte, *JEA*, 31, 1945, p.29. apud WATTERSON, B. op. cit., p. 33.

Algumas vezes, a cessão de propriedade estendia-se à cessão da própria mulher, como uma espécie de auto-escravidão. Isto era proibido, entretanto, algumas vezes ocorria por uma série de razões. Por exemplo, uma mulher que devia dinheiro e não tinha condições de saldar sua dívida com o credor, vendia-se a ele "para fazer tudo que ele desejasse de dia e de noite". Outra mulher, em 137 a.C., vendeu-se a um templo por noventa e nove anos. Tal período longo de tempo significava que seus filhos e netos também estariam incluídos na transação, e provavelmente cairiam na categoria de "não livres". Além disso, esta mulher também pagou uma taxa de uma e meia *kite* (aproximadamente 11 gramas) de cobre por mês. Em troca disso tudo, ela esperava que o deus do templo olhasse por ela: "Você deverá proteger-me, você deverá manter-me a salvo, você deverá manter-me saudável, você deverá proteger-me do demônio..."[184]

A igualdade das mulheres e dos homens, tanto perante a lei quanto na posse dos bens, está bem ilustrada por um processo movido por um escriba do tesouro do Templo de Ptah em Memphis, um homem chamado Mose. Os procedimentos do julgamento, que ocorreu durante o reinado de Ramsés II (1304/1238 a.C.) estão anotados numa parede da tumba de Mose em Saqqara. O objeto do litígio foi a posse de um pedaço de terra perto de Menfis, o qual, de acordo com Mose, foi doado a um ancestral seu, Neshi, um capitão de navio, pelo Rei Ahmose em cerca de 1550 a.C. Alguns trezentos anos mais tarde, uma descendente do Capitão Neshi, uma mulher chamada Wernero, foi indicada pela corte para cultivar a terra como curadora dos seus cinco irmãos. Uma das irmãs, entretanto, rebelou-se contra isso, e uma nova ordem foi dada, dividindo a terra entre os seis herdeiros e Huy, o filho de Wernero. Apelaram contra a decisão, mas, infelizmente, Huy morreu logo, e quando sua viúva, Nebnofret, começou a cultivar a sua parte da terra, foi forçada a retirar-se dela por um homem chamado Kha'y que provavelmente era um parente.

Em 1322 a.C., Nebnofret moveu uma ação no tribunal contra Kha'y, mas as ocorrências foram contra ela. Alguns anos mais tarde, seu filho, Mose, tentou reverter a decisão. Quando os títulos devedores foram examinados, tornou-se óbvio que devia

[184] GARDINER, A.H. The inscriptions of Mês: *Untersuchungen zur Geschichte und Alterumskunde Ägyptens*, ed. K. SETHE, vol. IV, Leipzig,1905 apud WATTERSON, op. cit., p.33.

ter havido alguma falsificação, e Nebnofret sugeriu que os arquivos oficiais deveriam ser consultados por Kha'y e um oficial de justiça. Esta proposta levou Kha'y e o oficial a conluiar-se na retirada do nome de Huy do processo. A decisão judicial foi, então dada em favor de Kha'y, e Mose foi forçado a provar o fato de que era realmente descendente do Capitão Neshi, que seu pai tinha cultivado a terra e pago os impostos delas durante anos. Ele fez isso com o auxílio de testemunhas juramentadas, tanto homens quanto mulheres, e, embora a parte final da inscrição hieroglífica esteja perdida, parece válido afirmar que Mose recuperou sua herança.

Um dos aspectos mais interessantes do processo de Mose é a confirmação que ele dá de que as mulheres poderiam possuir terras, poderiam agir como curadoras, poderiam iniciar ações judiciais e poderiam ser consideradas tão competentes no tribunal quanto os homens, sob todos os aspectos de igualdade perante a lei que elas gozavam. Por outro lado, as vantagens que essa igualdade propiciava às mulheres no Egito antigo não podem ser superestimadas.[185]

A lei e a justiça, no Egito antigo, emanavam do faraó, mas elas não eram muito rígidas e parece que lhes faltava uma certa consistência principalmente no que diz respeito aos direitos civis. O *status* do egípcio antigo mudava com o passar dos milênios em direção a uma maior liberdade e maiores oportunidades, mesmo para aqueles que podem ser chamados de "comuns", ou "classe média". Nesta categoria estavam as pessoas de nascimento humilde que eram hábeis artesãos, escribas, mercadores, soldados, cavalariços, fazendeiros e pastores. No Reino Novo, toda essa gente podia possuir terras e escravos, podiam passar livremente suas propriedades a seus herdeiros. Eles podiam se elevar socialmente por intermédio de suas habilidades comprovadas. [186]

[185] WATTERSON, B. op. cit., p.33.
[186] LESKO, Barbara. *The Remarkable Women os Ancient Egypt.* Scribe Publications, Providence, 1987, p.22.

1.2- As condições legais do casamento:

Na literatura, as obras variam em função dos gêneros considerados, e cada um deles traz um aspecto diferente. As biografias e as narrativas ficcionais esclarecem questões familiares; os contos de amor deixam fluir os sentimentos, enquanto que os Ensinamentos se ocupam bastante com a questão da moral familiar e da felicidade conjugal.

Desde o Reino Antigo, a estatuária mostra a preocupação egípcia com a família, a importância de ter um filho que garantisse a descendência e os cultos funerários. Óstracos provenientes de Deir el-Medina mencionam o fato de pessoas faltarem ao trabalho porque estavam se casando. Nesta ocasião, numa relação de dom e contra-dom, oferecia-se um banquete em que os convidados levavam comida como presente (um cesto de tâmaras ou de figos, por exemplo) . Stricker acredita que se efetuava, nessa ocasião, um sacrifício de animais. Segundo as possibilidades das famílias, podia ser uma vitela, um carneiro ou aves, porque derramar o sangue, na Antigüidade, era símbolo de purificação e de consagração.[187]

A prova do casamento consistia na simples prática da vida em comum entre os cônjuges. Uma das expressões para designar casamento é “entrar na casa de fulano”, e de fato, via de regra, a esposa ia morar no domicílio de seu marido. Um contrato de casamento podia ser redigido, ou logo antes das núpcias, ou mesmo às vezes, anos depois, para determinar a parte de cada cônjuge nos bens comuns. A forma desses contratos difere de um lugar para o outro. Eles são numerosos no Terceiro Período Intermediário e Época Tardia. Embora não existam contratos com datas anteriores, pode-se inferir que já existissem antes. O seu conteúdo varia conforme a vontade dos contratantes. Freqüentemente, a mulher leva um dote que ela conserva como parte sua, mas que é administrado pelo marido junto com os outros bens do casal. Ela também leva consigo um enxoval composto de objetos de uso pessoal tais como perucas, espelhos, cosméticos e maquilagem. O marido, na ocasião do casamento faz uma doação a sua mulher, lhe assegurando uma renda alimentícia que ela conservará mesmo com a ruptura do casamento.

[187] Stricker, B. *Het oude Verbond...*, Amsterdã, 1884, p. 70-73 apud MENU, B, p.8.

Os egípcios antigos praticavam o divórcio e não o repúdio puro e simples. Arranjos econômicos regulavam as relações dos cônjuges separados. O divórcio era dispendioso e manter mais de uma mulher também o era. Por isso, a monogamia é regra geral nas camadas médias da sociedade. A iniciativa pode ser tanto da mulher quanto do homem. Nos textos literários, o adultério das mulheres era punido com a morte, mas não na vida real. O adultério não era bem visto naquela sociedade, era falta moral que infringia o código de boa conduta, mas não infringia lei penal. Os Ensinamentos, desde Ptahhotep até Ankhsheshonk, recomendavam aos homens que não se metessem com mulheres casadas, mas isso com a preocupação de evitar os aborrecimentos que derivam dessas situações perigosas. O adultério da mulher levava à ruptura dos laços conjugais, mas não à pena de morte, como em outras civilizações.

A conduta sexual interessava à ordem pública somente quando faltava ao respeito e aos bons costumes. As acusações de adultério, principalmente em Deir el-Medina, estão sempre ligadas a outros tipos de denúncia, como roubo, corrupção, apropriação de bens públicos, malversação da coisa pública. Essas acusações serviam para responsabilizar os funcionários que cometiam adultério com mulheres casadas e que lhes eram de alguma forma subordinadas, caracterizando, assim, casos de abuso de poder.

No Egito antigo, não havia nenhuma palavra que designasse a instituição do casamento que era um ato privado e não jurídico e que exprimia coabitação de um casal e era festejado apenas familiarmente. A evolução lexicográfica atestada na língua raméssida mostra que a palavra, que primitivamente significava “se sentar” *hms* (h com .) foi, pouco a pouco, adquirindo várias conotações até a chegar a significar também a instalação da mulher com seu cônjuge, e, por extensão, a ”companheira de coabitação *iryt nr hms*. Os casos de casais que vão morar com a família são muito raros, talvez, em três milênios, uma dezena.[188]

Nas obras literárias e autobiografias, o homem, em relação ao casamento, se exprime com o eufemismo: “tomar como mulher”. A língua jurídica permite apreender melhor laços que se estabelecem na ocasião do casamento. Existem contratos do Iº

---

[188] MENU, B. op. cit., p.8-9.

milênio, onde são retomados e codificados costumes mais antigos em que tanto pode ser a mulher que levava com ela os bens necessários para seus gastos pessoais, produtos alimentícios ou metais, como o homem que efetuava um pagamento, real ou fictício, a título de garantia, em provisões, roupas, jóias. Fazendo-se os cálculos, a soma parece ridícula. Estas transações não eram obrigatoriamente reais, o objetivo desses contratos era, antes de tudo, regular os bens do casal, em caso de separação.[189]

Quando os membros de classes abastadas se casavam, era elaborado um documento chamado *'n hmt* ou *dm'n hmt*, ou, mais seguidamente, *sh n hmt*. A tradução literal de cada uma das frases acima é "um documento concernente a esposa" que os estudiosos quase sempre interpretam como um "contrato de casamento". Bárbara Watterson discute o uso da expressão, já que seu significado muda de acordo com a sociedade em que está inserido.[190] Apesar de o termo contrato de casamento ter significados diferentes sob diferentes sistemas legais, como designa um acerto entre partes a respeito de determinados pressupostos, acredito que a palavra "contrato" satisfaça como tradução desses documentos, e passo então a utilizá-lo para designá-los.

Um contrato matrimonial tinha essencialmente a ver com direitos de propriedade e com arranjos feitos com os bens em função do casamento. De nenhuma forma servia como comprovação do casamento, nem era uma exigência legal. Tais contratos formais não eram feitos pelos membros das classes mais pobres que teriam achado proibitivo o custo de alugar um escriba para elaborar o documento e que não dispunham de nenhuma propriedade, mesmo pequena. A maioria dos acordos matrimoniais existentes, ou qualquer evidência documentada referindo-se aos aspectos legais do casamento, datam dos últimos anos do período da história do Egito faraônico, não havendo como se supor que também não fossem típicos de arranjos mais antigos. Os acordos de casamento eram feitos entre o pai de uma mulher e o seu marido em perspectiva, embora, algumas vezes, a própria mulher fosse o parceiro contratante. Quanto mais alto fosse o *status* social da mulher, maiores eram as

[189] FORGEAU, A. op. cit., p.181.
[190] WATTERSON, B. op. cit., p.64.

demandas da maneira de salvaguardar-lhe os direitos financeiros e legais. Os acordos tinham uma forma padrão:

A data, isto é, o ano do reinado do monarca reinante.

Os nomes dos dois contratantes, os noivos.

Os nomes dos pais de ambos.

A profissão do marido, ocupação e origem (os da mulher quase nunca são registrados)

O nome do escriba que elaborou o contrato.

O nome das testemunhas, cujo número podia variar de três a trinta e seis. (No período ptolomaico, o número era regularmente dezesseis testemunhas)[191] Depois, seguiam-se os detalhes do acordo. Uma cópia do acordo de casamento era colocada num cofre de uma das partes interessadas, ou eram guardadas nos arquivos de algum templo.

Nos primeiros manuscritos conservados, o acordo era feito entre o marido e o sogro que "dá" sua filha "como mulher", fórmula atestada em fontes posteriores. A escolha da filha passava pelo pai, e vários são os exemplos referentes a isso, mas também não quer dizer que a vontade dela não contasse. No conto do Reino Novo, o *Príncipe predestinado*, a princesa síria ameaça o pai de morrer se ele não permitisse que ela se casasse com o eleito de seu coração. O pai cede e lhe "dá" a filha, e ainda deu-lhes uma casa, campos cultivados e rebanhos. O episódio se desenvolve na Ásia, mas a história é egípcia. A partir do século VI a.C., os contratos sancionam uma maior liberdade da mulher em relação à tutela paterna. Quando os laços de casamento são rompidos, ela pronuncia a expressão simétrica à dele: "Eu te tomei como marido". Depois disso então, ela se torna um ser autônomo.

Apoiado num simples consenso, o casamento egípcio escapava da comunidade, e, desse modo, adaptava-se bem às várias situações individuais. O mesmo acontecia com os bens matrimoniais. Diferentemente da Grécia, o Egito não conheceu sistema rígido de dote, e assim, os casamentos podiam ocorrer sem que nenhum contrato prévio interviesse.

[191] PESTMAN, P.W. *Marriage and matrimonial property in ancient Egypt*, Leiden: 1961, p.175, apud WATTERSON op. cit., p. 63.

Os casamentos reais eram faustosos e realizados dentro de uma perspectiva política. Entre particulares, variava de acordo com a classe social, com o lugar e com o que estivesse em jogo. Nos casamentos narrados nas *Aventuras de Sanehet* e no *Príncipe Predestinado*, os governantes concedem a mão de suas filhas junto com bens materiais. Em outras documentações, aparece o noivo fazendo uma doação ao pai da moça.

A leitura e interpretação cuidadosas de manuscritos encontrados de épocas anteriores mostram que, via de regra, os interesses econômicos das famílias não constituía o fundamento do casamento egípcio. Apesar de todo acesso à terra passar pelo faraó, um embrião de propriedade privada, alienável e transmissível, sob a forma de bens móveis, e, às vezes, fundiário, também existiu. No entanto, esses haveres, aquisições de fato, mas não de direito, eram por demais limitados para que engendrassem alianças entre familiares.[192]

Durante o casamento, os bens comuns são em princípio geridos pelo marido, mas a mulher tem o direito de se informar sobre os negócios da família. Tem-se notícia da modificação na locação de um campo efetuada após interferências da esposa do locador. Em caso de extinção do casamento, por motivo de morte de um dos cônjuges, como vimos, e também de divórcio, a partilha se fazia à razão de um terço para a mulher e dois terços para o marido. Após a morte de um dos cônjuges, o sobrevivente tinha o usufruto de todos os bens, mas só podia dispor da parte que trouxera. Sabemos o caso de um barbeiro que cedeu a sua loja a um escravo e casou-o com a sua sobrinha que era órfã. Esta recebeu um dote da fortuna pessoal do barbeiro que fizera anteriormente uma escritura de partilha de seus bens com sua mulher e sua irmã.[193]

Quanto a questão de casamento entre livres e escravos, estes eram permitidos, seguindo os filhos o *status* da mãe. Há exemplos anteriores à alforria formal, que é tardia, de que adoção ou casamento com pessoas livres podia abrir, na prática, o caminho da liberdade e o acesso à propriedade.[194]

---

[192] FORGEAU, A. op.cit. p.178-181.
[193] MONTET, Pierre. *O Egito no tempo dos Ramsés,* "A Vida Cotidiana" São Paulo: Companhia das das Letras/Círculo do Livro, 1989, p.62.
[194] DAUMAS, F. *La civilización del Egipto faraónico*. Barcelona: Editorial Juventud, 1972, p.175-180

A documentação de Deir el-Medina também confirma que as mulheres eram muito independentes, que elas tinham o direito de ir e vir sem autorização do pai ou do marido, e também podiam contratar empregados para auxiliá-las nas suas tarefa cotidianas. Mesmo as fontes mais tardias, que se situam fora do milênio em questão, que demonstram claramente uma maior liberdade das mulheres em relação à tutela paterna, são resultado de um processo que já vinha ocorrendo durante o IIº milênio.

2- As mulheres de poder:

É difícil falar sobre mulheres na sociedade egípcia quando a própria estrutura desta sociedade ainda não foi completamente compreendida. Sem dúvida, era extremamente hierárquica, e a elite deve ter constado de pessoas de nível social diferente, dependendo da posição que ocupavam. No topo, ficavam os altos oficiais e suas famílias: o vizir, o supervisor do tesouro, o primeiro sacerdote de Amon, oficiais que faziam parte do governo central. Abaixo deles, estavam os oficiais que serviam na equipe de seus departamentos. Havia também oficiais lotados em centros provinciais cuja importância correspondia à importância do lugar em que eles exerciam o cargo, mas seu *status* era inferior ao dos oficiais do governo central. Abaixo destes, havia oficiais e escribas vinculados a centros ou instituições de menor importância. Escribas também eram empregados por particulares e estes provavelmente não faziam parte da burocracia governamental.

Os estudos realizados sobre a organização social são poucos tanto da sociedade em geral, como principalmente das mulheres, e a estrutura social egípcia era muito complexa. William Hard (1986, 16-17) conseguiu distinguir o *status* de três grupos de mulheres portadoras de títulos baseados na posição social de seus maridos. O primeiro grupo consistia de esposas de altos funcionários como o vizir, os governadores e nomarcas e até homens com o título de “único companheiro” que era a mais baixa camada de títulos da hierarquia superior dos oficiais. O segundo grupo era de esposas de oficiais inferiores, abaixo do nível de “único companheiro”, e o terceiro era o mais baixo de todos. Os títulos pertencentes às mulheres, em cada grupo, eram diferentes. No primeiro grupo, são encontradas mulheres que tinham a

forma feminina dos prestigiados títulos graduados masculinos, *iry-pat* e *haty-a*, ou o título de filha de um *haty-a*. Nenhum deles era muito comum. Ainda nesse grupo, encontramos com muito mais freqüência "sacerdotisa de Háthor" e "única dama de companhia", o que parece ser marca do mais alto *status* social. Ainda não está muito claro se as mulheres ganhavam este *status* por direito próprio, ou se ele era simplesmente um reflexo do *status* de seu marido, e um não é mutuamente exclusivo do outro.[195]

No segundo grupo, encontramos vários títulos comuns de mulheres do Reino Médio. Um deles era o de "cidadã" (*Ankehet ent niut*) . Este título continuou em uso até o Reino Novo e era o título mais freqüente nas mulheres em Deir el-Medina, em documentos hieráticos onde parece indicar uma mulher casada. Seu significado fundamental, especialmente no Reino Médio, não é claro. Outro título freqüente é o de "dama de companhia" e o de "única dama de companhia" que era superior ao primeiro. A "secerdotisa *wab*" é a contrapartida feminina do "sacerdote *wab"* Por fim, as "serventes do governante" são as mulheres casadas com funcionários inferiores. O "governante" se refere ao governador da província, de modo que esta não era uma posição muito importante. Do terceiro grupo fazem parte aqueles que possuem títulos de profissões inferiores tais como empregados da casa e atendentes.

No Reino Antigo, mulheres de alta categoria recebiam o título que faziam referência ao rei, como "Aquela que é conhecida do rei". Este título também é a contrapartida feminina de um título usado pelos altos oficiais. "Mulher nobre do rei" é outra contrapartida feminina de um título masculino. As formas masculinas e femininas, ambas foram usadas, pela primeira vez, na VI dinastia, mas a versão feminina ficou em uso até a XI dinastia, enquanto que a forma masculina se extinguiu em fins do Reino Antigo. Os títulos "dama de companhia" e a "única dama de companhia" foram usados da V dinastia em diante.

Além desses títulos de categorias, havia títulos, no Reino Antigo, que eram claramente administrativos. Mulheres, como administradora, ficavam responsáveis pelos armazéns de suprimentos de alimentos e tecidos, talvez como uma extensão de sua responsabilidade por estes itens dentro da esfera familiar. Elas também tinham

[195] ROBINS, Gay. *Las mujeres en el antiguo Egipto.* Madrid: Akal, 1996, p.115.

outras ocupações na produção de tecidos, perucas, dançavam e cantavam, trabalhavam com outros profissionais como médicos, arrendatários de terras e nos cultos funerários. Muitas dessas mulheres parece que estiveram a serviço de outras mulheres, e podem não ter sido parte da burocracia estatal. Duas rainhas tiveram administradoras mulheres, e uma princesa, que era esposa de um oficial superior chamado Mereruka, tinha, não somente uma administradora, mas também um "inspetor do tesouro", um "supervisor dos ornamentos", e um "supervisor dos tecidos". A única supervisora de médicos conhecida estava possivelmente encarregada das médicas que assistiam à rainha mãe. Normalmente, os doutores eram homens. A medicina que as mulheres praticavam era relacionada com as mulheres, ginecologia e obstetrícia. Mulheres cantoras e dançarinas eram muitas vezes supervisionadas por vigias mulheres, mas entre elas, havia também homens. O que se pode observar é que enquanto homens podiam vigiar mulheres, elas provavelmente não os vigiavam. Em comparação com os títulos administrativos masculinos, aqueles usados pelas mulheres ocorriam com menor freqüência, e com menor ainda, variedade. O único alto título administrativo registrado para uma mulher é o de vizir, e ocorreu na VI dinastia. Não se pode saber se o seu uso era honorário ou funcional, mas o fato de o exemplo ser único causa tanta surpresa quanto é esmagadora a ausência de mulheres na administração. [197]

No Reino Médio, as mulheres ainda tinham uns poucos títulos administrativos, mas parecem ter sido menos comuns do que no Reino Antigo. Além do título de "escriba mulher", encontramos também o de "zelador do quarto", "garçom", "vigilante da cozinha", "mordomo", "selador". Eles estão, com maior freqüência, na forma masculina e é possível que pertençam a mulheres que trabalhavam para particulares e não para o governo, possivelmente a serviço de uma outra mulher. Henry Ficher [1976, 79], num estudo de títulos de mulheres nos Reinos Antigo e Médio, concluiu que "é difícil evitar a impressão de que as mulheres do Reino Médio eram menos freqüentemente e significativamente envolvidas em administrar o povo e a propriedade

[197] Ibid p.124-125.

do que no período anterior - não que seu papel tenha sido algum dia de grande importância, a não ser naturalmente no caso da mãe, esposa e filhas dos reis".[198]

O título "dama de companhia" também é encontrado no Reino Novo, é usado pelas esposas e às vezes pelas filhas de oficiais superiores. Por longo tempo, o título foi entendido como se significasse a concubina do rei. Os estudiosos apontaram a pouca probabilidade disso, já que tantas mulheres eram casadas com oficiais superiores. Não parece possível que o rei fosse abdicar de seus direitos sexuais e passar essas mulheres para as mãos de seus oficiais, como um "refugo real". Atualmente, se propõe o contrário, que se veja o título como representando de fato uma posição na corte. Esta denominação conferiria *status* e seria apropriada a esposa de um alto funcionário. Uma outra forma também foi encontrada, 'Grande dama de companhia' (*jekeret nesu weret*).[199]

Um importante título do Reino Novo, que relacionava sua dona com o rei, é o de "ama de leite do rei" (*manat nesu* e variantes). Essas mulheres eram mais conhecidas pelos monumentos de seus maridos e filhos que estavam no mais alto escalão de oficiais. Esta conexão íntima com a família real, especialmente com um futuro rei, poderia trazer favores reais para toda a família, e progresso dos membros masculinos dentro da burocracia. Como filhos da "ama de leite do rei", e assim irmãos de leite do rei, provavelmente faziam parte do círculo de amizades íntimas do rei em sua juventude.[200] A posição de "ama de leite do rei" não era um cargo dentro da burocracia estatal, mas ainda assim, carregava um potencial de influência com o próprio rei, e, portanto, um canal de poder. Instrução não era necessária, já que a qualificação para esta posição era a condição de produzir leite, uma condição biológica que qualquer mulher pode preencher. Não se sabe quanto tempo a "ama de leite do rei" ficava no cargo depois que ele era desmamado.

As mulheres, se não podiam ocupar um cargo público, podiam, em algumas instâncias, participar das obrigações que vinham de seus maridos. Num documento da XX dinastia, o escriba da necrópole, Djehytymose informa sobre a arrecadação de impostos em forma de grãos que efetuou em diferentes lugares ao sul de Tebas. Uma

[198] Apud ROBINS,G. ibid p., 125.
[199] Nord, 1970; Drenkhahn, 1976. Apud : ROBINS, G. ibid p.125.
[200] Helck, 1939, p. 66-70. apud ROBINS, G. ibid p. 126.

parte desse cereal ele entregou ao escriba da necrópole de Nesamenemipet e sua mulher, a musicista de Amon, Henuttawy.[201] Em alguns desses documentos, o nome de Henuttawy vem antes do de seu marido e em outros, ela aparece apenas recebendo os grãos. Uma carta de Henuttawy para Nesamenemipet está preservada, em Genebra, e fala sobre o mesmo assunto do recebimento de grãos e certos problemas que surgiram.[202] Parece que Nesamenemipet estava longe e que Henuttawy o estava substituindo. Ela ficava fora da estrutura burocrática oficial e obtinha sua autoridade, não por direito próprio, mas por ser esposa de Nesamenemipet. Se ele perdesse seu emprego ou morresse, a autoridade dela acabava também.

Existe um outro caso registrado sobre uma carta de um homem denunciando sua mulher por ela ter entrado numa loja oficial, sem ser autorizada e de lá ter retirado vários objetos.[203] Quando lhe perguntaram, no tribunal, porque tinha aberto a loja sem permissão do vigia, ela replicou que o vigia era seu marido, como se isso bastasse para por tudo em ordem. Infelizmente para ela, seu argumentou não encontrou a simpatia dos juizes porque seu marido já tinha sido transferido para outra posição antes de ela ter entrado na loja. É claro que qualquer direito, que ela pudesse ter tido de entrar na loja, cessou no momento em que ele deixou de ser vigia.

No Reino Médio e no Novo, os títulos administrativos mantidos por mulheres virtualmente desapareceram. Algumas posições menos importantes para mulheres permaneceram, mas a administração, em todos os níveis da sociedade, se tornou formalmente uma prerrogativa masculina.

3-Mulheres e literatura:

Mesmo que as mulheres fossem responsáveis pela administração do lar, elas nunca ficavam em casa confinadas. Muitas mulheres de classe alta tinham obrigações nos templos e também podiam representar uma parte nos cultos funerários de

[201] Gardiner, 1941a, 22-37. apud ROBINS, G. ibid p.133.
[202] Wente, 1990, nº 290; Janssen 1986 apud Robins, G. ibid p.133.
[203] MacDowell 1990, 222. Apud ROBINS, G. ibid p.134.

membros da família. No todo, entretanto, havia uma nítida distinção entre as ocupações dos homens e das mulheres as quais, independente de suas origens, já estavam arraigadas na sociedade egípcia desde o Reino Antigo e continuaram através de toda a história do Egito faraônico. Isso estava manifestado na estrutura formal do Estado, que era administrada por uma burocracia de oficiais cultos, homens, que formavam uma elite.

As ambições da elite se centralizavam na idéia de dar aos filhos um treinamento apropriado para escribas e colocar seus pés na escada burocrática, sendo que o ideal era que os filhos herdassem o cargo de seu pai. As mulheres, ao contrário, eram excluídas da estrutura burocrática oficial. Os meninos é que iam para a escola e eram encorajados a devotar seus esforços para se tornarem escribas.

Já que as mulheres não podiam incluir-se na burocracia, não tinham oficialmente necessidade das habilidades literárias e, portanto, não precisavam de treinamento formal. Isto não quer dizer que não aprendessem a ler e escrever. Na verdade, não há nenhum documento conhecido sobre o qual se possa afirmar, com um mínimo de certeza, que tenha sido escrito por uma mulher ou que tenha sido escrito com o intuito de ser lido por mulheres. Com relação a cartas enviadas por uma mulher, devemos sempre considerar a possibilidade de que a carta foi redigida por escriba homem, e lida por um deles para a destinatária.

Uma evidência mais positiva para a alfabetização das mulheres parece ter sido a palavra *sesht*, a forma feminina do título masculino *sesh*, 'escriba', que é encontrada ocasionalmente no Reino Médio. Entretanto, alguns estudiosos consideram que esta fórmula deve ser entendida unicamente como a forma abreviada de um título feminino cujo sentido é o de "pintora de sua boca" ou como "cosmetóloga". Esta interpretação parece ter sido fortalecida pelo fato de que o título vem acompanhado de outro que significa "peruqueira". No entanto, uma *sesht* chamada Idwy, do Reino Médio, possuía um selo em forma de escaravelho, o que indicava algum prestígio.[204] Este objeto dificilmente pertenceria a um cosmetólogo que tinha um *status* baixo. O título *sesht* não é encontrado no Reino Antigo e no Novo. Na Época Tardia, uma mulher no

[204] Fischer 1976, p.77 apud ROBINS, G. p.121.

serviço de divina adoradora e esposa do deus, em Tebas, é chamada de *sesh-sehemet*, ou seja, "escriba mulher".[205]

Seja qual for o significado de *sesht*, o contraste entre o seu uso e o da forma masculina *sesh*, é surpreendente. *Sesh* é um dos títulos básicos masculinos de todos os períodos, que ocorre repetidamente nos monumentos. Mesmo se considerássemos todas as ocorrências de *sesht* como o feminino de escriba, o número seria extremamente pequeno. Além disso, enquanto existe um grande número de cenas de escribas homens trabalhando, não há pinturas, de nenhum período, de mulheres escribas trabalhando. Nem podemos provar que estas poucas *sesht* eram empregadas da burocracia estatal. Elas podem ter tido altas posições em um grande lar privado, ou na residência real. Duas *sesht* são representadas entre os oficiais do palácio, em estelas privadas, e outra aparece duas vezes na câmara funerária da mulher real Aashit em Deir el-Bahri.[206] É claro, porém, que a existência, em certos períodos, de algumas mulheres chamadas de *sesht* não elimina a forma básica de distinção entre a classe alta, de homens que eram escribas e sustentavam os cargos governamentais e mulheres que não tinham cargo.

Esta divisão reflete a estrutura do governo formal. Fora do mundo burocrático, as filhas de famílias cultas podiam ter sido ensinadas a ler e escrever, e essas habilidades se perpetuariam, na linha feminina, se as mães letradas passassem seu conhecimento para suas filhas. Assim, em famílias da elite, as mulheres não podiam ter esperanças de conquistar um alto cargo, mas podiam, talvez, terem sido capazes de escrever cartas uma para a outra, cuidar do lar, fazer as contas dos negócios, ler e copiar textos literários. Uma carta da XX dinastia diz ao seu destinatário: "Tu verás esta filha de Khonsmose, obterás dela uma carta e a enviarás para mim".Talvez fosse para ela mesma escrever.[207]

Em umas poucas cenas do Reino Novo, mulheres são pintadas com estojos de escriba sob suas cadeiras, e se tem sugerido sobre isso que elas estivessem comemorando sua habilidade de ler e escrever.[208] Infelizmente, em todos os casos,

[205] Graefe 1981, 41-42 apud ROBINS, G. op. cit., p.121.
[206] Ward 1989, 35 apud ROBINS, G. op. cit., p.121.
[207] Wente 1967, 28 apud ROBINS, G. op. cit., p.121.
[208] Bryan 1984 apud ROBINS,G. op. cit., p.121.

menos em um, a mulher está sentada com seu marido ou filho de tal modo que o espaço sob a cadeira do homem não é suficiente para caber um estojo de escriba que teve de ser colocado para trás, debaixo da mulher. Isto aconteceu com uma cena semelhante em que o cachorro do homem é colocado embaixo da cadeira da mulher.[209] Assim, não dá para saber com certeza se o estojo do escriba pertencia a ela.

Caso tenha havido um grupo de mulheres alfabetizadas no Egito antigo, não parece que elas tenham desenvolvido um gênero literário unicamente delas que tenha sobrevivido, como, por exemplo, uma versão feminina dos textos sapienciais masculinos, que daria conselhos a jovens mulheres. Talvez nós coloquemos muita ênfase na literatura, devido à importância de ler e escrever na sociedade moderna. Na novela chinesa *A história da pedra*, sobre uma família instruída do começo da dinastia Ch'ing, as filhas eram cultas e escreviam poesias. Mas a mulher que realmente dirigia a casa e supervisionava as complexidades dos impostos e despesas entrou na família pelo casamento e era totalmente analfabeta, mas guardava todos os detalhes da administração da casa na cabeça.[210]

O máximo que se pode dizer então é que, enquanto a capacidade de ler e escrever era básica para os empregos na burocracia estatal, só os homens tinham cargo e as mulheres, independentemente de suas habilidades, eram excluídas. Fora do aparato formal do governo, ainda não há evidência segura se algum dia as mulheres das famílias nobres aprenderam a ler e escrever. Certamente há possibilidade de terem aprendido, mas, de qualquer forma, não deve ter sido regra geral. Por outro lado, podemos possuir documentos escritos por mulheres e simplesmente faltam-nos os meios para identificá-los.

4- Amor e casamento:

As fontes falam pouco sobre aonde buscar um marido. Apesar do casamento entre irmãos serem limitados à família real, os egípcios se casavam, com muita freqüência com parentes próximos. Também parece freqüente o casamento de um

[209] Davies 1913, lâmina 26 apud ROBINS, G. op. cit., p.122.
[210] ROBINS, G. ibid p.122.

homem com a irmã de sua primeira esposa. Uma razão para o casamento com parentes próximos pode surgir da divisão da herança entre os descendentes dos dois sexos. A união de distintos ramos da família mediante o matrimônio evitaria a desintegração da propriedade familiar. A investigação desses temas é difícil porque, na maioria dos casos, não se registrava os progenitores do marido e da esposa além de uma ou duas gerações.

A julgar pelos poemas de amor da literatura egípcia antiga, as emoções representavam uma parte importante nas vidas dos egípcios de ambos os sexos. No Egito antigo, uma mulher, não sendo mantida reclusa, tinha oportunidades de encontrar membros do sexo oposto e apaixonar-se. Um amor inesperado parece ter sido tão comum lá como em qualquer outro lugar. A procura por poções de amor, charmes e amuletos para conquistar a afeição da pessoa amada era uma opção que proporcionava aos antigos egípcios uma firme crença em magia. A magia também era um recurso que uma mulher ciumenta podia lançar mão, como aparece, por exemplo, no Papiro Ebers: "Para fazer o cabelo da rival cair todo – ungir sua cabeça com folhas queimadas de lótus fervidas em óleo *ben".*[211]

Ocasionalmente, duas pessoas enamoradas poderiam persuadir mesmo um rei a mudar seus planos, como na história que se encontra hoje no Museu do Cairo: O rei Mernebptah não queria casar seu casal de filhos um com o outro, não pelo incesto, mas pelo fato de não aumentar a família como pretendia, mas termina cedendo.[212] Os reis se casavam com irmãs. Na literatura homens e mulheres, em especial os enamorados se chamavam de "irmão" e "irmã". Fica claro, entretanto, que esses termos não deveriam ser tomados literalmente, eles são, simplesmente, um modo de indicar afeição, mas não necessariamente entre irmãos.

Os gregos confundiram a situação, e afirmaram que o casamento entre irmãos e irmãs era normal no Egito antigo, mas este provavelmente não era o caso. Entre os egípcios comuns o casamento entre meio-irmãos e irmãs, quer dizer, filhos de um mesmo pai, mas de mães diferentes, aconteciam com freqüência nos círculos onde um homem poderia manter várias mulheres e concubinas. A resposta dada pelos

[211] Papiro Ebers, 67,3ff apud WATTERSON, B. op. cit., p.54.
[212] Sobre a história de Ahwere e Neneferkaptah, ver LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian literature*, vol III, 1980, p. 127-8.

juízes reais ao rei persa, Cambyses, quando ele perguntou-lhes se existia uma lei que permitisse um homem casar-se com sua irmã, é esclarecedora. Eles lhe disseram que não existia nenhuma lei que permitisse tal fato; mas, havia, certamente, uma lei que permitia ao rei da Pérsia fazer tudo que lhe conviesse. Sem dúvida, uma lei semelhante foi concedida ao rei do Egito.[213]

Não fica claro qual seria o papel do amor na escolha de um parceiro no casamento: parece que a maioria dos casamentos no Egito antigo era arranjada. Em sociedades onde existe este hábito, a escolha do esposo é geralmente feita pelos pais que objetivavam maiores vantagens sociais e financeiras para sua prole. No que se refere à filha, um homem rico e bem sucedido, mesmo muito mais velho do que a noiva pretendida, era um genro desejável, capaz de oferecer à sua esposa uma melhor posição na sociedade do que a de seus pais. Ocasionalmente um filho casaria com uma mulher mais velha pelas mesmas razões. Também era recomendável o casamento de um rapaz com uma prima patrilinear por razões de conservação da propriedade familiar. [214]

No Egito de hoje, muitos jovens encontram seus próprios parceiros de casamento, mas é muito freqüente que as mulheres em uma família procurem um jovem ou uma jovem adequados para serem apresentados a um de seus parentes com fins matrimoniais, esperando-se que o amor, nesses casos, floresça com o conhecimento. No Egito antigo, também, as mulheres da família representavam uma parte importante no arranjo de casamentos. Parece que os pretendentes, às vezes, usavam uma mulher como ponte, ou se aproximavam da mãe da moça (note-se, nunca do pai) para pedir-lhe seu apoio. Isso aparece no lamento de uma heroína fictícia de um poema de amor: “Ele não sabe o desejo que tenho de tomá-lo nos braços, senão já teria escrito à minha mãe”, no Papiro Chester Beatty I, da XX dinastia, atualmente em Dublim.[215]

No Egito antigo, o casamento era encarado como altamente desejável, tanto pelos homens como pelas mulheres. Como na maioria dos países, tanto antigos como

[213] Heródoto, *The Histories*, III, 32, Penguin Classics, 1965 apud WATTERSON, op. cit., p.57.
[214] WATTERSON, B. Ibid. p.57.
[215] LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian Literature*, vol II. Berkley e Los Angeles, 1976 p. 183 apud ARAÚJO, E. Op. cit., p.305.

modernos, o casamento, a maternidade e a construção de um lar eram as principais ocupações pelas quais a maioria das mulheres aspirava, mas os homens também apreciavam os benefícios de serem casados. A maioria dos egípcios casava-se muito jovem – geralmente quinze anos para meninos doze para meninas, embora Ankhsheshonk aconselhasse a tomar uma esposa quando se tivesse vinte anos, para que tenha um filho quando ainda se for jovem.[216] Entretanto, os egípcios antigos, assim como seus descendentes modernos, amadureciam cedo e, até bem recentemente, o casamento nessas idades entre os camponeses não era incomum, nem era incomum, por exemplo, na Bretanha medieval. A média de tempo de vida das mulheres no Egito antigo e na Bretanha medieval era quase o mesmo – dezoito a vinte anos, assim a maturidade precoce era uma necessidade biológica. Em todo caso, numa sociedade onde a única escolha real para a maioria das meninas era entre permanecer na casa de seus pais ou deixá-la somente pelo casamento, não é surpresa que o casamento precoce, com sua promessa de pelo menos uma certa medida de independência, era alguma coisa a ser apreciada.

Os ritos e costumes para a celebração dos casamentos da sociedade cristã ocidental não faziam parte do casamento egípcio, exceto o contrato de casamento. Parece que o casamento, para eles, era simplesmente "a intenção de construir um modo de vida a dois",[217] com o compromisso de a esposa ir viver na casa do marido. Outra expressão muito freqüentemente utilizada para referir casamento era: "Dar a A (o nome do noivo) B (o nome da noiva)". Documentos[218] mostram que desde o começo do Reino Novo, senão antes, até a XX dinastia, uma menina, em circunstâncias normais, era dada em casamento pelo pai, sendo que o último desses procedimentos conhecido data de 548 a.C. (Papiro Louvre7846) Um documento datado de 536 a.C. (Papiro Berlim 13614) marca uma mudança da prática, e daí para a frente, todos os documentos elaborados para registrar um casamento utilizam a fórmula: "O homem disse à mulher: ' Eu tomo você por esposa'".[219] A frase, em

[216] LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian Lierature,* vol.II. Berkeley e Los Angeles, 1976, p. 182-193 apud WATTERSON, B. op. cit., p.12.
[217] Pestman P.W. *Marriage and matrimonial property in ancient Egypt*, Leiden, 1961, p. 52 apud WATTERSON, B. op.cit., p.59.
[218] Ibid. p.11 apud WATTERSON, B. op. cit., p. 60.
[219] Ibid. p.9, n.5 apud WATTERSON, B. op. cit., p.60.

egípcio, é *pr' n hmt*, "tomar como esposa", e era, naturalmente, para o uso do homem, parecendo ter havido uma frase equivalente para o uso da mulher.

A palavra mais comum para exprimir a ação de casar é "*mni"*, mas esta palavra também significava "um charco", "um navio" ou "engajado num serviço de culto". As palavras "charco" e "engajado" podem, com certeza, serem usadas, metaforicamente, para fazer referência ao matrimônio, mas um outro significado para *mni,* "morrer", não deve nunca ter sido usado para designar casamento. Outras expressões também eram freqüentemente usadas para casamento, como *k r pr,* "entrar numa casa"[220]

Na história em que a princesa quis e conseguiu se casar com o irmão, embora o rei pretendesse casá-los com outras pessoas e assim aumentar a família, já que os dois eram seus únicos filhos, não houve cerimônia de casamento, mesmo se tratando de um casal real. O pai dela, simplesmente, ordenou que ela fosse "levada para a casa do marido esta noite" e acrescentou: "deixe que toda espécie de coisas lindas sejam levadas com ela". Este casamento tinha certas semelhanças com os casamentos no Egito de hoje. Como muitas noivas modernas, ela foi levada para a casa de seu marido à noite. E, exatamente como uma noiva de hoje, ela teve a mobília retirada da casa de seus pais para o seu novo lar. Assim, a princesa teve "toda espécie de coisas lindas" levadas por ela.

De acordo com este relato, parece que não era, realmente, necessário para os noivos aparecerem diante de funcionários para marcar o casamento. No caso de egípcios comuns, entretanto, era provavelmente necessário um reconhecimento formal (não na forma de qualquer espécie de cerimônia, religiosa ou secular, ou por razões legais, uma vez que o Estado considerava o casamento como um assunto privado), mas, para resguardar negócios financeiros relativos à propriedade. O acordo de casamento era uma parte importante do casamento egípcio. Entretanto, outro significado da palavra *mni* era "doação ". Uma parte importante do casamento era provavelmente o comparecimento diante de oficiais de justiça que anotavam os nomes do casal e registravam os detalhes do acordo matrimonial. Até a XXVI dinastia,

---

[220] Gardiner A.H. A Dynasty XX deed of adoption: *JEA*, 26, 1940, p.23, como *hmsi r-c*, "sentar-se com", ou ainda, *grg pr, "*estabelecer um lar". Thompson, H. *A family archive from Siut*. Oxford, 1934, p.78 apud WATTERSON, B. op. cit., p.60.

parecia comum que fosse o noivo e o pai da noiva que fizessem o comparecimento. Depois daquela época, a noiva em pessoa fazia parte desse acordo.[221] O acordo matrimonial era somente ligado com as questões de propriedade. Tanto quanto se sabe, nunca se referiu ao comportamento e aos deveres dos esposos entre si. Existe um exemplo conhecido, entretanto, de um pai na XX dinastia que tentou assegurar o bem estar de sua filha: "Faça Nekhwemmut fazer um juramento, dizendo que nunca tratará mal a minha filha".[222]

O casamento muçulmano, no Egito moderno, apresenta uma semelhança marcante com os casamentos dos antigos egípcios. Para os egípcios muçulmanos, não existe nenhuma cerimônia religiosa no casamento que não era considerado um sacramento. Para eles, a definição de casamento é um contrato entre um homem e uma mulher baseado na livre aceitação, por ambas as partes, embora cada um deva ser bem aconselhado por suas respectivas famílias. Existe um acordo matrimonial, que é considerado como um acordo de vontades, uma vez que liga duas partes iguais, e cada parte tem o direito de estabelecer suas condições no contrato, que obviamente é vinculado a ambos. O acordo matrimonial deve ser registrado no cartório, pelo tabelião com a presença de ambas as partes. Em certas circunstâncias, um procurador poderá receber um mandato escrito para agir por uma das partes (quase sempre da mulher), representando-a, embora deva haver confiança para isso.

Quando um egípcio antigo se tornava um *hy* e ganhava um lar e uma esposa, esperava que ela lhe desse filhos e que comandasse a casa de forma competente. A mulher se tornava uma *hmt*, "esposa" e recebia o título de *nbt hwt* ou "dona da casa" pois a casa era considerada como seu domínio. Ela não mudava o nome pelo casamento (no Egito antigo, não havia nome de família) nem perdia o controle de sua propriedade. Normalmente, ela aspirava ser a única esposa de seu marido, embora a poligamia não fosse ignorada. Algumas vezes, aparece, para designar esposa, não a expressão *hmt*, mas *hbsyt*. Não se sabe se existe alguma distinção legal entre os dois termos e qual seria ela. O mesmo problema surge com os termos *iw.s m hmt n* e *iw.s m-d'i*, traduzidos respectivamente por "quem é esposa" e "quem está com". Foram

[221] Pestman. *op. cit.* P. 12-13 apud WATTERSON, B. op. cit., p.61.

[222] Bodleian, O. 253 apud WATTERSON, B. op. cit., p.61.

feitas tentativas para classificar casamentos de diferentes tipos e *status* legais, mas não foram bem sucedidas.[223]

No curso normal das coisas, uma esposa deveria compartilhar a tumba de seu marido. Nos relevos e grupos de estátuas das tumbas, seus nomes eram sempre acompanhados de *mrt.f*, sua amada, indicando que a afeição era uma norma entre marido e mulher. A dona da casa era tratada com respeito pelos criados, pela família e, não menos, pelo seu marido. É talvez conveniente notar-se que em nenhum lugar na literatura sapiencial, ou em qualquer outra, um homem seja aconselhado a bater em sua esposa ou ensiná-la a ser obediente a ele. Estátuas de grupos familiares, com esposas sentadas lado a lado com seus maridos, braços afetuosamente colocados ao redor de suas cinturas, crianças, tanto filhos quanto filhas, a seus pés proclamam a devoção dos egípcios à vida familiar feliz.

A chegada de um filho, ou mesmo filha, para um casal, não poderia, infelizmente ser garantida e alguns homens preferiam arranjar "um ano de alimentação", um casamento judicial,[224] para se certificar se a mulher poderia ter filhos ou não. Nesses casos, seria elaborado um contrato como o que se segue:

> Psenmin, filho de Khensthoth, diz a Tamin, filha de Pamont: Quatro *deben* (364 gramas) de prata refinada foram dadas a você perante as deusas Háthor e Rattowe. Você deverá ficar em minha casa, estando comigo como uma esposa, a partir de hoje, ano 16, terceiro mês da segunda estação, primeiro dia, até o Ano 17, quarto mês da primeira estação, primeiro dia (isto é, nove meses).
>
> Se você for embora para sua própria casa antes do fim do nono mês você deverá devolver-me os quatro *deben* de prata refinada.
>
> Se, porventura acontecer que eu seja quem a faça ir embora, eu devo pagar uma multa de quatro *deben* de prata refinada que eu já paguei nas mãos dos agentes de Psenamy, o cambista e agente de dinheiro.[225]

De acordo com Diodoro, todos os egípcios, exceto os sacerdotes, praticavam a poligamia.[226] Heródoto, ao contrário, declarou que, como os gregos, os egípcios eram

---

[223] Edgerton, W.F. *Notes on Egyptian marriage, chiefly in the Ptolemaic period*. Chicago, 1931, p. 6-9 apud WAATERSON, B. op. cit., p. 62.

[224] Wolff, H.J. *Written and anwritten marriages in Hellenistic and postclassical Roman law*, Haverford, 1939, p.70-71 apud WATTERSON,B. op. cit., p.66.

[225] O. Strassburg 1845. In: BW, p. 66. O que está entre parênteses não pertence ao contrato.

[226] Diodoro I 80 3. apud WATTERSON, B. op. cit., p. 67.

monogâmicos.[227] Parece que Heródoto era o mais correto e que, com exceção dos reis, que, por razões dinásticas, geralmente tinham várias mulheres, a poligamia era rara no antigo Egito. Qualquer comprovação é difícil porque tal referência, quando existe, é geralmente ambígua. Não é possível se distinguir se as esposas retratadas ou citadas com seus maridos representavam casamentos simultâneos, ou se umas são esposas anteriores, divorciadas ou mortas. A referência é geralmente feita a mais de uma esposa em documentos funerários. Relevos e grupos de estátuas geralmente mostram um homem com duas ou mais esposas. Na maioria dos casos, não existe indicação de que um homem fosse casado com todas essas mulheres simultaneamente. Nas inscrições a frase *hmt.f hr-h3t,* "sua esposa anterior", poderá ser usada, mas a ausência desta frase não, necessariamente, indica que um homem fosse casado com várias esposas ao mesmo tempo. O máximo que pode ser dito, em tais casos, é que as mulheres que aparecem nesses relevos ou grupos de estátuas, não pareciam ser esposas divorciadas, dando uma maior impressão de serem esposas que morreram antes do marido, exceto a última que foi com quem o marido se casou outra vez.

Casos que somente podem ser vistos como de poligamia são conhecidos entre as classes burocráticas no Reino Médio[228]e existem vários exemplos comprovados do Reino Novo, notadamente em papiros concernentes aos grandes roubos de tumbas da XX dinastia. Um desses, por exemplo, refere-se ao caso de um ourives chamado Ramose, que viveu em cerca de 1.100 a.C.[229] Quando sua esposa, Mutemhab, foi questionada num tribunal de roubos, ela mencionou que seu marido tinha tido duas esposas que estavam mortas, mas que a terceira ainda vivia. Ramose foi trazido a julgamento, por roubo de tumbas, não por poligamia. Fica claro que, embora a poligamia fosse rara, não era oficialmente proscrita. Por outro lado, pode-se assegurar, que nessa questão, as mulheres não eram iguais aos homens e que a poliandria era possibilidade inconcebível.[230]

---

[227] Heródoto II 92. In: BW, p.67).
[228] Simpson W. K. Polygamy in Egypt in the Middle Kingdom. *JEA*, 60, 1974, p. 100-105 apud WATTERSON, B. op. cit., p.67.
[229] Peet Eric T. *The great tomb-robberies of the Twentieth Egyptian Dynasty*, I Text, London, 1930, p. 156-157 apud WATTERSON, B. op. cit., p.67.
[230] WATTERSON, B. ibid. p.67.

No antigo Egito era permitido para um homem, mesmo casado, possuir quantas concubinas ele pudesse sustentar e ele poderia persuadir as outras senhoras de seu lar, especialmente sua esposa, a aceitá-las. É válido supor que ele fosse primeiro buscar o consentimento de sua mulher para esse arranjo, uma vez que ela poderia sentir que a chegada a seu lar de uma rival para a afeição de seu marido, constituísse motivo para o divórcio. A julgar pelas preces encontradas inscritas em certas tumbas que pedem a reunificação após a morte de um homem, sua esposa, seus filhos, seus pais e sua concubina, o arranjo parece que, em geral, era comprovadamente um arranjo feliz.

Legalmente, e provavelmente no âmbito doméstico, o *status* de uma concubina de um homem casado não se misturava com o de sua esposa. Fora as concubinas permitidas, uma esposa poderia esperar que seu marido fosse fiel a ela, pois a infidelidade de um homem casado não era bem vista socialmente. Um certo Amenemhat jura em seu panegírico: “Eu não conheci escrava na casa (de meu pai). Eu não seduzi sua criada”.[231] Um outro homem, numa carta escrita para sua esposa falecida, declara: “Você nunca me viu enganando-lhe como um camponês, indo para outra casa. Veja, eu passei três anos sozinho, sem ir para outra casa, embora não seja de modo algum agradável ter de fazê-lo. Mas, veja, eu o fiz para seu bem. E veja, com relação às mulheres na casa, eu jamais tive relações sexuais com elas”.[232]

O adultério, no Egito antigo, era muito mal visto, mesmo o adultério do homem. Diodoro escreveu que quem cometesse adultério sofreria castigos terríveis, mas essa não parecia ser a prática.[233] Certamente, a norma na literatura egípcia antiga era que o adultério, ou tentativa de adultério, resultasse em morte, como na história dos *Dois irmãos.* Outro exemplo literário do que uma esposa adúltera podia esperar, encontra-se nos Papiros Westcar. O destino dos dois amantes foi realmente terrível, ele comido por um jacaré e ela queimada na foqueira,uma vez que, de acordo com uma antiga crença egípcia, a preservação do corpo com a mesma forma quando vivo e abrigado o mais corretamente possível em uma tumba, era necessária para uma vida após a

[231] Gardiner A.H. The stela of Amenemhet. *ZÄS*, 47, 1910, p. 92 apud WATTERSON, B. op. cit.,. p.68.
[232] GARDINER, A.H. e SETHE, K. *Egyptian letters to the dead: Papyrus Leiden 371.* Londres: 1928 (red. 1975) apud, WATTERSON, B. op. cit., p.68.
[233] DIODORO I 78 3-4 apu WATTERSON, B. op. cit., p.69.

morte. O cidadão comum que tenha prevaricado com a esposa de um homem importante, podia esperar um castigo, mas o fato de que a esposa de Ubainer, um membro das classes superiores, ter sido castigada de modo tão brutal e destituída de suas esperanças de uma vida após a morte, mostra como o assunto de adultério era sério para uma mulher. O destino dos adúlteros foi utilizado, nessa história, mais para advertir as pessoas que se desviavam das expectativas de um comportamento ideal, do que para refletir o que, de fato, acontecia na vida real.

O adultério não era aprovado, mas no curso normal dos acontecimentos, parece que o Estado o considerava como assunto doméstico e não se interessava em adotar castigos para isso, exceto, talvez, financeiros. Em alguns acordos de casamento, o mais recente desse tipo conhecido data de cerca de 1000 a.C, existem cláusulas que castigam o "pecado mortal" do adultério em uma mulher simplesmente destituindo-a de seus direitos financeiros.[234] Um homem adúltero, por outro lado, que estava tendo um caso com uma mulher casada, poderia esperar que seu castigo viesse do marido ofendido. Anksheshonk adverte: "Não faça amor com uma mulher casada. Aquele que faz amor com uma mulher casada é morto em sua porta". Presumivelmente não por agentes estatais. O conselho de Anksheshonk a um marido traído era simplesmente: "Se você encontrar sua mulher com seu amante, arranje uma noiva que lhe sirva".[235]

Quando o casamento terminava, o divórcio era possível, e poderia ser iniciado tanto pela esposa como pelo marido. Como o casamento e o adultério, o divórcio era um assunto particular no qual o Estado não tinha o menor interesse, e parece que em nenhuma hipótese era considerado como socialmente inaceitável. O divórcio era simples: um homem tinha meramente que recitar a seguinte fórmula perante testemunhas: "Eu te demiti como uma esposa, eu te abandonei, eu não tenho nenhum direito sobre ti. Eu te disse, 'Tome um marido para você em qualquer lugar que você vá'".[236] Entretanto, um divórcio fácil era somente na teoria, na prática, ele era

[234] Pestman, op. cit., p. 56, 61,71,156 apud WATTERSON, B. op. cit., p.70.
[235] LICHTHEIM, M. op.cit. Ancient Egyptian literature, vol. III, Berkeley e Los Angeles, 1975, p.169 apud WATTERSON, B. op. cit., p.70.

[236] ERICHSEN, W *Demotsche Lesest"ucke II*, 1, Leipzig, 1937-1940, p.115 apud WATTERSON, B. op. cit., p.70.

geralmente difícil. Pressões sociais, financeiras e familiares concorriam para que um casal que estivesse se divorciando, desistisse. Dependendo do acordo que tivesse sido estabelecido antes do casamento, das penalidades financeiras estipuladas, que poderiam ser tão pesadas, que uma separação legal era impraticável.

As razões mais comuns para um marido não querer mais uma mulher como esposa eram a incapacidade dela de gerar filhos e o seu desejo de casar-se com outra, ou o fato de que ela simplesmente cessou de agradar-lhe. O sentimento de uma mulher rejeitada, simplesmente porque ela tinha deixado de agradar o homem com quem vivia, está registrado num famoso, mas, talvez, apócrifo caso dos arquivos de Deir el-Medina. Este caso não se refere a uma esposa, mas a uma concubina, que foi rejeitada por ser cega, e que entretanto estava tão magoada com o fato como qualquer esposa ficaria.[237]

Uma esposa poderia divorciar-se de seu marido por crueldade, tanto física ou, numa linguagem moderna, mental. Embora pareça ter sido aceito que um marido pudesse bater em sua esposa, não lhe era permitido exceder-se. Se ela considerasse que ele tivesse abusado desse direito, uma esposa poderia levar seu marido perante um tribunal e queixar-se. Depois disso, ele era normalmente advertido. Mas, se ele ignorasse as advertências, era condenado a levar cem chicotadas, e, além disso, poderia ter confiscado tudo que sua esposa houvesse contribuído para construir no lar, como, por exemplo, nesse caso da XX dinastia: “Se eu alguma vez tratar a filha de Tenermentu injustamente outra vez, eu deverei receber 100 chicotadas e deverei ser privado de tudo que eu adquiri com ela”.[238]

Se um homem se divorciasse de sua esposa, ele teria que devolver seu dote e daria a ela a “porção matrimonial” que houvesse sido acertada em seu contrato matrimonial; e ele também teria que lhe pagar uma compensação e dar-lhe uma parte (geralmente um terço, mas, algumas vezes, a metade) de qualquer propriedade que eles tenham adquirido durante seu casamento, como ilustra o documento seguinte de 264 a.C.: “Se eu repudiá-la como esposa, se eu deixar de amá-la e quiser outra

[237] Cerny J. *Late Ramesside letters*, Bruxelas. 1939, 67, 13-68 apud WATTERSON, B. op. cit., p.71.

[238] BODLEIAN, O. 253 apud WATTERSON, B. op. cit., p. 71.

esposa; eu te darei 5 *deben* (455 gramas) de prata...e eu te darei a metade de tudo quanto eu possuir e tudo que adquirir junto contigo a partir deste dia".[239]

Se, entretanto, o divórcio se originasse da mulher, parece que ela perdia seu direito na partilha da propriedade comum, e era ela é que teria que pagar a compensação. Uma mulher de cerca de 340 a.C. fez a seguinte declaração: "Se eu repudiá-lo como meu marido, se eu deixar de amá-lo e se quiser alguém mais, eu lhe darei dois e meio *kite* (cerca de 22 gramas) de prata; e abro mão da terça parte de tudo e qualquer coisa que eu tenha adquirido juntamente com você".[240]

Uma vez divorciados, tanto o homem quanto a mulher, poderiam casar-se outra vez tão logo o desejassem, e parece que Barbara tem razão quando diz que o fato de que muitos deles o fizessem, se não fosse um exemplo do triunfo da esperança sobre a experiência, seria um testemunho do valor que os egípcios antigos atribuíam ao casamento.[241]

4.1- A vida doméstica:

A família era uma célula extremamente unida no Egito antigo, e a ideal era composta por marido, esposa e filhos. O marido era a cabeça do lar. A esposa gozava de um grande grau de liberdade pessoal e financeira, e os filhos ficavam sob o controle dos pais. Como no Egito moderno, um homem se considerava responsável por seus parentes, e os membros idosos da família. Irmãs viúvas ou solteiras, ou principalmente uma mãe viúva, geralmente se juntavam ao número de pessoas num lar, especialmente no da família do filho mais velho. A felicidade da família dependia grandemente da postura da esposa do dono da casa. Apesar de seu alto *status* social, as mulheres não competiam com os homens na sociedade, mas em seu lar, em seu próprio domínio, a mulher comandava, e sua obrigação era criar seus filhos e gerir o lar o mais eficientemente possível.[242]

[239] Papiro Philadelphia 14 apud WATTERSON, B. op. cit., p. 72.
[240] LIBBEY, P. apud WATTERSON, B. op. cit., p.72.
[241] WATTERSON, B. ibid. p.73.
[242] Id. Ibid. p.102.

A importância social de uma mulher casada estava ligada à geração de filhos. Uma vez casada, tanto a sua família como a de seu marido, esperava que ela tivesse um filho o mais rápido possível. As mães eram altamente consideradas na antiga sociedade egípcia. A estima que um homem devotava à sua mãe era geralmente tão grande que, em algumas tumbas a mãe do proprietário aparece ao lado de sua esposa em grupos de estátua. Muito raramente um pai aparece dessa maneira. Nos últimos períodos da história egípcia, as genealogias de proprietários de tumbas eram inscritas em estelas funerárias, e é a descendência de um homem ao lado de sua mãe que é geralmente traçada. O pai é muito menos mencionado. Um avô materno de um homem era considerado como seu protetor e patrono. No Reino Novo, por exemplo, um rapaz algumas vezes recebia um posto "por causa do pai de sua mãe". Tudo isso, entretanto, não perturbava a natural relação entre um filho e seu pai. Além do mais, esperava-se que um filho fosse "um esteio na idade avançada" (*mdw n i3w,* um epíteto geralmente usado) para seus pais idosos.

O amor e respeito de um homem pela sua mãe acima de todas as mulheres, mesmo depois de seu casamento, ainda hoje são características entre os egípcios. Os problemas que isto possa causar para uma esposa podem ser imaginados. Este é um ponto bem ilustrado por um discurso de um amigo egípcio de Winifred Blackman que foi escrito há mais de sessenta anos atrás, mas que ainda é pertinente hoje em dia. Esse discurso lembra muito o do sábio Ani:

> Minha esposa é boa, e eu estou satisfeito com ela, mas ela deve permanecer lá (apontando para baixo). Minha mãe está aqui em cima (apontando para o alto) Ela não me carregou aqui por nove meses? (pressionando o estômago com as mãos). Ela não sentiu dores para me dar à luz, e ela não me alimentou em seus seios? Como poderia eu não amá-la? Ela é sempre a primeira e está acima de tudo comigo. Minha esposa poderá mudar e perder seu amor por mim. Minha mãe é sempre a mesma; o amor dela por mim não pode mudar.[243]

Os filhos eram claramente vistos como uma grande benção pelos antigos egípcios. Eles os amavam, eram indulgentes e orgulhosos de sua própria prole.

---

[243] BKACKMAN, W.S. *The fellahin of the Upper Egypt.* London:1927, p. 45 apud WATTERSON, B. op. cit. p.121.

Mesmo os mais pobres deles bendiziam todos os filhos que nasciam. Os filhos compartilhavam com seus pais muitas ocasiões sociais. As pinturas de tumbas os retratam em festas, vestidos como miniaturas de adultos, sentados quietos e sempre bem comportados; ou em expedições de caças nos alagados, agachados aos pés de seus pais segurando arpões ou lançando varas, ou reclinados sobre o lado do barco para mergulhar seus dedos na água.

Estrabão observou que os egípcios criavam todos os seus filhos. Como grego, ele se surpreendeu com isso, pois em seu próprio país, havia uma tradição de que as recém-nascidas, e mesmo os bebês meninos doentes, deveriam ficar expostos numa colina para que os deuses os adotassem.[244] Uma tal prática era necessária na Grécia onde a comida era sempre conseguida com dificuldade do solo cheio de pedras, e as crianças fracas, como bocas extras para alimentar, não eram desejadas. As filhas não eram consideradas como sendo um arrimo para uma família pela considerável carga que representaria ter que lhes doar um dote. No extremamente fértil Vale do Nilo, a situação era diferente no que se referia à alimentação, e a maioria dos egípcios poderia arcar em criar tantos filhos quantos nascessem. Além disso, a filha de uma família egípcia não era invariavelmente agraciada com um dote. [245]

No Egito antigo, o cuidado diário com as crianças durante sua infância era responsabilidade da mãe. As casas maiores possuíam um compartimento separado só para as mulheres nos quais uma mãe vivia com sua prole. As mães carregavam seus bebês junto a si com uma faixa que segurava a criança contra o seu corpo. Uma das mais famosas Ilustrações dessa prática é encontrada na tumba do escriba real, Menna (Tumba Tebana nº 69), que viveu em cerca de 1400 a.C. Na parede dessa tumba, uma mulher camponesa é mostrada sentada sob uma árvore amamentando seu filho dentro da faixa; e o mesmo tema é encontrado mais de setecentos anos mais tarde na tumba de Montuemhet (Tumba Tebana nº 34), o Grande Servidor da Esposa do Deus Amon, por volta de 650 a.C. Parece que as mães normalmente amamentavam seu filho pelos primeiros três anos de sua vida, talvez como uma salvaguarda contra engravidar novamente muito cedo, ao mesmo tempo, protegendo o filho ao alimentá-lo

[244] Pomeroy S.B. *Goddesses, whores, wives and slaves: Women in classical antiquity*. Nova York, 1975 apud WATTERSON, B. op. cit., p.122.
[245] WATTERSON, B. ibid. p.122.

com um alimento sem contaminação. A infância parecia terminar aos quatro anos, quando, pelo menos os meninos, poderiam ser mandados para o colégio.

A educação formal não era geralmente dada a meninos da classe camponesa. Até o Reino Novo era comum somente as crianças das classes superiores estudarem, e, algumas vezes talvez, as filhas dos escribas. Cada departamento do serviço do governo tinha sua própria escola, como tinham os grandes templos, mas elas eram reservadas aos meninos. Parece que os meninos eram mandados à escola como pensionistas (internos) até que, quando tinham dezesseis anos a maioria era colocada como aprendiz de uma profissão. Somente aqueles que pretendiam um sacerdócio ou assumir um posto na administração civil recebiam uma educação acadêmica mais longa. As meninas normalmente não eram enviadas para a escola, e é sabido que a educação formal dos meninos era incomparavelmente melhor do que a das meninas. Algumas vezes as famílias mais ricas se uniam e arranjavam para que a educação de seus filhos fosse administrada por um tutor particular. As crianças reais eram ensinadas em palácio por um tutor, e os filhos de nobres geralmente tinham permissão para assistir suas aulas. [246]

Na escola, era dada grande ênfase à honestidade, humildade, autocontrole e boas maneiras, como, também, respeito aos pais. A disciplina era severa. As meninas, não tendo o benefício da escolaridade, devem ter recebido o código de comportamento de suas mães. O mais conhecido sistema educacional consistia de instrução formal em casa, onde os meninos seriam aprendizes da formação profissional do pai e as meninas instruídas por suas mães nas prendas domésticas. Nas famílias em que havia um filho na escola, era responsabilidade da mãe provê-lo com sua ração diária de pão e cerveja.

Em casa, uma mãe exercia sua rotina diária de cuidar de seu lar. Com exceção das grandes casas com criados, era tarefa da mãe manter seus filhos ocupados, enquanto ela fazia suas tarefas. Em muitos casos, as mulheres de sua família extensa – irmãs solteiras e mães viúvas, por exemplo – devem ter sido solicitadas a ajudá-la. A julgar pelos muitos exemplos que foram escavados em tumbas e nas cidades, as crianças do Egito antigo possuíam jogos e brinquedos. Os

[246] Bryan B.M. Evidence of female literacy from Theban tombs of the New Kingdom. *BES*, 6, 1984, p.17-

bebês eram acalmados com chocalhos e as crianças mais velhas tinham piões e chicotinhos e jogavam jogos com bolas feitas de madeira ou couro. As crianças mais afortunadas tinham brinquedos de madeira como carros ou crocodilos com mandíbulas móveis, anões que poderiam dançar por meio de cordões puxados, e, no período greco-romano, cavalos de madeira montados em quatro rodas. As crianças mais pobres faziam seus próprios modelos: hipopótamos, porcos, crocodilos e macacos, de lama do Nilo. Os meninos brincavam com pequenas réplicas de alabardas e as meninas com bonecas de pano ou de madeira, com membros móveis, e miniaturas de camas para colocá-las.[247]

As tarefas de uma dona de casa do Egito antigo era cuidar de seus filhos, manter a casa limpa e as roupas lavadas, tinha de preparar comida e bebida além de fazer as compras, ou melhor, de ir à feira, pois não existiam lojas no Egito Antigo. A não ser nas casas mais pobres, ela tinha criados para administrar. No Egito moderno, como na Bretanha até a Segunda Guerra Mundial, famílias de classe média, mesmo com poucos rendimentos, empregavam criados, pois os salários pagos aos criados eram extremamente baixos. No Egito antigo, muitos lares da classe trabalhadora teriam de ter, pelo menos, um criado. Com ou sem criados, uma mulher esperava que suas filhas a ajudassem nas tarefas domésticas, quanto mais não fosse, como uma preparação para o dia em que tivessem seus próprios lares para cuidar. Um filho, por outro lado, não se envolvia com os problemas domésticos, mesmo quando seu pai não tinha o desejo nem o discernimento de mandá-lo para a escola. O tempo de um menino era gasto em fazer coisas fora de casa. [248]

4.2- O lugar das crianças:

A criança era a finalidade obrigatória da família e o centro das preocupações morais. Apesar da importância de um filho que garantisse a descendência e a sucessão, quando nasciam as crianças tinham o mesmo tratamento, não havendo discriminação de sexo. Estrabão (XVII, 2,5), acostumado com o abandono das

---

32 apud WATTERSON, B. op. cit., p.124

[247] David A.R.Toys and games. In: *The ancient Egyptians*. Londres,1986, p. 162-164 apud WATTERSON, B. op. cit., p.125-126.

[248] WATTERSON,B. ibid. P. 127.

meninas recém-nascidas, observou: “Eles alimentam todas as crianças que nascem”.[249] A iconografia confirma a igualdade das crianças pequenas, utilizando o mesmo cânon de representação para meninos e meninas, integrando-os aos mesmos ambientes como ritos funerários, banquetes, cenas de práticas de higiene e até trabalhos agrícolas.

O tema do aleitamento, que a princípio remete à imagem da mãe, tem grande importância na ideologia faraônica, ultrapassando o âmbito familiar, já que o leite dado ao rei, quando pequeno, era o leite de uma deusa e conferia realeza graças à sua natureza divina.

Aos pais cabia a tarefa de transmitir ao filho as suas experiências, enquanto recebe os cuidados das mães, antes de ir para escola de escribas, pelo menos entre os letrados. Esses ensinamentos morais eram um complemento da educação intelectual e física que o filho recebia na escola. Os egípcio acreditavam mais naquilo que era adquirido pelo esforço do que nas qualidades inatas, de modo que toda criança que aprende a escutar e a obedecer, pode se tornar um sábio, seja qual for a sua natureza. As meninas aprendiam principalmente dança e música e, às vezes, a escrever. A diferença de educação preparava os papéis futuros, o de chefe de família para uns, e o de dona de casa responsável para outras.

A iconografia egípcia era mais idealizada do que a literatura que deixa escapar algumas contradições. A harmonia familiar permaneceu como o ideal afirmado para a vida após a morte, já que ela era a garantia e também o postulado sobre o qual repousava o código que regia, no cotidiano, as relações sociais. Eles não ignoravam as dificuldades, mas a autoridade da organização social e do sistema de crenças era suficientemente forte para que eles não precisassem de um arsenal rígido de leis. Num universo de representações regido por uma instituição faraônica onipresente, perpetuação da obra imutável dos deuses, a realização pessoal não tinha espaço senão numa estrita conformidade com o princípio de ordem encarnado pela noção de

[249] ESTRABÃO (XVII, 2,5) apud FORGEAU, A. op. cit., p206.

Maat, e talvez seja por isso que a moral egípcia confunde “a falta e a transgressão, a revolta e a agressão”.[250]

4.3- Os filhos:

Filhos e filhas eram parte integrante do núcleo familiar e, por isso, eram representados nos túmulos. Na maior parte das cenas nas quais participam ativamente, são representados como adultos, mesmo que numa escala menor. Há, no entanto, cerca de trinta tumbas onde crianças pequenas são representadas. Muitas vezes, elas estão nuas, e têm um papel passivo nas cenas em que aparecem. Bebês não eram retratados em nenhuma das tumbas, a não ser pequenas figuras nuas em pé ao lado ou debaixo da cadeira dos pais o que era um expediente para representar os bebês.[251]

Excetuando as cenas nas quais as amas de leite reais estão amamentando as crianças que estão aos seus cuidados, cenas de mães carregando crianças ou bebês são incomuns. Nos casos estudados por Sheila Whale das tumbas da XVIII dinastia, aparecem apenas dois exemplos. Um deles apresenta mulheres com crianças nos joelhos. Estas crianças são todas do sexo feminino, estão nuas, os corpos são de adultas formadas, são quase tão grandes quanto as mulheres que as carregam. O outro exemplo mostra uma camponesa no campo trazendo um bebê envolto num xale.

Devido à alta incidência de mortalidade infantil no mundo antigo, esperar-se-ia que algumas crianças fossem representadas como defuntos e diferentes, de alguma forma, dos vivos. De fato, há muitos casos em que criancinhas são representadas ao lado dos pais em contextos funerários. Aparecem recebendo oferendas ritualísticas de seus irmãos. Nestas cenas, as crianças “mortas” estão sempre olhando na mesma direção que seus pais e há contato entre elas e os pais.

Numa das cenas examinadas, datada do reinado de Tutmés III da XVIII dinastia (1479-1425 a.C.), duas filhinhas estão representadas, sentadas ao lado dos pais na mesa de oferendas, recebendo oferendas de um irmão adulto. Uma pequena figura masculina nua está debaixo da mesa, olhando o grupo e oferecendo uma flor de lótus

[250] YOYOTTE, 1961, p.21 apud FORGEAU, A. op. cit., p.207.
[251] WHALE, Sheila. *The family in the eighteenth dynasty of Egypt* Sidney, 1989, p. 254.

ao proprietário da tumba. Desse modo, este se distinguia das outras crianças e era retratado como uma criança viva. Crianças apareciam em cenas de banquetes e, muito comumente, com seus pais em cenas de caça e pescaria e talvez em outras ocasiões, que o estado de má conservação dos túmulos não permite determinar.

As obrigações de um filho eram as de proporcionar perpetuação do nome dos pais, isto é, manter o túmulo e oferecer os sacrifícios necessários nos dias de festival. Evidências diretas da participação dos filhos na construção e decoração do túmulo do pai são escassas. Somente um caso é conhecido no qual o dono do túmulo especifica os que construíram seu túmulo. Deu uma festa para aqueles que trabalharam e entre eles, como figura principal, estava o ”seu filho que supervisionou os trabalhos em seu túmulo”. Este era provavelmente o seu filho mais velho.[252] Evidências de filhos realizando oferendas a seus pais abundam nos túmulos onde a família é representada e nos quais a cenas se conservaram. Infelizmente, as inscrições dessas cenas se perderam, mas pode-se perceber que um homem que está fazendo oferenda ao proprietário e sua esposa é com muita probabilidade o filho mais velho do casal.

Os filhos também eram importantes em cenas de banquetes, muitas vezes, realizando oferendas a seus pais, com os convidados atrás deles, e outras vezes, são representados como convidados do banquete. Embora, os convidados tenham sido representados em banquetes na maioria dos túmulos, as colunas destinadas às inscrições acima deles, freqüentemente estão vazias, nunca tendo sido preenchidas, de modo, que é difícil se determinar quantos filhos estavam representados entre os convidados.

Do reinado de Tutmés III em diante, os filhos participavam em cenas ritualísticas com seus pais. As cenas em que eles acompanham seus pais, e às vezes, suas mães, na inspeção dos trabalhos do Estado são bem menos comuns. Filhos e netos são representados fazendo oferendas a seus pais e avós, seguindo o sarcófago, inspecionando o equipamento funerário.

Um fato interessante nas relações familiares da XVIII dinastia é a ausência do termo, e portanto, talvez do conceito de “filho mais velho”. O termo *s3t smsw* ocorre apenas uma vez num túmulo em El Kab. Sheila W acredita que este termo foi usado

[252] Davies e Gardiner, 1915 apud WHALE, S. op. cit., p.255.

para justificar a sucessão do filho do governante de El Kab. Por morte de seu irmão mais velho, ele então se tornou o “mais velho” e herdeiro do título. O termo não sobreviveu mais em nenhuma das tumbas tebanas examinadas. Mas, isso não quer dizer que não desse para distinguí-lo nas representações familiares. Normalmente, ele era mais representado, ou nomeado primeiro numa fila de filhos, ou era o mais proeminente nas cerimônias ritualísticas para seus pais. Pode ser que, com a emergência de uma nova ordem social, dominada pela burocracia e pelas forças armadas, o conceito de “filho mais velho” tenha perdido a importância. A capacidade da pessoa passou a ser mais valorizada do que um lugar importante na hierarquia familiar. Também é possível que a idéia de o filho mais velho ser o herdeiro de seu pai também tenha mudado, resultando em uma distribuição mais eqüitativa das propriedades e obrigações. Conservou-se, por exemplo, a vontade do Tutor Real *Sn.i-ms*, do vigésimo primeiro ano do governo de Tutmés III (Seth, 1927, 1066-70) de deixar suas propriedades para sua mulher e filhos. A Estela em que o legado foi inscrito está muito danificada, mas parece que *Sn.i-ms* deixou as suas propriedades para sua mulher enquanto ela estivesse viva, e, por sua morte, então dividi-las entre seus três filhos. Não há nenhuma menção que indique que os filhos tivessem privilégios sobre as filhas.[253]

4.4-As filhas:

No começo da XVIII dinastia, as filhas desempenhavam um papel passivo nos túmulos de seus pais, sendo representadas de pé, ou agachadas em fila atrás dos filhos. No entanto, no reinado de Djehutimés III, passou a haver uma tendência a uma participação mais ativa delas nas oferendas a seus pais em cenas ritualísticas, coincidindo com o papel mais ativo das mulheres nessas cenas. Em alguns casos, as filhas apareciam ao lado do pai e da mãe, adorando Osíris. Em um só caso, a filha teve a distinção de ser representada acompanhando seus pais diante do rei. Como sua mãe e irmãos, as filhas são representadas acompanhando o proprietário nas suas atividades de caça e pesca. Elas aparecem de pé na frente ou atrás de seu vigoroso

[253] WHALE,S. ibid. p.255-256.

pai, ou agachadas entre suas pernas. Também aparecem com seus pais recebendo a produção do Delta e o produto da caça.

Há ocasiões em que as filhas do proprietário parecem ter precedência sobre os filhos. Os casos são tão poucos e tão espalhados pela XVIII dinastia que não se pode dizer que isso fosse uma tendência. Em dois casos, as filhas ostentam o título de *hkrt-nswt*, o que, provavelmente explica a sua proeminência nos túmulos. Num dos casos, a filha mais velha é chamada de *s3t.f wrt*, possivelmente porque só se tornou assim com a morte de sua irmã mais velha. Este é o único caso sobrevivente desta designação nas tumbas pesquisadas. Como filha mais velha, ela parece ter precedência sobre os filhos. A razão para isso não é óbvia. Pode ser que os filhos fossem a prole de uma esposa inferior, mas não há evidências de uma segunda esposa no túmulo. Pode ser também que os filhos fossem muito jovens para tomar parte ativa nesta cena. Numa outra tumba, a filha aparece, em uma única cena, debruçada sobre o pai, dando a impressão de estar colocando um colar no pescoço dele.

Numa sociedade em que as crianças eram tão altamente valorizadas, não é de surpreender que poucas tumbas fossem decoradas sem crianças. A esterilidade numa esposa deve, muitas vezes, ter resultado em novos casamentos, possivelmente depois do divórcio da primeira mulher, o que não é fácil de verificar, já que a mulher divorciada dificilmente teria sido representada no túmulo. Ankhsheshonk, em seus Ensinamentos (P. British Museum 10508), aconselha seu filho a não abandonar uma mulher por ela não ter concebido um filho, mas casar-se novamente sem se descartar da primeira esposa. Como já vimos, quando duas ou mais mulheres eram representadas nas tumbas, raramente se pode ter certeza de que essas mulheres seriam contemporâneas ou não.

Há uns poucos casos que parece que crianças não foram representadas. Isso pode indicar que o proprietário e sua mulher não tivessem filhos. *Inni*, por exemplo, viveu até uma idade madura e era de se esperar que tivesse tido filhos. Seu túmulo está danificado, mas parece que tinha sido inteiramente decorado, de modo que não há paredes vazias onde os filhos pudessem ter sido representados. Como seus pais, irmãs e irmãos e até irmãs de sua esposa foram representados ali, é improvável que

seus filhos tivessem sido omitidos. Seu irmão cumpriu as obrigações funerárias para ele, logo, deve-se concluir que ele e sua mulher não tiveram mesmo filhos. É possível, naturalmente, que ele tivesse tido filhos com mulheres de sua casa, que não seriam representados em sua tumba. Numa outra tumba, o proprietário é representado com suas duas esposas, pai, mãe, avó e irmão, mas não com filhos. Seu irmão faz-lhe oferendas e às suas duas esposas na parte interna da tumba. No entanto, há homens e mulheres sem nome que também lhe entregam oferendas e que poderiam ser filhos e filhas. As evidências não são suficientes para se ter certeza.

Em outros túmulos, também aparecem junto com o proprietário vários membros da família, mas não se pode chegar a conclusão se outras pessoas representadas fossem ou não filhos. Num deles, as paredes estão vazias, tendo as cenas desaparecido completamente, e é possível que nelas estivessem representados os filhos. Assim sendo, a evidência da esterilidade, na maioria dos casos, não pode ser comprovada. Mas, é provável que tenha havido casais que não tiveram filhos e que os maridos não puseram sua esposa de lado para se casar com outra por causa disso. Naquele caso em que Gardiner (1940, 23-29) menciona, do fim da XX dinastia, de um casal sem filhos que o marido adotou a sua mulher como filha para ter certeza que ela herdaria a sua propriedade, ela, por sua vez, adotou três crianças, filhos de uma escrava que ela e o marido haviam comprado. Estas crianças eram evidentemente filhos do marido com a escrava e foram educados pela esposa como filhos legítimos. Ela os adotou para garantir-lhes o direito legal à propriedade paterna depois da morte dela. Este é um exemplo de um homem a quem a esposa não deu filhos, mas que teve filhos com uma das mulheres de seu lar, a quem ele não transformou em segunda esposa.[254]

4.5-A casa:

Tanto os textos literários quanto as cenas das capelas funerárias representam a distinção dos papéis sexuais. Neles, as mulheres raramente acompanham seus maridos nas suas atividades fora de casa. Na história dos *Dois irmãos*, os homens

[254] Id. Ibid. p.256-258.

trabalhavam no campo, enquanto a esposa do irmão mais velho ficava em casa. Ainda neste conto, a esposa do mais moço ficava sentada em casa enquanto ele passava o dia caçando animais no deserto. A casa era espaço das mulheres e era onde elas comumente passavam a maior parte do tempo.[255]

Temos alguma idéia sobre como eram as casas no antigo Egito a partir de escavações de aldeias que foram fundadas com o objetivo de alojar os trabalhadores que construíam, por exemplo, a tumba real em Amarna, ou a aldeia de Deir el Medina É preciso não esquecer que esses trabalhadores eram empregados do governo, com um *status* especial e essas aldeias não eram comunidades típicas. De qualquer forma, as casas das aldeias de construtores de monumento eram muito pequenas, e nos é difícil imaginar como uma família muito numerosa poderia viver ali, a menos que não houvesse naquela sociedade a mínima expectativa de privacidade.

Embora alguns documentos indiquem que as mulheres podiam possuir casas, em praticamente todos os casos encontrados, tanto a casa como o que há nela, pertence a homens. Não podemos saber se, nas casas dos altos funcionários, havia espaços reservados aos homens e mulheres separados. O único testemunho disponível de reuniões sociais são as cenas de banquetes representadas nas capelas funerárias desde a metade da XVIII dinastia onde homens e mulheres aparecem separados. Essas cenas dão apenas uma idéia da localização física dos grupos de homens e mulheres, de modo que podiam estar em casa separadas, ou simplesmente podiam estar sentados separados dentro da mesma habitação.

Cenas do cotidiano são mais eloqüentes sobre como funcionavam as grandes casas, mostrando o trabalho na cozinha, a panificação e a produção de cerveja, o celeiro e muito raramente, dentro das partes privadas da casa, cenas de como fazer a cama. As cenas mostram o proprietário da tumba supervisionando as atividades relacionadas com a sua vida privada e suas tarefas oficiais. Mas não nos mostram nada da vida da dona de casa que muito poucas vezes acompanha o proprietário em suas atividades, mas tampouco é mostrada realizando as suas próprias tarefas. Isso talvez se devesse ao fato de os monumentos funerários pertencerem aos homens, e por mais que as mulheres pudessem ser representadas, a decoração da capela gira

[255] ROBINS, G. op. cit., p.99.

em torno do proprietário varão. Mesmo quando, em escassas situações, as mulheres eram as proprietárias das tumbas, não apareciam com proeminência. No entanto, é preciso se estabelecer a equivalência entre o mundo masculino idealizado que se apresenta nas capelas funerárias e a realidade. As mulheres tinham um papel importante na realidade, mas não nas representações, por exemplo, os proprietários aparecem supervisionando a fabricação de pão e cerveja. Sabemos que essas atividades eram muito importantes inclusive na vida após a morte. Por isso ela era representada, mas eram atividades femininas. Como iria contra o *decoro* as mulheres aparecerem numa situação de proeminência, era eles que apareciam.[256]

Outras fontes mostram que as mulheres trabalhavam dentro de casa. É muito provável que fossem responsáveis por toda as atividades que tinham lugar dentro do complexo residencial que incluía não só a fabricação de pão e cerveja e as tarefas da cozinha, mas também a fabricação de tecidos, o armazenamento de grãos, os cuidados com a criação de animais e possivelmente uma produção artesanal.

No Egito faraônico, todas as casas, independentemente de seu tamanho ou *status* social dos seus proprietários, eram feitas, em sua maioria, de tijolos de barro secos ao sol. A madeira era usada somente para colunas ou vigas no teto, ou para reforçar as paredes e a pedra era utilizada somente para esquadrias de portas e janelas. As casas de tijolos de barro mais antigas consistiam de uma estrutura de um só cômodo, quadrado ou retangular, que era usado principalmente para acomodações de dormir, tanto para os moradores como para seus animais. Naquela época, como atualmente, os camponeses egípcios viviam em estreita proximidade com sua criação. Desde a I dinastia, o chão em uma das extremidades da casa era algumas vezes elevado para propiciar uma plataforma de dormir para os seus ocupantes humanos. A partir daí, desenvolveu-se o hábito de isolar-se os locais de dormir do resto da casa, primeiro por meio de peles de animais ou panos de lã, e, mais tarde, por treliça. Mais tarde ainda, os interiores das casas maiores foram subdivididos por paredes de tijolo de barro, que eram geralmente revestidas de caiação, e, as casas dos membros mais ricos da sociedade eram decoradas com rodapés e sancas enfeitadas. Entretanto, o tipo antigo básico de casa persistiu através da história egípcia nas construções das

[256] Id. Ibid. p.107-109.

camadas mais baixas da sociedade. Tais casas eram escuras, pouco arejadas, acanhadas e sem privacidade.

As casas grandes geralmente tinham cozinhas, que eram separadas do corpo da casa, mas, nas casas menores, o cozimento da comida era feito do lado de fora. Assim, algum tipo de barraca era geralmente erguido sobre a entrada para fornecer sombra para a dona de casa, que teria de sentar sob ela para cozinhar, fiar, e outras tarefas. Na frente da casa, havia um quintal onde os animais eram criados, e mesmo nas casas mais ricas, os estábulos e baias não eram distantes tanto da casa como da cozinha, um arranjo que não propiciava uma preparação muito higiênica da comida.

Uma casa grande, geralmente tinha uma parte pública e uma privada. A primeira consistia de uma grande sala de recepções, na qual havia poltronas e divãs para os convidados se sentarem, e várias repartições. A última compreendia os apartamentos do chefe da casa, um quarto de dormir e talvez uma pequena sala de estar; quartos de hóspedes, despensas, e, nas casas mais luxuosas, um banheiro com um cubículo no qual uma pessoa podia ficar em pé, enquanto jarras de água lhes eram jogadas em cima. Na casa de um homem chamado Nakht em Amarna, havia, mesmo, uma privada de madeira, que era, provavelmente colocada sobre um buraco na terra. Na seção particular da casa ficavam os quartos das mulheres, que geralmente incluíam a *loggia*, uma construção leve de junco e esteiras que formavam um quarto extra. A antiga palavra egípcia geralmente usada para referir-se à parte da casa destinada às mulheres era *ipt,* que é freqüentemente traduzida por “harém”. A palavra “harém”, entretanto, faz lembrar o mundo decadente e voluptuoso do harém turco, como o exemplificado pelo Grande Seraglio em Constantinopla. Não existe nenhuma sugestão de que as salas de estar das antigas mulheres egípcias tivessem qualquer semelhança com isso, e seria, talvez mais condizente com a verdade, traduzir *ipt* como “apartamentos privados”, contrastando com as partes mais públicas da casa onde os negócios eram feitos. Os “apartamentos das mulheres” eram os últimos da casa, e o acesso a eles só se dava através dos apartamentos dos senhores. Um homem rico poderia achar mais calmo ter o mulherio, especialmente se tivessem bebês chorões, fora do alcance do ouvido, por outro lado, a sua paz de espírito só poderia ser assegurada se ele pudesse controlar os movimentos delas.

As donas de casa do Egito antigo parecem ter dado grande importância a manter suas casas limpas, sem poeira nem insetos, o que não era tarefa fácil diante de suas condições de vida. Em um país tão poeirento e cheio de areia como o Egito, era necessário bater e varrer um quarto ou uma casa freqüentemente. As egípcias antigas usavam vassouras feitas de junco para isso, e, como as atuais modernas, borrifavam com água o chão enquanto varriam para assentar a poeira. Os ricos mantinham suas casas bem cheirosas, fumigando-as com incenso feito, entre outras coisas, de terebintina.

As mulheres passavam uma boa parte de seu tempo lavando as roupas, principalmente as roupas de baixo que eram geralmente, de linho. Heródoto, certa vez, ficou impressionado pelo fato de que os egípcios vestiam roupas de linho "as quais faziam uma questão especial de lavar continuamente".[257] Uma vez seco, o linho recém lavado era dobrado cuidadosamente e guardado em caixas ou cestas, ou, nas casas mais pobres, em potes. Nas casas mais ricas, a maioria da lavagem era mandada fazer fora por lavadeiros profissionais, que eram sempre homens.[258]

4.6- A alimentação:

Certamente a maior parte do dia de uma mulher egípcia deveria ser gasto com a preparação e cozimento da comida. É fácil de conferir, olhando as longas listas de comidas enumeradas nos cardápios de repastos funerários encontrados nas tumbas do Reino Antigo, que os antigos egípcios amavam comer bem e eram capazes de consumir de uma vez grandes suprimentos de comida. Enquanto as primeiras suposições podem ser verdadeiras para uma boa parte das pessoas, a última provavelmente só se aplicasse às classes superiores.

O Egito era uma terra fértil, mais que capaz de alimentar sua população, mas era, como Heródoto observou, "um presente do Nilo", e o Nilo poderia, algumas vezes suspender seu presente de água de inundação que regava a terra que, de outra maneira, seria árida. De tempos em tempos, a comida atingia suprimentos críticos, e,

[257] HERODOTO, *The Histories*. II, 35. Harmondsworth, 1965 apud WATTERSON, B. op. cit., p128.

[258] WATTERSON, B. ibid. p.126-128.

ocasionalmente, havia fome. Os ricos, com sua capacidade de adquirir qualquer comida que estivesse disponível, e armazená-la durante os 'tempos difíceis', não sofriam tanto de falta de alimentos como os pobres. Mesmo nos melhores tempos, entretanto, os camponeses do antigo Egito provavelmente viviam numa dieta frugal, e a esposa camponesa, sobre quem recaía a responsabilidade da alimentação de sua família, muitas vezes chegava aos seus limites. Ela e sua família ficavam agradecidas de ocasionalmente receber as sobras da comida dos ricos, que as doavam para poder fazer seu orgulhoso brinde na declaração autobiográfica que era costume ser gravada nas tumbas: "Eu alimentei os famintos".

A dieta básica de um egípcio antigo consistia de pão, cebolas, queijo e ervilhas ou feijão, suplementada com o peixe pescado no Nilo, e pássaros selvagens, quando conseguiam. Como de costume, um homem, como o trabalhador braçal da família, teria o melhor alimento e em maior quantidade do que o resto da família, e a mulher daria preferência à alimentação dos filhos do que à sua própria. Assim, uma mulher camponesa era provavelmente a menos bem alimentada de todos os egípcios.

Uma tarefa diária de toda dona de casa era assar o pão. Uma camponesa fazia seu próprio pão de *emmer* (*Triticum dicoccum,* uma espécie de trigo), que ela teria moído até fazer farinha num pilão de pedra, ou entre duas pedras. Depois de ter feito a massa, adicionando água à farinha, ela formava um pão redondo e chato e o assava, sem fermento, em pedras quentes, ou do lado de fora de um forno. O forno, que tinha uma altura de cerca de um metro, de forma cônica e aberto em cima, era feito de argila do Nilo. Um fogo era ateado dentro dele, tornando o exterior das paredes tão quente que os pães e bolos poderiam ser guardados neles até ficarem assados, quando, então se desgrudariam. Hoje, os camponeses comem *ash baladi,* "pão camponês" feito de modo semelhante. Heródoto observou que os camponeses do Delta faziam pão com os centros dos lírios aquáticos. Ele também notou que eles cozinhavam e comiam talos de papiros, e que alguns subsistiam com uma dieta de peixe destripados secos ao sol.[259] O queijo era feito da mesma forma que é algumas vezes feito ainda hoje nas aldeias egípcias: o leite de cabra, ovelha ou vaca, é

[259] HERÖDOTO, op. cit., 93

colocado numa pele de animal (geralmente de cabra) e esticado numa moldura onde é balançado para frente e para trás.

A dona de casa também era responsável por suprir sua casa com cerveja. Água potável pura é um luxo de países modernos e industrializados, ou regiões montanhosas. A bebida nacional no antigo Egito era necessariamente a cerveja, e os antigos egípcios, ricos e pobres, homens e mulheres, bebiam grandes quantidades dela. A cerveja era feita de massa de cevada, que era preparada e colocada em potes da mesma maneira, e ao mesmo tempo, que a massa de pão. A massa de cevada era assada parcialmente e depois amassada dentro de um grande tonel, onde era misturada com água e, algumas vezes, com suco de tâmaras ou romãs, para adocicar. A mistura era deixada fermentar, o que acontecia rapidamente, e depois o líquido era coado para um pote que era depois selado com uma tampa de barro. A cerveja dos antigos egípcios tinha de ser bebida logo depois que fosse feita, pois azedava muito depressa, e nas grandes casas , eram feitas grandes quantidades dela todos os dias.

As donas de casa mais ricas dispunham de uma maior variedade de comidas . Ela podia alimentar sua família com carne, um luxo que os camponeses não podiam pagar. A carne de vaca era o prato mais popular, mas carne de carneiro e de cabra eram também comidas, assim como a de gazela e antílope. A carne de porco era considerada “não limpa”, e alguns peixes não podiam ser comidos por proibições religiosas. Os ricos podiam observar as proibições de comer porcos e peixes, pois dispunham de muitos outros alimentos, mas os pobres não tinham esse luxo. A dona de casa mais rica podia ainda incluir em seus menus carne de caça e aves, pato, especialmente galinhas de Angola e pombos. As aves domésticas eram desconhecidas no Egito antigo até que, por volta de 1450 a.C., Tutmés III recebeu um presente da Síria consistindo de quatro estranhos pássaros que deitavam ovos todos os dias”, mas foi somente no período greco-romano que a galinha foi introduzida no Egito em números significativos.

Sabemos muito poucos detalhes de como os egípcios cozinhavam sua comida e conhecemos somente quatro palavras que certamente se referem ao cozimento dos alimentos: *psi e fsi,* que significam “cozinhar”, embora *psi* parece ter tido um significado mais específico de “ferver”; *3sr* que significa “assar” e *kfn* que

significa “cozer”. Para uma dona de casa camponesa não existiam maneiras complicadas de cozinhar, já que não dispunham da mesma variedade de comida para preparar como as suas semelhantes ricas, mas a obtenção de combustível era uma preocupação para ambas, assim como é para as mulheres egípcias hoje, já que as árvores são raras e a lenha difícil de ser obtida.

Como regra geral, a maioria dos egípcios levantava cedo, de madrugada. Os camponeses iam para a cama logo depois do anoitecer, que era por volta das seis horas. O café da manhã era tomado cedo pela manhã, e na maioria das casas egípcias, era a principal refeição do dia. O jantar era ao meio dia, e, algumas vezes, uma refeição leve era feita à tardinha. A julgar pelos relevos nas tumbas, o chefe da casa tomava o café da manhã enquanto se vestia, e muitas mulheres nobres tomavam seu café enquanto suas criadas cuidavam de seus cabelos. Não havia mesas grandes ao redor das quais a família toda pudesse reunir-se para comer; ao invés disso, os egípcios mais ricos comiam em mesas pequenas individuais e a maioria agachava-se ou sentava-se, em esteiras ou, algumas vezes, em almofadas no chão. Os ricos colocavam na mesa uma grande variedade de pratos, copos, terrinas e travessas disponíveis para colocar comida, e, se necessário, facas. Os garfos eram desconhecidos e colheres eram provavelmente usadas mais para mexer ungüentos do que comida. Geralmente os egípcios de todas as classes comiam com os dedos. Os pratos e utensílios sujos eram lavados e esfregados (com areia) na margem do rio ou canal por mulheres da casa ou por criadas.[260]

4.7- A recreação:

Como é comprovado em muitos relevos em tumbas de todos os períodos, os egípcios antigos gostavam de aproveitar as horas vagas com atividades de recreação. As classes mais pobres, naturalmente, tinham menos oportunidades para tais coisas, embora mesmos as camponesas podiam comprar bolas simples feitas de junco trançado ou palha para usar em jogos de bola apreciados pelas jovens mulheres. Os egípcios ricos, porém, tinham muito tempo para divertir-se, e uma variedade de maneiras como aproveitá-lo. Sentar-se no jardim, apreciando o perfume das flores ali

cultivadas com esmero, era um passatempo favorito de ambos os sexos. As mulheres cuidavam de salvaguardar a pele, ficando na sombra. Jogos ao ar livre de “caça, tiro e pesca” eram muito populares, embora, até onde se sabe, as mulheres eram mera espectadoras dos esportes. Um desportista era sempre acompanhado de sua família. Seus filhos participavam do esporte, se eles já tivessem idade suficiente para fazê-lo, sua esposa e filhas assistiam, encorajando-o e aplaudindo sua força.

Dentro de casa, tanto homens como mulheres egípcios apreciavam jogar uma série de jogos, o mais popular deles era o “Senet” ou “Passando através do submundo”, um jogo com dois jogadores. Existem detalhes de representações nas tumbas a partir do Reino Antigo onde aparecem egípcios jogando Senet, e é óbvio que era um jogo nacional, jogado por todas as classes, embora não muitas mulheres camponesas jogassem este ou com qualquer outro tipo de jogo. Talvez a mais famosa representação do jogo esteja retratada em um relevo na tumba de Nefertiri, no qual a rainha favorita de Ramsés II aparece sentada sozinha jogando Senet.

Animais de estimação eram muito populares, especialmente entre as pessoas mais ricas. Cães semelhantes ao *Saluki, greyhound, basset hound* e *mastif* eram conhecidos no Egito antigo. Os homens os usavam para caçar, e os traziam para dentro de casa, onde lhes era permitido sentar aos pés de seu dono. A dona da casa considerava um bom cão doméstico como uma coisa essencial, e ele dormia debaixo da cama de sua dona à noite. O gato egípcio parece ter sido completamente domesticado em cerca de 2100 a.C. Do Reino Novo existem vários desenhos em tumbas retratando o dono e sua esposa sentados numa cadeira, e, sob a cadeira de cada um deles, um gato. Os antigos egípcios eram apaixonados por gatos e cães, entretanto, não existe nenhum registro de que qualquer um desses animais tivesse sido espancado ou acariciado por seus donos. Se um egípcio quisesse um *pet* para abraçar, escolhiam um macaco. Os macacos eram importados da Núbia de modo que eram muito caros, e, conseqüentemente um animal de estimação dos ricos. As mulheres em particular adoravam os macacos. Muitas mulheres de Tebas foram retratadas em suas tumbas com um pequeno macaco sentado sob sua cadeira, mastigando um pedaço de fruta, com uma coleira ao redor do pescoço. Jarros e

[260] WATTERSON, B, ibid.. p.129132.

colheres de cosméticos eram esculpidos com a representação de um babuíno, o animal sagrado do deus da sabedoria e da escrita – Tot. Tot era também o deus do tempo, parece provável que, ao decorar seus implementos de cosméticos com a imagem de Tot, a mulher estaria assegurando retardar o seu envelhecimento.

Os relevos nos túmulos, principalmente os do Reino Novo, mostram que os antigos egípcios da classe dos proprietários de tumbas apreciavam entreter grandes grupos de parentes e amigos em banquetes. A responsabilidade de preparar o banquete era sempre da dona da casa, que devia supervisionar a limpeza total da casa e providenciar para que grandes quantidades de pão e cerveja fossem feitas, que muitas jarras de vinho fossem resfriadas e que uma grande variedade de carne, aves e outras iguarias tivessem sido cozinhadas. Ela tirava a "melhor louça" do armário: pratos de porcelana pintada, terrinas de alabastro, talvez mesmo alguns copos de ouro e prata. Arrumava flores por toda casa com suas próprias mãos, e providenciava guirlandas de flores para colocar ao redor dos pescoços dos convidados quando chegassem. Cones de cera perfumada eram preparados para colocar na cabeça de cada convidado. Esses cones tinham como objetivo perfumar o ambiente e atenuar o odor dos alimentos.

Durante o banquete, os criados (no Reino Novo eram geralmente lindas jovens, vestindo somente uma fita ao redor dos quadris) serviam os convivas de comida e bebida, e renovavam os cones de cera à proporção que derretiam com o calor. Tanto durante o banquete, como depois, a festa era alegrada por músicos, dançarinos e acrobatas, que, no Reino Novo, especialmente, eram quase todas mulheres. O vinho e a cerveja eram servidos à vontade. Parece que os egípcios antigos achavam que, nos banquetes, deviam beber para ficarem intoxicados, tanto homens quanto mulheres. Num relevo da XVIII dinastia, a exortação de um criado, "Beba isso, minha senhora, e fique bêbada", provocou a entusiástica resposta, "Eu adorarei ficar bêbada". Tudo indica que egípcios de ambos os sexos achavam que não havia nenhum problema em embebedar-se. Esse é mais um aspecto da sociedade egípcia em que aparece uma igualdade entre os sexos.[261]

[261] Id. Ibid. p.133-136.

5- A rainha, as mulheres da realeza e as mulheres faraós:

É certo que a posição de uma rainha, como a de um rei, estava enraizada na mitologia e no mundo divino. A noção de realeza feminina era complementar a de realeza masculina, e a interconexão entre as duas significava que uma não podia existir sem a outra. As rainhas também eram importantes sob o ponto de vista ritual, mas o quanto de poder que elas podiam efetivamente exercer é difícil de precisar. Tinham uma certa independência econômica e podiam contar com os serviços de homens leais a elas e a seus interesses. A combinação desses dois fatores lhes dava uma certa base de poder. No entanto, os monumentos só registram o modelo oficial, que não se interessava pelas personalidades individuais. Desse modo, não é possível rastrear carreiras de rainhas particulares e sua possível manipulação do poder. As fontes não sugerem que tenha havido rainhas que governassem de forma regular. Gay Robins considera que as rainhas Ahhotep, mãe de Amosis e a sua primeira esposa, Amosis Nefertari, exerceram um poder efetivo. Tiy, a "primeira esposa" de Amenhotep I e mãe do herdeiro do rei, o herético Akheneton, também foi representada inúmeras vezes de modo revelador de sua proeminência. Nefertiti, a mulher de Akhenaton, também foi uma rainha muito representada em monumentos, templos, tumbas e na estatuária. Nefertiti, o marido e o deus Atum formavam uma tríade que recebia culto, fazendo eco às tríades de divindades que eram comuns na religião tradicional. Ela era representada com todas as insígnias reais femininas, menos o abutre de por na cabeça que talvez não fosse adequado para a teologia de Atum. Algumas vezes foi representada com insígnias masculinas, golpeando o inimigo, cena trazida diretamente da iconografia da realeza masculina.[262]

Alguns autores acreditaram que o casamento com uma princesa real era obrigatório para que um homem de origem inferior aspirasse o trono egípcio. Pensavam que não só o direito divino ao trono, como também, o "caráter divino", que era atribuído aos faraós, lhes era assegurado pelo casamento com a princesa real. Trabalhos mais recentes como os de Gay Robins, demonstram que se essa teoria fosse correta, haveria uma linha direta e ininterrupta de mulheres reais que

[262] ROBINS, G. op. cit., p.46-48.

descendessem uma da outra. Um estudo do tema na XVIII dinastia, período em relação ao qual mais se cita esta teoria, mostra que tal linha de descendência não existe. Na XVIII dinastia, pode-se encontrar mulheres com título de “filhas do rei” e mulheres que não ostentavam este título. Pode-se distinguir sem dúvida as rainhas de nascimento real e não real, o que deixa claro a impossibilidade de existir uma linha de ‘herdeiras’ ininterrupta. As esposas de Tutmosis III, Amenhotep II e Amenhotep III não tinham procedência real.

No entanto, é fato que os reis casavam com irmã e meio-irmãs. A teoria da “herdeira” foi desenvolvida em parte com a intenção de explicar uma forma de matrimônio que os estudiosos consideravam incestuosa. De fato, não existe nada nos textos egípcios que sugira a existência de algo assim como uma “herdeira”. A base mitológica da realeza que havia se desenvolvido para sustentar a autoridade do rei não se enuncia com uma legitimização por intermédio de uma “herdeira”. Devemos procurar a explicação para o casamento entre irmãos em outro lugar. Esses matrimônios raros entre as pessoas comuns, aparecem entre as divindades, quando o deus criador produz um par de descendentes, que por sua vez produziram outro par divino e assim sucessivamente, sendo o par mais famoso o formado por Osíris e sua irmã-esposa Ísis. Ao se casarem com suas irmãs, os reis ficavam destacados de seus súditos, que não se casavam normalmente com suas irmãs. Ao imitar os deuses, ele reforçava o aspecto divino da realeza. Um motivo que pode ter levado os reis a se casarem com suas irmãs seria evitar fomentar as ambições das famílias de funcionários, hipótese que Gay Robins considera pouco verossímil.

Os historiadores modernos adotam a lista de nomes reais arranjados em grupos chamados dinásticos, começando com a Iª dinastia (ca 3000 a.C,) e terminando na XXXª (343 a.C.), escrita por um sacerdote grego chamado Menethon do século III a.C. É a única lista de reis que dispomos e muitos dos nomes reais conferem com as fontes históricas. Dos mais de quinhentos regentes da lista de Manethon, somente quatro são mulheres.

A primeira Rainha Regente do Egito foi Nitocris (ca. 2130 a.C) sobre quem não se conhece muito exceto que ela ascendeu ao trono num tempo de instabilidade

política pela morte de um rei idoso, Pepi II, que reinou por mais de noventa anos. Manethon assegurou que ela foi "a mais nobre e adorável das mulheres de seu tempo, de linda aparência". Segundo Heródoto, ela cometeu suicídio depois de vingar-se dos homens que haviam assassinado seu irmão para que ela assumisse o trono. Com a morte de Nitocris, o Reino Antigo terminou. Passaram-se quase quatrocentos anos até, que, em cerca de 1790 a.C, uma outra rainha regente assumisse o trono, Sobekneferu, associada ao trono de Amenemhat III. Há documentação que comprova que o Rei Amenemhat IV também foi associado ao trono com Amenemhat III. Mas não existem provas de nenhuma associação entre Amenemhat IV e Sobekneferu, o que nos leva a crer que existiu uma trama familiar da qual Sobekneferu emergiu vitoriosa. Sobekneferu foi o último regente da XII dinastia, e ela, como Nitocris, trouxe o fim de uma era. Ficou no poder por somente três anos, e seu reinado marcou o fim da dinastia e do auge do Reino Médio.

A terceira rainha regente do Egito foi Hatshepsut, entronada em 1490 a.C, quando os reis da XVIII dinastia, a primeira e a mais florescente das três dinastias que compuseram o Reino Novo, reinavam com sucesso sobre um Egito unido já há mais de sessenta anos. Talvez algum egípcio tenha se alarmado com sua ascensão com medo que ela, diferentemente de Nitocris e Sobekneferu, não fosse capaz de administrar bem o país, já que, em experiências anteriores, rainhas regentes instalaram um período de instabilidade. Mas não foi isso que ocorreu.

Hatshepsut era a filha de um rei, e a mulher de um outro, que era, de fato, também seu meio-irmão e que legitimou sua pretensão ao trono casando-se com ela. Quando seu marido morreu, seu filho, nascido dele com uma segunda esposa, tornou-se rei – Tutmosis III (Djehutimés III). Tutmosis era somente uma criança na época de sua ascensão e assim Hatshepsut assumiu a regência, uma posição que ela logo descartou e usurpou o poder real como "rei", com uma titulatura faraônica e fazendo-se representar nos monumentos em trajes masculinos.[263] Tutmosis foi relegado ao esquecimento.

Acreditou-se que Hatshepsut ocupou o trono porque era a última representante da linha dinástica legítima de descendência através da "herdeira" real, já

[263] CARDOSO, C. *O Egito antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1992,(nona ed.) p.66.

que Tutmosis II e Tutmosis III eram filhos de concubinas de sangue plebeu. Atualmente, com o desprestígio da teoria da “herdeira”, não temos mais segurança sobre as razões que levaram Hatshepsut a desafiar a tradição, convertendo-se em rei, nem porque a burocracia masculina tolerou esta aberração, mas podemos imaginar algumas hipóteses. Em primeiro lugar, ela provavelmente teria um caráter forte e exerceu com firmeza o poder que havia recebido na sua qualidade de regente. De forma prática, podemos imaginar que quando alcançou a regência, escolheu cuidadosamente os funcionários que iriam servi-la. O mais famoso deles era um tal de Senenmut que, entre numerosas tarefas, ocupava a posição de camareiro da rainha e tutor de sua filha Neferure. Uma vez que esses funcionários alcançassem postos sob seu controle, seus destinos ficavam, de alguma forma,vinculados ao dela. Muitos deles devem ter se preocupado com o que lhes poderia ocorrer quando Tutmosis III subisse ao trono. Não existe nenhuma sugestão que Hatshepsut fosse de algum modo uma marionete desses homens, mas parece claro que ela tinha sabedoria para cercar-se de homens de talento para satisfazerem suas vontades.[264]

Muitos autores consideram que Hatshepsut, por ser mulher, tratou de empreender uma política pacifista, mas Donad Redford tem mostrado que campanhas militares foram levadas a cabo por ela.[265] Bárbara Lesko fala em quatro campanhas militares.[266]

No reinado de Hatshepsut, foram construídos novos monumentos em homenagem a Amon, e embelezaram-se os monumentos já existentes. Seu reinado foi marcado pela espetacular ereção de dois obeliscos de granito em seu templo em Karnak. A ereção de obeliscos era prerrogativa dos reis. Ela havia encarregado Senenmut de trazê-los de Aswan para Tebas (Luxor), umas duzentas milhas de distância. Ela enviou uma expedição comercial, chefiada por Senenmut, pelo Mar Vermelho até Punt (provavelmente Somália) de onde eles trouxeram, entre outras coisas, árvores de incenso para serem plantadas no jardim de seu templo mortuário em Deir el-Bahri (margem ocidental do Nilo, em Luxor). Nesta construção, que foi um dos mais belos e espetaculares templos do Egito, Hatshepsut tencionava que lhe

[264] WATTERSON, B. op. cit., p.137-139.
[265] ROBINS, G. op. cit., p.51.
[266] LESKO, B. op. cit., p.6.

fizessem oferendas para sempre, para que ela pudesse gozar a vida depois de morta por toda eternidade. Alguns dos relevos e inscrições no templo são propagandas, justificando a posse do trono por Hatshepsut, pois eles relatam seu nascimento divino como a filha de Amon e da rainha Ahmose. Ela também construiu uma grande tumba no Vale dos Reis para a qual tencionava trasladar seu pai terreno, Tutmosis I, para que ambos pudessem repousar juntos.

Em suas estátuas, Hatshepsut usava roupas masculinas, um saiote, os adornos de cabeça-*nemes* e barba falsa, que eram os símbolos da realeza. Isso não era uma indicação de que ela se considerava um homem, mas sua figura e sua face permaneciam femininas, e ela é retratada com seios. As insígnias reais tinham sido projetadas para os homens, a presença feminina no trono do Egito era inusitada. Hatshepsut governou o Egito por cerca vinte dois anos. Ela parece ter dirigido o país muito bem, estimulando e mantendo sua prosperidade, de outra forma, ao final de seu reinado, a administração não estaria se desenrolando tão bem. Logo que Tutmosis III a sucedeu no trono, foi capaz de lançar-se quase imediatamente em campanhas de conquista no Oriente Próximo, onde ele estabeleceu um império Egípcio com muito sucesso.

A quarta rainha reinante foi Twosret, esposa do rei Seti II da XIX dinastia. Quando morreu este rei, um menino, chamado Siptah, cujo parentesco é desconhecido, foi levado ao trono por Twosret e o Chanceler do Egito, Bay, mas, depois de somente seis anos, Siptah morreu, e Twosret ascendeu ao trono como rainha reinante. Quase nada se sabe de seu reinado, mas ela, como Hatshepsut antes dela, foi enterrada na tumba real no Vale dos Reis.[267]

Nitocris, Sobekneferu e Twosret governaram poucos anos no final de dinastias, como se fossem o último recurso de famílias que haviam chegado ao limite de suas possibilidades. Hatshepsut, ao contrário, ocupou o poder no meio de uma dinastia florescente, permanecendo durante anos. Desfrutou de um reinado próspero, como atestam seus empreendimentos, tais como o templo de Amon em Karnac e seu templo funerário nas cercanias de Tebas. Podemos acreditar que ela amava o poder e

[267] Watterson, B. op. cit. p. 137-172.

sabia exercê-lo. Dado que não havia previsão para um rei feminino dentro da ideologia egípcia, teve de se adaptar a um papel sexual masculino, aparecendo nas representações vestida de homem. Não sabemos como se vestia na vida real, mas podemos perceber que os escribas não tinham segurança de como tratar a situação. Algumas vezes, usavam pronomes e formas gramaticais masculinos ao se referirem a ela, mas outras vezes, preferiam os femininos. Assim, havia uma tensão entre o sexo biológico de Hatshepsut e seu papel sexual masculino como rei. O final de seu governo e a sucessão para Tutmosis III são questões obscuras. Tutmosis III subiu ao trono quando tinha trinta anos. Não sabemos porque tolerou a situação por tanto tempo nem se esperou que ela morresse para governar sozinho, ou se mandou matá-la. O fato é que no fim de seu reinado mandou apagar o nome e imagem dela dos monumentos. Tem-se pensado que isso possa ser resultado do ódio que sentia por ela. Por outro lado, existem provas concluentes de que essa ação não se deu imediatamente após a morte dela. Parece inverossímil que Tutmosis levasse tanto tempo para vingar-se. Pode ser que a supressão tenha sido motivada pelo intuito de apagar todas as provas da aberrante mulher rei, pois isso não era conforme Maat, a ordem natural do mundo.

Em um plano ideológico, a rainha representava o princípio feminino do universo através do qual o rei varão podia renovar-se. Num plano prático, as mulheres da esfera real proporcionavam herdeiros potenciais ao trono. A mãe e a esposa tinham importantes funções cerimoniais a desempenhar. Esposas secundárias não tinham papel cerimonial, mas podem ter adquirido influência, angariando a simpatia do rei. Em algumas ocasiões, as mulheres do âmbito real conspiraram para assassinar um herdeiro oficial e colocar no poder outro príncipe.[268]

> A realeza era fundamental para visão egípcia de mundo. A sociedade estava organizada em torno do rei, que era o ponto de contato entre as esferas divina e humana. O rei também proporcionava a única forma de governo que tinha legitimidade no Egito. Integrando-se ao funcionamento da realeza estavam os parentes femininos do governante e o conceito egípcio de realeza só se pode compreender adequadamente se

[268] ROBINS, G. op. cit., p.51-59.

> se entender também a noção complementar de realeza feminina e do governo das mulheres na esfera real.[269]

6- As mulheres no culto:

Este subtítulo se baseia em Gay Robins. Nas cenas funerárias, quem realiza os trabalhos são os criados, de modo a se conjecturar que as donas de casa de classe alta não se ocupassem assim. Nas casas mais ricas, é possível que as senhoras não tivessem de se preocupar minimamente com a administração da casa. Mesmo que elas, como as da classe baixa, ficassem a maior parte do tempo grávidas, podiam contar com babás e amas-de-leite, de modo a ficarem com o tempo livre. Não podiam tomar parte na administração formal do país, reservada aos homens, mas tinham de se ocupar de alguma forma. Talvez por isso, no Reino Antigo e no Médio, muitas mulheres de famílias importantes foram sacerdotisas de Háthor, e no Reino Novo, eram instrumentistas nas cerimônias do templo.

No Reino Antigo, muitas mulheres da classe alta eram sacerdotisas de Háthor e eram chamadas de *hemet netyer* que é a forma feminina de um título masculino freqüente que se refere a um tipo particular de sacerdote dentro da hierarquia do templo. Em menor número, também eram sacerdotisas da deusa Neit. Algumas vezes eram sacerdotisas de um deus, mas se associavam normalmente a deusas. O título de sacerdotisa de Háthor também foi comum durante todo o Reino Médio, e pode-se perceber que quem o ostentava também pertencia às classes altas, e seus maridos eram os mais destacados funcionários do país. O equivalente masculino deste título é raro, embora no Reino Médio, tivesse havido alguns sacerdotes de Háthor. Entre eles, havia supervisores de sacerdotes, uma posição que não parece ter sido ocupada por mulheres.

Desde o Reino Médio também se conhece umas poucas sacerdotisas *wahet*. Este título é a forma feminina do habitual título masculino de sacerdote *wab* (estar

[269] id. Ibid. p.59.

puro) e representa um *status* diferente de *hem netyer* na hierarquia sacerdotal. Houve mulheres que “realizaram o serviço *wab*” para Háthor no Reino Antigo e recebiam o mesmo pagamento que os sacerdotes *wab*. Não está claro se as funções das sacerdotisas eram as mesmas dos sacerdotes. Como a forma masculina é muito rara, é possível que as mulheres que ostentavam este título tinham de cumprir as mesmas funções que os sacerdotes homens realizavam no culto a outras divindades. Existem provas que as *hemet netyer* estavam relacionadas com as representações musicais nas cerimônias de culto.

Afora o culto de Háthor, o número de títulos sacerdotais femininos “se conta com os dedos de uma mão“. Os cultos nos templos eram majoritariamente celebrados por homens, e mesmo no culto de Háthor, as posições de administração eram ocupadas por homens e elas estavam sempre sob sua autoridade. Também foi encontrado o caso de uma sacerdotisa-leitora. Normalmente, eram os sacerdotes que liam a fórmula ritual num rolo de papiro. Pode ser que elas não soubessem ler, mas também pode ser que a sua eventual capacidade de ler não fosse reconhecida oficialmente.

Umas poucas cenas de templos do Reino Novo mostram uma classe de pessoal do templo, dos dois sexos, que recebiam o nome de *henuty*, quando eram homens, e o de *henutet*, quando eram mulheres, termos que foram freqüentemente traduzidos como “serventes”. Aparecem ao lado de sacerdotes homens e da esposa do deus em certos ritos. Não se sabe muito sobre a função dessas pessoas e nem *henuty*, nem *henutet* aparecem como títulos entre os indivíduos das classes altas. Também não sabemos se constituíam uma classe de sacerdotes ou se desempenhavam função completamente diferente.[270]

6.1- As instrumentistas musicais:

A partir do começo da XVIII dinastia em diante, as mulheres não possuíam mais títulos sacerdotais. No Reino Antigo e Médio, os sacerdotes eram funcionários

---

[270] Id. Ibid. p.153-156.

que passavam parte do tempo servindo ao culto local. No entanto, durante o Reino Novo, o sacerdócio era uma ocupação de tempo integral, onde os homens construíam suas carreiras como em qualquer outro ramo da burocracia estatal. Desse modo, se excluíam as mulheres. O título mais freqüente no Reino Novo para relacionar as mulheres com o culto do templo era *shemayet*, "instrumentistas". Neste período, um grande número de mulheres da classe alta, esposas e filhas de altos funcionários, utilizavam este título, mas também o utilizavam as mulheres trabalhadoras de Deir el Medina. Depois do título de "dona de casa", este é o título mais freqüentemente encontrado com referência a mulheres nas tumbas tebanas. Normalmente *shemayet* era colocado diante do nome da divindade cujo culto estava vinculada a possuidora do título. A diferença entre as *hemet netyer* e as *shemayet* dos Reinos Antigo e Médio é que estas últimas serviam normalmente a deuses e deusas. Em Tebas, onde o deus Amon tinha seu centro de culto, as mulheres eram com muita freqüência "instrumentistas de Amon". Em outras partes do país, as mulheres da classe alta eram as instrumentistas do culto das divindades locais. As esposas dos sacerdotes eram muitas vezes instrumentistas do mesmo culto que seus maridos.

Muitas mulheres das famílias de construtores de monumentos receberam o título de "instrumentistas", mas apenas aparecem ao lado do proprietário. Muitas vezes trazem um sistro na mão. O sistro era um chocalho consagrado a Háthor que os músicos usavam no culto divino para apaziguar a deusa e outras divindades. Além do sistro, as instrumentistas também traziam na mão um colar *menit*, que consistia em um certo número de fios com contas enfiadas. Assim como o sistro, o *menit* também era consagrado à deusa Háthor, que podia ser representada com ele, principalmente na sua forma de vaca.

No Reino Novo, o título de "instrumentista" implicava uma função específica no culto divino. As mulheres que possuíam o título pertenciam a famílias de classe alta de todo tipo. Também havia homens músicos, mas esses não tinham o mesmo *status* que elas, e o título "músico" não fazia parte da titulatura dos funcionários.[271]

[271] Id. Ibid. p.153-159.

6.2- As bandas de música:

Desde o Reino Antigo conhecemos grupos de mulheres chamadas “bandas de musica” (*jener*) vinculadas a instituições religiosas e seculares. Durante muito tempo os estudiosos traduziram *jener* como ‘harém’, mas recentemente argumentou-se com vigor que, neste contexto, a palavra deve significar um grupo encarregado das representações musicais, de onde deriva a tradução que utilizamos: bandas de música.[272]

Durante o Reino Novo, essas bandas estavam a cargo de mulheres que tinham o título de “a grande da banda de instrumentistas” (*weret jener*). Esta posição era ocupada por esposas dos mais altos funcionários, e freqüentemente um alto sacerdote tinha a esposa como chefe da banda do seu próprio culto. Quanto mais importante o culto, maior o *status* da “grande da banda de música”.

Conhecemos pouco sobre como as “instrumentistas”, as “bandas de música” e as “grandes da banda de música” se inscreviam na estrutura e na hierarquia do pessoal do templo. Não podemos ainda saber se as grandes da banda tinham autoridade sobre os homens, ou se elas se organizavam separadamente, se eram pagas ou se seu trabalho era voluntário. Não sabemos também se os músicos das classes baixas recebiam pagamento. O que está claro é que, no Reino Novo, se fazia uma distinção entre os papéis dos homens e mulheres no culto do templo. Os homens eram *hem netyer*, sacerdotes *wab* e sacerdotes-leitores, chefiados todos eles pelo sacerdote principal. As mulheres eram instrumentistas encabeçadas pela “grande da banda de música”. Os cantores e músicos varões normalmente permaneciam no anonimato e se situavam, com clareza, em posição inferior a das mulheres músicas procedentes das famílias da elite.[273]

[272] NORD, 1981; BRYAN, 1982 apud ROBINS, G. op. cit., p. 159.
[273] ROBINS, G. op. cit., p.160-161

6.3 -A esposa do deus Amon:

Outro título feminino que aparece ocasionalmente na XVIII dinastia é o de "adoradora divina" (*duat netyer*). No reinado de Hatshepsut, quem ostentava este título era a filha do sacerdote principal de Amon, e durante o reinado de Tutmes III, era a mãe da esposa principal do rei. Infelizmente, sabemos pouco sobre o que representava o título para as suas possessoras nessa época. Era um título sacerdotal ostentado por mulheres do âmbito real durante a XVIII dinastia, destacando Amosis Nefertari, esposa do rei Amosis e mãe de Amenhotep I, Hatshepsut e sua filha Neferure. A importância do título se deve ao fato de Amosis Nefertari e Hatshepsut terem-no utilizado com freqüência como título único em preferência ao de "principal esposa do rei". Quando Hatshepsut se apropriou dos títulos de rei, teve de deixar de ser esposa do deus, que era uma função incompatível com o caráter masculino da realeza, e, por isso, cedeu-o a sua filha Neferure. Neferure também usou muita vezes o título de "esposa do deus" de forma exclusiva. Quando Tutmosis III reinou sozinho, o título praticamente desapareceu.

Durante muito tempo se pensou que a esposa do deus Amon fosse a "herdeira" real, com quem tinha de se casar o rei para lograr o trono. Atualmente, já não se acredita na teoria da "herdeira real". Tudo parece indicar que a função de esposa do deus era de caráter sacerdotal e que só se estabeleceu na família real no reinado de Amosis. O rei Amosis tinha dotado a função de esposa do deus com um domínio próprio que consistia em terras com um pessoal designado formado por funcionários varões que o administravam. A posse de propriedades provavelmente concedia-lhes poder. O prestígio conferido ao posto pode explicar porque Amosis Nefertari, Hatshepsut e Neferure usaram o título de "esposa do deus" como título exclusivo.

O significado da expressão "esposa do deus Amon" não é completamente compreendida. Literalmente, pode-se entender que signifique que uma mulher está adscrita no serviço de Amon, atuando como sua esposa e, portanto, não se casando com marido humano. No entanto, não há dúvida de que muitas que ocuparam o cargo, como Amosis Nefertari e Hatshepsut, foram casadas e tiveram filhos. Um outro título,

“mão do deus”, que muita vezes acompanha o de “esposa do deus”, se refere a mão com que o deus criador se masturbou para produzir o primeiro par divino, Shu e Tefnut. Como mão, no antigo Egito, era palavra feminina, era fácil personificar a mão como uma deusa, e na XVIII dinastia, esta divindade se identificava com Háthor. É evidente que ambos os títulos têm uma referência sexual, mas não sabemos como se traduzia estes termos no culto do templo. Podemos conjecturar que quem ostentava o título era responsável pelos ritos com os quais, pelo que entendemos, se estimulava a sexualidade do deus de modo que pudesse atualizar constantemente a criação original do universo, e assim, proteger o mundo de um eventual retrocesso ao caos.

O título de “esposa do deus” quase desapareceu sob Tutmes III talvez para apagar o prestígio de Hatshepsut e para que nenhuma outra mulher pudesse utilizá-lo de novo para reclamar poder político. O título reapareceu na família da XIX dinastia e continuou até a XX. Os reis passaram então a usar o cargo de “esposa do deus” para manter alguma autoridade em Tebas. A esposa do deus passou a ser uma filha solteira do rei que não podia estabelecer a sua própria dinastia, por isso, era sucedida pela filha do rei em exercício. A conquista do Egito pelos persas encerrou a XXVI dinastia, e também o cargo de “esposa do deus”. Durante todo esse tempo, foram funcionários homens que administraram os seus domínios. Eram homens muito ricos e poderosos, mas ainda não está claro como se dividia a autoridade entre as ‘esposas do deus’ e seus administradores.

Durante a XIX dinastia e o começo da XX, a esposa do deus era também uma rainha, mas a partir do reinado de Ramsés VI, passou a ser uma filha do rei mais do que a esposa, mas continuou ostentando as insígnias próprias das rainhas. Seus nomes eram inscritos em cartuchos como os dos reis, e apareciam na iconografia dirigindo ritos funerários que, até aquela época, eram ritos exclusivamente do rei. Uma parte de suas funções era tocar o sistro diante do deus para apaziguá-lo ou evitar uma possível ira, e estimulá-lo, no seu papel de mão do deus, para que sempre se conservasse a fertilidade do universo. É preciso esclarecer ainda que o extraordinário

papel de esposa do deus estava limitado à região de Tebas e não aparece, em fontes, fora desse território.[274]

6.4- A religião pessoal e a morte:

As cerimônias que aconteciam nos templos serviam à religião estatal, que funcionava no plano cósmico para manter a ordem e o funcionamento do universo. A partir do Reino Médio, particulares puderam erigir estátuas e estelas votivas no interior dos templos, mas esta possibilidade não existia para as mulheres. Em geral, a propriedade de estátuas nos templos era um privilégio masculino, mas as mulheres podiam mandar fazer estelas votivas, embora o número de estelas pertencentes a homens fosse muito superior ao das mulheres. As mulheres que dedicavam suas próprias estelas parecem ter sido da classe alta e são mencionadas como “dona da casa” e “instrumentistas” de uma divindade. Em muito poucas ocasiões, eram acompanhadas de seus maridos. Isso se deve às regras do *decoro* que não permitiam que uma mulher ocupasse o lugar principal na decoração e o marido uma posição secundária.

Devido a carência de fontes sobre as casas, sabe-se pouco do culto doméstico. Em Deir el Meidna existem provas da presença de altares nas casas dos trabalhadores, assim como paredes pintadas com Bes e Taweret (divindades conhecidas pela sua conexão com o mundo feminino), nichos para se colocar estelas, mesas de oferenda. No Reino Antigo, as mulheres podiam celebrar os cultos funerários, no entanto, as fontes sobre sacerdotisas funerárias acabam neste mesmo período. No Reino Médio e no Novo, elas podiam apenas dedicar estelas votivas que as mostravam realizando ritos para o morto. Elas também podiam dedicar estátuas funerárias aos pais e maridos. Não sabemos se elas mesmas mandavam executar e se eram elas que pagavam as obras. Na medida que podiam ter seus próprios bens, tomar parte em atividades mercantis e controlar seus próprios assuntos financeiros, é possível que parte desses bens se destinasse a monumentos funerários para pais e maridos.

[274] Id. Ibid. p.161-168.

Ainda que as mulheres tivessem papel subordinado aos homens nos monumentos funerários, compartilhavam em todas as épocas, o mesmo culto funerário. A documentação disponível desde o Reino Antigo mostra que um funcionário varão era responsável não só por estabelecer seu próprio culto e velar pelo de seu pai, mas também tinha de ocupar-se dos cultos de sua mãe e esposa.[275]

Conclusão:

Nunca houve uma sociedade em que o indivíduo estivesse totalmente protegido, e onde o *status* elevado não supusesse um grau de privilégio e onde os menos influentes estivessem numa posição desvantajosa sob o sistema. No Egito, observando-se as fontes, vemos que as mulheres da classe alta tinham os mesmos direitos legais que os homens e que podiam comprometer-se em transações econômicas em seu próprio benefício da mesma maneira que os homens. Mas, tratando-se das classes baixas, podemos pensar se as mulheres tinham direitos legais e quais seriam as suas possibilidades de exercê-los livremente sempre que o desejassem. Não podemos esquecer que a documentação que trata de aspectos da propriedade em que aparecem mulheres, inclusive a datada do Reino Novo, é pouca, e parecem existir devido à natureza excepcional de cada situação. Não sabemos se havia mulheres impedidas de dispor de seus bens de acordo com a sua vontade devido à pressão da família, ou mulheres saqueadas por homens que ocupavam postos de autoridade que nem pensavam em levar o caso adiante, já que não teriam a menor chance de ganhar nos tribunais. Também não podemos determinar o quanto o sistema era imparcial em relação aos gêneros. Porém, o fato de serem os membros dos tribunais todos homens representa bastante, assim como o número reduzido de menções às mulheres na documentação legal e econômica. Certamente os direitos legais da mulher não se estendiam efetivamente ao longo de toda escala social. Mas, também é bem possível que, apesar do sistema privilegiar os homens, seus direitos também podem não ter se estendido até as classes inferiores.

[275] Id. Ibid. p.169-174.

As fontes mostram que o principal papel da mulher era criar os filhos, administrar a casa, tecer as roupas, ajudar a acumular riqueza através do intercâmbio de bens excedentários comumente produzidos por elas mesmas. No culto divino, sua função especial era proporcionar música no serviço da divindade. A ‘esposa do deus Amon’ alcançou grande prestígio em Tebas, e na Época Tardia, a portadora do título chegou a deter o poder supremo do lugar.

No entanto, de forma geral, as mulheres não alcançaram o pode executivo. O extraordinário acontecimento que foi uma mulher ocupar o trono egípcio era alheio ao conceito egípcio de realeza. E elas tinham o direito de adquirir riquezas por meio de seu esforço pessoal, ou por herança e em teoria eram iguais aos homens perante a lei, mas uma mulher que não contasse com a proteção de um homem provavelmente corria o risco, muitas vezes, de ser explorada. Mas, embora tenham sido representadas em monumentos em posições secundárias, e na vida também tenham ocupado o segundo lugar em relação aos homens durante toda a história faraônica, a arte egípcia mostra a beleza feminina e revela que os homens as amavam e sabiam respeitá-las.

Capítulo III - O Tipo Ideal Masculino:

Em linhas gerais, o pensamento dos antigos egípcios, aparece marcado em primeiro lugar, por seu caráter pré-filosófico e mítico. Isso quer dizer que abstrações e jogos puramente mentais não eram suas características centrais. O mito explicava o mundo.[275] O raciocínio egípcio, na categorização dos seus temas, partia com freqüência da assimilação de aspectos desses temas a atributos dos deuses e deusas e a passagem de seu mitos específicos. Tal raciocínio, dentro de uma visão de mundo fortemente monísta dos egípcios antigos, funcionava mediante pares de oposições complementares, tendentes a reconciliar-se, a se resolver numa síntese unitária.

Tanto no que interessa à construção do feminino quanto à do masculino na literatura egípcia, uma dessas oposições é a que contrasta a noção de ordem à a de caos, à noção de Maat à de Betá. Esta última, muitas vezes erroneamente traduzida como pecado, mas que de fato tem seu campo semântico ligado a noções como desobediência, desafio, insolência, rebeldia, pelo qual sua tradução deveria ser algo como “infração da norma”, “ato errôneo”. Betá é tudo que pode favorecer a volta ao caos. Para os egípcios antigos, o caos foi empurrado para o limite da criação, mas ele não foi totalmente eliminado de modo que permanece como um princípio ameaçador com o potencial de invadir o cosmo, fazendo-o retornar à desorganização anterior ao ato demiurgo criador.[276]

Desse modo, o pensamento estava engajado no esforço de preservar a estrutura político-social vigente e a ordem cósmica. A literatura egípcia manifesta este esforço, e o deixou transparecer na construção dos estereótipos masculinos positivos e de suas negações. Nela as noções são as derivadas de Maat, e até certo ponto

[275] CARDOSO,C. op. cit., p.83.
[276] Id . Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no IIº milênio a.C. In: FUNARI, P. P. A. *et alii*. *Amor, desejo e poder na Antigüidade.* Campinas: UNICAMPO, 2003, p.18-19.

similar à *physis* dos filósofos gregos.[277] O masculino positivamente considerado é sábio, forte, um grande guerreiro que realiza proezas, sabendo se fazer amar por ser justo e benevolente com os desvalidos e os que lhe forem leais. É evidente que o faraó, pelo seu controle do Egito e dos países estrangeiros, do mundo natural, animado e inanimado, tanto quanto dos homens e por sua relação privilegiada com os deuses se excede em muito as possibilidade dos outros homens.

Vou trabalhar as fontes especificadas abaixo, utilizando a teoria dos gêneros e alguns instrumentos analíticos gerados no campo dos estudos literários e da semiótica, com o objetivo de atingir o entendimento do que de fato dizem estas fontes, de alcançar o seu sentido.

1- Ensinamentos:

Os textos sapienciais foi o primeiro gênero de literatura a surgir ainda no período menfita. Eram escritos por homens sábios para seus filhos, mas circulavam amplamente e eram lidos pelas pessoas comuns. Não encontramos neles advertências para ensinar às esposas respeito e obediência, nem encontramos recomendações para que os homens batessem ou castigassem as esposas. O que ensinam é o respeito pelas senhoras da casa, pelas famílias e empregados da casa.[278]

Não se tem dúvida que a noção de "Maat" informa as obras sapienciais egípcias e isso pode ser constatado implícita e explicitamente. Maat expressa ordem e medida correta. É um conceito conservador destinado a preservar a ordem das coisas e o ideal da monarquia. Como a ordem estabelecida, o poder, a hierarquia, as desigualdades de *status* derivam do rei-deus e dos outros deuses, ela é legítima, e obedecendo a ela, pode-se considerar abrindo as vias das vantagens e benefícios. É por isso, que se pode dizer que a ética dos textos sapienciais é uma ética eudemônica, como defende Ciro F. Cardoso.

> Na minha opinião, a religião egípcia, sobretudo pela perspectiva da noção de Maat, estabelecia o contexto e os limites no interior dos quais se

[277] Id. Ibid. p.24.
[278] LESKO, B. op. cit., p.29-30.

> pode constatar uma ética eudemônica, de maneira análoga a que a noção de cidadania na *polis* ia circunscrever, por sua vez as possibilidades eudemônicas de várias éticas gregas clássicas.[279]

Concordo quando este autor afirma que o fato de uma ética ter um fundamento religioso, não é uma razão para que ela seja prescritiva e não eudemônica, à maneira das regras morais cristãs. Estas últimas tomam a forma de um conjunto de prescrições autoritárias, tendo por objetivo a "felicidade diferenciada", transferida para uma outra vida, em função de certas características específicas da religião cristã, tais como a noção de pecado ligada à noção de uma humanidade decaída que não existiam na religião egípcia do Reino Antigo.[280]

O termo pecado, no sentido tomado pela teodicéia cristã é intraduzível em egípcio. Existem autores que falam freqüentemente de pecado referindo-se aos textos egípcios. Siegfried Morenz é um bom exemplo.[281] No entanto, o termo que se traduz como pecado, *bt3*, se reporta a um campo semântico bem diferente: crime, falta, erro, ofensa, acusação. Palavras etimologicamente próximas significam malfeitor, prejudicar, ferir, desobedecer, desafiar, ser insolente, rebelde, etc. [282]

Na verdade, nossa palavra religião se aplica mal ao conjunto de crenças e práticas, mais ou menos unificado dos egípcios, principalmente antes do Reino Novo. A identificação do mal à desordem, que estando no exterior do cosmo criado e organizado, o ameaça constantemente de fora, teve primazia sobre uma teodicéia que tornava os homens culpados do mal. Esta última noção existia sem dúvida no Egito, mas de forma embrionária, nunca se desenvolveu, pelo menos na ideologia do grupo dominante, a única para a qual possuímos documentação numerosa. Apenas mais tarde, no Reino Novo, na época de um henoteísmo muito avançado, que desenvolvimentos novos ligaram mais estreitamente que no passado a piedade pessoal – uma relação íntima do fiel com a divindade – às noções morais. De qualquer

---

[279] CARDOSO, Ciro. Sui ton désir, tant que tu vivras. Sexe e mariage: L'éthique eudémonique du Vizir Ptahhotep. In: LEVEQUE, Pierre. (org.). *Centre de Recherches D'Histoire Ancienne. Recherches Bréslilienne.* (vol130). Besançon, 1994, p.63.

[280] Id. Ibid. p.64.

[281] MORENZ, S. *La religion égyptienne*. [trad. L. Jospin]. Paris, 1977, p.88 s., 166 s., 170, 178-180 apud CARDOSO, C. op. cit., p.63.

[282] FAULKNER, R. O. *A concise dictionary of Middle Egyptian.* Oxford, 1976, p. 85-86 apud CARDOSO, C. op. cit., p.64.

modo, nunca apareceu no Egito idéias de decadência humana e pecado verdadeiramente comparáveis às da tradição judaica e cristã.[283]

Esses Ensinamentos têm sido traduzidos equivocadamente ao longo dos anos em função de um sentimento de pudor completamente deslocado desses egiptólogos. Tomemos como exemplo a máxima 32 dos *Ensinamentos de Ptahhotep* que trata claramente de relações que chamaríamos homossexuais. Mesmo aqueles que compreenderam esta máxima assim, não o disseram diretamente**.** Brested, em vez da tradução que seria correta - **"**não copules com um rapaz efeminado" – traduziu "não pratiques a corrupção infantil", o que é vago e que confunde.[284] Miriam Lichtheim omitiu esta máxima alegando ser ela "muito obscura", mas ela, no entanto, traduz a máxima 37 que é muito mais obscura porque contém vários *hapax.*[285] Outro exemplo é o episódio homossexual na *Contenda entre Hórus e Seth* que Gustave Lefebvre traduziu em latim como se a passagem , dessa forma, se tornasse menos indecente.[286] Os rituais religiosos, entremeados de sexualidade, eram configurados de uma forma que hoje não podemos alinhar. O fato desses rituais existirem harmoniosamente no Egito antigo sugere que estamos testemunhando uma real diferença cultural. Sexo e religião formavam uniões que também são impensáveis na perspectiva judaico-cristã. A sexualidade era colorida pela moralidade, principalmente nos ensinamentos, e não era fetichizada como nas nossas sociedades.[287]

Os destinatários dos Ensinamentos são sempre homens, e é quase sempre de seu ponto de vista que as conseqüências das ações são discutidas. As mulheres aparecem não como sujeitos, mas sobretudo como objetos de tais ações. Logo, os textos sapienciais instruíam os jovens escribas sobre como comportar-se em sociedade, mas também se preocupavam com o comportamento em relação às esposas e mãe, proporcionando-nos, desse modo, uma imagem do lugar das mulheres visto pelos homens da elite, os que detinham o conhecimento da escrita.

---

[283] CARDOSO, C. idid. p. 64.
[284] BREASTED, J.H. *Development of religion and thought in Ancient Egypt.* Filadélfia, 1972 (primeira edição em 1912, p. 235 apud CARDOSO, C. op. cit. p. 67.
[285] LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian literature. I. The Old and Middle Kingdoms.* Berkeley, Los Angeles e Londres, 1975, p.72-73 apud CARDOSO, C. op. cit., p.67.
[286] LEFEBVRE, G. *Romans et contes égyptiens de l'époque pharaonique.* Paris: 1949, p. 196, notas 75 e 78 apud CARDOSO, C. op. cit., p.68.
[287] MESKELL, L. op. cit., p. 45.

Isso quer dizer que as composições literárias e os monumentos desse grupo de homens não se criavam ao azar, mas refletiam o ideal de sociedade dos escribas varões. Também quer dizer que essas fontes devem ser vistas com cuidado, elas representam o ideal masculino referente à mulher e o seu lugar na sociedade. Nos *Ensinamentos de Ani,* do Reino Novo, o autor adverte o leitor que tenha sua mãe em alta conta porque ela lhe deu à luz e o criou. Outros textos mostram também que idealmente a mãe era uma figura a quem os filhos tinham de respeitar e honrar. Quanto à esposa, os textos sapienciais de todos os tempos deixam bem claro que seu dever era ter filhos. Os *Ensinamentos de Ani* também revelam que a mulher estava a serviço do lar, mas na mesma passagem sugere que o marido tinha o direito de se zangar se sua esposa não fosse eficiente. Ela pode ter sido chamada de "dona de casa", mas provavelmente seu marido é quem tinha a última palavra.

Esposas e mães eram mulheres situadas dentro do círculo familiar e deviam ser tratadas honoravelmente se cumprissem os deveres sociais que se esperava delas. Os textos sapienciais também previnem contra mulheres externas à família que podiam ser perigosas. Nos *Ensinamentos de Ptahhotep*, o leitor é avisado a não se aproximar de mulheres de outra casa. Os *Ensinamentos de Ani* dizem: "Não vá atrás de uma mulher, não a deixe roubar seu coração". No mesmo texto, uma mulher de fora é vista como perigosa tentadora, seduzindo desonradamente outro homem quando ela já era casada. Assim, o ponto de vista masculino sobre a sociedade, refletido na literatura sapiencial, divide as mulheres em dois grupos: as honradas e as desonradas, as que se adequavam às normas da sociedade e as que não respectivamente.

Devemos considerar também que dos homens se esperava uma conformidade semelhante com a ordem social, como ensinam os textos sapienciais. Nesse caso, o ideal é o homem silencioso que dá mostras de moderação, enquanto o homem descontrolado é condenado. Há um texto que denigre o tipo de homem bêbado e agressivo que não distingue, nos seus casos amorosos, mulheres casadas das solteiras. Isso não era de forma alguma aceitável, e algumas vezes se encontra nas queixas contra um indivíduo a acusação de terem tido aventuras com mulheres casadas. Assim, no modelo de sociedade egípcio, se esperava que tantos homens

quanto mulheres se conformassem com certos modos de comportamento. Não se estimulava o incorformista pitoresco como nos tempos modernos.[288]

2 – As fontes:

2.1- Ensinamentos para o rei Merikare

Não se sabe ao certo quem era o pai de Merikare, o autor desses Ensinamentos. Jürgen von Beckerath (1966:20) sugere tratar-se de Neb-kau-Ra (Khéty III). A cópia mais completa desta obra é a do Papiro Ermitage (ou São Petersburgo) 1116 A da segunda metade da XVIII dinastia. Ela é complementada pelo Papiro Moscou 4658 e o Papiro Carlsberg 6, ambos do final da mesma dinastia. A data do original é incerta. Miriam Lichtheim acredita tratar-se de produção do reinado do próprio Merikare, e não de seu pai, com o objetivo de proclamar a direção de sua política[289] Mas Joachim F. Quack propõe o início da XII dinastia como o período da primeira composição, e não o período heracleopolitano.[290]

O Papiro Ermitage tem muitas lacunas e erros de copistas o que torna difícil sua interpretação. Como em outros escritos do mesmo gênero, os tópicos em que se organiza o texto se misturam sem formar seções rigidamente separadas.

Os Ensinamentos dirigidos ao rei Merikare englobam os seguintes temas: o balanço político e militar do país que ia ser governado pelo jovem príncipe, o comportamento que ele devia assumir em relação aos súditos, em especial a seu séquito e a piedade religiosa. Os ensinamentos políticos expostos no texto se referem ao precário equilíbrio da dinastia que se instalou em Heracleópolis por volta de 2.100 a.C. e a sua dificuldade de lidar com o poder provincial que se sobrepunha em muitas regiões. O faraó estava preocupado com as fronteiras do norte que ainda se encontravam ameaçadas por asiáticos

[288] ROBINS, G. op. cit., p.191-194.
[289] LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian literature.I(3 vol.)* Berkeley: University of California Press, 1975-1980 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.282.
[290] QUACK, J.F. *Studien zur Lehre für Merikare.* Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1992, cap. 5 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.282.

Seja quem for o pai de Merikare, numa atitude muito rara, se desculpa por ter fracassado e perdido o controle da situação em Tínis[291], ou seja, no sul do país, onde a necrópole foi devastada e saqueada. Ele se mostra preocupado (e o acontecimento de Tínis provava que ele tinha razão), com seus subordinados mais próximos. Precisava dessas pessoas e por isso as trazia sob forte controle e era extremamente duro com traidores e rebeldes, embora intimamente fosse "uma pessoa afável que preferia convencer seus oponentes com argumentos ao invés de submetê-los pela força, advogando antes a valorização das pessoas pela competência e a distribuição magnânima da justiça social".[292]

Por último, ele faz lembrar que a manutenção da ordem e do bem-estar da população está na mão dos deuses, em particular Ra, ao qual o faraó parece referir-se. Como disse Leonard Lesko: "a conclusão do texto contém a mais sucinta e elegante descrição existente tanto da filosofia quanto da teologia da religião de Ra. Ao proporcionar uma visão ampla da cosmologia, da ontologia, da ética e da escatologia desse sistema religioso amadurecido, também resume a natureza e os tributos de Ra, o criador – oculto, onisciente, providente, compreensivo e justo". E era assim que devia ser o faraó, a imagem do deus neste mundo.[293]

2.2 - O Camponês eloqüente

Este texto está preservado em quatro papiros, todos do Reino Médio. As cópias principais são o papiro Berlim 10499 (também chamado de Ramesseum), Berlim 3023 e Berlim 3025. O quarto é o Papiro Butler (Museu Britânico 10274) com apenas quarenta linhas no início da obra. As cópias estão incompletas, mas juntas formam o texto integral.

[291] Cidade não localizada, mas que se acredita situar-se ao norte de Abido, 8º nomo, Alto Egito.
[292] ARAÚJO, E. ibid. p.281.

[293] LESKO, L. Ancient Egyptian Cosmogonies and cosmology. p. 102-103. In: SHAFER, B.E. (ed.) *Religion in ancient Egypt: gods, myths, and personal practice.* Ithaca: Cornell University Press, 1991, 88-122.

A obra se estrutura a partir da narrativa de um camponês que sai do oásis onde mora e vai ao Egito a fim de vender produtos rurais. Logo ao chegar, é roubado e assim dirige-se a um alto funcionário para reclamar. Este, impressionado com sua eloqüência, comunica o fato ao rei. O rei ordena ao alto funcionário que retenha o camponês para fazê-lo falar mais e que registre tudo por escrito, cuidando que a família do camponês no oásis não ficasse sem abastecimento e que o próprio camponês passasse nenhuma necessidade.

O texto consiste nas nove apelações proferidas pelo camponês para convencer o alto funcionário a fazer justiça e punir o ladrão. A linguagem é extremamente rica de imagens que mudam de acordo com a argumentação. Do ponto de vista estritamente estilístico, o texto apresenta grande quantidade de recursos como a repetição de palavras-chaves, antíteses baseadas no padrão sintático de formulações negativas em série, aliterações, repetições retóricas, o emprego de provérbios. O camponês desesperado escolhe bem as palavras, e vai da bajulação ao alto funcionário em encômios gradiloqüentes até, às vezes com tom irônico, a críticas e denuncias abertas, agredindo o seu interlocutor.

Como acontece em outras obras egípcias, esta apresenta uma acentuada intertextualidade, uma mistura de gêneros. Encontram-se no texto claros elementos de literatura crítica sobre a desorganização social, encômios, narrativas e listagens, mas o que prevalece é o seu caráter sapiencial e didático. O autor, por intermédio do camponês, questiona exaustivamente a validade dos esquemas ideológicos que norteiam aquela sociedade. No fim, vence a justiça, Maat se impõe, o bem vence o mal.

Quanto à questão dos gênero, as mulheres semelhantes a Ísis, nas obras do IIº milênio – esposas e mães – são sempre positivas. Este é o caso da esposa do camponês eloqüente. No início do texto, Khuinepu, o camponês em questão, ao partir para o Egito com o objetivo de vender seus produtos, solicita à sua esposa Meryt que lhe dê uma certa quantidade de cevada, transformada em pão e cerveja, para sua alimentação durante a viagem, dizendo a ela que em casa ficaria comida suficiente para ela e os filhos até o seu regresso. Meryt aparece assim na qualidade de *nebet-per*, esposa, dona e administradora de sua casa. O intendente que tenda roubar o

asno e a carga desse homem do oásis, cruel e injusta, encarna o paradigma oposto ao do varão positivo que é o covarde

2.3 - Os Ensinamentos de Ptahhotep

Este é uma das obras mais conhecidas da literatura egípcia e se encontra hoje, em única versão completa no Papiro Prisse (Biblioteca Nacional, Paris, 183-194), mas existem outras. O texto é datado do reinado de Isési, da Vª dinastia, mas muitos estudiosos acreditam tratar-se de obra produzida na XIIª dinastia remetida ao Reino Antigo, período tido como de grandes sábios.

É o conjunto de máximas atribuídas ao vizir Ptahhotep, cujo nome quer dizer o deus Ptah está satisfeito. Existem dois vizires com este nome e ambos com túmulo em Saqqarah. Em um deles, há o registro dos principais títulos da mais importante personagem do país depois do faraó: juiz supremo, superintendente de todas as obras do rei, superintendente dos documentos, secretário de todas as ordens régias, portador do rolo de papiro, escriba do livro divino. O nome de Ptahhotep também aparece no Papiro Chester Beatty IV entre os grandes escritores do passado na seguinte questão: “Há outro como Ptahhotep?” O autor, a princípio estaria se dirigindo ao seu filho, mas, na verdade, trata-se de ensinamentos destinados aos cargos da hierarquia egípcia.

O texto apresenta uma pequena introdução e em seguida trinta e sete ensinamentos em forma de máximas e um epílogo longo. Não há uma ordem de assuntos. É como se o autor registrasse por escrito o seu fluxo de pensamentos, intercalando formas de comportamento com maneiras convenientes de dar ordens, de julgar, de tratar os inferiores e superiores, os filhos, os amigos. Enfim, trata-se das virtudes básicas a serem seguidas para que as pessoas tivessem sucesso, agradassem aos homens e aos deuses. As virtudes mais importantes são a humildade, o autocontrole, a honestidade, a discrição, a generosidade, a afabilidade, o respeito à justiça e às regras estabelecidas.

O título da máxima dezoito é: “Evitar as mulheres”. O ensinamento contido aí é o de evitar aproximar-se das mulheres em casa alheia porque mil homens podem

enlouquecer por seus impulsos e a morte pode chegar depois de tê-las conhecido (sexualmente): “Aquele que se consome pelo desejo por ela não prosperará em nenhuma atividade”. A máxima vinte e um, “Conduta com a esposa”, ensina que o homem deve amar sua mulher com ardor. Prosperando, deve dar muito conforto material à esposa. Dando a ela os bens que acumulou, o homem evita lágrimas porque “ela oferece a vagina por sua condição, mas quer saber quem vai construir um canal para ela”, ou seja, quem vai mantê-la. O marido não deve julgar a mulher, mas deve reprimi-la e afastá-la de qualquer posição de poder. Na máxima trinta e sete, está a maneira adequada de se lidar com uma concubina, lembrando que ela é protegida pela lei. O homem deve tratar bem a concubina, deixá-la comer à vontade porque uma mulher alegre distribui felicidade. A máxima trinta e dois é um conselho para o homem não copular com um rapaz efeminado porque, por serem sexualmente insaciáveis, acabam dando problema.

2.4 – Ensinamentos de Amenemope

O texto se encontra completo, em escrita hierática, em um papiro datado de cerca do século VII a.C., no Museu Britânico 10474, mas há fragmentos em um papiro de Estocolmo, em tábuas nos museus de Turim, do Louvre, e de Moscou, e um óstraco no Museu do Cairo. A composição original parece ser da XX dinastia.

Esta obra talvez represente o ponto culminante do gênero sapiencial. Os temas comuns aos outros Ensinamentos também se encontram aqui, como a discrição, a obediência aos superiores, a frugalidade, etc. Mas, traz uma riqueza, única no gênero, de metáforas e de vocabulário, um estilo cuidado e alusões nem sempre compreendidas por nós, o que torna difícil sua tradução. No entanto, sua particularidade mais notável, como observou M. Lichtheim (1975-80: vol. 2, p. 147) (*Ancient Egyptian literature.* Rempr. 3 vols. Berkeley: University of California Press.) é a “concentração de dois temas básicos: primeiro a representação do homem ideal, o ‘homem silencioso’, e seu antagonista, o homem acalorado; segundo, a exortação à honestidade e admoestações contra desonestidade. Todos os outros temas subordinam-se a esses centrais”.[294] De fato, a ênfase está no *geru* ou *geru maa*, o

[294] LICHTHEIM, M. op. cit.,p.147 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.260.

"homem silencioso", ou "verdadeiramente silencioso", que Emanuel Araújo traduziu como "sereno", mas que, segundo ele, poderia ser interpretado como obediente, tranqüilo, calmo, humilde.[295] Posener salienta a corretude de pesos e medidas, respeito pela propriedade fundiária e rigor na redação de escrituras, o que não é novo. Por outro lado, ele lembra que este texto tem características que lhe são peculiares, mas já se viu que o mesmo pode-se dizer de muitos outros. O que distingue a obra de Amenemope é a sua disposição caridosa, seu sentido intransigente de honestidade, pela distinção nítida que faz entre o "silencioso" e o "apaixonado", isto é, entre o sábio e o tolo, e acima de tudo, a sua profunda religiosidade.[296]

Em 1977, John A. Wilson afirmou que, em virtude de acontecimentos traumáticos para o país, em particular a invasão dos hicsos e a conseqüente guerra de libertação, surge uma nítida mudança. Do Reino Antigo até o Reino Novo, os textos vão deixando de ser mais individualistas, o objetivo de uma vida digna devia ser encontrado no interesse do grupo. Para ele, então, na prática, o indivíduo se tornou cada vez mais submisso em suas ações na vida social, "inevitavelmente transfigurada em fatalidade na piedade pessoal em relação aos deuses, que passavam a comandar seu destino, como uma expressão antecipada da idéia de que o homem pões e Deus dispõe, como nas próprias palavras de Amenemope: 'uma coisa são as palavras ditas pelo homem, outra as ações do deus'".[297]

Essa idéias de Wilson já tinham sido enunciadas desde a década de 1940. Mas, Henri Frankfort discorda dessa opinião.[298] Como este autor, acredito que a tendência tem sido a de interpretar mal o ideal do homem silencioso. Este ideal não exalta a submissão, docilidade, ou algo a ser gratificado no outro mundo. O homem silencioso é precisamente o homem bem-sucedido. Altos funcionários descrevem-se como "verdadeiramente silenciosos", e faziam isso não com a estimativa cristã do espírito de humildade, mas com uma sapiência peculiarmente egípcia, sapiência

[295] ARAÚJO, E. ibid. p.260-261.
[296] POSENER, G. op. cit., p.258.
[297] WILSON, J. Egypt. In: FRANKFORT H. *et alii. The intellectual adventure of ancient man: an essay on speculative thought in the ancient Near East.* Chicago: The University of Chicago Press. P.112-117 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.260.
[298] FRANCKFORT, H. *Ancient Egyptian religion: an interpretation*. Nova York: Harper&Row, 1961, p.66 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.261.

verdadeira é poder verdadeiro, porém significa domínio dos impulsos, e o silêncio é um sinal não de humildade, mas de superioridade. Além do mais, não concordo com Wilson, e pelo contrário, pretendo demonstrar a partir do *corpus* de fontes escolhidas, que o movimento se deu de uma realidade social de base ainda muito comunitária a outra, mais marcada pela emergência do indivíduo.

A obra de Amenemope é permeada de profunda religiosidade, e é importante observar a oposição entre o "homem silencioso" e o "homem inflamado". Quando um homem se voltava para seu deus, o silêncio implicava humildade. Por outro lado, significava a calma que resulta do autocontrole ou de disposição natural, uma calma que, associada à posição de uma pessoa, poderia também transmitir modéstia ou superioridade. Silêncio era ao mesmo tempo temperança, e Miriam Lichtheim diz que no exato sentido de *sophrosine*, uma das quatro virtudes cardinais da Grécia clássica.[299]

Este texto apresenta semelhanças com o livro bíblico dos Provérbios, o que despertou a atenção de especialistas. Em Provérbios, 22:20, faz-se menção a trinta capítulos: "Considera esses trinta capítulos, eles infirmam, eles instruem, são o melhor de todos os livros, fazem o ignorante conhecer". Os texto de Amenemope está dividido justamente em trinta capítulos. Como em outros casos de inter-relacionamento literário, considera-se a prioridade egípcia, a obra egípcia como fonte do livro bíblico.

Como os outros Ensinamentos, este é um fluxo livre de idéias e de temas, mas apresenta uma diferença importante: a divisão em trinta capítulos numerados e dispostos em estrofes, o que nos permite ver a sua organização métrica e prosódia.

2.5 - Os Ensinamentos de Amenemhat

O texto está todo contido no Papiro Millingan, da XVIII dinastia, atualmente desaparecido, mas o conteúdo está preservado em edições do século XIX e início do XX. Fragmentos Também se encontram em museus europeus e nos EUA, sendo que

---

[299] LICHTHEIM, M. Didactic literature. In: LOPRIENO,A (ed.) *Ancient Egyptian literature: history and forms* (*AEL)*1996, p.243-262 apud ARAÚJO, A. op. cit., p.261.

o óstraco 13636 do *Oriental Institute* da Universidade de Chicago contribuiu para a compreensão das duas últimas seções do Papiro Millingan.

Esta obra constitui um dos dois únicos exemplos de textos gnômicos que também se dirigem aos altos quadros da hierarquia faraônica. O outro, *Ensinamentos para o rei Merikara*, são máximas que instruem o príncipe em relação a questões políticas, militares e religiosas. Neste caso, o faraó Amenemhat I, coregente de seu filho Senuosret, dirigi-se a ele.

Amenemhat havia sido vizir de Montuhotep IV, o último rei da XIª dinastia heracleopolitana. Usurpou o trono e fundou a XIIª dinastia. Embora tenha implantado uma nova organização político-administrativa e consolidado o poder egípcio nas fronteiras, parece que a sua legitimidade como faraó não era facilmente reconhecida. Para garantí-la, encomendou obras de propaganda, como *As Profecias de Neferti*, onde o autor "profetiza" que o reinado de Amenemhat iria salvar o Egito; e a *Sátira das Profissões* que enaltece a função de escriba, elemento fundamental na reestruturação do Estado.

Sabe-se que Amenemhat foi assassinado no trigésimo ano de seu governo, como está relatado nas *Aventuras de Sanehet*. Discute-se se seus Ensinamentos é ou não obra póstuma. De qualquer forma, mesmo que ela tenha sido encomendada por seu filho, o velho faraó teria conversado e desabafado com ele, que deve ter guardado na memória elementos concretos para reproduzí-los como se fosse seu pai.

O texto divide-se em quatro temas principais: a dificuldade de lidar com súditos desleais; um atentado contra ele, onde confessa sentir-se solitário e desprotegido; suas realizações como soberano; e a herança política que deixava para o filho. No relato sobre o atentado, que pode ter sido na verdade o assassinato, o faraó declara ter sido apanhado desprevenido, ele não esperava pelo fato e não contava com a negligência dos criados. Nesta hora, ele pergunta "Alguma mulher já conduziu tropas? Os rebeldes vivem no palácio? Libera-se a água que destrói o solo e priva o homem de sua colheita?". Estas perguntas sobre coisas impensáveis querem mostrar o absurdo que é atentar contra a vida do faraó. Pode ser também que as duas primeiras indagações estejam se referindo a uma conspiração no harém. [300]

[300] ARAÚJO, E. op. cit., p.293-297.

3 – Leitura isotópica dos Ensinamentos:

A leitura isotópica a seguir foi aplicada aos Ensinamentos acima referidos tomados como *corpus* único.

Rede Temática 1:

Elementos temáticos principais	Alguns dos elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
As boas qualidades masculinas (como o homem deve ser)	**(saber ouvir)** / ... têm prazer em ouvir o que é bom para seu filho / / "Este filho agrada porque sabe ouvir"/ / Quem ouve isto é sadio de corpo e distinguido por seu pai ... / / Ensina o teu filho a ouvir e ele será estimado entre os grandes / / ... escuta ... oculta o teu coração, controla a tua boca e teu conselho será ouvido pelos grandes / / "... o conselho dos antepassados, que os ouviram dos deuses"/ / Se fores um homem que dirige, ouve com calma a exposição de quem pleiteia./ / ... seus ouvidos tem prazer em ouvir o que é bom .../ **(O homem bom e prestativo para com os desvalidos)**	/"Permita-me fazer teu renome nesta terra conforme as boas regras"/ /"Ó leme, não derives, ó esteio não vergues, ó fio de prumo não osciles"/ / O rico deve ser generoso, assim como o mal feitor é sempre violento./ / O equilíbrio do país está em Maat./ / Fazer justiça é como respiração para o nariz./ / Quem combate a mentira favorece a

	/ “Guia isento de ambição, grande homem sem maldade, destruidor da falsidade, cultivador da verdade o quê ocorre à voz de quem chama”/ / .... um marido para viúva, um irmão para mulher repudiada, um avental para quem não tem mãe / / “... cuida também do sustento do próprio camponês”/ / Exercita tua bondade com as pessoas.../ / Guia o homem pobre na estrada.../ / Dá a mão ao mais velho./ / Se descobrires uma grande dívida de um homem pobre, divide-a em três partes, perdoa duas e deixa uma mantida./ / Sê clemente ... / / um bom caráter é lembrado ... / / Eu dei ao mendigo, criei ao órfão, dei prosperidade ao pobre.../ **(ser ideal de modelo)** / “Poderia ser um modelo de todos os homens”/ / “... seu nome não é apagado, ele é lembrado pela virtude”/ / Dá o exemplo ... / / ... ensinamentos para a vida, testemunho para a felicidade, todos os preceitos para relacionar-se com os mais velhos, para conduzir-se com os magistrados, saber como replicar o que lhe é dito, responder a quem lhe enviou uma mensagem, afim de	verdade./ / Quem favorece o bem destrói o mal./ / Se adquirires algo, dá a teu próximo./ / A indulgência prolonga a amizade./ / Que o homem possa defender a sua causa justa./ / Faze justiça pelo amor do Senhor da Justiça ... É bom quando a bondade é boa, pois a justiça é para a eternidade- *neheh:* ela vai para o túmulo com quem a pratica./ / ...faze justiça, pois ela é grande, ela é poderosa, ela dura, seu valor é comprovado.../ / ... ninguém nasce sábio./ / “Ensina-lhe o que se disse no passado, para que se torne um modelo aos filhos dos magistrados.”/

	conduzi-lo pelos caminhos da vida, fazê-lo prosperar na terra, deixar seu coração entrar em seu santuário ... desviá-lo do mal./ **(ser bom pai)** / “Eis que vou descer ao Egito para trazer comida para os meus filhos”/ / “... vinte alqueire de cevada que servirão para teus filhos”/ / ” Mas cuida do sustento de sua mulher e de seus filhos...”/ / “ Leme do céu, esteio da terra, fio de prumo que sustenta o peso !”/ (esteio da família) / se fores um homem de distinção e tiveres um filho pela graça de deus... faze por ele tudo de bom... não separes o teu coração dele / / Pois é um pai para o órfão... / **(ser sereno)** / “Sê paciente e procura Maat ... contém tua raiva contra aquele que entra humildemente”/ / Conquista partidário sendo sereno .../ / Se fores poderoso, inspira respeito... pela serenidade./ / ... controla-te./ / Mas o verdadeiramente sereno ... floresce e duplica a que produz./ / Une-te ao sereno, encontrarás a vida, e tua existência será próspera na terra./ **(ser sábio)**	/ Se viveres com essas palavras em teu coração, teus filhos a seguirão./ / Faça o bem e prosperará./ / Se o bom exemplo for dado por aquele que dirige, este será conhecido pela eternidade-*neheh* .../ /...virtude, princípio das palavras do deus/ / O bem falar é mais raro que a esmeralda, mais pode encontrar-se entre criados e britadores de pedra./ / Boa é a justiça e duradouro é seu efeito./ / nenhuma rivalidade ocorre em meio ao respeito./ / Longa é a vida do homem de conduta reta./ / É deus que dá a ascensão./ / O comer está sob o desígnio do deus./

	/ “És instruído, inteligente, talentoso...”/ / “... Que o discernimento entre neles assim como o equilíbrio”/ / “... que instrui o ignorante nos conhecimentos e nas regras das palavras perfeitas, sendo uma ventura a quem as ouça e uma desventura a quem ignore.”/ / Se fores poderoso, inspira respeito pelo conhecimento.../ / .... e sua sapiência perdurará por toda eternidade-*djet*./ Como foi bom o ensinamento de seu pai. / / Considera esses trinta capítulos, eles informam, eles instruem ... aquele que os interpreta como um mestre./ / O escriba perito em seu ofício considera-se digno de ser um cortesão./ / Copia teus pais e teus antepassados, pois o trabalho só é executado pelo conhecimento. Eis que suas palavras permanecem nos escritos: Abre-os, lê-os .../ **(ser simples e humilde)** / “Se encontrares um contendor em seu melhor momento, um homem poderoso e superior a ti, abaixa os teus braços e curva tuas costas... não o contestando em seu argumento. Se encontrares um contendor em seu melhor momento que seja um teu igual, de tua posição, farás que teu valor o supere pelo silêncio enquanto ele fala de	/ Aquele que obdece seu coração será bem suprido./ / A boa vontade reforça a afeição./ / ... a boa conduta é sempre lembrada./ / Uma mulher alegre distribui felicidade./ / É bom falar para posteridade, ela dará ouvidos a isso./ / ... e agindo com retidão está livre da mentira./ / Ouvir é útil para o filho que escuta ... ouvir é bom para aquele que escuta./ / Ouvir é melhor que tudo mais e suscita a boa vontade. Como é bom quando um filho aceita as palavras de seu pai, pois chegará a velhice com elas./ / Quem ouve é amado pelo deus./ / Como é bom para um filho ouvir o seu pai./

	modo hostil. Se encontrares um contendor em seu melhor momento, um homem humilde que não seja um teu igual, não o ataques por ser fraco. "/ / Se enriqueceres após ter sido pobre ... não se exibas em tua riqueza ..../ **(ser justo)** / "És igual a Tot, o juiz que não é parcial"/ / "... e isso agradou o coração de sua majestade mais que qualquer coisa em todo este país. "/ (porque se fez justiça) / ... faze com a justiça permaneça firme./ / ... distribuindo justiça para o rei./ / Aspira que tua existência seja justa./ / Fazê justiça e terá vida longa sobre a terra... / / ... sendo um homem honrado e que faz justiça .../ **(ter piedade religiosa)** / ... respeita o Senhor de Tudo./ / Erige monumentos digno do deus, eles perpetuam o nome de quem os fez. Um homem deveria fazer o que é útil para seu *ba*: no serviço mensal do templo, não revele os mistérios ... Oferta libações..., aumenta as oferendas diárias visto que isso beneficia a quem assim procede./ / Fornece as oferendas, reverencia o deus./ / Reverencia o deus em seu caminho./ / Atua pelo deus, para que ele também por ti, com oferendas ... /	/ Se um filho de um homem de categoria acolher as palavras de seu pai, nenhum plano seu falhará./ / Aquele que guia suas palavras pelo que foi dito .... se sobressaíra./ / Um filho que ouve é um seguidor de Hórus, tudo de bom lhe sucede./ / Bom é colocá-la em teu coração./ (as palavras do deus) / Melhor é a pobreza na mão do deus do que a riqueza em um depósito./ / Melhor é pão com o coração em paz do que a riqueza com sobressalto./ / Melhor é o louvor com o apreço dos homens do que a riqueza num depósito./ / O deus sempre está em seu sucesso./

	(ser bom marido) / Quando prosperares e construíres teu lar, ama a tua mulher com ardor, enche o seu estômago, veste suas costas ... Alegra seu coração ... Não a julgues ... Reprime-a .... Abranda o seu coração com o quê acumulastes. / **(ser honesto)** / ... seu coração concorda com sua língua, seus lábios são francos quando ele fala... / / ... e mantém-te afastado de suas coisas./ **(saber ordenar e comandar)** / "... dar uma ordem a quem pode executá-la"/ / Só ordenes quando necessário./ / Sê firme diante dos outros./ / Que possa ser chamado de "aquele que pôs fim à época de distúrbio"./ / Ninguém passou fome em meus anos de reinado... determinei a cada um o seu lugar./ **(saber punir)** / Pune com firmeza, corrige com força, e assim o castigo do transgressor torna-se um exemplo/ / Sê clemente.... ao punires./ **(ser generoso)** / "... e de certo não és avarento"/ / Favorece teus amigos com o quê possuis.../ **(boa conduta social)**	/ Maat é uma grande dádiva do deus e é dada a quem ele quiser./ / Melhor é o homem cuja a palavra permanece no ventre./ (um homem que se contém) / O piloto que vê longe não deixa sua barca soçobrar./ / O deus gosta de quem respeita o pobre mais do que de quem idolatra o poderoso./ / A boa conduta é o céu de um homem./ / As palavras tem mais força que qualquer combate ... o sábio é uma escola para os nobres./ / A benevolência é boa./ / É bom trabalhar para o futuro./ / Grande é o grande homem cujos grandes homens são grandes./

	/ Se estiveres em uma anticâmara levanta e senta como convém à tua posição ... A anticâmara tem sua regra, toda conduta lhe é medida./ / Sê cordial com ele.../ **(bom comportamento com as mulheres)** / .... em qualquer lugar onde entres, evita aproximar-te das mulheres./ / ... ela está duplamente protegida na lei. Sê bom para ela durante algum tempo/ (a concubina) **(boa conduta à mesa)** / ... não mires o dono com insistência, pois isso o agride e o ofende o seu *ka*. / **(saber falar)** / Só fales quando tiveres certeza de que compreendes./ / Põe o bom comentário na tua língua./ / Sê um artesão da palavra e vencerás./ **(respeito e lealdade aos superiores)** / Se fores pobres e servires um homem ... Respeita-o pelo que conseguiu, pois a riqueza não vem por si mesma, foi deus que o tornou meritório.../ / Permanece com o teu superior, de quem gostas e para quem vives./ / Curva as costas ao teu superior ./ / Sê inteiramente correto ante teu senhor./ / Age de modo que o teu senhor possa dizer de ti: Como foi bom o ensinamento de seu pai. /	/ A probidade de coração é digno do senhor./ / Quem chegar a eles sem Ter feito um mal existirá no além como um deus./ / O deus reconhece quem o serve./ / ....a precaução prolonga os anos de vida./ / Uma bela e boa função é do exercício da realeza./ / É preferível a boa ação do honrado do que o boi do inimigo./ / Bem atendido são os homens, o gado de deus./

	/ Discute apenas com um homem de teu próprio tamanho./ / Respeita os grandes ... / **(ser valente)** / Dominei leões, capturei crocodilos, dominei os habitantes de Uauat ... fiz os asiáticos andarem submissos como cães./	

Rede Temática 2

Elementos temáticos principais	Alguns dos elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
As más qualidades masculinas	**(o que explora, espolia ou maltrata os mais fracos)** / “Pudera eu ter algum poder mágico para apossar-me das coisas desse camponês”/ / “Serei roubado em seu domínio”/ (do intendente) / Então ele pegou uma vara de tamarga verde para agredi-lo, açoitou todos os membros do camponês, e apoderou-se dos asnos mandados para sua terra./ / O camponês chorou muito por causa dos maus tratos que lhe foram infringidos./ / “Tu me bateste, roubaste minhas coisas e agora ainda te apropria da	/ “Ele pune qualquer ladrão em toda esta terra.”/ / “Um mortal poderoso morre do mesmo modo que seus subordinados.”/ /”Não é ruim uma balança que pende, um prumo que se inclina, um honeste que se perverte?”/ / “O que dispõe sobre o reto faz o reto balançar torto.”/ / “ ... não é perspicaz quem se insinua a elas

	queixa de minha boca.”/ / “eis que és como um gerente da loja que não favorece o pobre.”/ / “não roubes as coisas de um pobre.”/ / “... não repilas aquele que te suplica.”/ / “Guarda-te de roubar o miserável e de oprimir o fraco de braço”./ / “Não estendas a tua mão contra a passagem de um velho e nem cortes a palavra de um ancião ... “/ /”... ele é um opressor do fraco, ... um inimigo ...”/ /”Não desejes a riqueza de um pobre.”/ /” Não tributes um homem que nada tem.”/ / “Não tem inclines apenas ao homem bem vestido, nem repilas o que está em trapos.”/ /”...(não) despojes o fraco...”/ / “Não zombes cego nem ridicularizes um anão...”/ / “Não oprimas a viúva...”/ **(o desonesto/corrupto)** / “Os magistrados fazem o mal, a retidão é posta de lado.”/ / ”... como um policial que aceita suborno...”/ / “ Mais só fazer apoiar o ladrão!	... Aquele que se consome por causa do seu desejo por elas não prosperará em nenhuma atividade.”/ / “... é uma atroz doença sem cura ... É uma junção de todos os males, um saco de todas as coisas odiosas.”/ (avareza) / “ Aquele que praticou o mal, até as margens o desprezam e sua enchente o arrastará.”/ / “... a barca do avarento é deixada na lama.”/ /”Não converses fingidamente com um homem, o deus abomina isso.”/ /”Não ludibries um homem com o que escreves no papiro, deus o abomina.”/ /”... o dedo o escriba e o bico do Íbis.”/ /”Não fabriques peso suficiente, eles trazem desgraça pela vontade de deus.”/

	Confia-se em ti, mas torna-te um transgressor.”/ / “Os juízes agarram o que foi roubado.”/ / “... mas, teus casos andam de forma tortuosa!”/ / ” O modelo dos homens engana toda a terra!”/ / “Não adulteres as rações do tempo...”/ / “Não desloque os marcos dos limites dos campos... Não ambiciones o lote de terra nem invadas o limite de uma viúva.”/ / “Não fabriques pesos deficientes...”/ / “Guarda-te de alterar a medida.”/ / “ Não aceites presente de um homem poderoso e despojes o fraco por tua causa.”/ / “Não forjes documento ...”/ / “Não forjes oráculos nos rolos...”/ /”...como um ladrão que se recusa viver em sociedade.”/ / “Não ajas em meu benefício por descaminhos.”/ / “O que deve orientar pela lei, comanda o roubo: quem então punirá o crime?”/ /”O que deve punir o mal comete faltas.”/ **(o ganancioso/avarento)**	/ “Não se deve correr em busca de sucesso.”/ /” assim ele abandona o egoísta.”/ (Osíris) /”O deus atacará quem se rebelar contra os templos.”/ / “:os que servem ao rei são deuses.”/ / “Não é grande quem é grande em cobiça.”/ / “Ninguém tem leve o coração pesado por paixões.”/ /”Não há homem impulsivo que pratique a virtude nem arrebatado cujo braço seja procurado.”/ / ” O ar dos pobres são seus pertences, quem os toma tapa o seu nariz.”/ /” A voracidade é insensata.”/ / “O cobiçoso não terá sucesso.”/ /”Não agridas a quem não te agrediu.”/ / “O crime não deve alcançar o porto mas a

	/ “Eis que és como um miserável lavadeiro, um ganancioso que prejudica um amigo, que abandona um sócio por seu cliente...”/ / “Não faças mais do que o mandado... não encurtes o tempo ... Não gastes o dia além do necessário para manter tua família..., pois a riqueza de nada adianta quando não se é feliz.”/ / ” ... livra-te de tudo que é ruim, guarda-te contra a avareza...”/ / “... Não sejas ambicioso numa partilha ... Não sejas avarento com os que te cercam.”/ / “... não sejas ganancioso e alcançarás grande fortuna.”/ / “Não lances teu coração em busca de riqueza ... Não te extenues em busca do aumento de bens ... Se riquezas chegarem a ti pelo roubo não ficarão nenhuma noite contigo.”/ / “Não empeça as pessoas de atravessarem o rio se tens cabine em tua barca.”/ **(o desobediente)** / Mas um filho pode causar problemas, e se ele transviar-se, desprezar teus conselhos, desobedecer tudo que é dito, e de sua boca jorrarem palavras ruins,	honestidade tem de chegar à terra.”/ / “A verdade domina a mentira e deixa que ela viceje, mas a mentira nunca prosperará.”/ /”Desprezível é aquele que humilha um homem humilde.”/ / “Aquele cujo coração se desvia ao escutar o seu ventre suscita antipatia sobre si.”/ (o homem que se descontrola) / “Desprezível é aquele que abandona os seus.”/ / “... assim como o infortúnio vem da hostilidade.”/ /”Desventurado é aquele que se opõe a seu superior.”/ / “O homem que contesta tem mau coração.”/ / “quem não ouve é odiado pelo deus.”/ /”... o fracasso segue aquele que não ouve.”/ /”Insensato é aquele que

	pune-o ... / / “Faz tudo que se condena e por isso é censurado todo o dia.”/ / “... não cometas faltas.”/ **(o rebelde/ o agitador)** /”... se for um agitador, um que convence os outros, elimina-o, mata-o, apaga o seu nome, destrói sua facção, bane a memória dele e os partidários que gostam dele.”/ / “... denuncia-o diante de teu séquito, elimina-o, pois é um rebelado, o que convence os outros é um agitador na cidade.”/ / “... Porém matou os seus inimigos e destruiu até os seus próprios filhos quando intentaram rebelar-se.”/ (deus) **(o injusto)** / “Se fores um magistrado de prestígio... não sejas parcial...”/ / “... o juiz distorce a questão”/ / “Não confundas um homem no tribunal, de modo a por de lado quem está certo.”/ / “Não digas: ‘Encontrei um superior forte e agora posso desacatar um homem em minha cidade’. Não digas: ‘Encontrei um protetor e agora posso desacatar quem eu odeio’.”/ / “Não oprimas a viúva, não expulse	não escuta.”/ / “... ruim para quem delas se descuida.”/ (das palavras dele, o rei) / “Só Chnum vem a ele, só Chnum socorre o homem inflamado a fim de remodelar o coração faltoso.”/ (Chnum era o deus cuja função principal era de modelar as crianças, /” O deus odeia aquele que deturpa palavras, ele abomina grandemente o dissimulado.”/ / “...onde há trapaça o êxito é ineficaz, o mal corrompe o bom.”/ /” O deus está sempre em seu sucesso e o homem em seu fracasso.”/ / “Melhor é o pobre que fala com suavidade... do que o rico que fala com aspereza.”/ / “O homem de coração inflamado é um incitador

	um homem da terra de seu pai, não rebaixe os grandes de seus cargos. Guarda-te de punir injustamente.”/ **(o inflamado)** / “Não sejas pesado nem tão pouco ligeiro ... “/ / “... mas quem é alegre todo o tempo não pode fundar o lar.”/ / “... não fales demais.”/ / “Não comeces uma rixa com um homem de fala inflamada.”/ / “Não confraternize com um homem inflamado ... Impede tua língua de inquirir teu superior e guarda-te de insultá-lo.”/ / “... mantém-te calado e serás bem sucedido.”/ **(o soberbo)** / “Não te envaideça do teu conhecimento...”/ / “Não sejas soberbo...”/ **(o que não respeita as mulheres)** / “... não a repilas.”/ (a concubina) / “Não desperte desejo em casa alheia.”/ /” Não te lances contra uma viúva ao surpreendê-la nos campos.”/ **(o que não sabe se comportar)** /”Não comas em presença de um superior nem te ponhas a falar antes dele... Vê o copo que está diante de ti e que ele sirva apenas ao que	de pessoas e cria facções entre os jovens.”/ /”Desprezível é aquele que deseja a terra de seu vizinho, insano é aquele que cobiça o que pertence aos outros.”/ /”... deus conhece a traição dos conspiradores e castiga os revoltosos com sangue.”/ /”... é néscio quem faz o que eles reprovam.”/ / “Quem se rebela contra ti é como se atacasse o céu.”/ / “A boa fortuna não acompanha nos campos de batalha esquecidos do passado, pois ignoram o que deveriam saber.”/

	precisas.”/ **(o hostil)** / “... mesmo o homem amável, ao ofender tem seu caminho impedido ... carrancudo todo o tempo não tem um momento feliz...”/ / “ ... não ataques, não rales, não evites, não respondas com hostilidade, não vás embora, não espezinhes ... “/ / “Não sejas áspero como teus amigos”/ / “... não injuries quem te ofendeu... “/ / “ O braço não se enfraquece ao saudar, as costas não se quebram ao se curvarem.”/ **(o maledicente/intrigante)** / “Não repitas uma calúnia, nem dês ouvido a ela.”/ / ” Guarda tua língua das palavras maledicentes.”/ / “ ... mas seu peso é a falsidade, ele é o barqueiro de palavras enganosas, vai e volta com intrigas.”/ **(o bajulador)** / “Não cortejes um homem.”/ **(o traidor/ o desleal)** /”Não converses fingidamente com um homem...”/ / ” ... não te associes a um homem desleal.”/	

	/ “Não ludibries um homem com o que escreves no papiro...”/ / ”Não prestes testemunho com palavras falsas...”/ / ”... o escriba que trapaceia com seu dedo não terá o seu filho escrito.”/ (na escola de escribas) / “não vás ao tribunal diante de um magistrado para mentir... conta a verdade.”/ / “Matou os traidores que se encontravam entre eles.”/ / “Guarda-te dos subalternos pois não se está ciente dos que conspiram...”/ / “... mas aquele que comia o meu pão levantou-se contra mim, aquele a quem dei a mão aproveitou-se disso para conspirar.”/	

3.1- Análise:

A leitura isotópica confirmou a pertinência das duas redes temáticas opostas uma a outra. Cada uma delas se expressa em múltiplos elementos figurativos e responde a elementos axioláogicos, que são aqueles derivados da legitimidade da ordem social que está de acordo com a ordem cósmica. Uma exprime essa legitimidade e a outra, a sua negação, a transgressão da ordem, a ação que pode colocar em risco a própria civilização egípcia, por este meio, jogada novamente no caos social do período anterior a centralização do poder.

É na rede temática 1, que os documentos explicitam e enaltecem o modelo positivo de varão. A qualidade masculina mais freqüente nesse *corpus* de textos é a

do homem que sabe ouvir. O saber ouvir representa toda uma idéia de sabedoria e justiça. Aquele que sabe ouvir aprende com a experiência dos antepassados, na escola de escribas, o conselho dos pais e dos mais velhos, a voz da experiência e da sabedoria. Mas também é aquele que é justo ao saber ouvir o replicante, é gentil e cordial em saber ouvir. De fato esta expressão "saber ouvir" está intimamente ligada a idéia do homem silencioso ou sereno como foi visto acima. O homem sábio é aquele que sabe falar, mas também sabe calar (aliás saber calar faz parte de saber falar). É o homem que controla os seus impulsos e não age sem pensar. Há nesses textos, um enaltecimento do auto-controle e da parcimônia das palavras, dos sentimentos, dos julgamentos, das opiniões. O homem superior é o que controla as suas emoções, e por isso é dono de seus atos. Não age incorretamente com ardor. É honrado e digno, sabe administrar, sabe ordenar e sabe punir na medida certa.

As outras qualidade masculinas exaltadas nos textos e que são decorrentes da idéia de saber ouvir, e que aparecem com menor freqüência são: ser bom e prestativo, ser bom pai e bom marido, ser sereno e sábio, simples, humilde, justo, piedoso, honesto, franco e leal. O homem ideal julga com justiça, não rouba nos pesos e nas medidas, não forja documentação, não se apropria de bens alheios, principalmente dos mais desprovidos, não trai os amigos e leal aos seus superiores, é obediente as regras e a hierarquia. Esses textos não mencionam virtudes marciais porque o homem ideal é um homem de paz.[301] A boa conduta à mesa é mencionada uma vez é também é tema subordinado a idéia de homem sereno, parcimonioso, que não come e nem bebe em excesso.

Quanto às mulheres as referências são poucas, e são no sentido de respeitá-las e resistir a tentação de seduzi-las de forma inconveniente. Existe apenas uma referência à concubina, que se encontra nos Ensinamentos de Ptahhotep que aconselha a tratá-la bem porque ela é protegida pela lei e porque uma mulher alegre distribui felicidade. Nesse mesmo Ensinamento também há uma máxima que se refere as relações homossexuais. A prescrição é evitá-las porque um rapaz efeminado é insaciável, e o homem que se relaciona com ele acaba tendo "ferido o coração" .

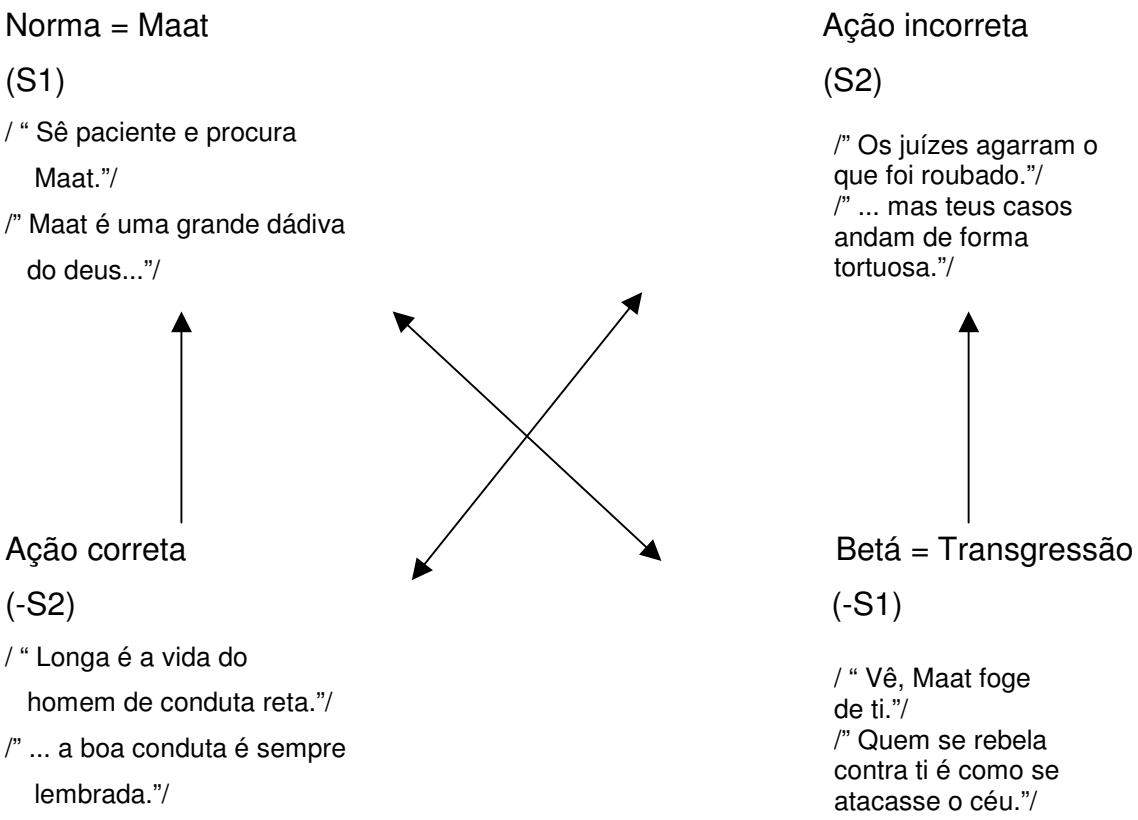
[301] LICHTHEIM, M. op. cit., p.62 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.244.

A rede temática 2 exprime as qualidades negativas de um homem. Elas são o contrário das qualidades positivas e também estão subordinadas as idéias de homem sereno e silencioso, no caso a negação do modelo positivo. O defeito que aparece com maior freqüência é de espoliar e maltratar os mais fracos e os desvalidos e os desprovidos de recursos. Muitas máximas se referem aos pobres, aos órfãos, as viúvas, aos cegos e deficiente. As outras de maior referência são: o ganancioso e o desobediente são citados várias vezes, assim como o covarde. (o covarde no caso não é o mal soldado que foge da luta, mas aquele que não enfrenta os magistrados para fazer justiça, vê a corrupção e não tem coragem de ir contra os superiores). Em seguida, o avarento; o rebelde, o agitador; o injusto; o corrupto; o sem parcimônia, o exagerado; o soberbo. Com menos freqüência são apresentados: os que não resistem as mulheres, os que não sabem se comportar em sociedade, o hostil, o maledicente e intrigante e o bajulador.

Os elementos axiológicos expressos nos textos, tanto na rede temática 1 quanto na rede temática 2, estão entremeados no texto e estão ligados à noção de Maat e à sua negação, Betá. Desse modo a leitura isotópica apoia a pertinência das redes temáticas apontadas, presentes ao longo dos textos e garantidoras de sua coerência.

3.2 – Quadrado semiótico

Pode-se também representar o sentido mais profundo dessas fontes a partir do seguinte quadrado semiótico:



4 - As narrativas literárias:

A literatura egípcia de ficção que surgiu no começo da XII dinastia, sofreu mudanças no seu decoro e mostrou sinais de desenvolvimento e expansão da instrução. Os funerais do período o atestam.

A forma, o tom moral e a linguagem clássica da maior parte dos exemplos sobreviventes do Reino Médio sugerem que eles englobam uma alta tradição culturalmente centrada. No entanto, alguns aspectos menos elevados acabaram sendo amplamente adotados nas composições escritas no fim do Reino Novo, quando o mais coloquial egípcio tardio era usado em documentos. A composição característica desse período não é mais o texto sapiencial, e sim a narrativa episódica. Os textos do Reino Médio foram transformados em clássicos, que formaram um cânon para

aprendizes escribas, e depois continuaram a ser transmitidos ao lado de novos e mais variados gêneros.[302]

Embora estas narrativas pareçam um tipo mais familiar de literatura, elas revelam convenções bastante estranhas de estilo. São diretas e narradas objetivamente, mesmo quando na primeira pessoa. A reação da audiência é muito mais guiada pela forma literária do que pelo comentário pessoal do autor. A poesia sapiencial discursiva, em particular, atua mais por sintaxe do que por metáfora. O seu estilo é repetitivo e cheio de fórmulas, e lembra mais os paralelos bíblicos do que os clássicos.

As narrativas egípcias - os contos - são ficcionais, embora contenham elementos didáticos derivados das autobiografias funerárias, dos encômios ao rei, e da literatura sapiencial. Também era utilizada uma moldura narrativa, normalmente não muito desenvolvida, em obras cujo caráter básico não era o da ficção. É o caráter ficcional que distingue os contos dos textos comemorativos, que visavam a precisão, mas esbarravam na idealização, e dos textos religiosos, que deviam ser autênticos reflexos do universo. A ficção, no entanto, permite à sua audiência a visão de uma realidade diferente e a experiência de possibilidades alternativas. O seu sucesso se deveu a uma tradição de ensino durável, iniciada pelas obras dos escribas "fundadores", o que fez com que fossem copiadas e recopiadas nas escolas de escribas ao longo dos séculos.

Os gêneros literários que foram empregados em todos os períodos, e que mais caracterizaram a literatura egípcia são os contos e os textos sapienciais, os dois campos nos quais o Egito deu a sua maior contribuição à literatura mundial. A despeito da precariedade do nosso conhecimento, pelos fragmentos que possuímos, fica evidente que os contos populares do país eram extremamente ricos. *O Náufrago*, por exemplo, que parece ser o mais antigo papiro literário conhecido, possui uma arrumação que não é a de um simples caso falado. Note-se que os escribas contribuíram bastante para o desenvolvimento da narrativa, e que eles foram

[302] PARKINSON, R.B. *The Tale of Sinuhe and Other Ancient Egyptian Poems*. Oxford: University press, p.5 –7.

responsáveis pelo seu progresso muito além do nível do folclore. *O Conto de Sanehet* e o *Relatório de Unamon* são testemunhas disso.[303]

.

4.1 – As aventuras de Sanehet

Este conto é muito conhecido pelo título que ostenta o nome do protagonista na sua forma copta: *As Aventuras de Sinuhe*. É considerado pela maioria dos egiptólogos a obra prima da literatura egípcia. A preocupação com a qualidade da composição é evidente. Sua riqueza de formas torna-a um verdadeiro "catálogo das formas gramaticais egípcias".[304] Foi um clássico escolar, copiado inúmeras vezes pelos alunos que estudavam para ser escribas, durante mais de setecentos anos. Na forma em que está, o texto é uma obra de ficção. Assume forma de autobiografia funerária, mas o estilo demonstra que pode ter sofrido uma espécie de remanejamento literário a partir de uma biografia verdadeira.

Existem várias cópias incompletas que juntas fornecem a obra inteira. Os papiros mais conservados são o Papiro Berlim 3022 e o Papiro Berlim 10499 ou Papiro Ramesseum. Há um óstraco no Ashmolean Museum que contém praticamente a totalidade da narração.

Sanehet significa "Filho do Sicômoro", o que quer dizer filho da deusa Háthor, associada a esta árvore. Era um servidor do harém real e da princesa Neféru. Estava numa campanha militar no deserto líbio chefiada pelo príncipe coregente Senuosret. Quando estavam de volta, chegou a notícia da morte do faraó Amanemhat. Ao ouvi-la, Sanehet tomou-se de pânico, fugiu e foi parar em terras estrangeiras, na Síria-Palestina. Lá, ele passou uns vinte e cinco anos de uma vida bem sucedida. Chefiou uma grande tribo, casou-se com a filha mais velha do governante do lugar e foi muito rico. Apesar disso, vivia nostálgico.

O faraó sabia da existência de Sanehet e sabia de sua atuação nas terras estrangeiras. Hospedava em sua casa os mensageiros egípcios que passavam por lá,

[303] CARDOSO, C. Escrita, Sistema Canônico e Literatura no antigo Egito. IN: BAKOS, M.M. e POZZER, K.M. *III Jornada de estudos do Oriente antigo: Línguas, escritas e imaginários.* Porto Alegre, EDIPUCRS,1998, p. 106-110.
[304] Id. *Sete olhares sobre a Antigüidade.* Brasília: UnB, 1994, p.122.

e falava muito bem do faraó aos governantes estrangeiros. O rei sabia também de seus sentimentos e de suas saudades do Egito. Então, lhe enviou uma carta, incentivando-o a retornar. Sanehet passou a chefia de sua tribo ao seu filho mais velho, distribuiu todos os seus bens entre os outros filhos e voltou para o Egito.

Ao chegar em frente ao palácio, Sanehet encontrou os príncipes que o esperavam para recebê-lo e levá-lo ao interior da Residência. Quando conversava com o faraó, entraram na sala de audiências a rainha e as princesas que se assustaram muito com o aspecto do recém chegado. Elas não queriam acreditar que fosse realmente ele. O faraó confirmou tratar-se de Sanehet, elas então cantaram e dançaram para ele com seus colares *menit*, chocalhos e sistros. Estes objetos estão associados à deusa Háthor, senhora do céu, que protege e dá espaço a Hórus como divindade solar. Era representada na forma de vaca. As plantas em que se revela eram o papiro e o sicômoro. Sua natureza era benigna, mas também aparece sob a forma da deusa-leoa Sekhemet que espalhava as pestes mas que também era patrona dos médicos e conhecia os segredos da cura. Num relato ela representa o olho de Ra para destruir a humanidade. Estreitamente associada à musica, ela própria dançava a "dança hathórica".

Sanehet passou o resto de sua vida na corte, coberto de glórias e agraciado com títulos que aparecem no início do conto, como se fosse uma obra póstuma.

4.2 - Leitura isotópica do conto*:*

Rede temática 1

Elementos temáticos principais	Alguns dos elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
As boas qualidades Masculinas	**(bravura/valentia/destreza militar)** / "Ele subjugava os países estrangeiros..."/	/" Existe um deus que não sabe o que lhe está destinado, sabendo como sabe

	/”Ele é um bravo que age com a força de seu braço, um guerreiro sem igual...”/ /” Ele é o que curva os chifres e torna as mãos fracas, seus adversários não cerram fileiras.”/ / “Com vista aguda ele esmaga os crânios.”/ / “Com passos largos alcança o fugitivo.”/ /”Firme na hora do ataque...”/ /” Decidido de coração ao ver a multidão de inimigos, não deixa o seu coração abrandar-se.”/ /”Impetuoso ... arrojado”/ /” Ele toma o seu escudo, esmaga o inimigo com os pés, e não precisa repetir o golpe em sua matança.”/ /”Ninguém escapa de suas flechas.”/ /” Os arqueiros fogem dele...”/ /” Com ele estava a vitória dentro do ovo.”/ /” Ele é o que expande as fronteiras... conquistou... bateu os asiáticos e esmagou os moradores da	o que acontecerá?”/ /”... pois se vive do ar que dás.”/ (o faraó) /” Que é mais importante do que meu cadáver ser sepultado na terra onde nasci.”/ /”Que eu possa ser levado par a morada eterna.”/

	areia!”/ (os beduínos) /” Meus filhos cresceram e se tornaram homens fortes."/ /” Eu vencia todo o povo contra o qual marchava, expulsando-o de suas pastagens e seus poços. Apoderava-me de seus rebanhos, capturava os seus habitantes, confiscava suas provisões e matava o resto de sua gente, com meu braço forte, ... meus planos hábeis.”/ /” Era um campeão sem igual.”/ /” Apoderei-me de seu bens ... Tornei-me ainda mais poderoso, opulento em riquezas...”/ **(sabedoria em comandar e administrar)** /”... ele é o senhor da sapiência, excelente nos planos, perfeito no comando”/ /” Multiplicou os bens dos que com ele nasceram...”/ /” O senhor do discernimento que conhece os homens.”/ **(amabilidade)**	

	/” Senhor da afeição, pleno em doçura .... conquistou o amor.”/ /” Sua cidade ama-o mais do que a si mesma, rejubila-se por ele mais do que por seu próprio deus.”/ /” O deus agiu com clemência...”/ (o faraó) /”... embora este deus me acolhesse amavelmente.”/ **(bondade e proteção aos necessitados)** /”... eu hospedava todas as pessoas do Egito. Dava água ao sedento, ensinava o caminho a quem se extraviava e socorria aquele que tinha sido roubado.”/ /” ...hoje dou pão ao meu vizinho.”/ **(serenidade)** /” Afrouxa o teu arco, pousa a tua flecha, dá ar ao que está sufocado.”/ **(humildade)** /”Este humilde servidor ... “/ (várias vezes)	

Rede temática 2

Elementos temáticos principais	Alguns dos elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
As más qualidades masculinas	/” ... e castigar os que estavam na terra de Tjehenu.”/ (rebeldes egípcios no deserto da Líbia) /” Alguma vez abriu sua tenda ou passeis suas cercas?”/ /”É inveja...”/ /” Antes um fugitivo... antes um errante”/	/” Não blasfeme, para que tuas palavras fossem reprovadas.”/ /” Não deves morrer em um país estrangeiros.”/ /” Os asiáticos não deverão sepultar-te.”/ /”Não deverás ser sepultado numa pele de carneiro.”/ /”Não é pequena coisa que teu cadáver não seja sepultado com séquito de arqueiro.”/

4.3 – Análise

Esta leitura isotópica mostrou, que nas narrativas literárias, o modelo positivo de varão é menos idealizado do que na literatura sapiencial analisada anteriormente, onde o homem ideal é um homem pacífico. Neste conto, o referencial masculino de excelência é o próprio faraó o campeão dos campeões. Desse modo, os elementos figurativos e axiológicos que compõe a rede temática 2, ou seja, a que se refere ao modelo negativo masculino, ocupa neste caso, a rede temática 1, a das qualidade de um homem. O elemento saqueado, destruído e morto é o inimigo estrangeiro. Esta obra, produzida no ambiente da corte em que abundavam informações sobre experiência do “estrangeiro”, muito provavelmente, foi baseado em dados disponíveis nos arquivos administrativos do governo central egípcio. Embora só se possa

considerar que foi sob reinado de Senuosret II que se deu a intensificação da exploração de pedreiras de minas, bem como das trocas com o exterior, esse movimento teve início sem sombra de dúvida no período imediatamente anterior.

Entre as qualidades de bravura do, faraó está a isotopia da categoria amabilidade que demonstra uma nova imagem de rei surgida no Reino Médio em função das crise sofridas no fim do período anterior de centralização. As outras qualidades masculinas que aparecem com menos freqüência no texto refletem aspectos das estruturas maiores da ideologia faraônica assim como a superioridade egípcia sobre asiáticos.

A rede temática 2, o modelo negativo de varão, expressa da mesma forma aquilo que vai contra a ordem social e cósmica como a rebeldia, a desonestidade, a falta de piedade religiosa. É interessante observar que depois da exaltação às qualidades bélicas do rei, o cântico das princesas que, se tratam de uma fórmula ritual estereotipada incita a paz: “Afrouxa teu arco, pousa tua flecha...”

5 – O Naúfrago:

O conto do *Náufrago* é também conhecido por *A Ilha da Serpente*. No original egípcio, a criatura cospe fogo e a palavra que a designa é masculina, por isso, preferi usar a palavra “dragão”, já que em português, é masculina e o dragão também é um ofídio que cospe fogo.

Encontra-se hoje preservado num único manuscrito do Reino Médio. Ninguém conhece a origem desse manuscrito, nem em que circunstâncias foi parar na Rússia, onde foi descoberto. É a única cópia existente, quase integral, salvo poucas lacunas, encontra-se hoje em Moscou no Papiro Leningrado 1115.

É uma junção de três histórias num só relato O conto começa com um narrador que quer consolar um nobre de volta à corte após uma missão fracassada. Conta-lhe as suas bizarras peripécias numa ilha fantástica habitada por um dragão de mais de 15 metros, com uma barba de um pouco mais de um metro, incrustada de pedras semipreciosas. Pode-se perceber por estas insígnias que se tratava de uma divindade. O dragão também conta a sua história para o náufrago. A articulação dos três relatos

é artificial e é possível que tenham origens diversas. A estrutura é sofisticada e o estilo é claro para o período, mas o recurso a repetições narrativas pode significar uma origem na tradição oral.

Na ilha, o dragão disse ao náufrago que se este fosse valente e controlasse o coração, abraçaria os filhos, beijaria a mulher, voltaria para casa e isso era melhor que qualquer coisa.

Depois que o marinheiro volta, a ilha desaparece, como também acontece nas *Mil e uma noites*, com o marinheiro Simbad, nas histórias do príncipe Zeyn Alasnam e quando Ulisses chega à terra dos feácios.

5.1 – Leitura isotópica do conto *O Naúfrago*

Rede temática 1

Elementos temáticos principais	Alguns dos elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
As boas qualidades masculinas	/"...falar ao rei com segurança... responder sem gaguejar"/ /" .... os melhores (marinheiros) do Egito... seu coração era mais intrépido que os dos leões."/ /" Podiam prever uma borrasca antes de ela sobrevir e uma tempestade antes de rebentar."/	/ " A boca de um homem pode salvá-lo, e suas palavras fazem com que o perdoem."/ /" ... e isso é melhor que qualquer coisa"/ (voltar ao Egito) /"...é proveitos às pessoas escutar."/

	/” O coração de cada um era bravo.”/ /”... seu braço mais forte do que o do companheiro...”/ /” ... e não havia incompetentes entre eles.”/ /” se fores forte e controlares teu coração, abraçará teus filhos, beijarás tua mulher, verás tua casa...”/ /” Chegarás a tua terra, onde vivia entre teus irmãos... florescerás em teu país.”/	

Rede temática 2

Elementos temáticos principais	Alguns dos elementos figurativos que manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
As más qualidades masculinas	/” Não temas, não temas homenzinho, não empalideças o rosto.”/ /” Fala-me e não entendo tuas palavras, estou	

	diante de ti sem consciência de mim próprio.”/ (medo) /” Se demorares a dizer ... estejas reduzidos a cinzas.”/	

5.2- Análise

Nesta obra, a ilha (que representa Punt) , sob o ponto de vista das categorias próprias à estrutura global dominante, é uma contrapartida do Egito. O dragão que acolhe o náufrago é identificado com o faraó, tem o corpo coberto de ouro e pedras semi-preciosas. Possuí uma barba de mais de um metro de comprimento o que é também uma insígnia real ou divina: vários deuses a têm. O náufrago lhe promete culto sacrificial. No Reini Médio, tal coisa não era relizada para um rei. A estrutura interna do conto revela a ideologia do grupo dominante: na própria divulgação da iniciativa faraônica do comércio externo, na propaganda de outra iniciativa real que é a exploração das minas, e na fala do náufrago acerca do tamanho do barco e da qualidade da tripulação. Apesar da competência dos marinheiros, apesar de saberem prever ventos tempestuosos e a procela, não puderam evitar o naufrágio, o que corrobora o mito faraônico de que o destino dos homens está nas mãos dos deuses.

O que a leitura isotópica deixou também perceber do sentido dessa obra é o enaltecimento, na rede temática 1, principalmente da coragem e em seguida de se ser forte, sábio e competente , o que sabe falar e o que sabe se controlar. Na rede 2, a única categoria negativa masculina é a que se opõe à principal positiva da rede 1, a covardia. A rede temática 1 revelou também que fazendo parte da estrutura ideológica das classes dominantes egípcias, está presente no texto a volta ao Egito e a importância da família, como recompensa de representar o modelo positivo de homem corajoso. A mulher é tratada de forma abstrata, sem nenhuma especificação, mas está vinculada ao paradigma de Ísis e à imagem de felicidade familiar. O dragão divino diz ao náufrago que abraçar os filhos, beijar a esposa e rever a sua casa é “melhor que qualquer outra coisa” e que tal lhe contecerá se seu coração for forte.

5.3 – O quadrado semiótico

A articulação das categorias semânticas encontradas nesses dois textos podem ser representadas através do seguinte quadrado semiótico:

Corajoso

(S1)

/ “ Ele é um bravo.”/

/ ” Firme na hora do ataque.”/

/ ” Se fores forte, controlares seu coração.”/

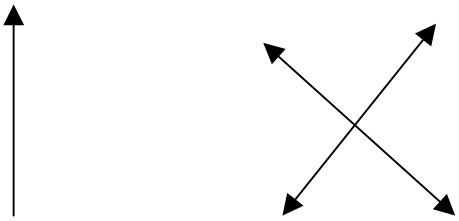
/ “ ... seu coração era mais intrépido...”/

Inclemência

(S2)

/ “...serás reduzido a cinzas.”/

/” ...será abatido de tarde?”/



Clemência

(- S2)

/ “ O deus agiu com clemência.”/

/ ” ... abraçarás teus filhos...”/

Covarde

(-S1)

/ “ Antes um fugitivo...antes um errante.”/

/ ” Não temas, não temas....”/

/ “ ... não empalideças...”/

CAPÍTULO IV: A Poesia de Amor

Existem alguns escassos textos do antigo Egito que permitem verificar uma certa atitude negativa em relação à vida urbana. Na época raméssida, no entanto aparece um gênero de textos gerados entre o grupo de escribas, uma categoria social que tinha mais oportunidades profissionais no ambiente urbano do que em área rural. Essas obras fazem aberta apologia da cidade como lugar de residência e modo de vida, e têm ligação com a propaganda do faraó e de um deus cujo templo se encontrasse na cidade elogiada. Nessa construção simbólica do espaço e do tempo, aparecem novidades importantes: o próprio surgimento de um gênero literário de elogio à cidade; o recurso (já presente nos textos do último rei da XVIII dinastia, Horemheb) a uma multiplicidade de deuses nas ocasiões de sacralização de coisas importantes, e também do espaço da cidade e a partir dela do mundo; a sacralização do rei; uma exposição, mais detalhada e explícita do que era de praxe até então, de uma orientação do mundo a partir da Residência real. Outra mudança era a visão que os egípcios tinham dos estrangeiros, que passam a ser mencionados por si mesmos, sem serem inimigos, nem anônimos a serem "massacrados". Essa mudança em relação aos asiáticos já se afigurava nos escritos da era de Amarna e aparece resignificada num novo contexto teológico-político.[305]

Muitos autores tentaram explicar essas mudanças. Pascal Vernus, por exemplo, propõe a noção de uma "ética nova" que iria, no Reino Novo, entrar em concorrência e, por fim, superar uma "ética antiga". A nova ética, para esse autor, se caracteriza pela descrença na ordem estabelecida, nos mecanismos estatais (incluindo os judiciários) como valores positivos, o que levou a uma maior relação pessoal com a divindade. Tanto Vernus quanto o egiptólogo alemão Jan Assmann acreditam que esta piedade mais individual "...deriva de uma nova construção da

[305] VERNUS, P. 1993, p. 162 apud CARDOSO, C. O Pensamento egípcio na Época Raméssida – CEIA – UFF, p.4-5.

realidade em que o tempo, o destino e a história tornam-se inteligíveis num sentido religioso."[306]

É preciso não esquecer, ao se falar das "novidades" do Reino Novo, que isto tem a ver com a ausência ou pouca freqüência de documentos que iluminem temas semelhantes em períodos anteriores da longa história egípcia. Stephen Quirke, por exemplo, acha que a tal piedade individual, uma relação mais pessoal entre fiel e divindade, que se diz caracterizar o Reino Novo, era muito antiga.[307] O que deve ter mudado foram as regras do decoro, aquilo que podia, ou não, ser representado na arte e nos escritos funerários. Assim, por exemplo a representação de deuses em tumbas e estelas de particulares era vetada até meados do IIº milênio, mas foi permitida depois. O único trabalho mais detalhado acerca da religião popular no Reino Novo, de autoria de Ashraf Sadek também aponta para o perigo de um argumento baseado no silêncio das fontes.[308]

Existem dados a favor de Sadek e Quirke: se examinarmos a literatura ficcional do Reino Médio, pode-se perceber exemplos claros de que intervenções diretas dos deuses nos destinos individuais eram consideradas possíveis. Isso acontece no conto do *Náufrago,* ou a *Ilha da serpente.* O náufrago realiza ele mesmo sacrifícios aos deuses. O que acontece com ele no país de Punt "foi por conta de um deus". Analogamente, nas *Aventuras de Sanehet*, o protagonista, após vencer uma luta, reza em ação de graças a Montu, deus tebano da guerra. Ele também aponta como causa de sua fuga, por ocasião da morte do faraó Amenemhat I, a ação direta de um deus, e reza a tal deus para que ele lhe propiciasse a volta ao Egito. Esses exemplos existem, e Vernus argumenta que essas ocorrências são ocasionais, mas não há como distinguir o ocasional do habitual contando com tão poucas fontes. A onomástica, por sua vez, demonstra a freqüente ligação explícita com o deus local, o deus da cidade onde a pessoa nasceu, na escolha do nome, muito antes do Reino Novo.

[306] ASSMANN, Jan. 2002, p.283 apud CARDOSO, C., op. cit., p.7.
[307] QUIRKE, S. 1992 apud CARDOSO, C. op. cit. p.8.

[308] SADEK, A. 1987 apud CARDOSO, C. op. cit., p.8.

Comparando-se a literatura ficional do Período Raméssida com aquela do Reino Médio, para se observar as mudanças ocorridas, o que mais chama a atenção, como fator novo, é a ênfase na noção de juízo divino. Na ficção do Reino Médio, o desequilíbrio da ordem do mundo, no nível social, se resolvia dentro dos parâmetros gerais e quase automáticos dessa ordem (Maat), por vezes por um julgamento do faraó, por exemplo, ao decidir as mortes do amante e da esposa culpada do sacerdote-leitor num dos contos incluídos no Papiro Westcar. O tema dos tribunais e juízos é muito freqüente na literatura de ficção do Reino Novo. Ao mesmo tempo, pode-se notar um certo ceticismo quanto aos tribunais, que às vezes julgam adequadamente, e às vezes manifestam evidente parcialidade.

Existem de fato argumentos que estão de acordo com a opinião de Assmann e Vernus quanto ao que eles chamam de uma "piedade individual" que se revela no apelo direto à divindade seguindo se a atuação eficiente da mesma, com a diminuição, em certos contextos, do papel do rei. O que de fato parece ter ocorrido, e que foi o fator crucial do novo modo de ver as coisas, foi a emergência do indivíduo na sociedade egípcia do IIº milênio a.C. Vendo desse modo, a "piedade individual" é uma manifestação desse fenômeno mais geral que também desemboca, por exemplo, no que parece ser o primeiro florescimento, no Reino Novo, da poesia lírica que fala das emoções individuais, o que é um fato novo na História Geral da Literatura.[309] Miriam Lichtheim, numa comparação entre as *Aventuras de Sanehet* e o *Relatório de Unamon*, parece ter percebido o referido fenômeno, o da emergência social do indivíduo, na fase de transição, no Oriente Próximo, da Idade do Bronze à Idade do Ferro, completando constatações que podem ser feitas desde o início do Reino Novo, como por exemplo, o fato dos tributos não serem mais cobrados de forma coletiva das aldeias, mas das famílias individuais:

> O que Sinuhe é para o Reino Médio, Unamon representa para o Reino Novo: uma culminação literária. As diferenças entre eles não consistem somente no fato de que um reflete o poder político e o outro o declínio político, mas sim, o que é mais importante, em que quase um milênio de histótia transcorreu, um tempo durante o qual os povos do mundo antigo perderam muito de sua arcaica simplicidade. Unamom aparece situado no umbral do primeiro milênio a.C. no qual o mundo

[309] CARDOSO, C. ibid. p.11.

> moderno começou, um mundo a quem deram forma homens e mulheres que são semelhante a nós.[310]

Pode-se observar também, no período raméssida, um processo simultâneo de divinação crescente do faraó e um recuo nas representações da figura do rei constatado nas tumbas privadas, como também o avanço da "piedade individual". Autores como Assmann acham que esse avanço da "piedade individual" se dá em detrimento do papel do rei. Esta linha de raciocínio torna incompreensível o avanço da divinazação do rei em vida, que ficaria carente de uma base social que, no entanto, sem dúvida teve. O que houve, além de uma mudança radical das regras de decoro, foi um reordenamento das prerrogativas reais como agora se definiam, sem prejuízo do prestígio da figura do faraó. O que também parece ter acontecido é que uma tendência, antes esporádica (que se pode notar, por exemplo, no Papiro Westcar, ou no texto do faraó Kamés, do século XVI a C. gravado em duas estelas erigidas em Karnak), de aproximação como um modo popular, oral, de contar histórias, aumentou bastante sob uma dinastia de origens plebéias assumidas, num Egito pleno de estrangeiros e *parvenus*.[311]

Quanto à velha literatura erudita, coexistiu ao lado da nova produção, no seu ambiente específico de desenvolvimento: o da cultura de escribas em sentido mais estrito. O fato de se ter menos informações de períodos anteriores sobre textos que serviam de modelo para escribas, não significa que não fossem disponíveis.

> Se no início do segundo milênio a.C. a literatura popular que se desenvolvia e preservava ao lado da oficial (a da escola de escribas) existia só ou predominantemente em forma oral, no Período Raméssida parece ter surgido um púplico específico para ela e, então, a vemos ser posta mais sistematicamente por escrito. Numa perspectiva de longa duração, pode-se acompanhar, no antigo Egito, uma progressiva desconcentração da escrita, dos textos e da literatura, antes concentrados no rei e na corte; processo este iniciado em meados do IIIº milênio a.C. e que prosseguiu por séculos, o qual, entre outras coisas e em conjunto com outros processos, acabou por proporcionar as condições para que surgisse uma "nova" literatura como a Raméssida.[312]

[310] LICHTHEIM, M. 1976, p.224 apud CARDOSO,C. op. cit., p.11.
[311] CARDOSO, C. ibid. p.14.

[312] Id. Ibid. p. 14.

Apesar das novidades surgidas no Reino Novo, a literatura ao passar de um gênero a outro, não apresenta grandes mudanças na forma e no conteúdo dos textos, "já que havia um estoque limitado de conceitos, fraseologia, estilo e métrica, partilhado pelo pequeníssimo grupo dos escribas, estoque este que servia para gerar os poucos gêneros então existentes, unificando-os ao mesmo tempo num grau muito alto".[313]

Inscrições resumidas de canções de amor são encontradas em cenas de tumbas do Reino Antigo, ao lado de representações de camponeses em seu trabalho, e parecem indicar que a tradição da canção profana data de pelo menos 2.600 a.C. Entretanto, os únicos poemas de amor que sobreviveram estão em documentos do Reino Novo. Esses manuscritos aparecem no mais profano e menos tradicional período da história do Egito, o fim da XVIII dinastia, e continuam a aparecer na XIX, mas não se pode precisar até quando foram compostos. Pode ser que os egípcios tenham apreciado e aperfeiçoado esses poemas por séculos após sua composição original. É provável que, por isso, as antologias de que dispomos sejam independentes e não devem ser tomadas como um corpo consistente e generalizar sobre linguagem, imagem, atmosfera e temas. Por outro lado, a análise de um ou dois poemas separados dos outros tem valor limitado.

Diversos egiptólogos escreveram sobre quão elegantes e não eróticos eram os poemas de amor, baseando sua apreciação em somente uns poucos exemplos, ignorando diversos outros que são explicitamente sensuais. James T. Moroe, professor de literatura comparada e língua árabe na Universidade da Califórnia, Berkeley, demonstrou que os versos líricos egípcios compartilham vários temas com a poesia lírica que floresceu em outras regiões mediterrâneas em períodos menos antigos e também na antiga Arábia islâmica. Desse modo, eles não precisam ser comparados apenas com o *Cântico dos cânticos* de que diferem em muitos aspectos. [314] Barbara Lesko afirma que comparações tanto com a poesia lírica popular quanto

[313] CARDOSO, C. Escrita, sistema canônico e literatura no Egito. In: BAKOS, M.M. e POZZER, K.M.P. *II Jornada de Estudos da Antigüidade: Línguas, escrita e imaginários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.106.

[314] MONROE, J.T., 1974, p.29-31 apud LESKO, L.H. *Egyptological studies in honor of Richard A.Parker presented on the occasion of his 78 th birthday December 10, 1983.* Hanover/Londres: Brown University Press.

com as mais formais e românticas de outras culturas levaram-na acreditar que, pelo menos, duas tradições distintas existiram lado a lado no repertório egípcio produzidas no Reino Novo: os poemas de origem popular, que são os das falas femininas; e os mais refinados de fala masculina, embora também haja desse tipo uns mais prosaicos. Ela adverte que não pretende sugerir que haja uma linha literária de descendência da antigüidade egípcia, mas deseja apontar a universalidade e freqüência de certos fenômenos literários.[315]

Os poemas de fala feminina abrangem uma variedade de situações da vida real, emoções e características. Neles, aparece um mundo plebeu de casas de aldeia, lugares de trabalho, campos cultivados, canais de irrigação, um mundo rústico. Historiadores mais antigos, como Virgínia L. Davis, por exemplo, quiseram ver, na poesia lírica do antigo Egito, uma inspiração e um objetivo religiosos baseados em paralelos com a antiga literatura religiosa que se mostraram irrelevantes para o estudo da poesia lírica secular. A fala das mulheres no Papiro Harris diz respeito a seus próprios sentimentos, e não como elas farão seus amantes se sentirem, nem são versos de admiração por eles (estes últimos, às vezes, ocorrem). B. Lesko afirma que a falta de foco nos sentimentos do outro, por si só, seria suficiente para afastar qualquer conjectura acerca desses poemas fazerem parte do ritual de Háthor destinado a ajudar a rejuvenecer o falecido dono da tumba e propiciar suas proezas sexuais, ou qualquer outro propósito mágico. A esposa sentindo saudades do marido (Papiro Harris 500, 13), a mulher se preocupando com a rival (Papiro Harris 500, 15), a menina teimosa apaixonada (Papiro Harris 500, 10), e a moça correndo para encontrar o namorado antes de terminar o penteado (Papiro Harris, 16), todas demonstram caracteres muito humanos e familiares.[316]

Não se sabe se, na realidade, os poemas eram feitos para ser lidos ou cantados como os de *amour courtois*, mas todos têm em comum o fato de não mencionarem a “felicidade” da morte e do enterro adequado, nem os nomes dos enamorados que se tratam por “irmão” e “irmã” sem qualquer conotação de

[315] LESKO, B. True art in Ancient Egypt. In: LESKO, Leonard H. (org.). *Egyptological studies in honor of Richard A. Parker*, Hanover-London: Brown University Press, 1986, p.88.

[316] Id. Ibid. p.91.

parentesco. Normalmente, cada poema é um monólogo, dele ou dela. Embora essas falas sejam atribuídas a mulheres, e que não se tenha como comprovar se realmente são , o mais provável é que os poemas tenham sido escritos por homens como quase a totalidade absoluta dos papiros e inscrições que se preservaram. De qualquer modo, eles apresentam uma grande delicadeza de sentimentos. Mesmo nos casos de paixão cega e de erotismo, a expressão do desejo ardente não tem qualquer intenção grosseira, ao contrário,

> ...vem sempre acompanhada de licença poética em que árvores e pássaros podem falar, de comparações elaboradas para traduzir sentimentos fortes e de uma elocução refinada para ressaltar quase sempre as esperanças, as alegrias e as decepções na vasta e embaraçosa gama de situações envolvidas nos jogos do amor.[317]

Escolhi a tradução dos poemas de amor de Emanuel Araújo porque conserva, como diz Miriam Lichtheim sobre essas obras, a sofisticação no contexto de seu próprio tempo, ao mesmo tempo a sua simplicidade conceitual e a sobriedade de linguagem que constituem a marca registrada da literatura egípcia antiga.[318] Outras traduções exibem um erotismo luxuriante e afetado, tipicamente moderno, estranho por completo ao antigo Egito.[319]

Os poemas de amor parecem ter surgido como “uma contrapartida literária ao refinamento de costumes e ao requinte de gosto presentes no Reino Novo, numa liberdade de expressão escrita e de representação pictórica impensável no passado”.[320]. Quanto à natureza e à finalidade desses poemas, Posener supõe que os banquetes que entraram em voga no Reino Novo proporcionavam uma oportunidade idealmente conveniente à excecução de canções de amor representadas, talvez teatralmente, e com acompanhamento musical.[321] Esses banquetes podiam ser mundanos ou mortuários, entendendo-se estes últimos como

[317] ARAÚJO, E. op. cit., p.301.
[318] LICHTHEIM, M. 1975: vol. II, p.181-182 apud ARAÚJO, E. ibid. p.301.
[319] V. MANICHE, L. *A vida sexual no antigo Egito.*Rio de Janeiro: Imago, 1990. Trata-se de um das mais recentes más traduções e más abordagens históricas do antigo Egito.
[320] ARAÚJO, E. op. cit., p.302.

[321] POSENER, G. 197, p.239 apud ARAÚJO, E. op. cit., p.302.

rituais e atividades ligadas ao defunto, ao contrário dos funerários, que estavam diretamente relacionados ao momento do enterro. Se essa é de fato sua origem e propósito inical, rapidamente alcançaram o *status* de literatura escrita, e, provavelmente, eram lidos por prazer da mesma forma que as narrativas.

1- As fontes:

Os poemas de amor acham-se preservados sobretudo em três papiros e um óstraco: o Papiro Chester Beatty I, o Papiro Harris 500, o Papiro Turim 1996 e o Óstraco do Cairo.

A mais antiga coletânea de poemas de amor parece ser os três conjuntos de poemas, totalizando dezenove peças, do Papiro Harris 500 (Museu Britânico 10060), da XIX dinastia. A sua linguagem, assim como acontece também em outros poemas, mas especilmente no caso deste papiro, é direta, e muitas vezes explicitamente, sexual. Contém a maioria das falas femininas, e no seu segundo conjunto de oito poemas, os três primeiros compartilham o tema pássaros, e no terceiro conjunto de três poemas, cada um deles começa com o nome de uma planta e um trocadilho com essa palavra inicia o próximo verso.

O Papiro Harris 500 traz também *O canto de um harpista*, que é uma obra da literatura lírica. Não se trata de um poema de amor, e portanto não faz parte do *corpus* aqui analisado, mas é muito interessante por ser um texto hedonista que aconselha a aproveitar a vida, que é breve, não havendo nenhuma certeza de continuação após a morte. Este não é um pensamento típico dos egípcios antigos.

O Papiro Chester Beatty I, datado da XX dinastia, atualmente em Dublim, acha-se bem conservado e contém três conjuntos de poemas, que totalizam 17 peças. É mais variado em seus conteúdos que o Papiro Harris 500. Na sua frente, há alguns poemas curtos e apimentados. Seu vocabulário é artificial e afetado, de difícil tradução se não fosse pelos determinativos.[322] A maior parte desses poemas é mais cheia de truques literários, apreciados no Egito antigo, do que as composições de fraseologia mais elegante, e de elevados sentimentos encontradas no verso deste papiro. Isso pode indicar que eles tenham sido elaborados por profissionais imitando

[322] Determinativo era um signo usado na escrita com o objetivo de diferenciar palavras que, por pertencer a um mesmo campo semântico, se escrevia da mesma forma, ou palavras que se escrevia com o mesmo signo e possuíam significados diferentes.

os poemas da tradição popular. Os egiptólogos têm geralmente declarado que todas as composições do Egito antigo eram esmeradas, feitas por escribas profissionais, muito elaboradas param serem versos populares meramente passados para o papel.

Os temas dos poemas que estão na frente do Papiro Chester Beatty I são referentes à capitulação do amante e à pacificação pela mulher. No terceiro poema do terceiro conjunto, ele é o boi domado, marcado com o sinete de sua amada, dominado pelo fascínio de seu olhos e de seus cabelos.

Alguns dos poemas desta coletânea de que dispomos consistem na descrição elogiosa da amada que envolvem algumas comparações que nos parecem um pouco estranhas. No segundo conjunto de três poemas do Papiro Chester Beatty I, por exemplo, um amante é comparado a um cavalo premiado no estábulo, e no terceiro poema deste mesmo conjunto, ele é comparado a uma gazela assustada. Nos dois casos, a comparação é para mostrar a velocidade na qual ele correrá para ver a sua amada. Esta comparação pode soar, para nós, um pouco limitada na sua concepção, mas é típica do Egito antigo, de modo a não se poder duvidar da origem desses poemas.

O Papito Turim 1996, que se encontra em estado muito fragmentário, datado da XX dinastia, contém um conjunto único com três poemas. Neles, uma árvore é amiga dos amantes e fala com eles. A deusa Háthor podia tomar a forma de árvore (o sicômaro é associado a esta deusa) Há uma ingenuidade quase infantil nas árvores que falam e nas imagens de flores, mas, às vezes, é possível pensar que tragam por trás uma mensagem sexual mais prosaica de duplo sentido que nos escapa. Os dois primeiros poema do Papiro Turim 1996 repetem temas que já apareceram antes: uma descrição admirável da mulher amada, a confissão do poeta que adoraria ser escravo de sua amada, ao mesmo tempo, o texto identifica o casal como pertencente à nobreza. O terceiro e último poema do papiro é o mais longo. Nele quem fala é uma árvore que convida a observar o encontro dos amantes debaixo de sua sombra.

O Óstraco do Cairo 1266+25218, vaso encontrado em Deir el-Medina, datado em torno das XIX – XX dinastias, contém dois conjuntos de poemas que totalizam 14 peças, a útima das quais praticamente ilegível. São vários os fragmentos em que sobreviveram estes poemas, e que fizeram parte das pesquisas de G. Posener e

foram reexaminadas por Michael V. Fox Fox diz que os sete primeiros poemas deste óstraco podem ter sido uma peça só, um único poema.[323] Neles, uma mulher expressa o seu amor, e fala em mostrar a sua beleza a seu admirador no rio. Ele estava em dificuldades na outra margem pela presença de um crocodilo num banco de areia. Na literatura romântica tradicional, o amor tem o poder de enobrecer e fortalecer,e, aqui, o amante declara que o amor de sua amada havia tornado seu coração forte e bravo. Então, ele consegue vencer o crocodilo, atravessar a corrente e beijar a mulher. O beijo e a consumação do amor são descritos nos três pequenos poemas seguintes.

O segundo conjunto de sete poemas do óstraco tem um outro tema: o amor não realizado. Todos os poemas desse conjunto, começam com o verbo querer (*hnr*). No primeiro poema, o amante deseja ser a serva núbia de sua amada, pois o trabalho da serva o colocaria ao lado dela. No poema seguinte, ele deseja ser seu lavadeiro e declara que lhe daria ânimo poder tocar nas roupas dela. No terceiro poema, ele deseja ser seu anel para estar com ela o dia todo. E no poema seguinte, ele inveja seu espelho por vê-la sempre. O quinto poema é o único em que o amante se imagina interagindo com a namorada. O sexto poema deste conjunto sugere uma doença de amor, que surge pela ausência dela, e é a primeira vez na história da literatura que aparece o mal de amor.

Observando a estrutura e vocabulário desses poemas de amor que se preservaram do Egito antigo, encontramos os truques literários, os trocadilhos, homônimos, aliterações, repetições de frases, metáforas e outras figuras de linguagem que tanto agradavam a esse povo. Como os artistas plásticos, os poetas líricos se voltavam para o mundo da Natureza como inspiração. Muitos dos elementos que constituem esses poemas, tais como a submissão abjeta ante o amor por uma mulher, a descrição de sua inatingibilidade, a vitória sobre os obstáculos para conquistar o seu amor por intermédio de grandes feitos e sacrifícios, sofrendo por paixão, e a perspectiva de ganhar forças pela aproximação da amada são comuns a muitos poemas de amor do Oriente Próximo e do Ocidente. Neste gênero, o anseio é mais freqüente do que o encontro e a posse.

[323] FOX, M.V. *The Cairo Love Songs*, p.106 apud LESKO B. ibid. p 94.

Tudo parece indicar que os poemas de amor do antigo Egito eram uma forma de arte que se destinava a dar vazão à paixão, assim como dar prazer. Uma coisa muito importante e que deve ser lembrada é a condição de produção desses poemas num pequeno grupo de cortesãos, de nobres sofisticados e letrados.

2- Leitura isotópica das fontes:

A leitura isotópica seguinte foi aplicada aos poemas de amor também tomados como *corpus* único.

Rede Temática 1:

Elementos Temáticos Principais	Alguns dos elementos figurativos que Manifestam os elementos temáticos	Elementos axiológicos
Amor,beleza, Desejo (poemas cuja fala é dos homens)	/Ó, única, irmã sem igual, de todas as mais belas!/ /Brilha radiosa e sua pele resplandece , sedutor é o fitar de seu olhar, doce a palavra de seus lábios/ /"seu falar é sempre contido. Longo é seu pescoço, brilhantes seus mamilos, seu cabelo é de verdadeiro lápis-lazúli, mais belo que ouro são seus braços ... De coxas duras e cintura fina, as pernas proclamam sua perfeição. Gracioso é seu porte ao andar no chão, cativa meu coração (só) ao mover-se/ /Ela faz todo homem virar o rosto para melhor contemplá-la/ /meu coração tramava contemplar a beleza	/Ao sair de sua casa ela é como a outra Única./[324] /Adoro a Deusa de Ouro, cultuo sua majestade, louvo a Senhora do Céu, venero Háthor, dou graças à minha senhora divina. /Ela te é ofertada pela Deusa de Ouro para

[324] Identifica-se aqui a amada com a estrela Sótis, associada à fertilidade resultante da enchente do Nilo.

	dela.../ /... virá ver-me, que grande felicidade me sucederá! Ficarei contente, exultante, em regozijo.../ /Ao chegar, os rapazes se inclinarão, tão grande é o amor que ela inspira/ /sete dias se passaram desde que vi minha irmã e um mal-estar me invade... meu coração não aceita remédios. Os magos são impotentes ... só dizer-me "ela está aqui" é o que me restauraria/ /minha irmã é melhor que todos os remédios ... quando a vir terei saúde/ /Ela oferece canto e dança, vinho e cerveja, então excita seu desejo e ganha-a para a sua noite/ /Como minha irmã sabe atirar o laço, embora não seja filha de vaqueiro! Laça-me com seu cabelo, captura-me com seu colar, ferra-me com seu sinete/ /O amor por ti mistura-se por todo o meu corpo ... Corre a ver tua irmã como um garanhão na pista, como um falcão que arremete nas moitas de papiro!/ /Inebriante é a folhagem do meu pasto: a boca de minha irmã é um botão de loto, seus seios são pomos de mandrágora, seus braços são trepadeiras, seus olhos fitam como frutas (de cor viva), sua fronte é uma armadilha de cedro e eu sou apanhado como	gozares a vida!/ /Como Amon vive.../ /O céu faz cair o amor por ela como uma chama que cai na palha/ /Vou a Ankh Tauy para pedir a Ptah, senhor de Maat: "Dá-me minha irmã esta noite". O rio é como o vinho é Ptah seus juncos, é Sekhemet suas algas, Iadet seus lotos em botão, Nefertum seus lotos desabrochados. A Deusa de Ouro regozija-se e a terra resplandece na beleza dela./ /Preencheu-se, a ausência, Menqet[325] embelezou-se e leva-me à cama de minha irmã./ /Celebrarei a festa do deus para ele não a deixar longe de novo.

[325] Menqet= deusa protetora da cerveja.

	o pato selvagem. Meus olhos vêem no seu cabelo uma isca e fico preso na armadilha./ /Como é bom as ordens de minha senhora, não há mulher semelhante a ela! Se um dia ela não tiver criados eu serei seu servidor, trazido da terra da Síria, tal um cativo, para a amada./ /Revivo teu amor dia e noite horas a fio .../ Tua beleza alimenta meu coração, tua voz reanima meu corpo ... Não há outra em meu coração e sou único em teu coração./ /É seu amor que me dá força ... Só enxergo o desejo de meu coração quando ela se ergue à minha frente./ /Minha irmã chegou, meu coração exulta, meus abraços abrem-se para abraçá-la ... O coração salta no peito como peixe vermelho em seu tanque/ /Quando a abraço e seus braços me enlaçam é como estar na terra de Punt./ /Quando a beijo e seus lábios se entreabrem sinto-me inebriado sem mesmo ter bebido cerveja./ /Seu corpo é tão delicioso .../ /Ah, eu queira ser lavadeiro de minha irmã ... ganharia ânimo ao segurar as vestes que estiveram em seu corpo ... e com elas acariciar o meu corpo./ /Ah, eu queria ser o anelzinho que é o companheiro de seu dedo, eu contemplaria seu amor todo dia!/	Que ele me dê a minha irmã todo dia/ /Exaltarei o deus no encanto da noite e a ele celebrarei uma festa./

	/Eu me apoderaria de seu coração./ /Ah, eu queria que minha irmã me pertencesse dia após dia./ /Ah, eu queria que ela viesse ... que ela jamais se afaste de mim! Se mesmo por um instante aparto-me dela meu ventre se revolve e apresso-me a reagir./	

Rede Temática 2

Elementos Temáticos Principais	Alguns dos elementos figurativos que Manifestam os elementos temáticos	Elementos Axiológicos
Amor, beleza, Desejo (poemas cuja fala é das mulheres)	/Meu irmão agita meu coração com sua voz, o tormento apoderasse de mim./ /Mas meu coração sofre quando penso nele, sou tomada pelo amor que sinto por ele./ /ele não sabe do desejo que tenho de tomá-lo nos braços./ /Vem a mim para que contemple tua beleza./ /Meu coração palpita forte quando penso e meu amor por ti ... salta no peito./ /Ó, meu coração não ajas como um tolo, por que te conduzes como um louco?/	/Ó meu irmão, quisere eu ser dada a ti pela Deusa de Ouro das mulheres!/[326] /Ó Deusa de Ouro, põe

[326] Epíteto de Háthor associado ao sol.

	/... sê firme quando pensa nele, ó, meu coração, não palpites tão forte!/	isso no coração dele./
	/O amor por ele apodera-se do coração de todos que passam pelo caminho desse jovem belo sem igual, irmão de virtudes excepcionais./	/Farei uma festa para minha deusa ... para que ela deixe ver meu irmão esta noite./
	/ele me viu ... senti extrema alegria. Como o meu coração rebenta de felicidade à tua vista, ó, meu irmão!/	/Busca o amor de tua irmã, ela te é ofertada pela Deusa de Ouro, meu amigo!/
	/Eu o beijarei na frente dos que o cercam, não mais terei vergonha de ninguém e me alegrarei que saibam que me conheces!/	/Melhor é um dia em meus braços do que centenas de milhares na terra!/
	/Quando chegar à casa de sua irmã seu coração se inundará de alegria./	
	/Ó, vem depressa para tua irmã, como um corcel do rei escolhido entre milhares de todas as raças, o melhor... Recebe melhor ração. Ao ouvir estalar o chicote ninguém o segura, nem o chefe dos condutores de carros .../	/... serei como a senhora das Duas Terras, serei a mais feliz de todas as mulheres./
	/Vem depressa para tua irmã como uma gazela./	/Como é bom ir ao campo quando se é amado./
	/Ele faz-me ruborizar porque é alto e magro./	
	/... mas se acariciares minhas cochas e meus seios encontrarás tua satisfação./	/Possa Amon dar-me o que encontrei pela eternidade-*neheh* e pela eternidade-*djet*!/[327]
	/Toma o meu seio, por ti ele transborda./	
	/Meu coração não é feliz sem teu amor, meu chacalzinho ávido de prazer! Mesmo	

[327] Respectivamente uma continuidade cíclica e uma continuidade linear, ambas, porém não estão fora da criação.

	que fosses um bêbado não te deixaria, ainda que ficasse a vagar pelos pântanos ou enxotada para Síria à pauladas e bastonadas para a Núbia à chicotadas, para os confins do deserto à bordoadas... jamais darei ouvidos aos que me dizem para abandonar o que mais desejo!/ /Meu regaço estará cheio de flores, meu cabelo recenderá perfumes .../ /Meu irmão, meu amado, meu coração busca o teu amor.../ /O meu amor por ti prende-me, e mesmo quando estou sozinha meu coração junta-se a teu coração, pois não consigo afastar-me de tua beleza./ /... quando fico longe de teu amor meu coração pára dentro de mim ... Só abraçar-te pode dar vida ao meu coração./ /Ó tu, dentre os jovens o mais belo, vem-me o desejo de cuidar de tuas coisas como dona de tua casa ... servindo-te o meu amor. A meu coração peço, dentro de mim, com desejo de quem ama: "Ó que eu o tenha como esposo esta noite, sem ele sou como alguém no túmulo!"/ /Encontrei meu irmão em seu leito e me coração se encheu de alegria ... Ele me faz sentir a primeira das mulheres, não magoa o meu coração./ /... espero por aquele que me despreza.	

	O amor por meu irmão é minha única inquetação, por sua causa meu coração não se acalma./ /Meu coração pensa no meu amor por ti./ /Meu coração combina comigo e por ti faço o que ele quiser quando estou em teus braços./ /... o mais amado dos homens que governa o meu coração! Como é bela esta hora que ela dure para sempre! Desde que deitei-me contigo ergueste meu coração. Na tristeza ou na alegria, não me deixes!/ /A ti pertenço como este pedaço de chão que plantei com flores .../ /... tua mão na minha mão. Meu coração viceja, meu coração alvoraça-se ao andarmos juntos./ /Ao voltares ébrio e te deitares em teu leito massagearei teus pés./ /Correr para ti causa embriaguez sem mesmo ter bebido./ /Teus criados virão com provisões ... cerveja ... bolo ... flores e toda sorte de frutas para o prazer./ /Teu amor é tão ansiado como o mel com bálsamo ... como linho fino ... como incenso ... É como a mandrágora na mão de um homem, como tâmaras misturadas na cerveja, como sal no pão./ /Estaremos juntos mesmo nos dias	

	sossegados da velhice./ /... como é bom ir ao rio banhar-me diante de ti. Deixo-te veres minha beleza em minha túnica de linho branco ... Entro na água e volto a ti com um peixe vermelho, esplêndido entre os meus dedos. Eu ofereto a ti enquanto contemplo tua beleza. Ó meu irmão, meu amor, vem, olha para mim./	

3-Análise:

A leitura isotópica desses poemas mostrou algumas coisas a respeito da construção do feminino e do masculino na literatura dos egípcios antigos. As qualidades femininas estão sempre relacionadas aos valores estéticos, enquanto que, nos homens, são valorizadas a força e a coragem, embora haja menção ao porte dele, magro e alto. As referências à beleza dela que se repetem nos poemas analisados estão ligadas à sedução do olhar, ao brilho da pele, ao pescoço longo, à cintura fina, coxas e seios firmes e, com muita freqüência, aos cabelos. Estes últimos, muitas vezes comparados ao lápis-lazúli, são tomados como isca. Aliás, as qualidades de sedução da mulher são vistas, na maior parte das menções, como armadilhas de pegar namorado mediante o desejo masculino.

O amor que ela sente por ele tanto se expressa na repetição dos sofrimentos sentidos na sua ausência quanto nas comparações que também aparecem com muita freqüência. O amor que ela sente por ele é como o mel, o bálsamo, o linho fino, o incenso, a mandrágora, as tâmaras na cerveja, o sal no pão. Na grande maioria dos poemas, os enamorados não se encontram. As falas têm como tema a ausência do amante, a dor de estar longe e o momento feliz de revê-lo.

Os poemas mostram que os amantes não precisavam ser casados para “passarem uma noite como marido e mulher”. A sacralidade do matrimônio não fazia parte da mentalidade dos povos antigos do Oriente Próximo. Como vimos, o casamento não era religioso nem público, era assunto privado entre duas famílias.

A Natureza é tema constante, árvores e pássaros que podem falar, flores, frutos, animais e a descrição de lugares bucólicos à margem dos rios servem para traduzir sentimentos fortes. A mandrágora, citada com muita freqüência, era considerada afrodisíaca. O desejo de união é, muita vezes, expresso na oferta de flores e frutos.

Alguns elementos, embora menos freqüentes nos poemas, são muito típicos do pensamento dos egípcios antigos. O ideal privilegiado do "homem silencioso", como era de se esperar, aparece nos poemas também com relação às mulheres. Há um em que seu "falar contido" é elogiado.

Nos poemas de expressão masculina, os elementos figurativos referentes ao amor, à beleza e à sedução que mais se repetem é o da mulher como lenitivo, ela "o reanima", "a beleza dela o alimenta".

Tanto os poemas de fala masculina quanto os de expressão feminina parecem construir a visão de que tanto homens como muheres não eram atormentados por sentimentos de ciúmes. Ele parece bem seguro em mencionar o amor que sua amada desperta nos rapazes, e ela ao afirmar que o amor por ele se apodera do coração de todos. Nesses dois tipos de poemas também aparece o desejo de servir o amado, mas há mais freqüência do tema nas falas femininas, como se podia esperar.

A leitura isotópica dessa coletânea de poemas mostra que metade das falas são femininas, mas no cômputo geral de todos os poemas encontrados, a amante toma a palavra em setenta e cinco por cento dos versos conservados, e é considerada pela maioria dos autores, mais do que ele, explicitamente erótica e sensual em sua expressão.[328] Isso demonstra como eram vistas as mulheres pelos homens do Egito do IIº milênio a.C. A Possuidoras de uma sexualidade exacerbada, as mulheres deviam ser controladas. A ideologia daí decorrente identifica as mulheres boas a Ísis, mãe e esposa dedicada e fiel, que se opõe às mulheres más, "desconhecidas da cidade", mulheres sem eira nem beira.

[328] CARDOSO,C. Algumas visões da mulher...In: *História*. S. Paulo:UNESP, nº 12,1993, p.111.

Conclusão:

Diz Gay Robins que a história política tem sido o alimento das investigações egiptológicas desde o começo desta disciplina no século XIX.[329] Como a estrutura política do antigo Egito era dominada por um rei que governava por meio de uma burocracia totalmente masculina, de onde as mulheres foram alijadas, não há menções sobre elas na história política. Os estudos sobre o assunto também tratavam da norma masculina a menos que se especificasse o contrário. Outra questão é que carecemos de uma compreensão total do funcionamento da sociedade egípcia, que se organizava a partir de uma religião que não conhecemos bem. É difícil examinar o lugar das mulheres numa sociedade que não se conhece em sua integridade.

A Arqueologia também apresenta dificuldades para certos temas. Parece ter sido mais importante para os arqueólogos escavar palácios, templos e tumbas cheios de objetos preciosos em vez de bairros residenciais onde fosse possível obervar melhor o papel de homens e mulheres naquela sociedade. Mesmo com tudo o que sabemos sobre Akhenaton em Amarna, a cidade de Cahun perto do Fayum e as aldeias de trabalhadores de Deir el- Medina, isso não é representativo das zonas habitacionais em seu conjunto.

As fontes escritas apresentam problemas que derivam da finalidade para a qual os egípcios compunham seus textos: em primeiro lugar, só uma pequena parte da população sabia ler e escrever. Este grupo formava a burocracia dos escribas que governavam o país, o resto da população era analfabeta, e, portanto, incapaz de produzir material escrito. E ainda não sabemos se as mulheres da classe dos escribas também eram alfabetizadas, e, sendo assim, se todas, ou somente algumas, podiam ler e escrever. É certo que, no atual estado do nosso conhecimento, não há um só texto que possa ser apresentado inequivocamente como escrito por uma mulher. Por todas estas razões, os textos conservados trazem a marca de terem sido produzidos por um pequeno grupo da elite, que em sua maior parte, senão por completo, estava composto por homens, e que não era representativo da sociedade egípcia como um todo.

[329] ROBINS, G. op. cit., p.11.

A escrita era fundamental para a civilização egípcia, mas se limitava a usos específicos cujos objetivos devem ser compreendidos para que se possa interpretar a documentação adequadamente. Os textos hieroglíficos escritos em muros de templos e em tumbas eram compostos normalmente a partir de modelos tradicionais. Seu conteúdo correspondia à visão de mundo e aos ideais egípcios, e, por isso, não podem ser lidos no seu sentido literal. Dessa forma, as chamadas autobiografias de funcionários são, na sua maior parte, estereótipos. Sua finalidade é confirmar que o sujeito viveu sua vida de acordo com os modelos aceitos. Conscientes disso, podemos esperar saber algo acerca do conteúdo desses modelos, mas pouco sobre a vida desses funcionários concretamente. Também é significativo que não haja autobiografias similares para as mulheres. Esta falta nos impede de perceber o modelo aceito para elas na sociedade com a clareza que se pode perceber o modelo masculino

Os textos que trazem informações sobre o funcionamento das instituições do templo e do palácio sobre assuntos legais e temas econômicos sobreviveram em maior número. A maior parte da documentação sobre economia privada e de caráter legal é proveniente da aldeia atípica de Deir el-Medina, formada por trabalhadores do Estado durante o Reino Novo. Não possuímos este tipo de fonte de outros períodos, nem dos nomos. As cartas não esclarecem muita coisa porque normalmente são concisas e supõem o conhecimento da situação por parte do destinatário.

Os egípcios não desenvolveram uma tradição que os levasse a expressar opiniões pessoais ou a fazer um autoexame de sua conduta por escrito. As cartas não apresentam comentários sobre política ou outros acontecimentos. Não há relatos da vida diária, descrições do que acontecia no entorno. Nunca se encontrou nada de parecido com um caderno de notas pessoais ou um diário. Nem homens, nem mulheres colocavam seu pensamento por escrito. Desse modo, é muito difícil que encontremos uma personalidade individual no antigo Egito. Parece que os egípcios não estavam interessados na perpetuação dele mesmos, tal como eram na realidade, mas apenas como inseridos e conformados com os ideais da sociedade. As fontes figurativas apresentam os mesmos tipos de problemas.

Outra dificuldade é que, por mais objetivos que os estudiosos modernos pretendam ser, trazem consigo uma série de preconceitos inseridos no seu entorno cultural imediato, que inclusive, podem ser completamente inconscientes. Um livro sobre mulheres escrito antes do movimento feminista dos últimos anos, adotava necessariamente uma aproximação diferente e fazia outros questionamentos que não os que se fazem hoje. Quando o ideal para uma mulher era ser uma esposa e mãe exemplar, que não saía para trabalhar e não participava da vida pública, os estudiosos de Egito não davam ênfase à ausência de mulheres na vida pública daquela sociedade. Quando escreviam sobre mulheres tendiam a concentrar-se nos vestidos, na maquilagem e jóias. Os homens também usavam essas coisas, mas esse egiptólogos eram produto de uma sociedade que relacionava esses objetos às mulheres e consideravam o interesse masculino por eles pouco saudável

A estrutura social do Egito antigo representava a sua cosmovisão que era hierárquica. No cume, estava o mundo divino, estritamente ordenado, mas claramente situado acima da humanidade. O rei era o pináculo da sociedade humana, compartilhava alguns atributos com os deuses e se colocava como mediador entre as esferas divina e humana. Os membros da família do rei, por associação com ele, formavam um grupo fechado no ápice da sociedade. Em seguida, a classe dos escribas, o que representava um por cento da população e formava a burocracia masculina governante. Este pequeno grupo é responsável pela produção de quase tudo que temos sobre o antigo Egito. Abaixo desses, estavam os artistas, artesãos e profissionais menores, na maioria analfabetos. A imensa maioria da população era camponesa trabalhava a terra para si e sua família, produzindo excedentes que mantinham os não-produtores de alimentos. No extremo inferior estavam os escravos, principalmente prisioneiros estrangeiros. Como as classes baixas eram analfabetas, só podemos saber algo sobre elas por intermédio do que produziu a elite que, geralmente não tinha interesse em registrar informações sobre seus inferiores. O que se pode observar em qualquer estudo da sociedade egípcia é que se trata de um estudo da elite formada pelo grupo de escribas.

Na cosmovisão egípcia, tanto o mundo divino quanto o humano passaram a existir após a criação, antes da qual só havia matéria indiferenciada. O ato da criação

ocorreu quando essa matéria se separou numa miríade de formas que estabeleceram o mundo criado. Num dos mitos mais importantes da criação, associado a Heliópolis, o deus criador, que havia se “autoengendrado”, por meio da masturbação deu à luz um casal de filhos. O deus criador devia ter contido o potencial tanto feminino como masculino, de que se separou o primeiro casal divino. Mais tarde, o aspecto feminino do deus se distinguiu como uma deusa chamada “a mão de deus”, entendida como o instrumento da masturbação. Mais adiante ainda, na XVIII dinastia, foi identificada a Háthor, a deusa da sexualidade. Outros mitos também serviam para expressar o milagre da criação, e é interessante observar que também neles o deus criador, ainda que combinasse logicamente feminino e masculino, conceitualizava-se comumente como masculino.

A interação dos princípios masculino e feminino não só estabelece a operatividade do universo em movimento, mas era também um meio de perpetuar a renovação cósmica. O princípio feminino estava encarnado nas deusas adoradas pelos egípcios, Ísis, a esposa e mãe ideal, e Háthor, a encarnação da sexualidade feminina, o amor, a dança, a música e a embriaguez. Háthor também era portadora da fertilidade e protegia as mulheres no parto. Devido a sua estreita relação com a fertilidade e o parto, também era uma deusa funerária, relacionada com o renascimento e com a vida após a morte. Mas, Háthor, assim como outras deusas, Tefnut, Mut, Sakhmet, não era apenas benévola, tinha também um lado ameaçador. Háthor e as deusas identificadas ou associadas a ela eram possuidoras de uma natureza dual. Nos cultos, as cerimônias que lhe eram destinadas tinham o objetivo de apaziguar este lado perigoso. A essência do divino, manifestada tanto em divindades masculinas como femininas, podia ser perigosa para os humanos que se aproximavam dela.

A dualidade manifestada nas deusas também se refletia na visão egípcia de natureza humana, de onde se origina a idéia das mulheres serem possuidoras de uma lado bom e outro mau. Eram honoráveis se se conformavam com os modelos aceitos pela sociedade, mas sempre havia o perigo de que pudessem transgredir as regras, e neste caso eram execradas. Os homens também tinham de se conformar com o modelo, mas as regras eram diferentes para eles, já que a sociedade era

dominada por varões, as normas eram estabelecidas por homens em seu próprio benefício. Por exemplo, as normas insistiam na fidelidade das mulheres casadas, mas a recíproca não era verdadeira, o que favorecia aos homens que, dessa forma, podiam ficar seguros da paternidade.

Devido à sua dominação, os homens podiam perpetuar seu controle na esfera pública e política, enquanto as mulheres, ainda que capazes, oficialmente não podiam obter o ingresso na burocracia dirigente. Não sabemos se elas eram conscientes das muitas distinções estabelecidas em sua sociedade por razões de sexo, e se sentiam prejudicadas. Isso se deve ao fato de não possuirmos escritos que expressem suas atitude e opiniões. Provavelmente, a maioria delas aceitava a vida como ela era, não colocando em questão os costumes garantidos pelo tempo, até porque se recusassem a conformidade com o modelo, eram rechaçadas.

Como sabemos, o moderno movimento feminista só pôde existir em função do valor cada vez maior conferido ao indivíduo como uma entidade separada em lugar de considerá-lo uma parte de um todo social com uma posição e uma função prescritas. No antigo Egito, apreciava-se a conformidade e não a individualidade. Mulheres e homens tinham papéis predeterminados numa sociedade que buscava seus modelos no passado. Não que fosse uma sociedade sem mudanças, mas eram mudanças lentas e sempre parecia inconcebível o questionamento do *status quo*.

O que podemos dizer sobre a estrutura da sociedade egípcia, que durou três milênios, é que ela se construía sobre a desigualdade dos sexos com os homens dominando os assuntos públicos. Não só a burocracia estatal era constituída por homens como também o rei, do qual derivava todo o poder, era varão e se identificava com a divindade masculina Hórus. É certo que quatro mulheres ocuparam o trono como rei em época diferentes, mas sua posição era anômala.

Falar das mulheres como se fossem um grupo homogêneo é um equívoco. O antigo Egito era uma sociedade hierárquica, e a metade da população era feminina. Também as mulheres se ordenavam hierarquicamente: as da família real, da elite formada pela classe dos escribas, as mulheres dos profissionais inferiores e as camponesas. Elas deviam ter pouca coisa em comum, a não ser a sua capacidade de gerar filhos. O campesinato como um todo, apesar de ser o grupo numericamente

superior, era o mais pobre economicamente e detinha o menor poder porque não tinha meios de intevir no processo de governo e só podia receber ordens, no que se referia à grande organização. Mas havia um autogoverno aldeão, um conselho com funções administrativas, cartorárias e de tribunal. Havia mulheres nesses conselhos de aldeias e povoados. Uma mulher camponesa, que partcipava dos trabalhos lado a lado com o mardio, deveria ter também mais voz dentro da família que uma mulher da corte. Uma mulher de escriba, ao contrário, por um lado, tinha acesso a maiores recursos econômicos, e embora estando perto do poder burocrático, não podia exercer nenhuma influência, a não ser influenciando as decisões do marido em casa. As mulheres da realeza tinham acesso à fonte de poder no Egito, o rei, e um rei débil pode estar sendo controlado por uma esposa ou mãe forte. Além disso, enquanto o rei era humano por sua origem, o ofício da realeza era divino, e, assim, a posição das mulheres reais também comportava elementos de divindade que as distanciavam das mulheres alheias à realeza.

O papel subordinado das mulheres estava sintetizado nos monumentos. Eram sempre representadas ao lado de marido e filhos, em posição menos honorífica. No entanto, na arte egípcia, em contraste com o Império Neo-assírio ou com a Grécia antiga, por exemplo, aparecem de forma destacada como parte da família e isso pode ser tomado como um reconhecimento, por parte dos homens, da importante contribuição para a sociedade feita pelas mulheres, e sua parte ativa nela. Gay Robins diz que um estudioso de arte na Grécia clássica pode suspeitar que os gregos antigos nunca gostaram das mulheres. A arte egípcia não deixa lugar a semelhante dúvida.[330]

Apesar da grande visibilidade da mulher na arte egípcia, que não deve obscurecer o fato de que existia a distinção de sexos como parte da estrutura formal e que as mulheres ocuparam uma posição secundária em relação aos homens ao longo de toda sua história, a beleza e a forma juvenil feminina eram percebidas de maneira aguda. E, se os homens se sentiam superiores às mulheres, também se sentiam temerosos em relação a elas como aparece em textos e monumentos, mas que também revelam que eles as amavam e respeitavam. É opinião de Ronald J.

[330] ROBINS, G. op. cit., p.207.

Leprohon que o tema mais importante da literatura sapiencial, dos Ensinamentos, é honrar a mãe.[331] A afeição e a consideração da família pelas mulheres é um dos temas mais comuns da arte funerária.

Os faraós do Reino Novo se gabavam de suas habilidades em manter seu reino em tal ordem que as mulheres podiam andar pelas vias públicas sem serem molestadas. É pelo fato de as mulheres poderem andar livremente que os jovens eram advertidos para que tivessem cuidado com uma mulher estranha, de outra cidade, comparada com águas profundas cujas correntes ninguém conhece.

> A mulher, na antiga Grécia, estava numa situação lastimável, aprisionada em casa com sua roca enquanto os homens de sua sociedade enchiam os mercados, teatros, estádios e tribunais de justiça. Nem se via marido e mulher gregos juntos em eventos como jantares privados. O casal egípcio ia a todos os lugares juntos, compartilhando as agruras e alegrias da vida como cidadãos respeitáveis e iguais em suas comunidades seculares e religiosas, gozando de igualdade, também, perante a lei. Certamente esta era uma das glórias do Egito antigo.[332]

Quanto à questão das novidades surgidas no Reino Novo, parecem estar realmente ligadas a um processo de individualização do sujeito. Esse movimento aparece, por exemplo, num documento da XX dinatia, integrante do Papiro Lansing (Museu Britânico nº 9994), chamado *Desgraças de um camponês*. Nesta história, a penalidade sobre a falta relativa à arrecadação recai sobre a família conjugal, e não mais sobre a aldeia. O texto deixa claro que a cobrança de impostos em espécie no Reino Novo baseava-se na responsabilidade fiscal das famílias restritas, ou seja, o casal e os filhos residentes na casa paterna. Nos períodos anteriores da história egípcia, até meados do IIº milênio a.C., ao contrário, pode-se observar que o sistema fiscal se assentava no controle de entidades coletivas, dentre as quais a principal era a aldeia. No que referia ao imposto em cereal, o castigo em caso de não pagamento recaía sobre os chefes de aldeia e não sobre os pais de família individualmente considerados.[333]

---

[331] LEPROHON, Ronald J. The concept of family in Ancient Egyptian Literature. In: *A Modern Journal of Ancient Egypt (KMT)*, 1999, vol.10, nº2, p55.
[332] LESKO, B. *The remarkable women of Ancient Egypt*. Scribe Publications, Providence, 1987, p.31.
[333] CARDOSO, C. F.S. Pensamento raméssida. CEIA-UFF, 2004, p. 20.

Da mesma época do Papiro Lansing, ou pouco posterior, situado já no início Terceiro Período Intermediário, o Papiro Pushkin 1,6,127 conservado em Moscou, contém a história de um cortesão que caiu em desgraça, tornando-se dependente de um senhor despótico e desonesto. Nesta obra também pode-se notar o caráter individual da relação entre o proprietário e os trabalhadores, sem que interviessem instâncias coletivas. As novas referências à base camponesa da sociedade faraônia também aparecem nos baixos-relevos das tumbas. As dos mais ricos permitem perceber uma maior individualidade, marcada pela relação direta com as divindades e o recuo, nesse contexto privado, da figura do faraó. Por trás dessa emergência da individualidade, e, ao mesmo tempo,em alguns textos, o aparecimento de uma sensilbidade mais voltada para a subjetividade, podem ser verificados múltiplos processos que já vinham ocorrendo desde, sobretudo, o século XVI a.C., tais como uma abertura muito maior do Egito às influências da Ásia Menor, transformações técnicas, ampliação das trocas (a palavra “mercador” aparece no Reino Novo, designando, a princípio, uma pessoa de *status* social baixo a serviço de organizações templárias), avanço da urbanização (é quando também aparece um novo tipo de texto que enaltece a vida das cidades).

Mediante o exame das fontes, pode-se observar que o fator central das transformações perceptíveis no pensamento egípcio a partir do período raméssida se referem a um tipo novo de relação com a divindade, uma nova interpretação da posição do monarca numa sociedade modificada, uma preocupação crescente com a forma judiciária de resolver pendências entre pessoas. Nesse momento, também houve uma certa nostalgia de tempos anteriores quando as coisas eram mais simples. Este pode ser um dos fatores da transformação do Reino Médio em período clássico da literatura egípcia.

Nesse quadro de mudanças, a posição das mulhereres também se transformou. Por um lado, perderam o acesso às funções de maior prestígio, foram alijadas da burocracia estatal. Por outro, passam a aparecer na literatura dotadas de mais personalidade e atitude do que apareciam na literatura do Reino Médio.

Com relação às mulheres, a análise dos três gêneros literários considerados mostram coerência. Embora apresentem diferenças, são gerados dentro de um

pequeniníssimo grupo de escribas varões ligados à corte. O objetivo dos Ensinamentos não é o de divertir. Os contos serviam para ensinar e distrair. Os poemas de amor, como disse Barbara Lesko, se destinavam a dar vazão à paixão humana assim como a dar prazer.[334] No Reino Novo, os gêneros literários se tornaram mais livres, mas não muito porque continuaram a ser produzidos pelo mesmo pequeno grupo da elite. A construção literária de ficção da figura masculina é muito mais simples do que a feminina, e os Ensinamentos se preocupam principalmente em ensinar como um varão devia ser. No final do milênio, a imagem de homem que aparece na literatura também sofre mudanças, e passam aparecer personagens masculinos menos idealizados.

[334] LESKO, B. True art in ancient Egypt. In: LESKO, Leonard H. (org.). *Egyptological studies in honor of Richard A Parker.* Hanover/London: Brown University Press, 1986, p.97.

BIBLIOGRAFIA:

1- Fontes:

Traduções utilizadas:

ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

CARDOSO, Ciro F.S.

Traduções consultadas:

GRANDET, Pierre. *Contes de l'Egypte anciennes.* Paris: Hachette, 1998.

PARKINSON, R.S. *The tale of Sinuhe and other ancient Egypt poems.* Oxford*:* Claredon, 1997.

1.1– Bibliografia geral:

ANDREAU, Guillemette. *Les égyptiens au temps des pharaons*. Paris: Hachette, 1997.

BAINES, John. Interpreting Sinuhe*. In: The Journal of Egyptian Archaeology (JEA)*, 1982, p.31-44.

_____. Ideologia e literatura no antigo Egito: o conto de Sanehet. In: _____. *Sete olhares sobre a Antigüidade.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994, p.121-159.

_____. "Suis ton désir, tant que tu vivras". Sexe et mariage: l'éthique eudémonique du Vizir Ptahhotep. In: LEVEQUE, Pierre, TRABULSI, J. Antonio Debdab; CARVALHO, Sílvia (eds.) *Recherches brésiliennes: Histoire ancienne et Anthropologie.* Besançon/Paris: Université de Besançon/Les Belles Lettres, 1994, p. 61-77.

_____. Escrita, sistema canônico e literatura no antigo Egito. In: BAKOS, Margaret Marchiori; POZZER, Katia Maria Paim (eds.). *III Jornada de Estudos do Oriente*

Antigo: línguas, escritas e imaginários. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998, p. 95-144. *A. Parker*, Hanover-London: Brown University Press, 1986, p.97.

_____. *Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia.* Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. *O Egito antigo*. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense (col. Tudo é História), 1992.

_____. *O trabalho compulsório na Antigüidade: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias.* Rio de Janeiro: Graal, 1987.

_____. Tinham os antigos uma literatura? In: *Phoînix*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1999.

_____. O pensamento egípcio na Época Raméssida, CEIA-UFF, 2004, p.1-23.

DAUMAS, François. Literatura e Humanismo. In: _____. *La Civilización del Egipto Faraónico.* Barcelona: Juventud, 1972.

LALOUETTE, Claire. *La littérature égyptienne.* Paris: Presses Universitaire de France, 1981.

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature. A Book of Readings.* Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1980.

LESKO, Barbara. True art in Ancient Egypt. In: LESKO, Leonard H. (org.). *Egyptological studies in honor of Richard A. Parker*, Hanover-London: Brown University Press, 1986, p. 85-97.

LESKO, L. H. Three late Egyptian stories reconsidered. In: _____. Ibid. p. 98-103.

LOPRIENO, Antonio. The language of Ancient Egypt. In: _____. *Ancient Egyptiant: a linguistic introduction.* Cambridge: Cambridge University Presss, 1995, p. 1-10.

MONTET, Pierre. *A vida quotidiana no Egito no tempo dos Ramsés.* Lisboa: Livros do Brasil.

POSENER, G. Literatura. *In*: HARRIS, J.R. (org.) *O legado do Egito.* Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.231-266.

1.2- Teoria e Metodologia:

AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997. P. 95 a 113.

CAPEL, AnneK. e MARKOE, Glenn E. (org.) *Mitress of the House, Mitress of Heaven.* Nova York: Hudson Hills, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Algumas visões da mulher na literatura do Egito faraônico (IIº milênio). In: *História*. São Paulo: UNESP, nº 12, 1993.

_____. Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no IIº milênio a.C. In: FUNARI, P.P.A. *et alii. Amor, desejo e poder na Antigüidade.* Campinas: UNICAMPO, 2003, p.49-94.

_____. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papirus, 1997.

COURTES, Joseph. *Analyse sémiotique du discours. De l'énoncé à l'énonciation.* Paris: Hachettes, 1991.

DAUPHIN, Cécile *et alii. A História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: Ensaio de Hitoriografia.* Paris: Annales, nº2, 1986, p.271-293.

FORGEAU, Annie. La mémoire du nom et l'ordre pharaonique. In: BOURGUIERE, André et alii (dir.). *Histoire de la famille.* Paris: Armand Colin, 1986.

LEPROHON, Ronald J. The concept of family in Ancient Egyptian Literature. *KMT A Modern Journal of Ancient Egypt.* Vol. 10, nº 2, 1999.

LESKO, Barbara S. *The remarkable women of ancient Egypt.* Providence: Scribe, 1987, p. 22-26.

LOZANO, Jorge *et alii. Análisis del discurso. Hacia una semiótia de la interacción textual.* Madri: Cátedra, 1989.

MANNICHE, Lise. *A vida sexual no antigo Egito.* Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MENU, Bernadette. La condition de la femme dans l'Egypte pharaonique. *Revue Historique de Droit Français et Etranger*, Paris, 67, 1 janeiro/março 1989, p. 3-25.

_____. *Vivre en Egypte ancienne.* Evreux: Gallimard, 1998.

MESKELL, Lynn. *Archaeologies of Social Life: Age, Sex, Class et cetera in Ancient Egypt.* Oxford: Blackwell, 1999.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. *A mulher no tempo dos faraós.* São Paulo: Papirus, 1994.

ROBINS, Gay. *Las mujeres en el antiguo Egipto.* Madrid: Akal, 1996.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and Politics of History. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP, 1994, p.11-27.

SOIHET, Rachel. Histótia, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.95-114.

_____. História das Mulheres. In: CARDOSO, C.F.S. e VAINFAS, R. (org.) *Domínios da História.* Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.275-298.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: *Cadernos Pagu.* Campinas: UNICAMP, 1994, p.29-62.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. In: *Cadernos Pagu.* Campinas: UNICAMP, 1994, p.63-84.

WHALE, Sheila. *The family in the eighteenth dynasty of Egypt.* Sydney: The Australian Centre for Egyotology, 1989.

WATTERSON, Barbara. *Women in ancient Egypt.* New York: St. Martin's Press, 1991.

1.3 - Obra de referência:

ENCICLOPÉDIA Einaudi. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol 17 (Literatura e Texto).

ANEXOS:

Seguem-se as traduções de todas as fontes primárias utilizadas na pesquisa tal como foram publicadas por Emanuel Araújo e as realizadas por Ciro Flamarion Cardoso. Os Ensinamentos e os poemas de amor estão na obra de Emanuel Araújo. A narrativas, *As aventuras de Sanehet* e *O Náufrago* são traduções que foram analisadas anteriormente na minha dissertação de mestrado.

Para tornar corrente a leitura, foram eliminados dos textos os sinais gráficos referentes às interpolações do tradutor, às restaurações e as omissões óbvias dos copistas. Por motivos evidentes, foram mantidos o sinal --- que significa pequena lacuna, e o sinal ------ que significa grande lacuna.

1- Ensinamentos

1.1- Ensinamentos para o rei Merikare

Começo dos ensinamentos que o rei do Alto e do Baixo Egito, ---, fez para seu filho, o rei Merikare, ------.

Repressão de revoltas

Se encontrares um homem que ---, cujos partidários são muitos, --- e ele for do agrado de seus partidários, --- se for um agitador, um que convence os outros, elimina-o, mata-o, apaga seu nome, destrói sua facção, bane a memória dele e dos partidários que gostam dele.

O homem de coração inflamado é incitador de pessoas e cria facções entre os jovens. Se encontrares pessoas que aderem a ele, ------ e seus atos se perpetrarem além de ti, denuncia-o diante de seu séquito, elimina-o, pois é um rebelado, o que convence os outros é um agitador na cidade. Refreia a multidão, abafa seu ardor, ------ não se levantará em revolta por intermédio do homem pobre ao tornar-se rebelde.

Sê clemente --- ao punires. Quando engordas os rebanhos o povo fica alegre. Que possas ser justificado ante o deus, para que as pessoas digam, mesmo em tua ausência, que puniste de acordo com o crime. A boa conduta é o céu de um homem, e a imprecação o mal do raivoso.

Valor do argumento

Sê um artesão da palavra e vencerás, pois a língua é a espada de um rei: as palavras têm mais força que qualquer combate, o de coração destro não é vencido. ------ na rede. O sábio é uma escola para os nobres. Os que conhecem sua sabedoria não o atacam e nenhum crime se comete quando ele está presente. A justiça vem a ele coada, de acordo com os ditos antepassados. Copia teus pais e teus antepassados, pois o trabalho só é executado pelo conhecimento. Eis que suas palavras permanecem nos escritos: abre-os, lê-os e copia seu conhecimento, mesmo o destro pode aprender.

Benevolência com prudência

Não sejas mau, a benevolência é boa, faze tua lembrança durar por amor a ti. Aumenta os bens do povo, ajuda a cidade e se darão graças ao deus por tuas doações, ------ elogiam tua boa vontade e rezam por tua saúde. ---

Respeita os grandes e sustenta teu povo. Reforça tuas fronteiras e tuas áreas patrulhadas, pois é bom trabalhar pelo futuro: respeita-se a vida do previdente, enquanto o que espera as coisas acontecerem fracassa. Faze com que o povo venha a ti por tua conduta bondosa: desprezível é aquele que deseja a terra de seu vizinho, insano é aquele que cobiça o que pertence aos outros. A vida na terra passa e não é longa, por isso feliz aquele que é lembrado: mesmo um milhão de homens não será de utilidade para o senhor das Duas Terras. Há alguém que viva para sempre? O que vem com Osíris prossegue, assim como ele abandona o egoísta.

Conduta com os altos funcionários

Promove teus grandes, para que executem bem as tuas leis. Aquele que é rico em sua casa não será parcial., é um homem rico a quem nada falta. O homem pobre não fala a verdade e nenhum honesto diz: “Quisera eu ter!” Ele inclina-se para quem lhe recompensa com propina. Grande é o grande homem cujos grandes homens são grandes, forte é o rei que tem conselheiros, opulento é o que é rico em seus grandes. Dize a verdade em tua casa, para que os grandes do país possam respeitar-te: a probidade de coração é digna do senhor, é a parte da frente da casa que inspira o respeito na parte de trás.

Comportamento do rei

Faze justiça e terás vida longa sobre a terra. Serena o que chora, não oprimas a viúva, não expulses um homem da propriedade de seu pai, não rebaixes os grandes de seus cargos. Guarda-te de punir injustamente, não elimines quem te é útil. Pune com açoite e com prisão, e assim o país ficará em boa ordem, exceto os revoltosos cujos planos forem descobertos, pois o deus conhece a traição dos conspiradores e castiga os revoltosos com sangue. --- Não mates um homem cujas virtudes conheces, com quem outrora recitastes os escritos, que leu no livro *Sipu* --- diante do deus, que andava livremente pelos lugares reservados. O *ba* volta ao local que conhece, não erra seu antigo caminho, nenhuma magia o impede e chega àqueles que lhe oferecem água.

O julgamento póstumo

Os juizes divinos que decidem sobre o desventurado, bem sabes que não são indulgentes no dia do julgamento do miserável, na hora de estabelecer a sentença. Infeliz daquele quando o acusador é o Sábio! Não confies na duração dos anos, pois eles vêem toda uma vida como uma hora. Quando um homem sobrevive do outro lado após a morte, seus atos são postos junto dele em uma pilha, mas a vida no além dura

pela eternidade-*djet*, e é néscio quem faz o que eles reprovam. Quem chegar a eles sem ter feito mal existirá no além como um deus, andando livremente como os senhores da eternidade-*neheh*.

Tratamento dos recrutas

Encoraja teus jovens e a Residência gostará de ti, aumenta teus defensores com recrutas. Eis que tuas cidades estão cheias de novos rapazes que crescem. Aos vinte anos os jovens entregam-se a seu coração, e então os recrutas aparecem de novo, enquanto os veteranos retornam para casa. Mas os veteranos do tempo antigo também combatem por nós. Aumentei as tropas com eles na minha ascensão ao Trono. Faze teus oficiais grandes, aumenta teus soldados, melhora a vida dos jovens que te seguem, dá-lhes propriedades dotadas de campos, recompensa-os com gado. Não prefiras o filho de um homem rico ao de um homem pobre, escolhe um homem pelo que faz. --- Protege tuas fronteiras e constrói tuas fortalezas, pois as tropas são úteis a seu senhor.

Piedade religiosa

Erige monumentos dignos do deus, eles perpetuam o nome de quem os fez. Um homem deveria fazer o que é útil para seu *ba* no serviço mensal do templo calça sandálias brancas, freqüenta o templo, não reveles os mistérios, entra no santuário e come pão na morada do deus. Oferta libações, multiplica os bolos e aumenta as oferendas diárias, visto que isso beneficia aquele que assim procede. Dota seus monumentos segundo tuas posses: um único dia dá a eternidade e uma hora contribui para o futuro. O deus reconhece quem o serve. Transporta tuas estátuas para uma terra distante, de modo que sejam incontáveis.

Instruções políticas

O indiferente às atividades do inimigo fica em desvantagem. O inimigo não dá trégua nem dentro do Egito, e tropas egípcias travam combate contra tropas egípcias,

como os ancestrais predisseram. O Egito lutou até nas necrópoles, violando tumbas em destruição vingativa. Fiz o mesmo, e o mesmo sucede a quem se extravia do caminho do deus.

Não te conduzas com hostilidade para com o Sul, pois conheces com a profecia da Residência sobre isso, e o que aconteceu pode voltar a acontecer. Eles não passaram a fronteira, como disseram. --- Ataquei Tis de frente até seu limite meridional em Taut e atingi-a como rebentar de uma tempestade. O rei Mery-ib-Ra, o justo de voz, não foi capaz de fazer isso. Sê clemente sobre isso, ------ renovar os tratados. Nenhuma purificação se esconde, é bom trabalhar pelo futuro.

Permanece de bem com o Sul, e então os carregadores virão a ti com tributos e presentes. Eu os aceitei, como os antepassados: se não tiveres grão para dar, sê indulgente, desde que se submetam diante de ti, e satisfaz-te com teu próprio pão e com tua cerveja. O granito vermelho chega a ti sem estorvo, por isso não danifiques o monumento de outro, mas extrai pedra em Turah. Não construas tua tumba de ruínas, usando o que se construiu para o que se construirá. Eis que o rei é o senhor da alegria, pode ser clemente e dormir em tua força, segue teu coração pelo que eu fiz, pois não há inimigos dentro de tuas fronteiras.

As fronteiras setentrionais

Ascendi como senhor em minha cidade, mas o coração estava pesaroso por causa do Baixo Egito. De Hut-shenu até Sembaqa, com seu limite meridional no canal dos Dois Peixes, pacifiquei todo o oeste do Delta até a costa do mar. Pagam taxas, dão madeira *meru* e pode-se ver novamente a madeira *ãn* que eles nos dão. Mas o Leste é rico em arqueiros, e seu trabalho ---. As ilhas internas recuaram com cada homem dentro delas. Os distritos urbanos dizem: “Ó, grande, os homens te saúdam!” Eis que a terra que eles devastaram transformou-se em nomos e toda cidade grande foi restaurada: o que era governado por um homem está agora nas mãos de dez, os funcionários são nomeados e as listas de impostos redigidas. Quando os homens livres recebem terras trabalham para ti como um grupo unido, nenhuma revolta surgirá entre eles e o Nilo não te estorvará e não deixará de vir. Os impostos do Baixo Egito

estão em tuas mãos, pois o poste do ancoradouro que fiz para ti está fixado no leste, de Hebenu aos Caminhos de Hórus, com cidades estabelecidas e cheias de pessoas das melhores de todo o país para repelir os ataques contra esse limite. Que eu veja um bravo que fiz, que faça mais do que eu fiz, pois um herdeiro ruim me envergonharia.

Os asiáticos

Agora ouve o que se diz sobre os arqueiros: vê miserável asiático, desditoso é o lugar onde mora, mal provido de água, destituído de árvores, os caminhos são muitos e penosos por causa das montanhas. Ele não mora em apenas um lugar, pois a busca de alimento impele suas pernas. Ele vem combatendo desde o tempo de Hórus, sem conquistar nem ser conquistado, e nunca anuncia do dia da batalha, como um ladrão que se recusa a viver em sociedade.

Enquanto viver, serei como sou! Quando os arqueiros estavam como uma muralha fechada, eu rompi suas fortalezas, fiz com que o Baixo Egito os abatesse, pilhei seus habitantes, apoderei-me de seu gado, até que os asiáticos detestassem o Egito. Não te preocupes com ele, pois o asiático é um crocodilo em seu banco ribeirinho, rouba num caminho isolado, mas não acomete numa cidade populosa. Por isso Medenit foi restaurada até o limite de seu nomo, com um lado irrigado até Kem-Ur: esta é a defesa contra os arqueiros. Suas muralhas foram feitas para a guerra, seus soldados são em grande número, seus servos sabem manejar armas, afora os homens livres dentro dela. A região de Djet-sut conta com dez mil homens, plebeus que não são taxados. Os funcionários estão nela desde a época em que era a Residência. Suas fronteiras estão firmes, suas guarnições são valentes. Muitos homens do Norte irrigam-na até os limites do Delta, taxados com grão como homens livres. Vê, é a entrada do Baixo Egito, formam um dique até Heracleópolis. Grande número de pessoas constitui o suporte do coração, por isso guarda-te de te cercares de partidários do inimigo: a precaução prolonga os anos de vida.

A arte de governar

Se tua fronteira no Sul for atacada, os arqueiros apertarão o cerco no Norte: por isso erige construções no Baixo Egito. O nome de um homem não se torna menor por suas ações, e uma cidade bem estabelecida não faz nenhum mal. Erige ------. O inimigo deseja destruição e miséria. O rei Khé-ty, o justo de voz, afirmou em seus ensinamentos: “O que fica em silêncio diante do homem violento destrói mesas de oferendas”. O deus atacará quem se rebelar contra os templos, ele triunfará sobre aquele que assim fizer, mas sentar-se-á com aquele que planejou vencer e não conduzirá aquele que estiver fora de sua água. Fornece as oferendas, reverencia o deus, não digas “é difícil”, não pendas teus braços em desânimo. Quem se rebela contra ti é como se atacasse o céu. A segurança é como um monumento que dura cem anos, e se o inimigo disso não te atacará, mas não há ninguém que não tenha inimigo.

O senhor das Duas Margens é um sábio, pois o rei que tem cortesãos não é um ignorante, já é sábio quando sai do ventre e o deus o escolheu entre um milhão de homens. Uma bela e boa função é a do exercício da realeza, mas ela não tem filho nem irmão para manter seus monumentos: um só homem estabelece outro homem e cada um age segundo o que o precedeu, de modo que aquilo que realizou será preservado por outro que virá depois dele.

Eis que uma ação vil aconteceu em meu reinado: o nome de Tis foi devastado. Isso aconteceu, mas não em virtude do que fiz, e soube do fato só depois que sucedera. Eis que as conseqüências ultrapassaram o que eu fiz, pois é desastroso destruir, inútil restaurar o estragado, reconstruir o demolido. Guarda-te disso! Um golpe é retribuído por outro, para cada ação há uma resposta.

Reverência ao deus

Geração sucede geração entre os homens, e o deus, que conhece a índole dos homens, permanece oculto. Não é possível opor-se ao Senhor da Mão, ele alcança tudo o que os olhos podem ver. Reverencia o deus em seu caminho na procissão, seja

sua imagem feita de pedras preciosas ou moldada em bronze, como uma inundação substitui outra inundação, pois não há rio que o oculte, a água liberta o que nela se ocultava. Assim também o *ba* dirigi-se ao local que conhece e não se desvia de seu antigo caminho. Torna valiosa tua morada no Ocidente, torna duradouro teu lugar na necrópole sendo um homem honrado e que faz justiça, em quem os corações confiam. É preferível a boa ação do honrado do que o boi do iníquo. Atua pelo deus, para que ele também atue por ti, com oferendas que tornem o altar resplandecente e com uma inscrição que proclame teu nome, pois o deus está ciente daquele que o serve.

O deus e a humanidade

Bem atendidos são os homens, o gado do deus. Ele fez o céu e a terra por sua causa, repeliu o monstro da água e fez o sopro da vida para seu nariz. Eles são a sua imagem e saíram de seu corpo. Brilha no céu por sua causa e fez para eles as plantas, o gado, as aves e os peixes, tudo para alimentá-los. Porém matou seus inimigos e destruiu seus próprios filhos quando intentaram rebelar-se. Fez a luz do dia por sua causa e navega no céu para que o vejam. Erigiu seu santuário entre eles, e quando choram ele ouve. Fez para eles governantes ainda no ovo, guias para erguer as costas do fraco. Fez para eles a magia como arma para desviar o golpe do que acontece de ruim, velando por eles dia e noite. Matou os traidores que se encontravam entre eles como um homem bate em seu filho por causa de seu irmão, pois o deus conhece cada nome.

Conselhos finais

Não negligencies as minhas palavras, que formulam todas as leis do reino, que te instruem para que possas governar o país. Que possas alcançar-me no além sem ninguém te acusar! Não mates quem está próximo a ti, aquele que favoreceste, pois o deus o conhece. Ele é um dos que tiveram ventura na terra e os que servem o rei são deuses. Faz-te estimado por todo mundo, um bom caráter é lembrado quando seu tempo passou. Que possas ser chamado de aquele que pôs fim à época de distúrbio pelos que vierem depois da Casa de Khéty, o justo de voz, em agradecimento àquele

que chega hoje. Eis que te disse o melhor dos meus pensamentos, age de acordo com o que está assentado diante de ti.

Colofão

Conclui-se esta cópia adequadamente, de acordo com o que estava escrito, na escrita do escriba Kha-em-Uaset, por ele mesmo sozinho, o verdadeiramente sereno, ---- experimentado no trabalho de Tot, o escriba Kha-em-Uaset, para seu irmão, o querido de seu afeto, o verdadeiramente sereno, de caráter excelente, experimentado no trabalho de Tot, o escriba Mahu, filho de ---.

1.2- O Camponês eloqüente

Era uma vez um homem chamado Khun-Anup, camponês do uádi Natrun. Ele tinha uma mulher cujo nome era Meryt. Um dia Khun-Anup disse à sua mulher: Eis que vou descer ao Egito para trazer comida para meus filhos. Vai e mede para mim a cevada que está no celeiro, o que resta ". Então ela mediu para ele galões de cevada que servirão de alimento. Em seguida o camponês disse à sua mulher: Vê, ficarão contigo vinte alqueires de cevada que servirão de alimento para ti e teus filhos. Faze para mim. Desses seis outros galões de cevada, pão e cerveja para cada dia em que estarei viajando".

Khun-Anup, assim, desceu ao Egito depois de carregar seus anos com juncos, palmas, *redemet*, natrão, sal, varas de ---, varetas *aunt* do oásis de Farafra, peles de leopardo, peles de lobo, plantas *nesha*, pedras *anu*, plantas *tenem* e *kheperur*, *sahut*, grãos *saksut*, plantas *misut*, pedras *senet* e *abau*, plantas *ibesa* e *inebi*, pombos, pássaros *naru* e *uges*, plantas *uben* e *tebesu*, grãos *gengenet*, junças e grãos *inset*, em suma uma quantidade de todos os bons produtos do uádi Natrum.

Começo da querela

Khun-Anup rumou para o sul em direção a Heracleópolis e chegou ao território de Per-Féfi, ao norte de Medenit. Encontrou aí um homem que se postava na margem do rio e cujo nome era Nemti-nakht, era filho de um homem chamado Iséri, subordinado ao grande intendente Rensi, filho de Meru.

Então Nemti-nakht disse, ao ver os anos desse camponês, que agradavam ao seu coração: “Pudera eu Ter algum poder mágico para apossar-se das coisas desse camponês!” Ora, a casa de Nemti-nakht estava em um caminho junto ao rio, muito estreito, não mais largo do que um pano de linho. Um de seus lados estava sob a água e o outro com plantação de cevada. Então Nemti-nakht disse a seu criado: “Vai e traze-me uma roupa de minha casa”. Ela foi rapidamente trazida e Nemti-nakht estendeu-a no meio do caminho, de modo a que uma ponta ficasse na água e outra cevada.

Ora, o camponês vinha pelo caminho seguido por todo mundo. Então Nemti-nakht disse: “Cuidado camponês! Passarás por cima de minhas roupas?” O camponês respondeu: “Ficarei como queres, mas meu caminho é o certo”. Assim, ele desviou-se para o alto, porém Nemti-nakht disse: “Minha plantação de cevada te servirá de caminho?” O camponês retrucou: “Meu caminho é o certo. O lado do rio é um precipício, o único outro caminho tem a plantação de cevada e impedes o meio do caminho com tuas roupas. Queres então impedir-me de passar pelo caminho?

Mal acabara de dizer essas palavras um dos asnos encheu a boca com um punhado de cevada. Então Nemti-nakht disse: “Vê, tomarei teu asno, camponês, porque está comendo minha cevada. Ele pisoteará o grão pelo dano que fez”. O camponês respondeu: “Meu caminho é o certo. Apenas um punhado foi perdido. É por este preço que comprarei meu asno de volta, pois o tomas porque ele encheu a boca com um punhado de cevada. Mas sei quem é o senhor deste domínio: pertence ao grande intendente Rensi, filho de Meru. Ele pune qualquer ladrão em toda esta terra. Serei roubado em seu domínio?” Nemti-nakht disse: “Este é o provérbio que o povo

diz: “O nome do pobre só é pronunciado por causa de seu senhor”. Sou eu quem te fala e é o grande intendente que invocas!”

Então ele pegou uma vara de tamarga verde para agredi-lo, açoitou todos os membros do camponês e apoderou-se dos asnos, mandados para sua terra. O camponês chorou muito por causa dos maus-tratos que lhe foram infligidos. Mas Nemti-nakht disse: “Não levantes a voz, camponês! Eis que estás no caminho que leva à morada do Senhor do Silêncio!” O camponês retrucou: “Tu me bateste, roubaste minhas coisas e agora ainda te aproprias da queixa de minha boca? Ó, Senhor do Silêncio, devolve-me o que é meu e pararei de clamar para exerceres teu temor!”

O camponês ficou dez dias a suplicar a Nemti-nakht, que não lhe dava qualquer atenção. Assim, o camponês foi para o sul, até Heracleópolis, para apelar ao grande intendente Rensi, filho de Meru. Encontrou-o à porta de casa quando ia descer para sua barca oficial. Então o camponês disse: “Podes permitir comunicar-te uma reclamação? Poderias fazer vir a mim um assistente de tua confiança, a quem eu informaria o ocorrido?” Assim, o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou que um assistente de sua confiança se dirigisse a Khun-Anup, que o informou sobre a questão em todos os detalhes.

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, denunciou Nemti-nakht aos magistrados que estavam com ele. Estes argumentaram: “Trata-se provavelmente de um desses camponeses que vêm entregar mercadoria a outro. É o que costumam fazer os camponeses, que vêm entregar mercadorias a outros. É assim que fazem. Seria o caso de punir esse Nemti-nakht por um punhado de natrão e um punhado de sal? Se for-lhe ordenado devolver, ele o devolverá”. Mas o grande intendente Rensi, filho de Meru, ficou em silêncio. Não respondeu nem a esses magistrados nem ao camponês.

Então o camponês veio apelar ao grade intendente Rensi, filho de Meru. Ele disse: “Ó, grande intendente, meu senhor, maior dos maiores, guia de tudo o que ainda não existe e do que existe!

Quando desces pelo lago de Maat
e por ele navegas com vento favorável,
nenhuma rajada rasgará tua vela
nem teu barco irá devagar.
Nenhum acidente estragará teu mastro,
tuas vergas não se partirão.
Não naufragarás quando aportares,
nenhuma corrente te arrastará.
Não experimentarás os perigos do rio,
não verás um rosto com medo.
Os peixes mais ariscos saltarão da água para ti,
as aves mais gordas te rodearão.
Pois és um pai para o órfão,
um marido para a viúva,
um irmão para a mulher repudiada,
um avental para o que não tem mãe.

Permite-me fazer teu renome nesta terra conforme todas as boas regras:

Guia isento de ambição,
grande homem sem maldade,
destruidor da falsidade,
cultivador da verdade,
o que acorre à voz de quem chama.
Possas ouvir-me quando eu falo!
Faze justiça, ó louvado,

louvado pelos louvados!

Tira minha angústia, estou oprimido,

olha por mim, estou na miséria!”

Ora, o camponês fez essa peroração no tempo da majestade do rei Nebkau-Ra, o justo de voz. O grande intendente Rensi, filho de Meru, foi diante de Sua Majestade e disse: “Meu senhor, encontrei um desses camponeses realmente eloqüente. Suas coisas foram roubadas por um homem que está a meu serviço e eis que ele veio apelar a mim sobre isso”. Sua Majetade dise: “Tanto quanto desejas ver-me com saúde, faze-o demorar-se aqui sem nada responderes ao que ele diga. Para que continue a falar, fica tu em silêncio. Então manda suas palavras para nós por escrito para que possamos ouvi-las. Mas cuida do sustento de sua mulher e de seus filhos, pois estes camponeses só vêm ao Egito quando sua casa está vazia até o chão. Cuida também do sustento do próprio camponês. Farás com que lhe dêem provisões sem deixá-lo saber que foste tu que as deste”.

Assim, foram dados a ele dez pães e duas bilhas de cerveja todo dia. O grande intendente Rensi, filho de Meru, os fornecia, mas remetia-os a um de seus amigos e este dava-os a ele. Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou uma mensagem ao governador do uádi Natrum para que assegurasse alimentação à mulher do camponês, dando-lhe três galões de cevada todo dia.

Então o camponês veio apelar pela Segunda vez. Ele disse: “Ó, grande intendente, meu senhor, maior dos maiores, o mais rico dos ricos, que têm em ti um ainda maior, que têm em ti um ainda mais rico!

Leme do céu, esteio da terra,

fio de prumo que sustenta o peso!

Ó, leme, não derives, ó, esteio, não vergues,

ó, fio de prumo, não osciles!

Um grande senhor pode tomar algo do que agora não tem dono e deixar um homem sozinho ser roubado? Teu sustento acha-se em tua casa: uma bilha de cerveja e três pães. Quanto gastas para satisfazer teus dependentes? Um mortal poderoso morre do mesmo modo que seus subordinados: serás um homem eterno?

Não é ruim uma balança que pende,
um prumo que se inclina,
um honesto que se perverte?
Vê, Maat foge de ti,
expulsa de seu lugar!
Os magistrados fazem o mal,
a retidão é posta de lado,
os juízes agarram o que foi roubado.
O que dispõe sobre o reto, faz o reto balançar torto,
o que deve dar o ar sufoca quem está embaixo,
o que deve refrescar faz ofegar.
O árbitro é espoliador,
o que deve acabar a pobreza é quem a cria.
A cidade está submersa,
o que deve punir o mal comete crimes!”

O grande intendente Rensi, filho de Meru, perguntou: “Teus pertences são mais importantes para teu coração do que o risco de seres levado por um de meus assistentes?” Mas o camponês continuou:

“O que mede teus grãos frauda em seu proveito,
o que enche o celeiro de outros surrupia sua parte.
O que deve orientar pela lei comanda o roubo:
Quem, então, punirá o crime?

O que deve repelir o mal comete faltas:
um parece direito mas anda por vias tortas,
outro bandeia-se abertamente para o crime.
Acharás nisso alguma lição para ti?
A punição é curta, a injustiça longa,
uma boa ação volta a seu lugar de ontem.
Este é o preceito:
“Faze a quem faz como ele faz”
Isso significa agradecer a alguém pelo que fez,
desviar um golpe antes de ele atingir o alvo,
dar uma ordem a quem pode executá-la.

Ah, se num momento pudesse abater-te a destruição, estragando tua vinha, diminuindo tuas aves, acabando com teus pássaros aquáticos! Alguém que via se tornasse cego, um que ouvisse ficasse surdo, um guia que se perdesse! Ó, cesto! Não foste demasiado longe? Por que ages contra ti mesmo?

És forte e poderoso, teu braço é valoroso, mas teu coração é ambicioso, a piedade passou a teu largo. É de dar dó o desgraçado por ti destruído! És como um mensageiro de Khenty, sobrepujas até a Senhora da Peste: o que não é para ti, não é para ela, se nada há contra ela, nada há contra ti, se nada fazes, ela nada faz. O rico deve ser generoso, assim como o malfeitor é sempre violento. Roubar é natural para quem nada tem, assim como o roubo é para o malfeitor. Não se pode culpar o pobre, pois ele apenas busca para si a sobrevivência. Mas tu estás saciado com teu pão, embriagado com tua cerveja, rico com todo o teu tesouro. Embora o rosto do timoneiro se volte para frente, o barco deriva como quer. Embora o rei esteja em seu palácio e o leme em tua mão, o mal está à tua volta. Longa é minha súplica, duro é meu dever. “O que ele quer?” , perguntam.

Sê um refúgio, põe a salvo tua margem do rio,

vê como teu cais está infestado de crocodilos!
Apruma tua língua, não deixes que ela erre,
um membro de um homem pode ser sua perdição.
Não mintas, adverte os magistrados,
cestas cheias corrompem os juízes.
Dizer mentiras é sua pastagem,
Pouco pesam em seu coração.
Ó, tu, o mais sábio dos homens,
ignorarás o meu caso?
Salvador do afogado na água,
vê, tenho um rumo sem barco!
Condutor à margem de quem afunda,
socorre o afogado!
---".

Então o camponês veio apelar pela terceira vez. Ele disse:

"Ó, grande intendente, meu senhor,
és Ra, senhor do céu, com teu séquito.
O sustento dos homens vem de ti, como a inundação,
és Hapy, que verdeja os prados e fertiliza as terras estéreis.
Pune o ladrão, protege o miserável,
não sejas uma torrente contra o suplicante!
Toma cuidado porque se aproxima a eternidade-*neheh*,
e a vontade de durar é como se diz:
"Fazer justiça é como respiração para o nariz".
Pune aquele que merece ser punido
e ninguém será igual a ti em retidão.
A balança de mão curva-se?

A balança de pé inclina-se?
Se Tot concordar com isso,
então podes fazer o mal.
Sê como esses três:
se os três concordarem com isso,
podes então concordar também!
Não respondas ao bem com o mal,
não ponhas uma coisa no lugar de outra!

Minha peroração cresce mais que a erva *senemyt* e agride quem lhe respira o odor. Não respondes, e com isso irrigas o mal e a decepção cresce. Tivesse três vezes para fazê-lo agir.

Se manejares o leme conforme a vela,
controlarás a correnteza para bem navegares.
Guarda-te de aportares pela corda do leme,
o equilíbrio do país está em Maat!
Não mintas, pois és grande,
não ajas com ligeireza, pois és um homem de peso!
Não mintas, pois és a balança,
não te desvies, pois és a retidão!
És o mesmo que a balança,
se ela se inclina, também te inclinas.
Não derives ao manejar o leme,
segura a corda do leme!
Não pilhes, age contra o ladrão,
não é grande quem é grande em cobiça.
Tua língua é o prumo da balança,

teu coração é o peso,

teus lábios são os braços.

Se voltares teu rosto ao violento,

quem deterá a maldade?

Eis que és como um miserável lavadeiro,

um ganancioso que prejudica o amigo,

o que abandona um sócio por seu cliente:

seu irmão é aquele que vem com presentes.

Eis que és um barqueiro que só atravessa quem paga,

um reto de retidão em frangalhos.

Eis que és como o gerente da loja que não favorece o pobre.

Eis que és um falcão para a gente humilde,

que vive dos pássaros mais fracos.

Eis que és um açougueiro cuja alegria é o abate,

a carnagem é nada para ele.

Eis que és como um pastor,

e para mim é um erro não reconheceres o rebanho

e causares desperdício como um crocodilo voraz,

um amparo que abandonou o porto de todo o país!

Deves ouvir, mas não ouves! Por que não ouves? Hoje me opus a um violento: o crocodilo recua. O que lucras com isso? Ao encontrar-se o segredo de Maat a mentira é jogada de costas por terra. Não te prepares para o amanhã antes que ele chegue, pois ninguém conhece os males que com ele virão".

Ora, o camponês fez essa peroração ao grande intendente Rensi, filho de Meru, na entrada do prédio do tribunal. Então mandou contra ele dois guardas com chicotes e fustigaram todo o seu corpo.

O camponês disse: “O filho de Meru erra! Seu rosto está cego ao que vê, surdo ao que ouve e desatento ao que lhe é contado!

Eis que és como uma cidade sem governante,
como uma tropa sem chefe,
como um navio sem comandante,
como um grupo sem guia!
Eis que és como um policial que rouba,
um governante que aceita subornos,
um chefe de distrito que devia punir o crime
mas é um modelo para quem age mal!”

Então o camponês veio apelar pela quarta vez. Encontrando-o quando saía do portão do templo de Hery-shef, ele disse: “Ó, louvado, que Hery-shef, de cujo templo sais, te louve! O bem pereceu, ninguém adere a ele, para jogar de costas a mentira na terra. Se o barco voltou, como atravessar o rio? Isso tem de ser feito, mesmo a contragosto. Passar o rio a pé é uma boa maneira de fazer a travessia? Não. Quem dorme até o dia? É-se obrigado a andar durante a noite e perambular durante o dia para que um homem possa defender sua causa justa. Eis que de nada adianta dizer-te que a piedade passou a teu largo e que é de dar dó o desgraçado por ti destruído.

Eis que és como um caçador que segue seu impulso,
empenhado em fazer o que gosta:
arpoa hipopótamos, trespassa touros selvagens,
apanha peixes, prende pássaros.
Mas ninguém com pressa de falar é isento de ansiedade,
ninguém tem leve o coração pesado por paixões.
Sê paciente e busca Maat,
contém tua raiva contra aquele que entra humildemente.
Não há homem impulsivo que pratique a virtude,

nem arrebatado cujo braço seja procurado.

Quando os olhos vêem, o coração é informado. Não sejas duro ao exerceres o poder para que um dia a desgraça não te atinja. Descuida-te de um assunto e ele duplicará. Quem come, saboreia; quem é perguntado, responde. Quem dorme vê o sonho, e o juiz que merece punição é o modelo de quem age mal. Insensato, eis que és atacado! Ignorante, eis que és interrogado! Tu, que tiras água do barco, eis que és atingido!

Timoneiro, não deixes teu barco ir à deriva,
dispensador de vida, não deixes que se morra,
provedor, não deixes que se pereça,
sombra, não queimes como o Sol,
abrigo, não deixes que o crocodilo rapte!

Esta é a quarta vez que te dirijo uma súplica. Irei passar nisso todo o meu tempo?"

Então o camponês veio apelar pela quinta vez. Ele disse: "Ó, grande intendente, meu senhor! O pescador *khudu* ------, o --- mata o peixe *iy*, o pescador de arpão trespassa o peixe *aubeb*, o pescador de *djabehu* atacao peixe *paqer*, o pescador de rede do peixe *uha* devasta o rio. Ora, és como eles! Não roubes as coisas de um pobre, um homem humilde que sabes quem é! O ar do pobre são seus pertences, quem os toma tapa seu nariz. Foste nomeado para ouvir os casos, para julgar entre dois homens, para punir o assaltante, mas só fazes apoiar o ladrão! Confia-se em ti, mas tornas-te um transgressor! Foste nomeado para ser um dique para o miserável, velando para que não se afogue, mas eis que és uma torrente veloz para ele!"

Então o camponês veio apelar pela Sexta vez. Ele disse: "Ó, grande intendente, meu senhor!

Quem combate a mentira favorece a verdade,

quem favorece o bem destrói o mal,
como a saciedade vem para acabar com a fome,
como roupa vem para acabar com a nudez,
como o céu se acalma depois da tempestade,
aquecendo todos que têm frio,
como o fogo que cozinha o que é cru,
como a água aplaca a sede.
Vê com teus próprios olhos:
o árbitro é ladrão,
o pacificador causa tribulação,
quem devia acalmar causa ira.

O trapaceiro zomba de Maat! Mas quando se enche corretamente a medida, Maat nem falta nem excede. Se adquires algo, dá a teu próximo: a voracidade é insensata. Minha dor leva à separação, minha acusação provoca partida: não se pode saber o que se passa no coração. Não demores, age sobre a queixa que fiz! Se separares, quem unirá? A âncora está em tuas mãos, mas a água está rasa. Se o barco quiser entrar no porto com a âncora levantada, sua carga se perde na margem.

És instruído, inteligente, talentoso,
e decerto não és avarento.
Poderias ser o modelo de todos os homens,
mas teus casos andam de forma tortuosa!
O modelo dos homens engana toda a terra!
O cultivador do mal irriga seu canteiro com maldades,
até que em seu canteiro brote mentira
e irrigará somente o mal em sua propriedade!”

Então o camponês veio apelar pela sétima vez. Ele disse: “Ó, grande intendente, meu senhor! És o leme de todo o país, o país navega segundo tuas

ordens. És um igual a Tot, o juiz que não é parcial. Meu senhor, sê paciente quando um homem apela a ti por sua causa justa. Não te mostres irritado, isto não é digno de ti. O que vê longe torna-se angustiado. Não te preocupes com o que ainda não aconteceu, não te rejubiles com o que ainda não veio. A indulgência prolonga a amizade, sem levar em conta o passado: não se pode saber o que se passa no coração. Se a lei for subvertida e Maat destruída, nenhum pobre poderá sobreviver: quando for roubado, Maat não chegará até ele.

Meu corpo estava repleto, meu coração pesado. Como um dique que se rompe e a água sai, assim minha boca se abre para falar. Joguei minha âncora e baldeei minha água, esvaziei o que estava em meu corpo, lavei minha roupa suja. Minha peroração terminou e minha desdita completou-se diante de ti. Que queres ainda? Tua lentidão te levará ao erro, tua cobiça te enlouquecerá, tua voracidade te criará inimigos. Mas encontrarás outro camponês como eu? Haverá outro lento como tu em cuja porta baterá um suplicante?

> Não há homem calado a quem fizesses falar,
> adormecido a quem tivesses acordado,
> desacordado a quem tivesses animado,
> ninguém de boca fechada a quem tivesses aberto a boca,
> ignorante a quem tivesses instruído,
> néscio a quem tivesses ensinado.
> Contudo os magistrados deviam ser inimigos do mal,
> senhores do bem,
> artesãos que criam o que existe,
> os que juntam cabeças cortadas".

Então o camponês veio apelar pela oitava vez. Ele disse: "Ó, grande intendente, meu senhor! Pode-se cair fundo por causa da ganância. O cobiçoso não terá sucesso, só o alcança o fracasso. És cobiçoso, mas isso em nada resulta para ti. Roubas, mas isso não é bom para ti. Que um homem possa defender sua causa justa!

Teu sustento acha-se em tua casa, tua barriga está cheia. A medida de grãos transborda, e se for sacudida o que sobrar se perderá no chão. Ladrão, assaltante, gatuno! Os magistrados foram nomeados para combater o crime, mas de fato são um refúgio para o violento. Os magistrados foram nomeados para reprimir a mentira!

O medo de ti não me impede de apelar. Não conheces o meu coração, um homem humilde que volta para censurar-te e que não teme aquele a quem suplica. Um como ele não se encontra na rua!

Tens teus lotes de terra no campo, tuas propriedades no distrito, teu sustento no depósito de provisões. Os magistrados te dão e tomas ainda mais! És então um ladrão? E não te dão quando os soldados acompanham para se fazer a divisão dos lotes de terra?

Faze justiça pelo amor ao Senhor da Justiça,
cuja justiça encerra a justiça!
Tu, que és o cálamo, o papiro, a paleta de Tot,
guarda-te de fazer o mal.
É bom quando a bondade é boa,
pois a justiça é para a eternidade-*neheh*:
ela vai para o túmulo com quem a pratica.
Quando é sepultado e a terra a ele se junta,
seu nome não é apagado,
ele é lembrado pela virtude,
princípio das palavras do deus.

Se ele for uma balança de mão, não se curvará; se for uma balança de pé, não se inclinará. Se for eu a vier, se for outro a vier, dirigi-lhe a palavra! Não respondas com a resposta do silêncio. Não agridas quem não te agrediu. Não tens piedade, não te incomodas, não te perturbas. Não me recompensas pela bela peroração que veio da boca do próprio Ra!

Profere justiça, faze justiça, pois ela é grande, é poderosa, ela dura, seu valor é comprovado, ela leva ao estado de *imakhu.* Se a balança de mão se curva, então seus pratos estão demasiados cheios e não se pode ter o resultado certo. O crime não deve alcançar o porto, mas a honestidade tem de chegar à terra".

Então o camponês veio apelar pela nona vez. Ele disse: "Ó, grande intendente, meu senhor! A língua é a balança de pé dos homens, mas é a balança de mão que revela as faltas. Pune aquele que merece ser punido e ninguém será igual a ti em retidão. --- a mentira arroja-se mas a verdade volta para enfrentá-la. A verdade domina a mentira e deixa que ela viceje, mas a mentira nunca prosperará. Se a mentira andar, ela se extraviará; não atravessará no barco, não progredirá. Quem enriquecer com ela não terá filhos, não terá herdeiros sobre a terra. Quem navegar com ela não acostará em terra, sua barca não atracará no porto.

Não sejas pesado, nem tampouco ligeiro,
não sejas lento, nem tampouco apressado,
não sejas parcial, nem escutes só teu coração.
Não vires o rosto a quem conheces,
não sejas cego diante de quem já viste,
não repilas aquele que te suplica.
Abandona essa lerdeza,
deixa tua sentença ser ouvida.
Ajuda a quem te ajudar,
não ouças qualquer um
quando um homem apela a ti por sua causa justa.

Não existe ontem para o preguiçoso, nem amigo para quem é surdo à justiça, nem dia de folga para o cobiçoso. O que denuncia um crime transforma-se num desgraçado e o desgraçado torna-se um suplicante: seu adversário é seu assassino. Eis que te dirijo uma súplica e não me ouves. Irei portanto suplicar por ti a Anubis!

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou dois guardas trazê-lo de volta. O camponês teve medo, achando que se fazia isso para puni-lo pelas perorações que proferira. O camponês disse: “Aproximar um sedento da água, erguer a boca da criança que busca leite, assim é a morte, que se queira ver e não veio, para aquele cuja morte chega enfim tarde”. Mas o grande intendente Rensi, filho de Meru, retrucou: “Não temas, camponês. Eis que o que se fez contra ti foi para obrigar-te a ficares comigo”. O camponês respondeu: “Por minha vida! Terei de comer teu pão e beber tua cereja para sempre?” O grande intendente Rensi, filho de Meru, disse: “Espera aqui para ouvires tuas apelações”. E ele fez ler em um rolo de papiro novo cada apelação conforme seu conteúdo.

Em seguida o grande intendente Rensi, filho de Meru, mandou o rolo para a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito, Neb-kau Rá, o justo de voz, e isso agradou o coração de Sua Majestade mais que qualquer coisa em todo o país. Sua Majestade ordenou: “Julga tu mesmo, filho de Meru!”

Então o grande intendente Rensi, filho de Meru, enviou dois guardas para trazerem Nemti-nakht. Ele foi trazido e fez-se um inventário de seus bens e do seu pessoal, a saber: seis pessoas, além de ---, sua cevada do Alto Egito, seu trigo, seus asnos, seu rebanho, seus porcos e seu gado miúdo. Então tudo que pertencia a Nemti-nakht foi dado a esse camponês, com toda sua prosperidade, todos os seus servos e tudo o que pertencia a Nemti-nakht.

Colofão

Concluiu-se a cópia, do começo ao fim, como estava escrito no manuscrito.

1.3 - Ensinamentos de Ptahhotep

Ensinamentos do governador da capital, vizir Ptahhotep sob a majestade do rei do Alto e do Baixo Egito, Isési, que viva pela eternidade-*djet* e pela eternidade-*neheh*. O governador da capital, vizir Ptahhotep, diz:

Achaques da idade

Ó, soberano, meu senhor, a velhice chegou, a idade caiu sobre mim! A debilidade alcançou-me, a senilidade aumenta, todo dia dorme-se cansado. Os olhos estão fracos, os ouvidos surdos, o vigor desapareceu devido ao cansaço do coração e a boca está muda, não fala. O coração esquece e não se lembra do passado, os ossos por toda parte. O que é bom torna-se ruim, perde-se o sabor, o que a velhice faz com os homens é mau em tudo. O nariz entupido não respira, é penoso até levantar-se ou sentar-se.

Sabedoria dos antigos

Que para este teu humilde criado seja mandado fazer um bastão de velho, e então eu lhe direi as palavras outrora ouvidas, os conselhos dos antepassados, que os ouviram dos deuses. Que assim seja para ti, a fim de que a contenda seja banida do povo e as duas margens possam servir-te! A majestade deste deus ordenou: “Ensina-lhe o que se disse no passado, para que se torne modelo aos filhos dos magistrados. Que o discernimento entre nele, assim como o equilíbrio. Fala ele, pois ninguém nasce sábio”.

Início dos ensinamentos

Começo dos ensinamentos, das palavras perfeitas, ditos pelo nobre e dignitário, pai do deus, amado do deus, primogênito do rei, do seu corpo, governador da capital e vizir Ptahhotep que, instrui o ignorante no conhecimento e nas regras das palavras perfeitas, sendo uma ventura a quem as ouça e uma desventura a quem as ignore. Ele diz ao seu filho:

Humildade para aprender

Não te envaideças do teu conhecimento, toma o conselho tanto do ignorante quanto do instruído, pois o limite da arte não podem ser alcançados e a destreza de nenhum artista é perfeita. O bem falar é mais raro que a esmeralda, mas pode encontrar-se entre criados e britadores de pedra.

Conduta e discussão

Se encontrares um contendor em seu melhor momento, um homem poderoso e superior a ti, abaixa teus braços e curva tuas costas, pois insultá-lo não o fará concordar contigo. Não te importes com palavras duras, não o contestando em seu argumento. Ele será chamado de ignorante e tua contenção enfrentará seu jorro de palavras.

Se encontrares um contendor em seu melhor momento seja um teu igual, de tua posição, farás com que teu valor o supere pelo silêncio enquanto ele fala de modo hostil. Serás aprovado pelos que ouvem e teu nome será agradável aos magistrados.

Se encontrares um contendor em seu melhor momento, um homem humilde, que não seja um teu igual, não ataques por ser fraco. Deixa-o em paz, ele se refutará a si mesmo. Não lhe responde para aliviar teu coração, não laves teu coração contra

teu oponente. Desprezível é aquele que humilha um homem humilde, embora cada um aja segundo seu coração, mas ao bateres nele terás a reprovação dos magistrados.

Respeito a justiça

Se fores um homem que dirige, que controla a atividade de muitos, empenha-te em toda boa ação para que tua conduta seja irrepreensível. Boa é a justiça e duradouro seu efeito, inalterado desde o tempo de Osíris. O transgressor das leis é punido, a transgressão é vista até pelo cobiçoso. A vileza apodera-se de riquezas, mas o culpado jamais aportará seus bens. Ele diz: “Tomo para mim”, e não “adquiro por meu trabalho”. Mas a justiça termina por prevalecer e o homem honrado diz: “Isso é o que pertenceu ao meu pai”.

Punição à cobiça

Não trames contra as pessoas, pois o deus pune na mesma medida. Se o homem disser: “Viverei para isso”, faltará o pão em sua boca. Se um homem afirmar: “Serei rico”, é porque diz: “tomarei para mim o que vir”. Se um homem disser: ”Roubarei alguém”, terminará sendo dado a um estrangeiro. A trama contra as pessoas não triunfa, e sim a vontade do deus. Vive então em meio à paz e o que eles derem virá por si mesmo.

Conduta à mesa

Se estiveres entre os convidados à mesa de um maior do que tu, aceita, quando ele der, o que estiver à tua frente. Olhe o que está diante de ti, mas não mires o dono com insistência, pois isso o agride e ofende o seu *ka*. Não lhe fales até que ele se volte a ti, pois não se sabe o que pode desagradá-lo. Fala somente quando ele se dirigir a ti, e o que disseres será então muito agradável ao seu coração. Quando o grande está atrás da comida comporta-se segundo os desígnios de seu *ka.* Oferecerá a quem favorece, tal é o costume ao chegar a noite. É o *ka* que faz suas mãos se

estenderem, o grande dá a quem ele escolhe. O comer está sob o desígnio do deus, e só um louco queixa-se disso.

A reprodução de mensagens

Se fores um homem de confiança, enviando por um grande a outro, sê fiel àquilo que ele te mandou, dá a mensagem tal qual ele disse. Guarda-te de torcer a mensagem, que indispõe um grande com outro. Limita-te a verdade, não a excedas, mas uma lavagem de coração não pode ser repetida. Não fales mal de ninguém, grande ou pequeno, pois isso é uma abominação para o *ka.*

Necessidade de discrição

Se lavrares e houver aumento de cultivo no campo e o deus o fizer prosperar em tua mão, não te gabes diante de teu vizinho: tem-se maior estima pelo homem discreto. Se um homem virtuoso tiver muitas posses no tribunal até ele acomete como um crocodilo. Não humilhes quem não tem filhos, ninguém censura ou se vangloria disso. Há tanto o pai que tem desgosto quanto a mãe de crianças menos contente que outra. O que vive sozinho é levado pelo deus a tornar-se chefe de uma família que deseja segui-lo.

Reconhecimento do valor

Se fores pobre e servires um homem de distinção, que toda a tua conduta seja boa ao deus. Não lembres a ele que outrora foi pobre, não sejas arrogante com ele por conheceres sua antiga situação. Respeita-o pelo que consegui, pois a riqueza não vem por si mesma. Esta é sua lei para os que eles amam, mas sua prosperidade foi conseguida por ele próprio. Foi o deus quem o tornou meritório e o protege enquanto dorme.

Aproveitamento do tempo

Segue teu coração enquanto viveres, porém não faças mais do que o mandado. Não encurtes o tempo em que segues o coração, pois quem perde seu tempo torna-se uma abominação para o *ka*. Não gastes o dia além do necessário para manter tua família. Ao chegar a prosperidade segue teu coração, pois a riqueza de nada adianta quando não se é feliz.

Conduta com o filho

Se fores um homem de distinção e tiveres um filho pela graças do deus, se ele for direito e cuidar bem de teus haveres, faze por ele tudo de bom, é o teu filho, teu *ka* o engendrou para ti, não separes teu coração dele. Mas um filho pode causar problemas, e se ele transviar-se, desprezar teus conselhos, desobedecer tudo o que é dito e de sua boca jorrarem palavras ruins, pune-o pelo que diz, ele não é teu filho, não nasceu de ti, repele-o como alguém que eles odeiam, condenaram-no quando ainda estava no ventre. Aquele que é guiado por eles não pode errar, aquele de quem eles tiram o barco não cruza o rio.

Respeito ao protocolo

Se estiveres em uma antecâmara, levanta e senta como convém à tu posição social, como a ti foi indicado desde o primeiro dia. Não entres sem permissão, pois serás mandado de volta. Atento é o rosto daquele que entra anunciado, espaçoso é o assento daquele que foi chamado. A antecâmara tem sua regra, toda conduta ali é medida. É o deus quem dá a ascensão, aquele que acotovela não é ajudado.

Moderação no trato com as pessoas

Se estiveres em companhia de outros homens, conquista partidários sendo sereno. O homem sereno não escuta o que lhe é ditado pelo ventre e se tornará um

chefe devido a sua conduta. Teu nome será imaculado, não serás difamado, teu corpo será provido, teu rosto voltado para os que te cercam, serás elogiado sem que o saibas. Aquele cujo coração se desvia ao escutar o seu ventre suscita antipatia sobre si em vez de amor seu coração será árido e seu corpo seco. O de coração aberto é sempre bem-vindo, mas o que só escuta o seu ventre fica à mercê do inimigo.

Relato de uma missão

Relata a tua missão sem nada encobrires, expõe tua conduta no conselho de teu senhor. Se for fluente na exposição, não será difícil ao enviado relatar nem lhe será perguntado: “O que mais sabes?” Se ele quiser objetá-lo por causa disso, o enviado guardará silêncio, dizendo: “Já contei tudo”.

Exercício da autoridade

Se fores um homem que dirige, tuas decisões devem andar com passos largos de acordo com tuas ordens. Faze coisas relevantes, pensa no dia de amanhã, nenhuma rivalidade ocorre em meio ao respeito, mas onde o crocodilo se introduz o ódio irrompe.

Se fores um homem que dirige, ouve com calma a exposição de quem pleiteia. Não o interrompas até que expulse de seu ventre o que pretende dizer. Um homem angustiado precisa lavar seu coração, mais do que ver atendido seu pleito. Quanto ao que interrompe um apelo as pessoas dizem: “Por que o impede?” Nem todos os pedidos podem ser atendidos, mas um ouvinte atento é conforto para o coração.

Evitar as mulheres

Se desejas conservar a amizade numa casa em que entres como senhor, irmão ou amigo, em qualquer lugar onde entres evita aproximar-te das mulheres! Não é bom o lugar onde isso acontece nem perspicaz quem se insinua a elas. Mil homens

podem enlouquecer por seu próprio impulso: um breve momento, parecido a um sonho, e a morte chega por havê-las conhecido. É um delito, como se concebido por um inimigo, e já ao sair de casa para cometê-lo o coração o rejeita. Aquele que se consome por causa de seu desejo por elas não prosperará em nenhuma atividade.

Os males da avareza

Se desejas ter uma boa conduta, livra-te de tudo o que é ruim, guarda-te contra a avareza, uma atroz doença sem cura, não há tratamento para ela. Ela indispõe pais, mães, os irmãos da mesma mãe, e separa a mulher do marido. É uma junção de todos os males, um saco de todas as coisas odiosas. Longa é a vida do homem de conduta reta, que anda de acordo com seus próprios passos. Concluirá um testamento por isso, mas o avarento não terá túmulo.

Não sejas ambicioso em uma partilha, não queiras mais que o teu quinhão . Não sejas avarento com os que o te cercam, o gentil é mais procurado que o grosseiro. Desprezível é aquele que abandona os seus, priva-se dos proveitos da palavra. Por pouco que cobice, um homem amável torna-se um briguento.

Conduta com a esposa

Quando prosperares e construíres teu lar, ama tua mulher com ardor, enche seu estômago, veste suas costas, o ungüento é um tônico para seu corpo. Alegra seu coração enquanto viveres, ela é um campo fértil para o seu senhor. Não a julgues, mas afasta-a de uma posição de poder. Reprime-a, pois seu olho é vento de tempestade quando ela encara. Abranda seu coração com o que acumulastes, assim ela permanecerá em tua casa. Se a repelires, virão lágrima. Uma vagina é o que oferece por sua condição, e tudo o que indaga é quem lhe fará um canal.

Generosidade com os amigos

Favorece teus amigos com o que possuis, pois tens isso pela graça do deus. Sobre aquele que deixa de favorecer seus amigos, os homens dizem: “Ele tem um *ka* egoísta”. Planeja-se o amanhã, mas não se sabe como será, o *ka* justo é o *ka* com o qual se está satisfeito. Se surgirem ocasiões de ajuda, teus amigos dirão: “Bem-vindo sejas!” Se não for possível trazer paz ao lar, pode-se recorrer aos amigos quando houver desentendimento.

Repelir calúnias

Não repitas uma calúnia, nem dês ouvido a ela, é o jorro do ventre-quente. Conta uma coisa que viste, não que ouviste, e se não tiver importância nada digas, e quem estiver diante de ti reconhecerá teu mérito. Se um furto for ordenado e executado, o ódio nascerá contra quem furta. A calúnia é como um sonho contra o qual se tapa o rosto.

Conduta em um conselho

Se fores um homem de distinção, que se tem assento no conselho de teu senhor, concentra-te em teu coração, teu silêncio é melhor que a tagarelice. Só fales quando tiveres certeza de que compreendes. Só o versado deveria falar no conselho, pois falar é mais difícil que qualquer ofício, e quem compreende isso abre caminho para si.

Auto controle ao ordenar

Se fores poderoso, inspira respeito pelo conhecimento e pela serenidade no falar. Só ordenes quando necessário, pois aquele que afronta cai em apuros. Não sejas soberbo com receio de ser modesto, mas não fiques calado com receio de repreender. Ao responderes àquele que está enfurecido, desvia teu rosto, controla-te, pois a flama do coração quente alastra-se. Mesmo o homem amável, ao ofender tem

seu caminho impedido. Quem é carrancudo todo o tempo não tem um momento feliz, mas quem é alegre todo o tempo não pode fundar um lar. Aquele que passa correndo será pago como o que maneja o remo na hora do desembarque enquanto outro prende a corda para atracar. Aquele que obedece seu coração será bem suprido.

Respeito ao superior

Não te oponhas ao ato de um grande, não contrarias aquele cujo fardo já é pesado. Ele fará mal àquele que lhe é hostil e bem àquele de quem gosta. Ele é o provedor junto com o deus, e o que deseja deverá ser feito. Ao virar seu rosto de ti quando furioso, seu *ka* ficará em paz. Assim como o infortúnio vem da hostilidade, a boa vontade reforça a afeição.

Mostra ao grande o que lhe é proveitoso, sê o seu auxiliar diante das pessoas. Se fizeres com que teus conhecimentos impressionem teu senhor, teu sustento virá de seu *ka*. O ventre do favorito será saciado, suas costas serão vestidas e terá ajuda para dar vida à sua casa. Permanece com teu superior, de quem gostas e para quem vives, e ele te garantirá folgado sustento. Assim durará a afeição por ti no ventre dos que gostam de ti. Ele é um *ka* que aprecia ouvir.

Imparcialidade do juiz

Se fores magistrado de prestigio, encarregado de satisfazer a muita gente, não sejas parcial. Ao falares não pendas para um lado, toma cuidado para que ninguém se queixe: “O juiz distorce a questão” e tua decisão volte-se contra ti.

Se uma má ação encolerizar-te, tende para o homem que sempre agiu com retidão, desculpa-o, não o lembre disso, pois ele ficou calado a teu respeito desde o primeiro dia.

Soberba da riqueza

Se fores um grande após teres sido humilde, se enriqueceste após teres sido pobre numa cidade que conheces e que sabe de teu passado, não te exibas em tua riqueza, que veio a ti como dádiva do deus. Assim não estarás atrás de outro igual a ti, a quem o mesmo aconteceu.

Respeito à hierarquia

Curva as costas a teu superior, a teu supervisor no palácio, e assim tua casa se preservará em prosperidade e tua recompensa virá como deve. Desventurado é aquele que se opõe a seu superior, pois se vive tanto mais quanto se é dócil, e não faz mal estender o braço em gratidão. Furtar a casa de um vizinho, roubar as coisas de alguém próximo a ti, são acusações de que ele não deve queixar-se no tribunal antes que cheguem a teus ouvidos. O homem que contesta tem mau coração, e se for conhecido como agressivo, o hostil estará sempre em apuros na vizinhança.

Relação homossexual

Não copules com um rapaz efeminado. Saibas que o ato ilícito o saciará como água em seu coração, mas o que está em seu ventre jamais se apaziguará assim. Que ele não passe a noite a fazer o que é ilícito, pois assim só se apaziguará após ferir o seu coração.

Prudência na amizade

Se buscas pôr à prova o caráter de um amigo não indagues, mas aproxima-te e trata com ele sozinho até ficares satisfeito com sua conduta. Discute com ele após algum tempo, testa seu coração em uma conversa. Se o que viu não é da conta dele, se fez algo que te desgosta, ainda assim sê cordial com ele, não o ataques, não

ralhes, não o evites, não respondas com hostilidade, não te vás embora, não o espezinhes. Seu tempo não deixará de vir, não se escapa do que está predestinado.

Conduta na distribuição de alimentos

Conserva a fisionomia alegre enquanto viveres, pois aquilo que sai do depósito não volta. O alimento a ser dividido é cobiçado, aquele que tem a barriga vazia é o que se queixa, o privado de comida torna-se um acusador, não se deve tê-lo por perto. A benevolência faz um homem ser lembrado durante anos, após ter deixado o cetro.

Benevolência com os amigos

Conhece teus próximos, e então prosperarás. Não sejas áspero com teus amigos, eles são um campo irrigado mais importante que as riquezas, pois o que pertence a um pode pertencer depois a outro. O caráter de um homem de posição ser-lhe-á proveitoso, a boa reputação é sempre lembrada.

A punição exemplar

Pune com firmeza, corrige com força, e assim o castigo do transgressor torna-se um exemplo. A punição, a não ser a do crime, faz do queixoso um inimigo.

Conduta com a concubina

Se tomares uma mulher como concubina, alegre e conhecida pelos de sua cidade, ela está duplamente protegida na lei. Sê bom para ela durante algum tempo, não a repilas, deixe-a comer à vontade. Uma mulher alegre distribui felicidade.

Epílogo

Se ouviste o que eu te disse, tua situação será eminente. Em sua verdade reside o seu valor, e sua memória não perecerá na boca dos homens devido à excelência de suas máximas. Cada palavra delas continuará sem perecer nesta terra pela eternidade-*djet*. Se o conselho for dado para o bem, o grande falará de acordo com ele. É o que ensinará um homem ao falar para a posteridade, tornando-se uma autoridade que é ouvida. É bom falar para a posteridade, ela dará ouvidos a isso.

Se o bom exemplo for dado por aquele que dirige, este será conhecido pela eternidade-*neheh* e sua sapiência perdurará pela eternidade-*djet*. O sábio nutre seu *ba* com a boa sorte e assim é feliz com ele na terra. O sábio é conhecido por sua sapiência, o grande pelas boas ações. Seu coração concorda com a língua, seus lábios são francos quando ele fala, seus olhos vêem, seus ouvidos têm prazer em ouvir o que é bom para seu filho, e agindo com retidão está livre da mentira.

Ouvir é útil para o filho que escuta, quando aquilo que ouve penetra naquele que escuta: quem ouve se tornará um bom ouvinte que ouve bem e fala bem. Ouvir é bom para aquele que escuta. Ouvir é melhor que tudo mais que suscita a boa vontade. Como é bom quando um filho aceita as palavras de seu pai, pois chegará à velhice com elas!

Quem ouve é amado pelo deus, quem não ouve é odiado pelo deus. É o coração que faz seu dono ouvir ou não ouvir, pois a vida, a prosperidade e a saúde de um homem são o seu coração. Quem ouve é o que escuta o que se diz, quem gosta de ouvir faz o que é dito. Como é bom para um filho ouvir o seu pai, como ele é feliz, a quem se diz: “Este filho agrada porque sabe ouvir!” Quem ouve isto é sadio de corpo e distinguido por seu pai, sua lembrança permanecerá na boca dos vivos, tanto dos que estão agora na terra quanto dos que ainda virão.

Se o filho de um homem de categoria acolher as palavras de seu pai, nenhum plano seu falhará. Ensina teu filho a ouvir e ele será estimado entre os grandes. Aquele que guia suas palavras pelo que lhe foi dito será tido como um que sabe ouvir, um filho que se sobressairá e cujos feitos se destacarão, enquanto o fracasso segue

aquele que não ouve. O homem sábio levanta-se cedo para fortalecer sua posição, enquanto o tolo apenas segue os outros.

Insensato é aquele que não escuta, ele nada pode fazer. Vê conhecimento como ignorância e proveito como prejudicial. Faz tudo que se condena e por isso é censurado todo dia. Vive do que os outros fazem e seu alimento é falar mal. Seu caráter é comentado entre os grandes, que dizem: “É um morto vivo que anda por aí todo dia”. Todos passam por cima do que faz devido às suas inúmeras confusões todo dia.

Um filho que ouve é um seguidor de Hórus, tudo de bom lhe sucede porque ele escutou. Ao chegar à velhice tornar-se-á um *imaklu*, falará da mesma forma a seus filhos, renovando o ensinamento de seu pai. Todo homem ensina como age e falará a seus filhos o que eles dirão a seus próprios filhos. Dá o exemplo, não cometas faltas, faze com que a justiça permaneça firme e teus filhos viverão. Se o primogênito causar um dano, quando virem isso as pessoas dirão: “Este é como ele”. E dirão sobre o filho que ouve: “Este é como ele” também.

Ver cada um é satisfazer a muitos, as riquezas não são obtidas sem eles. Não te apoderes de uma palavra para repeti-la, não ponhas uma coisa no lugar de outra. Guarda-te de te enredares por ti mesmo, não fales demais, aprende a conhecer. Escuta, se desejas ficar na boca dos que ouvem, só fales depois de teres dominado a arte da palavra! Se falares com bom resultado, todos os teus planos serão como devem.

Oculta teu coração, controla tua boca e teu conselho será ouvido pelos grandes. Sê inteiramente correto ante o teu senhor, age de modo a que se diga a ele: “Este é filho de fulano”, e os que ouvirem isso exclamem: “Louvado seja aquele de quem ele nasceu!” Sê cauteloso ao falares e só dirás coisas relevantes, e então os grandes que te ouvem exclamarão: “Como é bom o que vem de sua boca!” Age de modo a que teu senhor possa dizer de ti: “Como foi bom o ensinamento de seu pai! Ao sair dele, seu corpo, contou-lhe tudo o que estava na mente e ele faz ainda mais do que lhe foi dito”.

Eis que o bom filho, a dádiva do deus, faz mais do que lhe pede seu senhor, ele fará o certo, pois seu coração é reto. Ao me sucederes, sadio de corpo, o rei ficará satisfeito com tudo o que se fez. Que alcances muitos anos de vida! Não foi pouco o

que fiz na terra: tenho 110 anos de idade como dádiva do rei e com honrarias maiores do que as dos meus antepassados, distribuindo justiça para o rei até chegar ao estado de *imakhu*.

Colofão

Conclui-se esta cópia do começo ao fim, como estava escrito no rolo.

1.4- Ensinamentos de Amenemope

Prólogo

Começo dos ensinamentos para a vida, testemunho para a felicidade, todos os preceitos para relacionar-se com os mais velhos, para conduzir-se com os magistrados, saber como replicar ao que lhe é dito, responder a quem enviou uma mensagem, a fim de conduzi-lo pelos caminhos da vida, fazê-lo prosperar na terra, deixar seu coração entrar no santuário, desviá-lo do mal e salvá-lo da boca da turba para ser honrado na boca das pessoas de bem.

Escrito pelo supervisor dos campos, experiente em seu ofício, rebento de um escriba do Egito, supervisor dos cereais que controla a medida dos grãos e envia o imposto da colheita para seu senhor, que registra as ilhas e as terras novas no grande nome de Sua Majestade, que estabelece os marcos nos limites dos campos, que atua para o rei em sua listagem de impostos, que faz o arquivo de terras do Egito, o escriba que determina as oferendas para todos os deuses e dá arrendamento de terra às pessoas, o supervisor dos cereais e provedor dos alimentos, que supre os celeiros de grãos, o verdadeiramente sereno em Abido do nomo de Tis, o justo de voz em Akhmim, dono de uma tumba a oeste de Senu em Akhmim, possuidor de uma capela em Abido, Amenemope, filho de Ka-nakht, o justo de voz em Abido.

Para seu filho, o mais novo de seus filhos, o menor de sua família, consagrado a Min Ka-mutef, o encarregado de verter a água de Onófris, o que instala Hórus no trono de seu pai, o que guarda em seu augusto santuário, o que ------, guardião da mãe do deus, inspetor do gado negro no terraço de Min, o que protege Min em seu santuário. Hor-em-maã-kheru é seu verdadeiro nome, filho de um grande Akhmim e da tocadora de sistro de Shu e Tefnut, chefe das cantoras de Hórus, Ta-usert. Ele diz:

Capítulo I

Inclina teus ouvidos, ouve minhas palavras,
aplica teu coração em compreendê-las.
Bom é colocá-las em teu coração
e ruim para quem delas se descuida.
Que permaneçam no cofre do teu ventre
e possam ser aferrolhadas em teu coração.
Ao surgir um furacão de palavras,
serão um poste de ancoradouro para tua língua.
Se passares tua vida com elas em teu coração,
encontrarás o sucesso.
Acharás em minhas palavras um depósito para a vida
e tua existência prosperará na terra.

Capítulo 2

Guarda-te de roubar o miserável
e de oprimir o fraco de braço.
Não estendas tua mão contra a passagem de um velho
nem cortes a palavra de um ancião.
Que não sejas o enviado de uma mensagem danosa
nem gostes de quem a conduz.

Não injuries quem te ofendeu
nem retruques em teu próprio favor.
Aquele que praticou o mal, até as margens o desprezam
e sua enchente o arrastará.
O vento norte desce para acabar com sua hora
misturado com tempestade,
o trovão ribomba alto, os crocodilos se enfurecem,
e tu, homem inflamado, como ficas agora?
Ele brada, sua voz alcança o céu,
mas a Lua proclama seu crime.
Censuramos quem atravessa na barca o homem perverso,
pois não agimos como ele.
Ergue-o, dá-lhe tua mão,
abandona-o às mãos do deus,
enche sua barriga com teu próprio pão,
e assim possa ele sentar-se e chorar.
Outra boa coisa ao coração do deus
é deter-se antes de falar.

Capítulo 3

Não comeces uma rixa com um homem de fala inflamada
nem o provoques com palavras.
Sê cauteloso ante um oponente, cede ao que ataca,
reflete antes de falar.
Uma tempestade que irrompe como fogo na palha,
assim é o homem inflamado em sua hora.
Afasta-se dele, deixa-o sozinho,
o deus sabe como respondê-lo.
Se viveres com essas palavras em teu coração,
teus filhos as seguirão.

Capítulo 4

O homem inflamado em um templo
é como árvore que cresce na clareira:
só por breve tempo estende as raízes
e acaba como lenha
ou flutua longe de seu lugar
e o fogo é sua mortalha.
Mas o verdadeiramente sereno, que se conserva plácido,
é como uma árvore que cresce no prado:
floresce e duplica o que produz,
continuando diante do seu senhor.
Seu fruto é doce, sua sombra aprazível
e seu fim chega no jardim.

Capítulo 5

Não adulteres as rações do templo,
não sejas ganancioso e alcançarás grande fartura.
Não substituas um servente do deus
Para favorecer outro.
Não digas: “Hoje é como amanhã ”,
pois como hoje terminará?
Vem o amanhã e hoje é passado,
O fundo torna-se beira da água:
os crocodilos se mostram, os hipopótamos estão na margem,
os peixes aí apinham-se,
os chacais saciam-se, os pássaros estão em festa,
as redes de peixes são puxadas da água.
O homem sereno no templo exclama:
“Grande é a benevolência de Ra”

Une-te ao sereno, encontrarás vida
E tua existência será próspera na terra.

Capítulo 6

Não desloques os marcos dos limites dos campos
nem tires da posição a corda de medir.
Não ambiciones um lote de terra
nem invadas os limites da terra de uma viúva.
O sulco trilhado desgasta-se com o tempo
e quem o tapa no campo,
enganado por falsas promessas,
será apanhado pela força da Lua.
Identifica quem faz isso na terra,
ele é um opressor do fraco,
um inimigo determinado a destruir tua existência,
a vida é arrancada por seu olho.
Sua casa é uma ameaça à cidade,
seu celeiro será derrubado,
sua riqueza será tomada das mãos de seus filhos,
suas posses serão dadas a outro.
Guarda-te de derrubar os limites dos campos
para não seres arrebatado pelo medo.
Agrada-se o deus pela pujança do senhor
que determina os limites dos campos.
Aspira que tua existência seja justa,
respeita o Senhor de Tudo.
Não destruas o sulco de outro,
É melhor para ti conservá-lo em bom estado.
Ara teus campos e neles acharás o que necessitas,
terás o pão de teu próprio solo sulcado.

Melhor é uma medida a ti dada pelo deus
Do que cinco mil tomadas fraudulentamente:
elas não ficam nem um dia no depósito ou no celeiro,
não prestam para encher um bilha de cerveja,
um instante é sua permanência no celeiro,
ao romper a aurora sumiram de vista.
Melhor é a pobreza na mão do deus
do que a riqueza em um depósito;
melhor é o pão com o coração em paz
do que a riqueza com sobressalto.

Capítulo 7

Não lances teu coração em busca de riquezas,
pois nada ignoram Shay e Renenutet.
Não deixes teu coração vaguear,
pois todo homem tem a sua hora assinalada.
Não te extenues em busca do aumento de bens
Quando o que possuis te basta.
Se riquezas chegarem a ti pelo roubo,
não ficarão nem uma noite contigo:
ao romper a aurora não estarão em tua casa,
seu lugar pode ser visto, mas não elas,
a terra abriu sua boca, deu fim a elas, tragou-as,
arrastou-as para o Duat,
ou fizeram um buraco de seu próprio tamanho
e caíram no Duat,
ou ainda criaram asas como gansos
e voaram para o céu.
Não te regozijes com a riqueza ganha pelo roubo
nem te lamentes por seres pobre.

Se um arqueiro na vanguarda avançar demasiado,
seu pelotão o abandonará.
A barca do avarento é deixada na lama,
enquanto a do sereno navega com o vento.
Deves orar ao disco solar quando ele surge,
dizendo: “Dá-me prosperidade e força”:
ele suprirá o necessário à tua vida
e estarás à salvo do medo.

Capítulo 8

Exercita tua bondade com as pessoas
e serás saudado por todos:
bem-vindo é o *uraeus*,
mas cospe-se em Apófis.
Guarda tua língua das palavras maledicentes
E serás amado pelos outros,
Terás teu lugar na morada do deus
e participarás das oferendas de teu senhor.
Quando estiveres em estado de reverência, encoberto no esquife,
poderás salvar-te da cólera do deus.
Não brades que um homem cometeu crime
quando a causa de sua fuga ainda for desconhecida.
Ao ouvires algo bom ou mau,
faze-o fora de casa, onde o assunto não seja ouvido.
Põe o bom comentário em tua língua,
enquanto o mau deve ocultar-se me teu ventre.

Capítulo 9

Não confraternizes com o homem inflamado

nem dele te acerques para conversa.
Impede tua língua de inquirir teu superior
e guarda-te de insultá-lo.
Não o faças atirar palavras para te laçar
nem tampouco dês livre curso à tua resposta.
Discute apenas com um homem de teu próprio tamanho
mas guarda-te de ofendê-lo.
Mais rápida é a língua quando o coração está magoado
Do que o vento sobre a água.
Ele derruba ou constrói com sua língua
ao tornar difamatórias suas palavras,
ele dá uma resposta digna de uma surra,
pois seu significado é ofensivo,
ele arrasta a carga como todo mundo,
mas seu peso é a falsidade,
ele é o barqueiro de palavras enganosas,
vai e volta com intrigas.
Ao comer e beber do lado de dentro
sua acusação é ouvida do lado de fora.
O dia em que sua má ação o leva ao tribunal
é desventurado para seus filhos.
Só Chnum vem a ele,
só Chnum socorre o homem inflamado,
a fim de remodelar o coração faltoso.
Ele é como um lobo jovem no terreiro da fazenda,
volta um olho contra o outro,
leva irmãos a brigarem,
corre na frente de cada vento como as nuvens
e encobre o brilho do Sol,
sacode sua cauda como o filhote de crocodilo
e a levanta para atacar.

Seus lábios são doces, sua língua é amarga,
um fogo queima em seu ventre.
Não te lances a te juntar-te a tal pessoa,
para que um terror não te arrebate.

Capítulo 10

Não te obrigues a cumprimentar um homem inflamado,
pois assim afligirás teu próprio coração.
Não lhe digas: “Saudações !” , falsamente,
quando há medo em teu ventre.
Não converses fingidamente com um homem,
o deus abomina isso.
Não separes teu coração de tua língua,
para que teus planos sejam bem-sucedidos.
Sê firme diante dos outros
e estarás a salvo na mão do deus.
O deus odeia aquele que deturpa palavras,
ele abomina grandemente o dissimulado.

Capítulo 11

Não ambiciones os bens de um homem pobre
nem desejes o seu pão.
Os bens de um homem pobre são um nó na garganta,
provocam o vômito.
Aquele que obtém ganhos com juramentos falsos
tem o coração enganado pelo ventre.
Onde há trapaça o êxito é ineficaz,
o mau corrompe o bom.
Serás culpado perante teu superior

e tua explicação confusa.
Suas desculpas serão respondidas com uma reprimenda,
teu desalento com uma surra.
Engolirás e vomitarás o grande bocado de pão
e estarás vazio de tua aquisição.
Observa o opressor do pobre
quando o bastão o atinge:
toda sua gente está amarada em grilhões
e ele é conduzido ao verdugo.
Se fores dispensado por teu superior,
ficarás em má posição diante de teus subordinados.
Guia o homem pobre na estrada
e mantém-te afastado de suas coisas.

Capítulo 12

Não desejes a riqueza de um nobre
nem enchas tua boca com um grande bocado de pão.
Se ele mandar-te administrar suas propriedades,
respeita-o e as tuas prosperarão.
Não tenhas relações com um homem inflamado
Nem te associes a um homem desleal.
Se fores mandado a transportar algo de pouco valor,
fica afastado de seu embrulho.
Se um homem for apanhado num ato desonesto,
não será mandado em outra ocasião.

Capítulo 13

Não ludibries um homem com o que escreves no papiro,
o deus o abomina.

Não prestes testemunho com palavras falsas
para afastares um homem com tua língua.
Não tributes um homem que nada tem,
e assim mentir com tua pena.
Se descobrires uma grande dívida de um homem pobre,
divide-a em três partes,
perdoa duas e deixa uma mantida:
assim encontrarás um conduta de vida,
e após dormires, ao te levantares de manhã,
terás boas notícias.
Melhor é o louvor com o apreço dos homens
do que a riqueza no depósito.
Melhor é o pão com o coração tranqüilo
do que a riqueza com sobressalto.

Capítulo 14

Não cortejes um homem
nem te empenhes em buscar sua mão.
Se ele te disser: “Toma um suborno”,
é razão para acautelar-te .
Não olhes com indiferença para ele, nem curves tua mão
ou desvies teu olhar;
dirige-te a ele com tua boca e saúda-o,
e então ele desistirá e serás bem-sucedido.
Não o repilas à sua chegada,
da próxima vez ele se afastará.

Capítulo 15

Faze o bem e prosperarás,

não mergulhes tua pena para prejudicar um homem.
O dedo do escriba é o bico do Íbis,
guarda-te de embaraçá-lo.
O Macaco mora no templo de Hermópolis
e seu olho abarca as Duas Terras:
ao ver que alguém trapaceia com seu dedo,
arrasta suas provisões na enchente.
O escriba que trapaceia com seu dedo
não terás seu filho inscrito.
Se elevares tua vida com estas palavras em teu coração,
teus filhos as seguirão.

Capítulo 16

Não movas as escalas nem falsifiques os pesos
ou diminuas as frações da medida.
Não queiras para o grão uma medida dos campos,
e assim desprezares a do Tesouro.
O Macaco posta-se junto a balança
e seu coração está no prumo.
Que deus é tão grande como Tot,
que concebeu estas coisas e as fez?
Não fabriques pesos deficientes,
eles trazem desgraça pela vontade do deus.
Se vires alguém trapacear,
mantém distância dele.
Não cobices cobre,
desdenha as roupas finas:
que bem faz vestir-se com refinamento,
se ele trapaceia diante do deus?
A faiança finge ser ouro,

Mas vem o dia e o ouro volta a predominar.

Capítulo 17

Guarda-te de alterar a medida,
assim como de falsificar suas frações.
Não a forces para transbordar
nem deixes seu bojo vazio.
Mede conforme seu verdadeiro tamanho,
Com tua mão despejando com exatidão.
Não faças um alqueire com duas vezes seu tamanho,
pois assim tomarás o rumo do abismo.
O alqueire é o olho de Ra,
ele abomina aquele que o altera.
O medidor que se entrega à trapaça
terá a sentença selada contra ele pelo olho de Ra.
Não aceites as dívidas de um camponês
e depois taxá-lo, a fim de prejudicá-lo.
Não confabules com o medidor
para defraudar a quota da Residência.
Maior é a pujança da eira
do que um juramento pelo grande trono.

Capítulo 18

Não te deites com medo do amanhã,
pois ao raiar o dia como será amanhã?
O homem não sabe como será o amanhã.
O deus sempre está em seu sucesso,
o homem em seu fracasso.
Uma coisa são as palavras ditas pelo homem,

outra as ações do deus.
Não afirmes: “Eu nunca transgredi”,
e então buscares uma rixa.
A transgressão só ao deus compete,
ele sela a sentença com seu dedo.
Não há sucesso diante do deus,
mas não há fracasso diante dele.
Se alguém almeja sucesso,
num instante ele o prejudicará.
Mantém firme teu coração, resoluto teu coração,
não induzas com tua língua.
Se a língua de um homem é o leme de um barco,
O Senhor de Tudo é seu piloto.

Capítulo 19

Não vás ao tribunal, diante de um magistrado,
para mentir com tuas palavras.
Não vaciles em tuas respostas
quando teu testemunho acusar.
Não exageres em juramentos por teu senhor
com discursos na audiência:
conta a verdade diante do magistrado
para que ele não deite a mão em ti.
Se uma outra vez estiveres diante dele,
Inclinar-se-á a tudo o que dizes:
ele relatará a tua exposição ao Conselho dos Trinta
e será clemente em outra ocasião.

Capítulo 20

Não confundas um homem no tribunal,
de modo a pôr de lado quem está certo .
Não te inclines apenas ao homem bem vestido
nem repilas o que está em trapos.
Não aceites o presente de um homem poderoso
e despojes o fraco por sua causa.
Maat é uma grande dádiva do deus
E é dada a quem ele quiser.
A força de alguém como ele
salva o pobre de quem o atormenta.
Não forjes documentos,
pois são um motivo para a morte,
conforme o grande juramento que restringe o mau uso do cargo
e são investigados por um acusador
Não forjes oráculos nos rolos
e assim perturbar os desígnios do deus.
Não uses em teu benefício a força do deus,
como se não houvesse Shay e Renenutet.
Entrega a propriedade a seus donos
e assim buscarás vida para ti mesmo.
Não despertes teu desejo em casa alheia,
ou teu pescoço será dado ao cepo de execução.

Capítulo 21

Não digas: “Encontrei um superior forte
e agora posso desacatar um homem em minha cidade”.
Não digas: “Encontrei um protetor
ë agora posso desacatar quem odeio”.

Na verdade não conheces os desígnios do deus
e não podes lastimar pelo amanhã.
Confia-te às mãos do deus
e teu silêncio os derrotará.
O crocodilo que não faz ruído,
o pavor que se tem dele é antigo.
Não desabafes teu ventre a todo mundo
e assim perderes teu respeito.
Não espalhes tuas palavras a qualquer um
nem te juntes a quem abre seu coração.
Melhor é o homem cuja palavra permanece no ventre,
do que aquele que fala para causar dano.
Não se deve correr em busca do sucesso,
Mas não se deve induzir seu próprio prejuízo.

Capítulo 22

Não provoques teu adversário
para fazê-lo dizer o que pensa.
Não corras a cumprimentá-lo
quando não conheces suas ações.
Primeiro compreende sua acusação,
Depois mantém-te calado e serás bem sucedido.
Deixe-o esvaziar seu ventre,
o sono dirá como desmascará-lo.
Agarra suas pernas, não o ofendas,
desconfia dele, não o subestimes.
Na verdade não conheces os desígnios do deus
e não pode lastimar-te pelo amanhã.
Confia-te às mãos do deus
e teu silêncio os derrotará.

Capítulo 23

Não comas em presença de um superior
Nem te ponhas a falar antes dele.
Se ficares satisfeito em fingir mastigar,
contenta-te com tua saliva.
Vê o copo que está diante de ti
e que ele sirva apenas ao que precisas.
Um superior é notável em sua ocupação,
como uma fonte é abundante ao trazer água.

Capítulo 24

Não ouças a resposta de um superior em tua casa,
para repeti-las a outrem do lado de fora.
Não deixes que tua palavra seja levada para o lado de fora,
para que teu coração não seja magoado.
O coração do homem é uma dádiva do deus,
guarda-te de descuidá-lo.
O homem ao lado de um superior
corre o risco de seu nome não ser conhecido.

Capítulo 25

Não zombes de um cego
nem ridicularizes um anão
ou causes apuro a um coxo.
Não escarneças de um homem que está na mão do deus
nem te irrites com seus erros.
O homem é lama e palha,
o deus é seu oleiro.

Ele demole e constrói todo dia,
torna pobre mil homens à sua vontade
ou transforma em chefes mil homens
quando está em sua hora de vida.
Feliz é aquele que alcança o Ocidente,
quando fica a salvo na mão do deus.

Capítulo 26

Não te sentes numa taverna
para te juntares a um maior do que tu,
seja ele alto ou baixo em seu posto,
velho ou jovem.
Toma como amigo um homem de tua própria categoria
e Ra será prestimoso mesmo de longe.
Se vires um maior do que tu na rua,
anda atrás dele respeitosamente.
Dá a mão ao mais velho cheio de cerveja,
respeita-o como fariam seus filhos.
O braço não se enfraquece ao saudar,
as costas não se quebram ao se curvarem.
Melhor é o pobre que fala com suavidade
do que o rico que fala com aspereza.
O piloto que vê longe
não deixa sua barca soçobrar.

Capítulo 27

Não insultes alguém mais velho que tu,
pois ele viu Ra antes de ti.
Que ele não fale mal de ti ao Sol nascente,

Dizendo: “Um jovem insultou um velho”.
É muito penoso aos olhos de Ra
quando um jovem insulta um mais velho.
Deixa-o bater-te e conserva tua mão em teu peito,
deixa-o descompor-se e permanece em silêncio.
Se no dia seguinte estiveres diante dele,
dar-te-á abundante comida.
A comida de um cão vem de seu senhor,
ele late feliz a quem lhe dá.

Capítulo 28

Não te lances contra uma viúva ao surpreendê-la nos campos,
não deixes de ser condescendente com sua resposta.
Não recuses teu vaso de óleo a um estrangeiro,
que ele se duplique para teus irmãos.
O deus gosta de quem respeita o pobre,
mais do que de quem idolatra o poderoso.

Capítulo 29

Não impeças as pessoas de atravessarem o rio
se tens cabine em tua barca.
Quando te derem um remo nomeio da água profunda,
estende teus braços e pega-o,
mas não é crime ante o deus
se o passageiro não o aceitar.
Não adquiras uma barca no rio
e esforçar-te em buscar passagens.
Toma a passagem de quem é rico
e deixa passar quem é pobre.

Capítulo 30

Considera esses trinta capítulos,
eles informam, eles instruem,
são o melhor de todos os livros,
fazem o ignorante conhecer.
Se forem lidos por um ignorante,
Será purificado por eles.
Satisfaz-te com eles, pondo-os em teu coração,
E sê um homem que possa interpretá-los,
aquele que os interpreta como um mestre.
O escriba perito em seu ofício
considera-se digno de ser um cortesão.

Colofão

O texto chegou a seu fim
na escrita de Senu, filho do pai do deus Pa-mil.

1.5- Ensinamentos do rei Amenemhat I

Começo dos ensinamentos feitos pela majestade do rei do Alto e do Baixo Egito, Sehetep-ib-Rã, Amenemhat, o justo de voz, tal como ele falou ao revelar a verdade ao seu filho, o Senhor de Tudo. Ele disse:

Cuidado contra as conspirações

Ascende como um deus, ouve o que tenho a dizer-te para que possas ser rei do país, governar as Duas Margens e aumentar o bem-estar do reino. Guarda-te dos subalternos, pois não se está ciente dos que conspiram. Não te aproximes deles quando estiveres sozinho. Não confies em irmão, não conheças amigo e não faças

ninguém íntimo de ti, pois não há proveito nisso. Ao dormires, que teu próprio coração te proteja, pois nenhum homem tem amigos no dia da adversidade.

Traição dos súditos

Eu dei ao mendigo, criei o órfão, dei prosperidade ao pobre e ao rico, mas aquele que comia o meu pão levantou-se contra mim, aquele a quem dei a mão aproveitou-se disso para conspirar. Os que se vestiam com meu linho fino olhavam para mim como se fossem necessitados, os que se perfumavam com minha mirra urinavam enquanto a usavam.

Meus pares vivos, meus iguais entre os homens, fazei lamentos fúnebres por mim não ouvidos antes, por um grande combate jamais visto antes! A boa fortuna não acompanha os que lutam no campo de batalha esquecidos do passado, pois ignoram o que deveriam saber.

Relato de um atentado

Foi depois do jantar, ao cair da noite. Recolhia-me para um momento de repouso, deitado em minha cama, pois estava cansado. Meu coração começava a seguir-me no sono quando armas destinadas à minha proteção voltaram-se contra mim, enquanto eu estava desprotegido como uma cobra no deserto. Acordei para a luta, e descobri que havia uma peleja com a guarda. Apanhei rapidamente armas em minhas mãos e pretendia fazer com que os covardes recuassem às pressas, mas não havia protetor à noite e não se pode lutar sozinho, não se vence sem alguém que ajude.

Eis que a agressão aconteceu quando eu estava sem ti, antes de o meu séquito ouvir que eu colocara a mão sobre ti, antes de eu sentar-me contigo e poder advertir-te. De fato eu não estava preparado para isso, não esperava isso, não previra a negligência dos criados. Alguma mulher já conduziu tropas? Os rebeldes vivem no palácio? Libera-se a água que destrói o solo e priva os homens de sua colheita?

Feitos do faraó

Nenhum mal sucedeu-me desde meu nascimento, ninguém igualou-se a mim em bravura. Fui até Elefantina e voltei ao Delta, segui esse rumo pelas margens do país e observei seu interior. Cheguei às fronteiras das fortalezas por minha força e meus feitos. Fui eu quem fez a cevada, o amado de Népri, e Hãpy honrou-me em cada campo. Ninguém passou fome em meus anos de reinado, ninguém teve sede, os homens sentavam-se em sossego e conversavam sobre mim, pois determinei a cada um o seu lugar. Dominei leões, capturei crocodilos, dominei os habitantes de Uauat, trouxe presos os *medjai*, fiz os asiáticos andarem submissos como cães.

Construi para mim um palácio adornado de ouro, com seu forro de lápis-lazúli, paredes de prata, soalhos de acácia, portas de cobre, ferrolhos de bronze, feito para eternidade-*neheh*, preparado para a eternidade-*djet*: sei disso porque sou o seu senhor.

O reino para Senuosret I

Eis que os filhos de muitos estão pelas ruas. O sábio diz “sim, é assim”, o néscio diz “não, não é ” , pois ele nada sabe sem a presença de tua face. Senuosret, meu filho, meus pés partem, mas estás em meu coração, meus olhos te contemplam. As crianças viverão um tempo de alegria ao lado do povo que te aclama.

Eis que fiz o começo e ajunto para ti o fim. Ofereço-te o porto que está em meu coração. Exibirás a coroa branca de um filho do deus, tudo está em seu lugar, atribuído a ti por mim. O jubilo está na barca de Rã porque o reino é novamente o que foi no começo. Não ajas em meu benefício por descaminhos, e sim erige teus monumentos, guarnece o caminho de teu sepultamento. Que te batas pela sabedoria daquele que tem o coração sapiente, pois apreciarás tê-lo ao lado de tua majestade.

Colofão

Concluiu-se esta cópia adequadamente, do começo ao fim, como estava escrito.

2- Narrativas:

2.1- As aventuras de Sanehet

O príncipe, comandante, dignitário, administrador dos domínios do soberano nas terras dos asiáticos, o conhecido do Rei verdadeiramente amado por ele, o companheiro real Sanehet – ele diz:

Eu era um companheiro real que seguia o seu Senhor, servidor do harém real e da princesa, a grandemente louvada esposa do rei Senuosret em Khenemetsut, a filha do rei Amenemhat em Kaneferu - Noferu, possuidora de veneração.

Ano 30, terceiro mês da inundação, dia 7: o deus ascendeu ao seu horizonte, o Rei do Alto e Baixo Egito Sehetepibra. Ele voou para o céu e uniu-se ao disco solar: o corpo divino misturou-se com aquele que o fez. A residência estava em silêncio, os corações de luto, os grandes portais duplos fechados, a corte com a cabeça sobre os joelhos, os nobres gemendo. Entretanto, Sua Majestade despachara um expedição militar à terra dos líbios, com o seu filho mais velho em seu comando, o deus bom Senuosret. Ele fora enviado para golpear as terras estrangeiras e para massacrar os que estavam entre os líbios. E agora ele estava voltando, trazendo prisioneiros dentre os líbios e muito gado de todo tipo. Os amigos reais do palácio enviaram mensageiros à fronteira ocidental para fazer saber ao filho do rei os eventos ocorridos na sala de audiências. Os mensageiros o acharam na estrada, chegando até ele à noite. Ele nem por um momento se atrasou. O falcão voou com seus companheiros, sem o dar a saber ao seu exército.

Mensageiros, no entanto, haviam sido despachados também aos príncipes reais que estavam com ele naquele exército. Um deles foi chamado quando eu estava por lá. Eu ouvi a sua voz enquanto ele falava, pois eu estava a pouca distância. Meu coração perturbou-se, meus braços se separaram do corpo, um tremor caiu sobre todos os meus membros. Afastei-me aos pulos para procurar um esconderijo para mim; pus-me entre dois arbustos para deixar o caminho ao seu viajante. Eu me dirigi

ao sul. Eu não planejava atingir a Residência. Eu previa que haveria tumulto e não pensava sobreviver-lhe (= sobreviver ao rei). Eu atravessei Maaty, próximo ao Sicômoro, chegando à ilha de Snefru. Passei lá o dia, no limite da terra cultivada. Parti ao amanhecer. Encontrei um homem de pé no caminho. Ele me saudou respeitosamente, pois teve medo. Na hora da refeição noturna eu cheguei ao cais de Negau.

Eu atravessei o Nilo num barco sem leme, graças ao vento do oeste. Passei a leste da pedreira, acima de Nebetdjudesher (= "A Senhora da Montanha Vermelha"). Encaminhei-me para o norte e atingi os Muros do Príncipe, que foram feitos para repelir os asiáticos e esmagar os beduínos. Eu me pus agachei num arbusto com medo de que me vissem os guardas em cima do muro – aquele dentre eles que estivesse de sentinela. Pus-me em movimento à noite. Atingi Peten ao alvorecer. Detive-me na ilha de Kemur. Um ataque de sede me atingiu: eu estava abrasado de sede e minha garganta estava ressecada. Eu disse a mim mesmo: "Este é o gosto da morte!"

Eu porém levantei o meu coração, reuni os meus membros, quando ouvi o som do balir de um rebanho e vislumbrei asiáticos. Reconheceu-me um chefe beduíno que estava lá e que no passado fora ao Egito. Ele então me deu água e ferveu leite para mim. Eu fui com ele à sua tribo. Foi bom o que eles fizeram por mim.

Um país me deu a um outro país. Eu parti para Biblos e voltei para Kedemi, onde passei um ano e meio. Foi ali buscar-me Ammunenshi, o governante do Retenu Superior. Ele me disse:

- Estarás bem comigo, pois ouvirás a língua do Egito.

Ele dizia isto porque conhecia meu caráter e tinha ouvido falar de minha sabedoria. Haviam testemunhado a meu respeito umas pessoas do Egito que estavam com ele. Ele me disse:

- Porque vieste aqui? Acaso aconteceu alguma coisa na Residência?

Eu lhe disse:

- O Rei do Alto e Baixo Egito Sehetepibra partiu para o horizonte. Não se sabe o que pode acontecer devido a isso.

Continuei então a falar, disfarçando a verdade:

- Quando eu voltei da expedição militar à terra dos líbios, anunciaram-me isso. Meu coração desfaleceu: era como se ele não estivesse em meu corpo. Ele arrastou-me ao caminho da fuga, embora nada tivesse sido dito contra mim; ninguém me cuspiu no rosto, não se ouviu qualquer censura, meu nome não foi ouvido na boca do arauto. Eu não sei o que me trouxe a esta país estrangeiro. Foi como o desígnio de um deus, como se um homem do Delta se visse em Elefantine ou um homem do pântano na Núbia.

Então ele então me disse:

Como, pois, ficará aquela terra (= o Egito) sem ele, aquele deus eficiente, cujo temor estava difundido nos países estrangeiros como o temor de Sekhmet num ano de peste?

Eu lhe disse em resposta:

- Seguramente o seu filho entrou no palácio e tomou posse da herança do seu pai:

Ele é um deus sem par: nenhum outro veio à existência antes dele.

Ele é um possuidor de sabedoria, hábil nos planos, eficiente nas ordens.
O ir e o vir ocorrem por comando seu.

Ele era que submetia os países estrangeiros enquanto o seu pai permanecia em seu palácio: ele lhe prestava contas do que aquele lhe ordenava fosse feito.

Ele é um campeão que age com seu forte braço, um guerreiro sem rival quando é visto atacando os estrangeiros e aproximando-se para o combate.

Ele é um torcedor de chifres que torna fracas as mãos, os seus inimigos não conseguem cerrar fileiras.

Ele é vingativo ao rachar crânios: ninguém consegue permanecer de pé perto dele.

Seu passo é largo ao destruir o fugitivo: não há recuo para quem lhe dá as costas na fuga.

Ele é firme no momento de atacar: ele é o que faz bater em retirada mas não se retira.

De coração forte ao ver uma multidão, ele não deixa a indolência tomar conta de seu coração.

Ousado quando vê os orientais, ele se alegra ao saquear os asiáticos.

Ele toma o seu escudo, esmaga sob os pés e não precisa repetir a sua matança.

Ninguém pode desviar-se de suas flechas nem vergar o seu arco: os arqueiros estrangeiros recuam diante dele como do poder da Grande Deusa. (= a cobra que se levanta na fronte do rei).

Ele combate tendo previsto o resultado, sem se preocupar com o resto.

Senhor da graça, grande em bondade, ele conquistou por meio do amor.

A sua cidade o ama mais do que a si mesma (= ao seu corpo), ela se alegra por causa dele mais do que pelo seu deus.

Varões e mulheres rivalizam passam em aclamá-lo, agora que ele é rei. Ele conquistava ainda no ovo, seu rosto estando voltado para isto desde que nasceu.

Seus contemporâneos viram-se enriquecidos, pois ele é alguém dado por um deus.

Quão feliz é a terra que ele governa!

Ele é aquele que expande as fronteiras: ele conquistará as terras meridionais, e nem cogitará acerca dos países estrangeiros setentrionais, pois ele foi feito para golpear os asiáticos e espezinhar os beduínos.

Envia-lhe uma mensagem, faze com que conheça teu nome como daquele que, de longe, dirige-se indaga a Sua Majestade. Ele não deixará de fazer o bem ao país estrangeiro que lhe for fiel que estiver sobre sua água.

Ele (=Ammunenshi) me disse:

- Pois bem, sem dúvida o Egito é feliz, sabendo que ele prospera. Eis que tu estás aqui: ficarás comigo; e será bom o que farei por ti.

Ele me pôs adiante até de seus próprios filhos. Casou-me com sua filha mais velha. Fez com que eu escolhesse para mim uma parte de seu país, do melhor do que possuía junto à fronteira de um outro país estrangeiro.

Era uma boa terra, sendo Iaa o seu nome. Havia nela figos e uvas. O seu vinho era mais copioso do que a água. Era muito o seu mel e abundante seu azeite. Havia de todas as frutas em suas árvores. Havia lá cevada e trigo (*emmer*). O gado de todo tipo não tinha limite. Outrossim, muito me foi acrescentado como resultado do seu

amor por mim. Ele me fez chefe de uma tribo, das melhores de sua terra. Davam-se-me pães diariamente, vinho como o que me era devido cada dia, carne cozida e ave como assado, além de gado menor do deserto. Caçava-se para mim, pondo à minha frente, além da comida ordinária, o produto da caça dos meus cães. Eram-me preparadas iguarias numerosas; havia leite em tudo que era cozinhado.

Assim, passei muitos anos. Meus filhos se transformaram em homens fortes, cada varão controlando a sua própria tribo. O mensageiro que viajava para o norte ou para o sul, em direção à Residência – demorava-se comigo, pois eu dava hospitalidade a todas as pessoas do Egito. Eu dava água ao sedento, punha o extraviado no caminho certo e salvava o que era roubado.

Quando os asiáticos ficaram hostis opondo-se aos governantes beduínos, eu impedi os seus movimentos. Aquele governante do Retenu fez-me passar muitos anos como comandante do seu exército. Cada região contra a qual eu avançava, quando eu tivesse feito um ataque contra ela, era expelida de seus pastos e de seus poços. Eu saqueava o seu gado, levava os seus habitantes e carregava as suas provisões. Eu massacrava as pessoas de lá por meio do meu braço, do meu arco, de minhas marchas e de meus excelentes planos. Seu coração era-me favorável. Ele gostava de mim porque sabia que eu era corajoso. Ele me pôs adiante até de seus próprios filhos, pois vira quão fortes eram os meus braços.

Um homem forte de Retenu veio desafiar-me em minha tenda: era um herói sem igual e havia dominado o Retenu inteiro. Ele disse que lutaria comigo. Tencionava bater-me e planejava saquear o meu gado a conselho de sua tribo. Aquele governante (= Ammunenshi) conferenciou comigo a respeito. Eu disse:

Eu não o conheço, nem sou um companheiro seu que tenha livre acesso ao seu acampamento, por certo. Acaso abri alguma vez a sua porta ou invadi a sua cerca? Trata-se de má vontade, pois ele me vê executando tuas ordens. Na verdade, eu sou como o touro de um rebanho no meio de um outro rebanho: o touro do outro rebanho o ataca, mas o touro de longos chifres se engalfinha com ele. Haverá um inferior que seja amado na qualidade de chefe? Nenhum estrangeiro se associa a um homem do Delta. O que poderia fixar um papiro a uma montanha? Se há um touro que ama o combate, um touro campeão vai querer dar lhe as costas repetidamente de

medo que aquele o iguale? Se o seu desejo é o combate, que ele expresse a sua vontade! Será que algum deus ignora o que lhe está destinado, ou sabe como são as coisas de fato?

Eu passei a noite vergando o meu arco, atirando minhas flechas, desembainhando a minha adaga, polindo as minhas armas. Quando amanheceu, o Retenu já tinha vindo. Ele havia incitado as suas tribos, reunindo os países de uma metade de si; ele só pensava neste combate.

Ele (= o homem forte de Retenu) veio em minha direção. Eu fiquei firme, tendo-me colocado perto dele. Todos os corações queimavam por mim. As mulheres e mesmo os varões tagarelavam. Todos os corações doíam por mim. Eles diziam:

Haverá um outro homem forte que possa lutar contra ele? Então o seu escudo o seu machado e o seu punhado de lanças de arremesso caíram, após eu ter escapado às suas armas e feito passar por mim em vão as suas flechas. Um se aproximou do outro. Ele proferiu um grito como se pretendesse golpear-me e aproximou-se de mim. Eu atirei nele: minha flecha cravou-se no seu pescoço. Ele gritou e caiu sobre o seu nariz. Eu o abati com o seu próprio machado e bradei o meu grito de guerra sobre suas costas.

Todos os asiáticos gritavam. Eu fiz uma ação de graças a Montu. Os seus servidores carpiam-no. Aquele governante, Ammunenshi, abraçou-me. Então eu levei os seus bens (= os bens do vencido), saqueei o seu gado; aquilo que ele planejara fazer contra mim, eu o fiz contra ele. Eu carreguei o que estava em sua tenda, despojei o seu acampamento. Assim eu me tornei importante, amplo em minhas riquezas, rico em meus rebanhos.

Um deus, então, agiu para ser misericordioso para com o qual se encolerizara, com o que extraviara em direção a outra terra. Pois hoje o seu coração está apaziguado.

> Um fugitivo fugiu de seu ambiente; mas o meu renome permanece no país natal.
> Um homem se arrastava devido à fome; mas eu dou pão a meu vizinho.
> Um homem deixou, nu a sua terra: mas eu tenho roupas brancas e tecido fino.

> Um homem correu por falta de alguém que pudesse enviar; mas eu tenho muitos servidores.
> Minha casa é bela, amplo é o meu lugar de residência; mas os meus pensamentos estão no palácio!

Ó aquele dos deuses que ordenou aquela fuga: sê misericordioso e leva-me de volta à terra natal! Certamente tu deixarás que eu reveja o lugar onde reside o meu coração! O que é mais importante do que ser enterrado o meu corpo na terra onde nasci? Vem ajudar-me! O que já aconteceu foi bom: o deus me foi propício. Que ele aja em forma similar para melhorar o fim daquele que ele afligiu; e que doe o seu coração por aquele que ele expulsou para que viesse numa terra estrangeira. Se ele hoje estiver apaziguado, que ele ouça a oração daquele que está longe. Que ele faça voltar aquele que ele fez percorrer a terra ao lugar de onde o trouxe! Que o rei do Egito tenha misericórdia de mim, que eu viva por sua misericórdia! Possa eu saudar a senhora da terra (= a rainha) que está em seu palácio! Que eu ouça as ordens de seus filhos! Quisera que meu corpo rejuvenescesse: pois a velhice chegou. A fraqueza caiu sobre mim: meus olhos pesam, meus braços estão débeis, meus pés falham ao caminhar, meu coração está cansado. A morte aproxima-se de mim: que me conduzam à necrópole! Que eu sirva à senhora de tudo (= a rainha), para que ela diga algo bom a meu respeito aos seus filhos. Possa ela passar a eternidade sobre mim! Pois bem, quando se falou à Majestade do Rei do Alto e Baixo Egito Kheperkara, justificado, acerca daquela situação em que me encontrava, Sua Majestade enviou-me uma mensagem acompanhada de presentes reais, alegrando o coração deste humilde servidor como se eu fosse o governante de algum país estrangeiro. Os filhos do rei que estavam em seu palácio mandaram-me suas mensagens para que eu as ouvisse. Cópia do decreto trazido a este humilde servidor acerca de sua volta para o Egito:

"O Hórus, Ankhmesut: as Duas Senhoras, Ankhmesut; o Rei do Alto e Baixo Egito, Kheperkara; o filho de Ra, Senuosret – que ele viva para sempre, pela eternidade! Decreto real para o companheiro real Sanehet. Este decreto do rei te é trazido para deixar que saibas que o fato de dares a volta aos países estrangeiros, indo de Kedemi a Retenu, uma terra dando-te a outra, foi o que te aconselhou o teu próprio coração. O que fizeste para que se agisse contra ti? Não blasfemaste de modo

a que tuas palavras fossem reprovadas. Nada disseste no conselho dos notáveis para que houvesse oposição à tua fala. Aquele desígnio tomou conta de teu coração: ele não estava em meu coração contra ti. Este teu céu (= a rainha) que está no palácio vive e prospera hoje: a sua cabeça está adornada com a realeza desta terra e os seus filhos estão na sala de audiências. Acumularás as riquezas que eles te darão, viverás em meio aos seus presentes. Volta para o Egito! Revê a Residência, onde nasceste! Beija a terra junto aos duplos grandes portais! Mistura-te aos amigos reais!

Hoje na verdade começaste a envelhecer, perdeste a virilidade. Pensa no dia do funeral, de passar ao estado de um morto venerável. A noite será preparada para ti com ungüentos e ataduras vindas das mãos de Tayt. Será feita para ti uma procissão funerária no dia do enterro. O sarcófago será coberto de ouro, com a cabeça trabalhada em lápis-lazúli. O céu estará sobre ti quando te puserem no sarcófago exterior. Os bois te arrastarão, os cantores te precederão. Dançar-se-á a dança funerária diante da entrada de tua tumba: ler-se-á para ti a lista de oferendas; sacrificar-se-á diante de tua mesa de oferendas. Os pilares de tua tumba, feitos de pedra branca, estarão entre os dos príncipes reais. Não morrerás num país estrangeiro. Não serás enterrado por asiáticos. Não serás depositado numa pele de carneiro, ao ser feito teu túmulo. Já basta de percorrer a Terra! Pensa em teu cadáver e volta!".

Este decreto chegou-me quando eu estava de pé no meio da minha tribo. Quando foi lido para mim, eu me pus de bruços. Tendo tocado o pó, eu o espalhei sobre meu peito. Corri em volta do meu acampamento, gritando de alegria, dizendo:

- Como pôde ser feita tal coisa por um servidor cujo coração o extraviou em direção a países estranhos? Na verdade, excelente é a benevolência que me salva da morte! O teu *ka* (= o duplo espiritual do rei, sua essência) permitirá que eu atinja o fim estando o meu corpo no país natal!

Cópia da resposta àquele decreto:

"O servidor do palácio, Sanehet - ele diz: Em excelente paz!

A respeito daquela fuga que fez este humilde servidor em sua ignorância.

É o teu *ka*, ó deus bom, Senhor das Duas Terras, aquele que é amado por Ra e favorecido por Montu, senhor de Tebas, Amon, senhor de Tronos das Duas Terras (=

Karnak), Sebek-Ra, Hórus, Hathor, Atum com sua anéada divina, Sopdu-Neferbau-Semseru (o Hórus oriental), a senhora de Yemet – que ela proteja a tua cabeça - o Conselho principal da irrigação, Min-Hórus que está em meio às colinas, Ureret, a senhora de Punt, Nut, Haroéris-Ra e todos os deuses do Egito e das ilhas do mar. Que eles concedam vida e prosperidade a tuas narinas, e te enriqueçam com os seus dons. Que eles te concedam a eternidade sem limite, para sempre, sem fim. Que o medo de ti se mantenha nas terras baixas e altas, pois tu subjugaste tudo o que o disco solar compreende! Eis a oração deste humilde servidor para o seu senhor salvo que foi do Oeste (= da morte).

O senhor do conhecimento, que conhece as pessoas, percebeu na majestade do palácio que este humilde servidor tinha medo de falar isto. Trata-se de algo grande demais para repeti-lo. O grande deus, igual a Ra (= o faraó), conhece a mente daquele que trabalha para ele próprio. Este humilde servidor está nas mãos daquele que pensa a seu respeito, está sob seu desígnio.

Tua majestade é o Hórus conquistador cujos braços vencem em todas as terras. Que então tua majestade faça serem trazidos a ti Meki de Kedemi, Khenetiuiash de Khenetkeshu, Menus das terras dos fenkhu: são governantes de renome que cresceram no amor a ti. E nem menciono o Retenu: ele te pertence de modo análogo aos teus cães.

A fuga que fez este humilde servidor não foi premeditada. Ela não estava em meu coração, eu não a planejei. Não sei o que foi que me separou do meu lugar. Foi como um sonho, como se um homem do Delta se visse em Elefantine ou um homem do pântano na Núbia. Eu não estava com medo, pois ninguém me perseguia. Eu não ouvi qualquer censura, meu nome não foi ouvido na boca do arauto. E no entanto meu corpo se arrepiou, meus pés se apressaram, meu coração me conduziu. O deus que ordenou esta fuga me arrastou. Eu não fui presunçoso previamente.

É temeroso o homem que conhece o seu país. Ra estabeleceu o medo de ti através da Terra, o terror de ti em todos os países estrangeiros. Esteja eu na Residência ou neste lugar, a ti pertence tudo o que cobre este horizonte. O disco solar se levanta devido ao amor por ti; a água do rio é bebida quando queres. O ar do céu é respirado segundo ordenas. Este humilde servidor transmitirá os seus bens à prole

que gerou neste lugar. Este humilde servidor foi chamado! Que Sua Majestade aja como quiser, já que é por meio do ar que tu dás que se vive. Ra, Hórus e Háthor amam as tuas nobres narinas. Queira Montu, senhor de Tebas, dar-lhes vida para sempre!"

Foi-me permitido passar mais um dia em Iaa, transmitindo minhas possessões aos meus filhos. O meu filho mais velho ficou encarregado de minha tribo. A minha tribo e todas as minhas possessões ficaram em suas mãos: meus servos, meu gado todo, meus frutos e todas as minhas árvores frutíferas.

Este humilde servidor partiu em direção ao sul. Eu me detive nos Caminhos de Hórus. O comandante que lá estava encarregado da guarnição enviou uma mensagem à Residência para informar.

Então Sua Majestade enviou um exímio capataz de camponeses do palácio real acompanhado de barcos carregados que transportavam presentes do rei para os asiáticos que estavam comigo, tendo-me acompanhado até os Caminhos de Hórus. Eu chamei cada um deles pelo seu nome.

Cada mordomo se ocupava com a sua tarefa. Quando eu parti e aparelhei a vela, preparou-se massa de cevada e filtrou-se cerveja, até que cheguei aos cais de Itjtauí.

Quando amanheceu, muito cedo vieram chamar-me, dez homens vindo e dez homens indo para conduzir-me ao palácio. Eu toquei a terra com a testa entre as esfinges. Os filhos do rei esperavam no portal para encontrar-me. Os cortesãos que dão acesso ao pátio mostraram-me o caminho da sala de audiências. Eu achei Sua Majestade num trono situado num nicho coberto de ouro fino. Eu me pus de bruços diante dele, como que sem sentidos. Aquele deus dirigiu-se a mim amigavelmente, mas eu estava como um homem engolfado pela noite. Meu espírito fugiu, meu corpo tremia, era como se o meu coração não estivesse no meu corpo. Eu não distinguia a vida da morte. Sua Majestade disse então a um dos cortesãos:

- Levanta-o! Faze com que me fale!

Disse ainda Sua Majestade:

- Eis que vieste, depois de percorrer as terras estrangeiras. A fuga te afetou:

envelheceste, atingiste uma idade provecta. Não é uma pequena coisa que o teu corpo não será enterrado por asiáticos a escoltá-lo. Mas não faças assim, não faças assim, silenciando apesar de teu nome ter sido pronunciado!

Mas eu temia uma punição e respondi com a resposta de um homem temeroso:

- O que me disse o meu Senhor, para que eu responda a isto? Que eu não faça ofensa ao deus. O terror que em meu corpo é como o que causou a fuga predestinada! Eis-me diante de ti. A vida te pertence: Tua Majestade agirá como desejar.

Foram então introduzidas as filhas do rei. Sua Majestade disse à rainha:

- Eis Sanehet, que volta como um asiático gerado por asiáticos!

Ela proferiu um grandíssimo grito e as princesas berraram em uníssono. Elas disseram a Sua Majestade:

- Não é verdadeiramente ele, ó soberano, meu Senhor!

Sua Majestade disse:

- É verdadeiramente ele!

Então, tendo trazido consigo os seus colares *menit,* chocalhos e sistros em suas mãos, elas os estenderam a Sua Majestade e cantaram:

> Que tuas mãos atinjam a beleza, ó rei eterno, os ornamentos da Senhora do céu. Que a Dourada conceda vida a tuas narinas, que a Senhora das Estrelas se reúna a ti!
>
> Que a coroa do Alto Egito vá para o norte e a coroa do Baixo Egito para o sul, permanecendo juntas e unidas segundo a palavra de Tua Majestade! Que Uadjet seja posta em tua fronte!
>
> Tu livras o pobre do mal.
>
> Paz para ti da parte de Ra, Senhor das terras! Saudações a ti e à Senhora de Tudo!
>
> Afrouxa o teu arco, descarta a tua flecha.
>
> Concede a respiração àquele que sufoca.
>
> Dá-nos nosso presente adequado neste dia propício, na forma do chefe tribal Samehyt (= o filho do vento do norte: trocadilho com o nome Sanhet), o asiático nascido no Egito!
>
> Ele empreendeu uma fuga por medo a ti, ele abandonou esta terra por terror a ti.

Que não empalideça a face do que vê o teu rosto, nem tema o olho do que te contempla!

Disse então Sua Majestade:

- Que ele não tema! Que não se aterrorize! Ele será um companheiro real entre os notáveis, será integrado à corte. Ide à sala de audiências da manhã para cuidar dele.

Eu saí da sala de audiências pelas mãos das princesas.

Fomos em seguida direção aos duplos grandes portais. Fui destinado à casa de um dos filhos do rei. Havia lá coisas luxuosas: um banheiro e espelhos. Havia lá riquezas provenientes do Tesouro: vestes de linho real, mirra, ungüento fino do rei e dos notáveis por ele apreciados estavam em todos os cômodos. Cada mordomo desempenhava a sua tarefa. Anos foram tirados do meu corpo. Eu fui barbeado, meu cabelo foi penteado. Minha má aparência foi devolvida ao país estrangeiro, minhas roupas aos beduínos. Eu fui vestido de tecido fino, untado com óleo de primeira; eu dormi numa cama. Eu devolvi a areia aos que nela residem, o azeite de árvore aos que com ele se untam. Deram-me uma casa de administrador, que pertencera a um companheiro real. Muitos artesãos a reconstruíram: todo o seu madeirame foi renovado. Refeições eram-me trazidas do palácio três ou quatro vezes por dia, além do que me davam os filhos do rei incessantemente.

Construiu-se-me uma pirâmide de pedra entre as pirâmides. Os trabalhadores da necrópole, aqueles que constroem pirâmides, mediram o seu terreno. O capataz dos desenhistas desenhou nela; o capataz dos escultores esculpiu nela; o capataz dos trabalhadores que estão na necrópole dela se ocupou. Todo o equipamento que é posto numa câmara funerária foi suprido. Sacerdotes funerários foram-me designados. Constituiu-se para mim um domínio funerário, incluindo campos diante de um cais, como sói fazer-se para um companheiro real da categoria mais alta. Minha estátua foi coberta com folhas de ouro, o seu avental de ouro fino. Foi Sua Majestade quem ordenou que ela fosse feita: nada semelhante fora feito para qualquer outro homem comum. Eu fui favorecido pelo rei até chegar o dia da morte.

Isto foi feito, do começo até o fim como foi achado por escrito.

2.2- O náufrago

Disse então o Companheiro Real fiel:

- Possa esta notícia ser-te agradável, ó príncipe! Eis que chegamos ao lar. O malho foi tomado, a estaca de amarração foi fincada, a corda de proa jogada a terra. Faz-se uma ação de graças, louva-se o deus. Cada homem está abraçando o seu companheiro. A nossa tripulação voltou sã e salva. Não houve perdas em nossa tropa. Nós atingimos os confins de Uauat, passamos pela ilha de Senmut, e eis que chegamos em paz: nossa terra, nós a alcançamos.

Ouve-me pois tu, ó príncipe! Eu não costumo exagerar. Lava-te, põe água sobre teus dedos, para que respondas quando te dirijam a palavra. Fala ao rei seguro de ti. Responde sem gaguejar. A boca de um homem pode salvá-lo: as suas palavras podem fazer com que seja perdoado. Agirás segundo teu desejo. Mas como é cansativo falar-te deste modo, vou relatar-te algo semelhante que aconteceu comigo mesmo.

Eu me dirigi à mina do soberano. Desci ao mar num barco de cento e vinte cúbitos de comprimento e quarenta cúbitos de largura. Havia nele cento e vinte marinheiros, do escol do Egito. Vigiassem eles o céu, vigiassem eles a terra, o seu coração era mais corajoso do que os leões. Eles previam o vento tempestuoso antes que acontecesse, uma procela antes que ocorresse.

Desencadeou-se o vento de tempestade quando estávamos em alto mar, antes que pudéssemos chegar a terra. Ao levantar-se o vento, ele rugia incessantemente – e lá estava uma vaga de oito cúbitos! Uma prancha a procurou em meu proveito. Então o navio morreu. Dos que estavam a bordo, nenhum restou. Eu fui jogado numa ilha por uma onda do mar.

Passei três dias sozinho, com o meu coração como meu único companheiro. Eu me deitei no interior de uma cabana de madeira e abracei a sombra.

Então pus-me em movimento para verificar o que pudesse pôr na boca. Achei lá figos, uvas, toda espécie de legumes úteis. Havia lá frutos de sicômoro com entalhe e sem entalhe, e pepinos que pareciam cultivados. Havia lá peixes e aves. Nada havia que não houvesse naquele lugar. Eu me saciei e depositei víveres no chão porque estavam em demasia em meus braços.

Ao talhar um bastão de fazer fogo, acendi uma fogueira e fiz um holocausto aos deuses.

Então eu ouvi um ruído semelhante a uma trovoada, mas julguei tratar-se da onda do mar. Árvores se estavam quebrando, a terra tremia.

Quando eu descobri o meu rosto, verifiquei que era um dragão que se aproximava. Ele tinha trinta cúbitos, e sua barba, mais de dois cúbitos. O seu corpo tinha incrustação de ouro e as suas sobrancelhas eram de lápis-lazúli verdadeiro. A frente do seu corpo estava dobrada. Ele abriu a boca em minha direção, enquanto eu me punha prostrado de bruços diante dele, e me disse:

- "Quem te trouxe, quem te trouxe, homenzinho, quem te trouxe? Se demorares a dizer-me quem te trouxe a esta ilha, farei com que te vejas reduzido a cinzas, transformado em algo inexistente.

Eu lhe disse:

- "Tu me falas, mas eu não estou escutando isto que dizes: estou diante de ti sem sentidos".

Ele então me pôs em sua boca e me levou à sua morada. Depositou-me no chão intacto, estando eu inteiro e sem que parte alguma tivesse sido tirada de mim. Ele abriu a boca em minha direção, enquanto eu me punha prostrado de bruços diante dele. Ele me disse então:

- "Quem te trouxe, quem te trouxe, homenzinho, quem te trouxe a esta ilha do mar cujos dois lados estão na água?

Eu então lhe respondi a isto, meus dois braços dobrados respeitosamente diante dele. Eu lhe disse:

- Eu fui à mina numa missão do soberano, num barco de cento e vinte cúbitos de comprimento e quarenta cúbitos de largura. Havia nele cento e vinte marinheiros do escol do Egito. Vigiassem eles o céu, vigiassem eles a

terra, o seu coração era mais corajoso do que os leões. Eles previam o vento tempestuoso antes que acontecesse, uma procela antes que ocorresse. Cada um deles tinha mais corajoso o coração e mais forte o braço do que o seu companheiro. Não havia tolos entre eles. Desencadeou-se o vento de tempestade quando estávamos em alto mar, antes que pudéssemos chegar a terra. Ao levantar-se o vento, ele rugia incessantemente e lá estava uma vaga de oito cúbitos! Uma prancha a procurou em meu proveito. Então o navio morreu. Dos que estavam a bordo, nenhum restou, exceto eu que aqui estou contigo. Eu fui trazido a esta ilha por uma onda do mar.

Ele então me disse:

- Não temas! Não temas, homenzinho! Não empalideça o teu rosto. Se chegaste até a mim, é que um deus permitiu que vivesses e te conduziu a esta ilha do Espírito. Nada falta nela: ela está cheia de todas as coisas boas. Eis que passarás mês após mês, até completares quatro meses nesta ilha. Então um barco virá de teu país; nele estarão marinheiros que conheces, com os quais voltarás ao lar. Morrerás em tua cidade.

Quão feliz é aquele que relata o que viveu, passada a calamidade! Eu vou relatar-te algo semelhante acontecido nesta ilha na qual eu vivia com meus irmãos; havia também crianças no meio deles. Totalizávamos setenta e cinco ofídios, entre meus filhos e meus irmãos – isto sem mencionar-te uma pequena filha que me veio devido a uma prece.

Eis que uma estrela caiu, incendiando a todos consigo. Isto certamente aconteceu. Eu não estava com aqueles que se queimaram, não me achando entre eles. Eu poderia ter morrido por causa deles, ao encontrá-los numa única pilhas de cadáveres.

Se fores bravo e controlares teu coração, apertarás em teus braços os teus filhos, beijarás a tua esposa e verás a tua casa. Isto é melhor do que qualquer outra coisa! Atingirás o lar e lá viverás entre teus irmãos!

Eu estava prostrado de bruços, toquei respeitosamente o solo diante dele e lhe disse então:

- Eu relatarei o teu poder ao soberano, farei com que saiba da tua grandeza. Farei enviar-te mirra, azeite sagrado, láudano e canela, além de incenso dos templos, agradável a todos os deuses. Contarei o que me aconteceu, o que vi por teu poder: então receberás agradecimentos na cidade, diante do Conselho de todo o país. Sacrificarei touros para ti em holocausto, torcerei para ti o pescoço de aves, farei enviar-te barcos carregados com todas as riquezas do Egito, como se deve fazer para um deus que ama os homens numa terra distante, desconhecida dos homens.

Ele então riu-se de mim, daquilo que eu dissera erroneamente, a seu ver, e me disse:

- Não tens tanta mirra, mas vais transformar-te em dono de incenso! Quanto a mim, eu sou o governante de Punt: a mirra me pertence. E aquele azeite sagrado que falaste em trazer é abundante nesta ilha. O que de fato acontecerá é que te separarás deste lugar e jamais verás (de novo) esta ilha, que se transformará em água.

O barco veio, como ele previra anteriormente. Eu então fui postar-me em cima de uma árvore alta e reconheci aqueles a bordo. Fui então relatar-lhe aquilo, mas descobri que ele já o sabia. Ele me disse:

- Adeus, adeus, homenzinho! Vai para tua casa! Verás os teus filhos. Faze-me um bom nome em tua cidade: eis o que me deves.

Eu me pus de bruços, com os braços dobrados respeitosamente diante dele. Ele então me deu um carregamento de mirra, azeite sagrado, láudano, canela, árvores de especiarias, perfume, pintura negra para os olhos, caudas de girafa, grandes torrões de incenso, presas de elefante, cães de caça, macacos, babuínos; enfim coisas preciosas de todo tipo. Eu carreguei com isto aquele navio. Pus-me então de bruços para agradecer-lhe. Ele me disse:

- Eis que atingirás o lar dentro de dois meses. Apertarás nos braços os teus filhos, florescerás em teu país e por fim serás sepultado.

Eu desci à praia, perto do navio, e chamei a tripulação a bordo do barco. Fiz uma ação de graças na praia ao senhor daquela ilha; os que estavam no barco fizeram o mesmo.

A nossa expedição navegou para o norte em direção à Residência do soberano. Chegamos à Residência em dois meses, tudo como tinha sido dito por ele. Eu então fui admitido à presença do soberano e presenteei-lhe os produtos que trouxera daquela ilha. Ele me agradeceu diante do Conselho do país inteiro. Então eu fui feito Companheiro Real e fui dotado de servos de sua propriedade.

Olha pois para mim, após alcançar o meu país depois que vi tudo pelo qual passara! Ouve-me pois tu: ouvir faz bem às pessoas! Ele então me disse:

- Não banques o sabichão, meu amigo! Quem daria água de madrugada a um ganso que será abatido de tarde?

Isto seguiu do começo ao fim, como foi achado por escrito pelo escriba de dedos hábeis, o filho de Imeny, Imen-aa possa ele viver, ter saúde e prosperar!

3- Os poemas de amor

3.1 - Papiro Chester Beatty I

Primeiro conjunto de sete poemas

Começo dos poemas da grande felicidade do coração.

Primeiro poema

Ó, única, irmã sem igual,
de todas a mais bela!
Ela é como a estrela da manhã ao nascer
no começo de um ditoso ano.
Brilha radiosa e sua pele resplandece,
sedutor é o fitar de seu olhar,
doce a palavra de seus lábios,
seu falar é sempre contido.
Longo é seu pescoço,
Brilhantes são seus mamilos,
seu cabelo é de verdadeiro lápis-lazúli,
mais belo que ouro são os seus braços
e seus dedos como lotos a desabrocharem.
De coxas duras e cintura fina,
as pernas proclama sua perfeição.
Gracioso é seu porte ao andar no chão,
cativa meu coração só ao mover-se.
Ela faz todo homem virar o rosto
para melhor contemplá-la.
Feliz aquele que ela abraça,

torna-se o primeiro dos homens!
Ao sair de sua casa
ela é como a outra Única.

Segundo poema

Meu irmão agita meu coração com sua voz,
o tormento apodera-se de mim.
Ele é vizinho da casa de minha mãe
e não posso chegar até ele.
Minha mãe tem razão ao dizer-me:
“Pára de olhá-lo!”
Mas meu coração sofre quando penso nele,
sou tomada pelo amor que sinto por ele.
De fato ele é um tolo,
mas sou como ele.
Ele não sabe o desejo que tenho de tomá-lo nos braços,
senão já teria escrito à minha mãe.
Ó, meu irmão, quisera eu ser dada a ti
pela Deusa de Ouro das mulheres!
Vem a mim, para que contemple tua beleza,
meu pai e minha mãe ficarão encantados,
toda minha família te aclamará em uníssono,
eles te aclamarão, ó meu irmão!

Terceiro poema

Meu coração tramava contemplar a beleza dela
quando eu me sentasse em sua casa.
No caminho encontrei Mehy em sua carruagem
com os jovens que o acompanhavam.

Não sabia como desviar-me dele:
aceleraria meu passo para ultrapassá-lo?
Mas o rio estava no caminho
e eu não sabia onde colocar meus pés.
Meu coração, como és bobo!
Por que passar perto de Mehy?
Se o ultrapassasse eu lhe revelaria meus sentimentos.
“Vê, estou contigo”, eu lhe direi,
e então ele me chamará
e me designará para ser o primeiro
dentre os que o seguem.

Quarto poema

Meu coração palpita forte
quando penso em meu amor por ti.
Ele não me deixa ser como as outras pessoas,
salta no peito.
Não me deixa vestir uma roupa,
cobrir-me com um manto.
Não mais pinto meus olhos
nem passo perfume em mim.
“Não esperes, vai à casa dele!”,
diz-me meu coração cada vez que penso nele.
Ó, meu coração, não ajas como um tolo,
por que conduzes como um louco?
Senta quieto, meu irmão vem a ti
e muitos olhos te vêem!
Faze com que não se diga de mim:
“Esta mulher está caída de amor”.
Sê firme quando pensas nele,
Ó, meu coração, não palpites tão forte!

Quinto poema

Adoro a Deusa de Ouro, cultuo sua majestade,
louvo a Senhora do Céu,
venero Háthor,
dou graças à minha senhora divina.
Ao invocá-la, ela ouvirá minha súplica
e mandar-me-á a senhora do meu coração.
Por si mesma virá ver-me,
que grande felicidade me sucederá!
Ficarei contente, exultante, em regozijo
quando me disseram: “Vê, ela está aqui!”
Ao chegar, os rapazes se inclinarão,
tão grande é o amor que ele inspira.
Rogo à minha deusa
para que me ofereça a minha irmã.
Há três dias, ontem, que invoca seu nome,
que venha antes de se contemplarem cinco dias.

Sexto poema

Eu andava diante de sua casa
e encontrei a porta entreaberta.
Meu irmão estava junto à sua mãe
e todos os seus irmãos com ele.
O amor por ele apodera-se do coração
de todos que passam pelo caminho
desse jovem belo sem igual,
irmão de virtudes excepcionais.
Ele me viu quando eu passava
e senti extrema alegria.

Como meu coração rebenta de felicidade
à tua vista, ó meu irmão!
Se minha mãe soubesse o que se passa no meu coração
logo teria percebido.
Ó, Deusa de Ouro, põe isso no coração dela
e então correrei para meu irmão,
eu o beijarei na frente dos que o cercam,
não mais terei vergonha de ninguém
e me alegrarei que saibam que me conheces!
Farei uma festa para minha deusa,
com meu coração a saltar para sair de meu peito,
para que ela me deixe ver meu irmão esta noite,
ó felicidade que logo passa!

Sétimo poema

Sete dias se passaram desde que vi minha irmã
e um mal-estar me invade.
Meus ombros estão fracos,
meu corpo abandonou-me.
Quando os médicos vêm a mim,
meu coração não aceita seus remédios.
Os magos são completamente impotentes,
meu mal não é reconhecido.
Só dizer-me “ela está aqui” é o que me restauraria,
seu nome é o que me faria levantar,
só o vai-e-vem de seus mensageiros
é o que reanimaria meu coração.
Minha irmã é melhor que todos os remédios,
ela é mais para mim que todas as receitas.
Sua volta é o meu amuleto,

quando a vir terei saúde.
Ao abrir seus olhos fico jovem,
ao falar fico forte.
Ao abraçá-la, ela expulsa meu mal,
mas sete dias se passaram desde que ela me deixou!

Segundo conjunto de três poemas

1

Ó, vem depressa para tua irmã,
como um mensageiro do rei
cujo senhor espera impaciente pela mensagem
com o coração ansioso por ouvi-la.
Todos os estábulos estão preparados para ele,
com cavalos em todas as mudas
e o carro atrelado em seu lugar,
pois não deve parar no caminho.
Quando chegar à casa de sua irmã
Seu coração se inundará de alegria!

2

Ó, vem depressa para tua irmã,
como um corcel do rei
escolhido entre milhares de todas as raças,
o melhor dentre todos os estábulos.
Recebe a melhor ração,
seu dono conhece-lhe o passo.

Ao ouvir estalar o chicote
ninguém o segura,
nem o chefe dos condutores de carros
é capaz de retê-lo.
O coração da irmã bem sabe
que seu irmão não está longe dela!

3

Ó, vem depressa para tua irmã,
como uma gazela que corre no deserto,
as patas cambaleantes, as pernas exaustas,
o terror tomando conta de seu corpo.
Um caçador persegue-a com sua matilha,
mas não a divisam em meio à poeira que ela levanta.
Vê um refúgio como armadilha
e toma o rio por caminho.
Que chegues a teu esconderijo
antes de a tua mão ser beijada quatro vezes.
Busca o amor de tua irmã,
ela te é ofertada pela Deusa de Ouro, meu amigo!

Terceiro conjunto de sete poemas

Começo das doces palavras encontradas numa coletânea feita pelo escriba da necrópole Nakht-sebek.

1

Vai para a morada de tua irmã

e entra para a sua sala de visitas
semelhante a um jardim.
Ela oferece canto e dança, vinho e cerveja,
então excita seu desejo
e ganha-a para sua noite.
Ela te dirá: “Toma-me em teus braços
e quando o dia raiar farás o mesmo de novo!”

2

Vai até a janela de tua irmã,
Sozinho, sem ninguém contigo,
e realizarás seu desejo ao ver-te por sua veneziana.
A janela se abrirá com estrépito
e uma brisa do céu trará sua fragrância,
que se espalha e a todos inebria.
Ela é ofertada pela Deusa de Ouro
para gozares a vida!

3

Como a minha sabe atirar o laço,
Embora não seja filha de vaqueiro!
Laça-me com seu cabelo,
captura-me com seu olhar,
enreda-me com o seu colar,
ferra-me com seu sinete.

4

Por que discutes com teu coração?

Vais em seu encalço e abraça-a!
Como Amon vive, irei a ti
Com minha roupa estendida no braço!

5

Encontrei meu irmão na fonte
com os pés dentro d'água.
Ele preparava uma mesa para festejar
e nela arrumava as bilhas de cervejas.
Ele faz-me ruborizar,
pois é alto e magro.

6

Vê o que minha irmã me fez!
Por que calar sobre isso?
Deixou-me diante da porta de sua casa
enquanto ela ia para dentro.
Não disse: "Entra, jovem!",
nessa noite estava muda.

7

Passei na porta de sua casa à noite,
bati e ninguém abriu:
era uma noite boa para nosso porteiro.
Ferrolho, eu te abrirei!
Porta, és o meu destino, meu gênio bom,
nosso boi será sacrificado dentro de casa.
Ó, porta, não oponhas resistência,

faremos oferenda de um touro para o ferrolho,
um bezerro para o trinco,
um ganso selvagem para a soleira
e a sua gordura para a chave.
Mas os melhores cortes de nosso boi
serão para o filho do carpinteiro
para que nos faça um ferrolho de juncos
e uma porta de caules trançados.
Assim, a qualquer hora que chegue o irmão,
encontrará aberta sua porta,
um leito com finos lençóis de linho
e uma bela moça nele deitada.
Então a moça me dirá: “Esta minha casa
Pertence ao filho do senhor da cidade!”

3.2 - Papiro Harris 500

Primeiro conjunto de oito poemas

1

Se eu não estiver contigo, onde porás teu coração?
Se não me abraçares, que será de ti?
Mesmo que tenhas sorte, ainda não encontrarás a felicidade,
mas se acariciares minhas coxas e meus seios
encontrarás tua satisfação.
Partirás porque estás faminto?
És escravo de teu estômago?
Partirás para buscares roupas da moda

deixando-me nos lençóis?
Partirás porque tens fome?
Partirás porque tens sede?
Toma o meu seio,
por ti ele transborda!
Melhor é um dia em meus braços
do que centena de milhares na terra!

2

O amor por ti mistura-se por todo o meu corpo,
como o sal dissolve-se na água,
como a romã impregna-se de ungüento perfumado,
como a água se mistura ao vinho.
Corre a ver tua irmã
como um garanhão na pista,
como um falcão que arremete nas moitas de papiro!
O céu faz cair o amor por ela
como uma chama que cai na palha.

3

Inebriante é a folhagem de meu pasto:
a boca de minha irmã é um botão de loto,
seus seios são pomos de mandrágora,
seus braços são trepadeiras,
seus olhos fitam como frutas de cor viva,
sua fronte é uma armadilha de cedro
e eu sou apanhado como o pato selvagem.
Meus olhos vêem no seu cabelo uma isca
e fico preso na armadilha.

4

Meu coração não é feliz sem o teu amor,
meu chacalzinho, ávido de prazer!
Mesmo que fosses um bêbado não te deixaria,
ainda que ficasse a vagar pelos pântanos
ou enxotada para a Síria à pauladas e bastonadas,
para a Núbia à chicotadas,
para os confins do deserto à bordoadas,
para beira-mar à vergastadas de junco.
Jamais darei ouvidos aos que me dizem
para abandonar o que mais desejo!

5

Desço o rio de barco ao ritmo dos remos
com meu feixe de junco nos ombros.
Vou a Ankh Tauy
para pedir a Ptah, senhor de Maat:
“Dá-me minha irmã esta noite!”
O rio é como vinho e Ptah seus juncos,
Sekhemet suas algas,
Iadet seus lotos em botão,
Nerfertum seus lotos desabrochados.
A Deusa de Ouro regozija-se
e a terra resplandece na beleza ela.
Mênfis é uma taça de vinho de mandrágora
posta diante do belo rosto.

6

Ficarei deitado em casa
e fingirei estar doente.
Os vizinhos entrarão para me ver
e com eles minha irmã virá.
Ela tornará os médicos inúteis,
pois é a única que conhece o meu mal.

7

A mansão de minha irmã,
com a porta no centro da fachada,
está com os batentes abertos
e o ferrolho levantado.
Minha irmã está furiosa!
Se o menos eu fosse o seu porteiro,
seria contra mim que se enfureceria
e então ouviria sua voz irada
e seria uma criança com medo dela.

8

Navego pelo canal do Soberano
e entro no canal de Pa-Ra,
pois devo preparar as barracas
no alto, à entrada do canal Ity.
Naveguei rápido, sem parar,
e meu coração lembrava-se da navegação de Pa-Ra.
Esperarei a chegada de meu irmão,
que pretende ir ao templo.

A teu lado estarei na entrada do canal Ity
para que leves meu coração até Heliópolis,
e então passearei contigo sob as árvores
que odeiam o templo.
Nas árvores colherei um ramo
para fazer um leque
e o contemplarei a trançá-lo
olhando para o jardim.
Meu regaço estará cheio de flores,
meu cabelo recenderá perfumes
e serei como a senhora das Duas Terras,
serei a mais feliz de todas as mulheres!

Segundo conjunto de oito poemas

Começo dos belos poemas de prazer de tua irmã amada quando ela volta do campo.

1

Meu irmão, meu amado,
meu coração busca o teu amor
e tudo o que foi feito por ti.
Vou contar-te algo que aconteceu.
Fui preparar a armadilha de pássaros,
tendo em uma das mãos a gaiola
e na outra a rede e o bastão.
Todos os pássaros de Punt pousam no Egito
perfumados com mirra.
O primeiro foi apanhado na minha isca:

sua fragrância vinha de Punt
e as garras estavam cheias de bálsamo.
Como meu coração é só teu,
podemos soltá-lo e ficarei sozinha contigo.
Vou fazer-te ouvir o piar triste
do meu belo pássaro perfumado com mirra.
Como será bom se comigo estiveres
quando eu de novo preparar a armadilha!
Como é bom ir ao campo
para quem é amado!

2

Guincha agudo o ganso selvagem
apanhado na armadilha.
Meu amor por ti possui-me
e dele não posso livrar-me.
Vou agora recolher minhas redes,
mas o que direi à minha mãe,
a quem todo dia
levo os pássaros que apanho?
Hoje não preparei armadilhas
Porque teu amor me capturou.

3

O ganso selvagem ganha altura e arremete,
assim mergulhado para a armadilha.
Muitos pássaros voam ao redor
e terei ainda muito trabalho pela frente.
O meu amor por ti prende-me,
e mesmo quando estou sozinha

meu coração junta-se a teu coração,
pois não consigo afastar-me de tua beleza.

4

Devo partir para longe de meu irmão
---
quando fico longe de teu amor
meu coração pára dentro de mim.
Ao ver um bolo doce
é para mim como sal,
e na minha boca o suave vinho de romã
parece-me ser de fel.
Só abraçar-te pode dar vida a meu coração.
Possa Amon dar-me o que encontrei
Pela eternidade-*neheh* e pela eternidade-*dejt!*

5

Ó tu, dentre os jovens o mais belo,
vem-me o desejo de cuidar de tuas coisas
como dona de tua casa,
com o teu braço nome braço,
servindo-te meu amor.
A meu coração peço, dentro de mim,
com o desejo de quem me ama:
“Ó, que eu o tenha como esposo esta noite,
sem ele sou como alguém no túmulo!”
Não és para mim a saúda e a vida?
Meu coração procura-te
e regozija-se com teu bem-estar.

6

A voz da andorinha chama
e diz: “Amanheceu, para onde vais?”
Ó, pássaro, pára de censurar-me!
Encontrei meu irmão em seu leito
e meu coração encheu-se de alegria
e dissemos um ao outro: “ Não te deixarei,
minha mão está em tua mão,
tu e eu passearemos por belos lugares”.
Ele faz-me sentir como a primeira das mulheres,
não magoa meu coração.

7

Meu olhar voltou-se para a porta do jardim
e julguei que meu irmão vinha para mim.
Olhos na estrada, ouvidos atentos,
espero por aquele que me despreza.
O amor por meu irmão é minha única inquietação,
por sua causa meu coração não se acalma.
Um mensageiro de pés rápidos,
que foi e voltou, disse-me:
“Ele te engana, em outras palavras
arranjou outra mulher
e ela fascinou seus olhos”.
Por que ferir de morte o coração de outra?

8

Meu coração pensa no meu amor por ti.

Mesmo com meu cabelo só meio trançado,
saí correndo a procurar-te
e descuidei-me da cabeleira.
Mas se me deixares pentear o cabelo
estarei pronta num instante.

Terceiro conjunto de três poemas

Começo dos cantos de deleite.

1

Flores *mekhemekh*.
Meu coração combina comigo
e por ti faço o que ele quiser
quando estou em teus braços.
Meu desejo por ti é a pintura dos meus olhos,
quando te vejo meus olhos brilham.
Aperto-me a ti para te contemplar de perto,
ó, mais amado dos homens, que governa o meu coração!
Como és bela esta hora,
que ela dure para sempre!
Desde que me deitei contigo
ergueste meu coração.
Na tristeza ou na alegria,
Não me deixes!

2

Aqui as plantas *saamu* nos chamam,
sou tua irmã, de todas a melhor.
A ti pertenço como este pedaço de chão

que plantei com flores
e ervas de doce fragrância .
Suave é sua ribeira,
cavada por tua mão,
refrescada pelo vento norte.
Encantador lugar para passearmos,
tua mão na minha mão.
Meu corpo viceja, meu coração alvoroça-se
ao andarmos juntos.
Ouvir tua voz é como vinho de romã,
vivo para ouvi-la.
Cada olhar que sobre mim pousas
sustenta-me mais que comer e beber.

3

Há flores *tjat* no jardim
e colho guirlandas para ti.
Ao voltares ébrio
e te deitares em teu leito,
massagearei teus pés.

3.3 - Papiro Turim 1996

Conjunto único de três poemas

1

Diz a romãzeira:
Teus dentes são como minhas sementes,
como teus seios são meus furtos.

Sou a mais bela árvore do pomar
e em todas as estações aqui me encontro.
O irmão e a irmã passeiam sob meus ramos,
Inebriados de vinho e licores,
Untados de óleo e essências fragrantes.
Todas as árvores do pomar perecem,
menos eu, que permaneço firme os doze meses do ano.
Ao cair uma flor,
outro botão se abre em mim.
Sou a primeira do pomar,
mas eles consideram-me como a segunda.
Se de novo fizerem isso,
não me calarei sobre eles,
não mais os encobrirei
e se conhecerá sua falta.
Será dito à amada
que não ofereça a seu amado
flores de loto branca e azuis em botão.
--- ungüento, vinho
e cerveja de todo tipo.
Ela te fará passar um dia agradável,
um abrigo de juncos como refúgio.
Vê, tem razão a romãzeira,
devemos louva-la.
Que passe todo o dia como quiser,
pois é ela que nos esconde.

2

A figueira abre a boca
e suas folhas dizem:

Como é bom obedecer as ordens de minha senhora,
não há mulher semelhante a ela!
Se um dia ela não tiver criados
eu serei seu servidor
trazido da terra da Síria,
tal um cativo, para a amada.
Em seu pomar ela plantou-me,
mas não me dá líquido
---
nem enche meu tronco
com a água do odre.
Não pode divertir-se
quem não pode beber,
e tão certo como vive o meu *ka*,
amada, serás trazida até mim!

3

O pequeno sicômoro, que ela plantou com suas mãos,
abre a boca para falar.
O murmúrio de suas folhas
é como uma bebida com mel.
Ele é belo e seus finos ramos verdejam,
carregados de frutos maduros
mais vermelho que o jaspe,
as folhas são como turquesa,
a casca é como faiança.

Atrai para si quem está embaixo dele,
para sua fresca sombra.
Entrega uma mensagem a uma jovem,

filha do jardineiro,
e a faz correr até a amada:
“Vem passar um momento entre as moças,
o campo está em festa,
tenho debaixo de mim um abrigo para ti.
Meus jardineiros alegram-se
como crianças quando te vêem.
Que teus criados venham antes,
munidos de todo o necessário!
Correr para ti causa embriaguez
sem mesmo ter bebido.
Teus criados virão com as provisões,
cerveja de todo tipo e bolos variados,
flores de ontem e de hoje
e toda sorte de frutas para o prazer de todos.
Vem e passa o dia feliz,
e também amanhã e depois de amanhã,
três dias completos
a repousar em minha sombra!”
Seu amigo senta-se à sua direita,
ela o embriaga
e faz tudo o que ele diz .
Enquanto todos bebem e se embriagam,
fica ela à parte com seu amado.
Sob meus ramos a amada passeia,
Mas sou discreto e ao revelo o que vejo.

3.4 - Óstraco do Cairo

Primeiro conjunto de sete poemas

1

Revivo teu amor dia e noite horas a fio,
deitado, acordado, até o romper do dia.

Tua beleza alimenta meu coração,
tua voz reanima meu corpo.

Que eu possa sempre dizer ---
Não há outra em meu coração
E sou o único em teu coração.

2

Teu amor é tão ansiado
como mel com bálsamo no corpo das mulheres,
como linho fino no corpo dos deuses,
como o incenso às narinas.

É como a mandrágora na mão de um homem,
como tâmaras misturadas na cerveja,
como o sal no pão.

Estaremos juntos mesmo nos dias sossegados da velhice.
Estarei contigo todo dia
para servir tua comida
como se eu fosse uma criada
servindo seu senhor.

3

Meu deus, meu irmão, ---
como é bom ir ao rio, ---
banhar-me diante de ti.
Deixo-te veres --- minha beleza
Em minha túnica de linho branco
encharcada de bálsamo *tishepes*,
com meus cabelos trançados em dobras como juncos.
Entro na água e volto a ti
Com um peixe vermelho,
esplêndido entre meus dedos.
Eu o oferto a ti
enquanto contemplo tua beleza.
Ó, meu irmão, meu amor,
vem, olha para mim!

4

Minha irmã amada está no outro lado,
o rio separa nossos corpos.
A torrente é forte na cheia
e um crocodilo espreita nos bancos de areia.
Mas entro na água e desafio a correnteza,
meu coração é mais forte do que ela.
O crocodilo é para mim um camundongo
e a águia como terra sob meus pés.
É seu amor que me dá força,
como se enfeitiçasse as águas.
Só enxergo o desejo de meu coração
quando ela se ergue à minha frente.

5

Minha irmã chegou, meu coração exulta,
meus braços abrem-se para abraça-la.
O coração salta no peito
como o peixe vermelho em seu tanque.
Ó, noite, sê minha para sempre,
agora que minha amada voltou!

6

Quando a abraço
e seus braços me enlaçam
é como estar na terra de Punt,
é como a planta *misy* quando cura,
sua fragrância é como o bálsamo *iber.*

7

Quando a beijo e seus lábios se entreabrem,
sinto-me inebriado sem mesmo ter bebido cerveja.
Preencheu-se a ausência, Menqet embelezou-se
e leva-me à cama de minha irmã.
Vem, criado, para que eu te fale:
traze linho fino para seu corpo
e forra sua cama com linho real.
Seu corpo é tão delicioso
como a fragrância que vem do bálsamo *tishepes.*

Segundo conjunto de sete poemas

1

Ah, eu queria ser a sua serva núbia,
a que lava seus pés!
Ela traz para minha irmã
mandrágora numa tigela,
que ela toma na mão
para satisfazer meu ardor.
Poderia então contemplar
a pele de todo o seu corpo.

2

Ah, eu queria ser lavadeiro de minha irmã
nem que fosse apenas por um mês!
Ganharia ânimo ao segurar
as vestes que estiverem em seu corpo.
Lavaria o óleo perfumado
que impregna suas vestes
e com elas acariciar meu corpo.

3

Ah, eu queria ser o anelzinho
que é o companheiro de seu dedo,
eu contemplaria seu amor todo dia!

Eu me apoderaria de seu coração.

4

Ah, eu queria ser como a manhã,
como o bronze que fica com ela!
Adorável é a terra de Isy
e seu precioso tributo!
Feliz o espelho
que recebe o seu contemplar!

5

Ah, eu queira que minha irmã me pertencesse,
dia após dia,
como o frescor da grama verde
que a encobre como uma grinalda!
O rio cobre-se de colmos e seca,
a açafroa enflora-se,
as flores *merebeb* crescem juntas,
os brotos de mandrágora e --- despontam.
Os botões da terra de Hatti estão maduros,
as flores --- vicejam,
o salgueiro ficou verde.
Ela devia estar comigo
dia após dia,
como o frescor da grama verde
que a encobre como uma grinalda.

Todos os prados estão floridos
com botões que desabrocham.

6

Ah, eu queira que ela viesse
para eu a contemplar!
Celebrei a festa do deus
para ele não a deixar longe de novo.
Que ele me dê a minha irmã todo dia,
que ela jamais se afaste de mim!
Se mesmo por um instante aparto-me dela
meu ventre se revolve
e apresso-me a reagir.

7

Ah, eu queria ---
--- seu *ka*!
Exaltarei o deus no encanto da noite
e a ele celebrarei uma festa.
Que meu coração não palpite tão forte